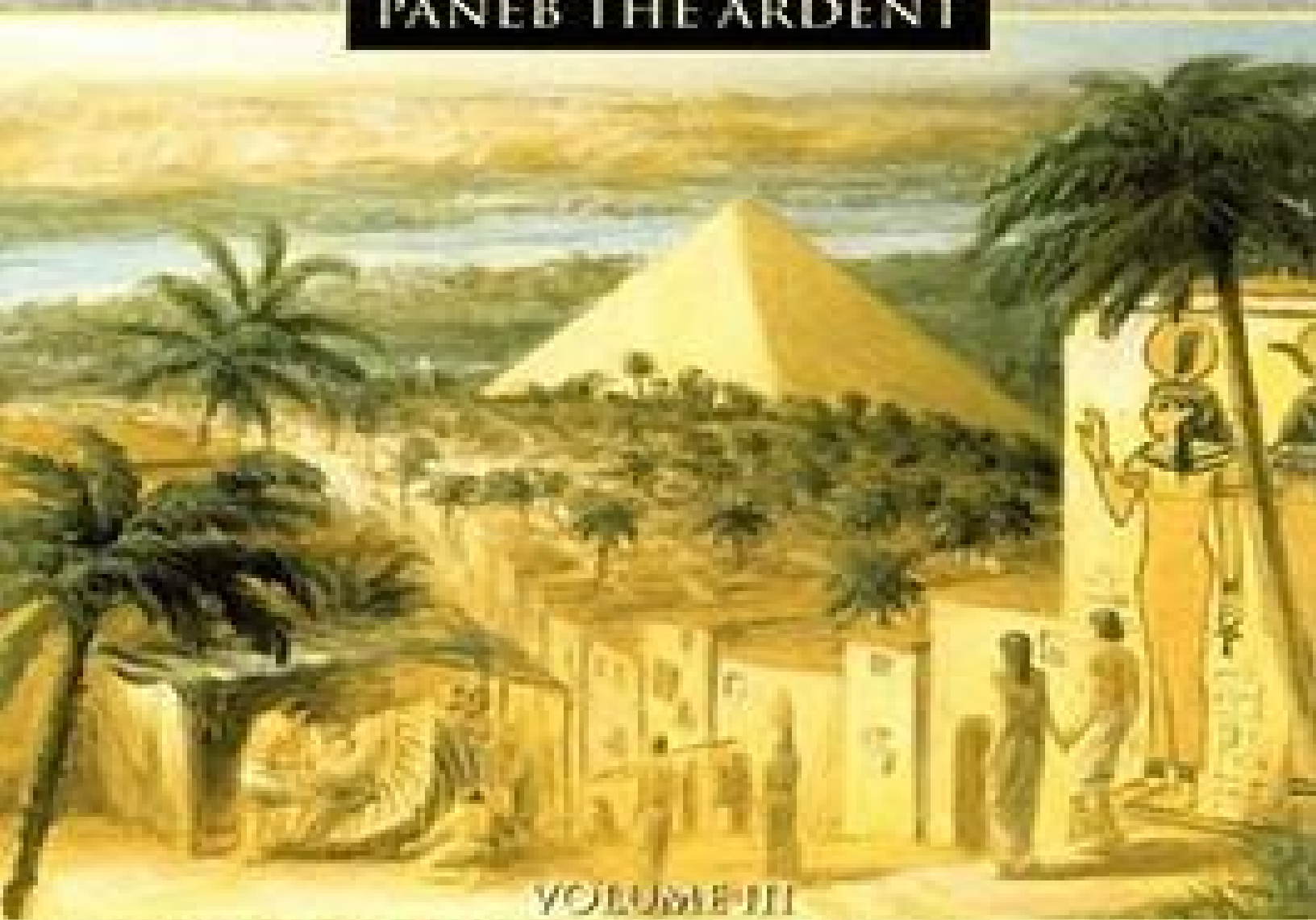


THE STONE —OF— LIGHT

A NOVEL OF ANCIENT EGYPT

PANEB THE ARDENT



VOLUME III

CHRISTIAN JACQ

INTERNATIONAL BESTSELLING AUTHOR OF RAMSES

Christian Jacq
A Pedra de Luz
Volume III
Paneb, O Ardente

Que esta história seja dedicada a todos os artesãos do Lugar de Verdade que foram depositários dos segredos da Morada do Ouro e conseguiram transmiti-los nas suas obras.

Table of Contents

A Pedra de Luz
Paneb, O Ardente
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
CAPÍTULO 48
CAPÍTULO 49
CAPÍTULO 50

[CAPÍTULO 51](#)
[CAPÍTULO 52](#)
[CAPÍTULO 53](#)
[CAPÍTULO 54](#)
[CAPÍTULO 55](#)
[CAPÍTULO 56](#)
[CAPÍTULO 57](#)
[CAPÍTULO 58](#)
[CAPÍTULO 59](#)
[CAPÍTULO 60](#)
[CAPÍTULO 61](#)
[CAPÍTULO 62](#)
[CAPÍTULO 63](#)
[CAPÍTULO 64](#)
[CAPÍTULO 65](#)
[CAPÍTULO 66](#)
[CAPÍTULO 67](#)
[CAPÍTULO 68](#)
[CAPÍTULO 69](#)
[CAPÍTULO 70](#)
[CAPÍTULO 71](#)
[CAPÍTULO 72](#)
[CAPÍTULO 73](#)
[CAPÍTULO 74](#)
[NOTAS:](#)

CAPÍTULO 1

Penetrar por arrombamento no templo do Lugar de Verdade, a aldeia secreta implantada na margem oeste de Tebas, para roubar um tesouro inestimável: era essa a missão dos cinco homens que tinham conseguido aproximar-se da zona interdita.

Pensando na enorme recompensa prometida, o guia do comando sorriu: ninguém, nem mesmo Sobek, o chefe da polícia local, podia prever tudo. A operação era tanto menos arriscada quanto os ladrões beneficiavam da cumplicidade de um traidor no interior da confraria que se considerava bem protegido, por trás dos seus altos muros.

O coração do traidor batia acelerado. Aproveitando o período perturbado durante o qual o novo Faraó ainda não fora coroado, ele e o seu comanditário tinham decidido tentar um golpe de força enviando um bando de aguerridos bandidos apoderar-se da Pedra de Luz, pela qual velavam ciosamente os artesãos encarregados de escavar e decorar as Moradas de Eternidade dos faraós no Vale dos Reis.

Dentro de algumas horas, o traidor teria definitivamente abandonado aquela confraria onde vivera longos anos, aprendera a sua profissão e partilhara tantos segredos e horas exaltantes. Porque não o tinham escolhido os seus confrades como chefe de equipa, quando possuía as qualidades necessárias para desempenhar essa função?

Ao despeito sucedera o ressentimento e o desejo de se vingar daquela assembleia ingrata. E quando o destino lhe abrisse um novo caminho, não hesitara: fazendo perecer aquela confraria, gozaria enfim de bem-estar, disporia de uma bela casa e de um grande jardim, e daria ordens a um batalhão de zelosos servidores. Acabados estavam os dias de trabalho arrasador durante os quais era necessário obedecer ao mestre-de-obras, terminadas as tarefas ingratas em benefício do Faraó; a partir de agora, o traidor aproveitaria a vida e não tardaria a esquecer o seu juramento e o seu passado.

Felizmente, assegurara a cumplicidade da esposa, encantada com a perspectiva de se tornar uma dona de casa abastada e considerada. Ocultara-lhe durante muito tempo os seus projectos, receando uma reacção negativa da parte dela; mas a esposa mostrara-se tão determinada como ele. E fora ela a preparar a poção para drogar o guarda, agora mergulhado num profundo sonho.

Desta vez, o êxito estava próximo, tão próximo que o traidor tremia: tentava controlar-se para não ser dominado pelos nervos naquela noite serena em que os anos de paciência seriam finalmente coroados de êxito.

Em breve, os homens enviados pelo seu comanditário ultrapassariam o muro da cerca no lugar em que ele instalara uma escada de corda e conduzi-los-ia ao templo.

Uma série de gritos roucos despertou Paneb o Ardente. Aos trinta e seis anos, o colosso de olhos negros que se tornara filho adoptivo do mestre-de-obras e da Mulher Sábia do Lugar de Verdade, parecia cada dia mais forte. Dormia pouco, mas detestava ser importunado no sono.

– O que se passa? – interrogou a esposa, Uabet a Pura, sem abrir os olhos.

– Dorme, eu vou ver.

O filho, Aperti, cuja altura e peso anunciavam um gigante, não saíra dos seus sonhos. Mas a culpada vagueava pela cozinha onde, depois de ter devorado tâmaras, atacara o cesto do pão.

– Nunca deveria ter feito a vontade ao meu filho e permitir-te a entrada nesta casa! – disse Paneb à volumosa gansa que fazia jus ao seu nome de Besta Terrível.

Insolente, agressiva e ladra, tinha sempre fome. Com o bico e as patas vermelhas, o pescoço amarelo estriado de riscas pretas, as asas acastanhadas, o ventre branco e a cauda preta, Besta Terrível era a melhor camarada de brincadeiras de Aperti: mordida os seus adversários atacando-os por trás e nem sequer tinha medo dos cães.

– Fora – ordenou Paneb – ou mando-te assar!

Levando a ameaça a sério, a gansa deixou-se expulsar emitindo vigorosos protestos.

Dissimulado num canto do muro, o traidor viu o primeiro membro do comando franquear o muro utilizando a escada de corda. Preferiu esperar que os seus camaradas se lhe juntassem antes de ir ao encontro deles.

De repente, quando o quinto tocava o solo, um dos patifes deu um grito de dor. A gansa acabava de lhe morder a barriga da perna e agredia já uma nova vítima que não conseguiu evitar uma exclamação.

– Estamos a ser atacados!

Rápida, sem se deixar apanhar, a gansa mordida e tornava a morder, grasnando cada vez com mais força.

Tetanizado, o traidor permanecia pregado ao chão; os seus aliados tentavam em vão agarrar a ave e apostrofavam-se, esquecendo a imperativa ordem de silêncio.

Por fim, um dos ladrões agarrou o pescoço da gansa.

– Vou estrangular-te, malvado animal!

O homem não pôs em prática a sua ameaça porque Paneb o estendeu no chão com um soco.

Alertado pelos grasnidos da Besta Terrível e sabendo que ela nunca se manifestava sem motivo, o colosso saíra de casa.

Enquanto a gansa se eclipsava e o traidor, rente às paredes, tentava regressar a casa o mais depressa possível, os quatro ladrões válidos lançaram-se em conjunto sobre o artesão, certos de o dominarem sem dificuldade.

Mas o joelho de Paneb embateu no baixo-ventre do primeiro assaltante, o cotovelo na têmpora do segundo e a testa no nariz do terceiro; apenas o quarto conseguiu bater no peito do colosso, sem no entanto o abalar.

Vendo os seus cúmplices fora de combate, precipitou-se para a escada de corda. No momento em que a agarrava, Paneb puxou-lhe pelos pés, fê-lo dar meia volta e atirou-o de encontro à parede.

– Ninguém foge assim, meu rapaz!

Semi-inconsciente, o ladrão desembainhou um punhal.

– Larga essa arma – ordenou Paneb.

O ladrão continuou a ameaçá-lo. De repente, o colosso identificou-o.

– Tu... Tu ousas atacar o Lugar de Verdade!

Com um gesto enraivecido, o homem cortou a garganta.

Como a Besta Terrível continuava a grasnar percorrendo a rua principal, vários aldeões tinham acordado. O primeiro a chegar ao local do drama com uma tocha na mão foi o desenhador Unesh o Chacal.

O seu olhar inquisidor fixou-se nos membros do comando. Três jaziam inconscientes, outro torcia-se com dores.

– São líbios! – exclamou Unesh.

– E aquele que está a esvair-se em sangue?

O desenhador iluminou o homem que agonizava.

– Não, é impossível...

Vários outros artesãos se lhes juntaram. Um a um, os aldeões saíam de suas casas e Néfer o Silencioso, o mestre-de-obras, em breve estava ao lado do filho adoptivo.

Enquanto Unesh atava os quatro líbios e a Besta Terrível se pavoneava para mostrar bem que a sua intervenção tinha sido decisiva, Néfer descobriu o cadáver do homem do punhal.

– Um dos polícias encarregados de garantir a nossa segurança! – constatou com espanto.

CAPÍTULO 2

Com setenta e dois anos e sofrendo de mil doenças, Kenhir continuava a ser o escriba do grande e nobre Túmulo dos Milhões de Anos a ocidente de Tebas, encarregado de manter o Diário onde anotava todos os dias os pequenos e grandes acontecimentos. Competia-lhe igualmente vigiar as entregas, pagar os salários em produtos agrícolas, distribuir as ferramentas, verificar a validade dos motivos de ausência nos estaleiros, fazer o inventário dos bens da confraria, em suma, garantir uma gestão impecável e resolver os mil e um problemas quotidianos que não deixavam de surgir numa aldeia onde viviam os artesãos, as esposas e os filhos, sem esquecer os celibatários dos dois sexos.

E o pior acabava de acontecer: a cerveja que bebia estava quente e o leito em chamas!

– Acordai, Kenhir!

O escriba do Túmulo abriu os olhos e viu um homem de quarenta e seis anos, elegante, com uma grande testa descoberta, olhos cinzentos e estatura mediana mas bem constituído.

– És tu, Néfer... Esqueci-me de esfregar o rosto com ervas frescas molhadas numa mistura de cerveja e mirra e tive um pesadelo! Segundo a Chave dos sonhos, vão roubar-nos e seremos obrigados a expulsar alguém.

– Não andais longe da verdade. Um grupo de líbios introduziu-se na aldeia com a cumplicidade de um polícia.

– O que estás a dizer... Um homem do chefe Sobek?

– Infelizmente, sim.

Kenhir levantou-se com dificuldade e Néfer ajudou-o a pôr-se em pé.

Apareceu a jovem criada do escriba, Niut a Vigorosa, uma bonita morena pequenina que considerara preferível deixar o mestre-de-obras acordar o seu patrão, cujo mau humor matinal durava muitas vezes a maior parte do dia.

– Desejais o pequeno-almoço?

– Bolos quentes e leite, mas depressa.

Corpulento, de andar desajeitado, Kenhir deslocava-se sempre com uma bengala, excepto em certas ocasiões em que reencontrava, como por milagre, a agilidade da juventude. Quando se sentou num cadeirão baixo, em frente de uma mesa de madeira de sicômoro, os olhos da idosa personagem brilhavam de cólera.

– Ousar atacar assim o Lugar de Verdade! Vou redigir imediatamente um relatório destinado ao Faraó.

– Admitindo que Seti II seja ainda reconhecido como tal – objectou Néfer – porque ninguém foi ainda coroado.

– Esses patifes tinham escolhido bem o momento... É preciso convocar o chefe Sobek.

– Já convoquei. Espera-nos na porta principal.

Grande, atlético, com uma cicatriz sob o olho esquerdo, mãos enormes habituadas a manejar o cajado, o chefe Sobek era um núbio autoritário, de palavras cortantes, que fizera toda a sua carreira na polícia. Não suportando que discutissem as suas ordens, tinha o costume de assumir as suas responsabilidades e nunca as lançar sobre os seus subordinados.

Quando viu entreabrir-se a grande porta da aldeia, onde não tinha o direito de penetrar, e aparecer o escriba do Túmulo e o mestre-de-obras, teve a certeza que ia passar por uma dura prova. Cerca de vinte anos antes, um dos seus homens fora assassinado e, apesar das suas investigações, ainda não conseguira identificar o culpado que, segundo ele, só podia ser um dos artesãos da confraria; e eis que outro membro das forças de segurança desaparecia em circunstâncias trágicas. Mas, desta vez, comportara-se como um criminoso!

Kenhir tinha a cara dos maus dias.

– Identificaste o malfeitor que cortou a garganta?

– Era realmente um dos meus homens – declarou Sobek. Tinha-o contratado apenas o ano passado.

– Que tarefa lhe tinhas confiado?

– A vigilância de uma das pistas, nas colinas.

– Pergunto a mim mesmo porque se terá suicidado...

– É muito simples – afirmou o núbio. – Quando constatou que não conseguiria fugir, preferiu matar-se a sofrer o meu interrogatório. Teve razão.

– Interrogaste os quatro líbios?

– O primeiro perdeu a cabeça por causa do soco que recebeu, o segundo é mudo, o terceiro tem a língua

cortada e o quarto não fala uma palavra de egípcio. Tenho de os entregar à administração central da margem oeste para conseguir uma identificação.

– E o guarda?

– Foi drogado e acaba de sair do seu torpor.

– Sabemos que um artesão nos trai – lembrou Kenhir, irritado – mas ignorávamos que um dos teus polícias era seu cúmplice! E foi este último, evidentemente, que guiou os líbios.

– Se suspeitais que eu tenha participado de perto ou de longe nessa conspiração – retorquiu secamente Sobek – não deveis hesitar em apresentar contra mim uma acusação em forma. Bem entendido, apresento-vos imediatamente a minha demissão.

– Tens a nossa confiança – interveio Néfer – e continuas a ser o chefe de segurança da aldeia.

Já uma vez o mestre-de-obras tomara partido em favor do núbio; também desta vez o escriba do Túmulo não se opôs a Néfer o Silencioso.

– Como havemos de acreditar que outros polícias não se venderão ao inimigo? – resmungou Kenhir.

– Cometi uma falta grave – reconheceu Sobek. – Este canalha não pertencia ao meu clã. Não devia tê-lo contratado. Este lamentável erro não se repetirá, prometo.

– Que medidas tencionas tomar?

– Apertar a vigilância em torno da aldeia, tanto de noite como de dia, e suprimir todas as licenças até à coroação do novo Faraó. Seria preferível que nenhum de vós abandonasse o Lugar de Verdade antes da situação estar esclarecida.

A aldeia estava em estado de choque.

Para conjurar a sorte, o mestre escultor Userhat o Leão e os seus dois assistentes, Ipui o Examinador e Renupé o Jovial, executavam uma pequena estela na qual figurariam sete serpentes.

Implantado na proximidade da porta principal, no interior do recinto, o modesto monumento contribuiria para repelir as forças negativas.

Mas não havia uma única família que não se sentisse angustiada pelo futuro do Lugar de Verdade; se o novo Faraó deixasse de ser o seu principal protector, se rebentasse uma guerra civil, o que aconteceria às setenta casas brancas mantidas com tantos cuidados?

Apesar do rosto redondo e jovial e da barriga volumosa, o desenhador Pai o Bom pão sentia-se de tal forma torturado pelo medo que perdera o apetite; inquieta, a esposa decidira levá-lo a casa da Mulher Sábia, curandeira e mãe espiritual da confraria.

Embora não estivesse muito orgulhoso de si, Pai sentia-se tão deprimido que nem se opusera. Bateu portanto à porta de Clara, esposa do mestre-de-obras, cuja sala de consultas era contígua à morada oficial atribuída a Néfer o Silencioso.

Respondeu-lhe um latido.

A Mulher Sábia abriu, com um jovem cão ao colo.

– O Trigueiro está um pouco nervoso – explicou. – Obriguei-o a engolir bolas de artemísia com propriedades vermífugas.

Já crescido, de focinho alongado, olhos avelã brilhantes de inteligência, orelhas compridas e pendentes, Trigueiro não parecia em perigo. O seu predecessor, que tinha o mesmo nome, fora mumificado e repousava num pequeno túmulo com as suas almofadas preferidas, um recipiente cheio de óleo sagrado e uma suculenta refeição, também mumificada.

Todas as vezes que tinha a oportunidade de contemplar Clara, Pai o Bom pão soçobrava sob o encanto da Mulher Sábia, quarenta anos deslumbrantes; do seu belo rosto de traços tão puros emanava uma luz que, por si só, acalmava as almas. Com cabelos aloirados, olhos azuis, esguia e ágil, a esposa do mestre-de-obras falava com uma voz doce e melodiosa. Ela e Néfer tinham casado antes de serem admitidos no Lugar de Verdade que, passados longos anos de formação e trabalho intenso, os escolhera para o dirigir.

– Não me sinto bem – confessou Pai o Bom pão, lamentoso.

– Queixas-te de alguns sintomas precisos?

– Não, sinto-me mal um pouco por toda a parte... e tenho falta de apetite. Como suportar a incerteza na qual estamos mergulhados? Talvez amanhã a aldeia seja destruída e nós sejamos dispersos.

– Deita-te na esteira, Pai.

Dotada já de sólidos conhecimentos médicos, Clara beneficiara dos ensinamentos de uma prática de excepção, a médica-chefe Neferet, e dos da Mulher Sábia que a precedera. Tinham-lhe transmitido um saber elaborado dia após dia, e legado o laboratório onde ela preparava os remédios.

A pele, o odor do corpo e o hálito eram os primeiros elementos úteis ao diagnóstico, mas era sobretudo necessário tomar o pulso poisando a mão sobre a nuca do paciente, o cimo da cabeça, os pulsos, o ventre e as pernas. Desta forma, a

Mulher Sábia ouvia a voz do coração que a informava sobre o estado dos diferentes órgãos e dos canais que veiculavam as energias.

Como Clara estava a demorar muito tempo, a inquietação de Pai o Bom pão cresceu.

– É grave?

– Não, descansa, mas algumas condutas estão prestes a entupir por causa da tua ansiedade.

A Mulher Sábia prescreveu um unguento composto de gordura de touro, resina de terebintina, cera, bagas de zimbro e grãos de brionia com o qual Pai untaria o busto quatro dias seguidos para devolver às condutas toda a sua flexibilidade.

O desenhador levantou-se.

– Já me sinto melhor, mas a minha cura só será completa quando a aldeia estiver fora de perigo. Dizem que podes decifrar o futuro, Clara... O que vês tu?

– Sigamos o caminho de Maet e nada teremos a temer.

CAPÍTULO 3

Mehi, administrador-principal da margem oeste de Tebas e general encarregado de comandar as forças armadas da grande cidade do Alto Egípto, era um quarentão corpulento, de rosto redondo, cabelos negros colados ao crânio, lábios grossos, torso largo e vigoroso, mãos e pés gorduchos. Nos olhos castanho-escuros, a arrogância de um alto dignitário seguro de si, ambicioso e determinado, e um brilho que apenas a sua esposa, Serketa, herdeira de uma grande fortuna, sabia decifrar. Um brilho que traduzia a obstinada vontade de se apropriar dos segredos do Lugar de Verdade e, sobretudo, da Pedra de Luz, graças à qual dominaria o país.

Para se tornar o senhor da rica região tebana, Mehi tivera que suprimir adversários incómodos; não acreditando nem nos deuses nem nos demónios, não hesitara em assentar a sua carreira no crime, garantindo a incondicional cumplicidade da doce Serketa, que sentia intenso prazer em suprimir a vida a alguém.

Quisera a ironia da sorte que ele, o pior inimigo da confraria, fosse oficialmente encarregado pelo Faraó de a proteger e assegurar aos artesãos um real desafogo que lhes permitisse trabalhar nas melhores condições. Fora portanto obrigado a agir na sombra, com a ajuda de um artesão que não hesitava em trair a fim de poder usufruir dos bens acumulados no exterior da aldeia em troca de serviços prestados.

Mas os resultados não eram ainda à altura das suas esperanças e a sua paciência estava a ser submetida a rude prova. Felizmente, a guerra civil que se anunciava criaria um clima favorável para que desferisse, na sombra, golpes fatais à confraria.

Usando uma luxuosa peruca e envergando um amplo vestido rosa que dissimulava as suas formas opulentas, Serketa regressava de Tebas à cabeça de uma legião de servidores transportando tecidos, vasos e móveis que tinha comprado na cidade. Com as pupilas de um azul-deslavado que revirava com ares de rapariguinha, contemplou Mehi que andava de um lado para outro da sala de quatro colunas da sua vasta mansão da margem oeste, rodeada de um jardim plantado com sicômoros, acácias, palmeiras, alfarrobeiras e figueiras.

- Ao que parece – avaliou ela – estás contrariado.
- Nem uma notícia do polícia núbio que subornámos.
- Não sejamos pessimistas, meu amor querido.

Serketa pendurou-se ao pescoço do marido, sempre sensível ao seu volumoso peito, que apalpava com uma brutalidade apreciada por ela.

- Se fôssemos beber vinho de palma para o nosso quarto?

Fingindo-se satisfeita, como era habitual, Serketa sonhava com os anos exaltantes passados na companhia de Mehi desde que este lhe revelara os seus projectos. Conquistar o poder absoluto utilizando as armas da ciência e da técnica, exercer o direito de vida ou de morte sobre todos e, sobretudo, aniquilar aquele Lugar de Verdade depois de lhe ter arrancado os tesouros, eram os únicos objectivos que verdadeiramente distraíam Serketa.

Se o seu maravilhoso marido não tivesse sido sincero, ter-se-ia desembaraçado dele como uma manta religiosa; tornando-se sua cúmplice, assassinando para deixar livre o caminho a Mehi, tomara gosto pela aventura que os unia.

- E mais valia que o general não a decepcionasse.
- Estendeu-se sobre ele, como se o quisesse sufocar.

- Tens notícias da capital?
- Seti nunca renunciará ao trono.
- Controlas realmente o príncipe Amenmés?
- Não sei como reagirá quando for anunciada a coroação do pai.

Num exílio dourado em Tebas, por ordem de Seti, Amenmés sonhava tornar-se Faraó e Mehi não deixara de o encorajar na esperança de desencadear um conflito de que seria o principal beneficiário. Mas o jovem Amenmés hesitava em escolher o seu caminho entre submissão e revolta.

Com o olhar vago, o general pensava no primeiro assassínio que cometera, na montanha do Ocidente, matando um polícia que o surpreendera quando espiava os membros da confraria transportando a Pedra de Luz para o Vale dos Reis.

Nesse instante, Mehi compreendera que o Lugar de Verdade era detentor do segredo essencial do Egípto, o que permitia a um Faraó reinar e vencer a morte. Por isso a aldeia, colocada sob alta protecção, permanecia

inacessível aos profanos e mesmo aos dignitários.

Com o objectivo de se apoderar dessa Pedra fabulosa, o general percorrera já um longo caminho semeado de cadáveres, extorsões, mentiras e chantagens, mas o combate encontrava-se ainda longe de estar ganho.

E ele havia de fazer lamentar àquela maldita confraria ter recusado recebê-lo no seu seio.

Com Serketa, que aprovara a forma como Mehi se desembaraçara do sogro para ficar com a sua fortuna, dispunha de uma aliada implacável cujo amor pelo crime lhe era muito útil. Um dia, sem dúvida, mergulharia na loucura e ele teria de a suprimir.

– As nossas armas novas estão prontas? – perguntou ela.

– Possuímos uma quantidade suficiente para travar batalha com um exército vindo do norte e não falei a Amenmés dos novos carros de combate que aperfeiçoei. Graças às vantagens que não cessei de lhes proporcionar há longos anos a esta parte, oficiais e soldados adoram-me. Mesmo que o príncipe tomasse o comando, as tropas tebanas só a mim obedeceriam. Mas desconfio de Seti... Tem carácter e não se contentará em reinar sobre o Delta. É por isso que envio mensagens confidenciais para lhe garantir a minha absoluta fidelidade e lhe prestar contas da situação... à minha maneira.

– Como é excitante! – exclamou Serketa, que esmagava o rosto do general com os seios.

Cansado da sua posição inferior, Mehi fê-la tombar para o lado. Serketa deu pequenos gritinhos de susto como se receasse ser agredida.

Várias pancadas violentas fizeram abanar a porta do quarto.

– General, vinde depressa, é a polícia! – implorou a voz assustada do intendente.

Interditos, Mehi e Serketa entreolharam-se.

– Nunca me prenderão – declarou ela.

O general levantou-se.

– Não é com certeza nada de grave.

– E se Amenmés te tivesse traído?

– Sem mim, ele não existe!

Mehi enfiou uma túnica e saiu do quarto.

– O porteiro não deixou entrar ninguém – informou o intendente – mas o polícia insiste em ver-vos imediatamente.

Mehi avançou a grandes passos até à porta da mansão que dava para o jardim onde se tinham reunido vários criados.

– Voltem ao trabalho – ordenou secamente. – E tu, abre.

Espalharam-se como pardais ao mesmo tempo que o porteiro obedecia.

Mehi descobriu a elevada estatura de Sobek, acompanhado por vários polícias núbios que enquadravam quatro homens de mãos atadas atrás das costas.

– Chefe Sobek... O que se passa?

– Um dos meus subordinados tentou introduzir-se na aldeia dos artesãos com estes quatro bandidos. Como representais a autoridade suprema na margem oeste e tendes o encargo de proteger o Lugar de Verdade, fiz questão de vos informar com a maior brevidade.

– O que aconteceu ao teu polícia?

– Cortou a garganta e os abutres encarregar-se-ão dele.

– Esses, são líbios... Interrogaste-os?

– O único que está em condições de se exprimir não parece conhecer o egípcio.

– Levo-os para a caserna principal... Podes crer que lá saberão soltar-lhes a língua!

– Essa caserna está na margem Este, fora da minha jurisdição, e esses homens são meus prisioneiros.

– Como muito bem disseste, eu represento aqui a autoridade suprema e quero saber quem são estes bandidos, o que queriam e à ordem de quem agiram.

– Permite que assista ao interrogatório, general.

O grande núbio não gostava de Mehi, que considerava demasiado ambicioso e capaz de conspirar para afirmar a sua posição e preservar as suas vantagens. Mas até agora não possuía qualquer indício sério contra ele e não podia atacar sem provas incontestáveis um notável daquela envergadura.

Se Mehi o afastasse daquele inquérito, não estaria a dar um comprometedor passo em falso? Sobek fingiria submeter-se, mas dirigiria um relatório à capital, sublinhando o comportamento duvidoso do general.

– O teu pedido não é lá muito regulamentar – considerou Mehi – mas compreendo-o; como reagiu o escriba do Túmulo ao descobrir a traição de um dos teus polícias?

– Tanto ele como o mestre-de-obras continuam a conceder-me a sua confiança e não os desiludirei. – Não tenho qualquer razão para não os imitar. Vou-me vestir e levo-te à caserna.

Mehi não considerava com leviandade a intervenção do núbio, que ele sabia incorruptível e obstinado. Todas as iniciativas para o subornar, transferir ou simplesmente desestabilizar tinham fracassado porque Sobek estava visceralmente ligado ao Lugar de Verdade, ele que era no entanto apenas um homem do exterior.

Por vezes, o general tinha a sensação que Sobek o olhava de forma estranha, como se pensasse, sem ousar confessar, ter à sua frente o assassino que perseguia há vinte anos. Mas Mehi sabia não deixar qualquer vestígio atrás de si e a

investigação do núbio estava votada ao fracasso.

Logo que Mehi envergou o seu traje militar, Serketa correu, intrigada.

– Sérios aborrecimentos – confessou ele. – O comando fracassou lamentavelmente, o núbio que tinhas subornado suicidou-se para escapar ao interrogatório do seu chefe, mas restam esses quatro líbios imbecis e sou obrigado a levar Sobek à caserna a fim de não despertar as suas suspeitas. Tenho que sair desta embrulhada.

– Não sinto qualquer inquietação, meu querido – afirmou Serketa, beijando o torso do marido e acariciando o cabo do punhal que, em caso de dificuldade muito grave, faria calar o chefe Sobek.

CAPÍTULO 4

Os quatro líbios foram alinhados de encontro à parede da sua cela. O ajudante-de-campo do general Mehi saudou o seu superior e o chefe Sobek.

– Estes bandidos tentaram introduzir-se no Lugar de Verdade – revelou Mehi. – Graças à intervenção do chefe Sobek, foram detidos; mas apenas um tem capacidade para se exprimir e só fala líbio. Como é uma língua que o meu ajudante-de-campo domina bem, vai interrogá-lo... Mas tenho uma pergunta a fazer-lhe: visto que é ele quem contrata a totalidade dos mercenários empregados pelo nosso exército, reconhece estes homens?

O olhar insistente do general fez compreender ao ajudante-de-campo que Mehi lhe dava uma ordem muda na presença de um civil que devia permanecer ignorante dos segredos militares. Mas deveria responder sim ou não?

O oficial examinou de perto os prisioneiros e depois voltou-se para o general que se colocara recuado em relação a Sobek a fim de poder abanar a cabeça afirmativamente sem que o núbio se apercebesse.

– Já vi estes fulanos – declarou o ajudante-de-campo, fingindo uma derradeira hesitação. – Interrogo-me mesmo se não se tratarão dos ladrões que roubaram armas o mês passado, durante um exercício.

– Com efeito, eram mercenários líbios e foram declarados desertores! Desertores, ladrões e sem dúvida criminosos, general! A sentinela que atacaram para se introduzirem na armaria não sobreviveu aos ferimentos.

– Procede ao interrogatório.

O ajudante-de-campo fez apenas uma pergunta à qual o líbio respondeu com frases curtas e entrecortadas.

– Perguntei-lhe se ele e os cúmplices eram culpados e ele confessou tudo.

– Porque tentou penetrar na aldeia e por ordem de quem?

O líbio exprimiu-se com o mesmo nervosismo.

– Ele e o seu bando tinham decidido pilhar as aldeias da margem Oeste e depois regressarem a casa pelo deserto com um máximo de espólio.

– Vamos então entregá-los ao chefe Sobek para que ele os apresente ao tribunal.

– Lamento contradizer-vos, general, mas isso é impossível.

Mehi pareceu contrariado pela recusa do seu ajudante-de-campo.

– O que queres dizer?

– Estes criminosos devem comparecer imediatamente diante de um tribunal militar; se decidirdes de outra forma, general, sereis vós próprio condenado por falta grave. Considerando os factos, devo redigir um relatório circunstanciado e mantê-los na cela até ao julgamento.

Depois da partida do chefe Sobek, forçado a vergar-se ao regulamento, o general Mehi deu ordem de colocar os líbios no segredo antes de um julgamento apressado que os enviaria para os trabalhos forçados do oásis de Khargeh, de onde nunca mais saíam.

– Colocareis o vosso selo no documento final? – interrogou o ajudante-de-campo.

– É inútil – respondeu Mehi. – Não quero tornar a ouvir falar desses canalhas.

– Suponho que a minha atitude vos satisfaz, general.

– Foste perfeito.

– Tive que compreender-vos por meias palavras... e podia ter-me enganado nas respostas que esperáveis.

– Não foi esse o caso e felicito-te. Tu e eu trabalhamos para a glória do exército e não esquecemos nunca que a disciplina é a primeira das virtudes.

– Tenho intenção de continuar a obedecer-vos sem discutir, mas esta fidelidade não merecerá... uma recompensa?

Mehi sorriu.

– Desde que serves sob as minhas ordens, aprendeste a conhecer-me e sabes que detesto perder a iniciativa. Se tentasses fazer chantagem...

– Claro que não, general!

– Se o meu reconhecimento se manifestasse sob a forma de duas vacas leiteiras, uma cama de grande qualidade e três cadeiras de luxo, esquecerias estes miseráveis líbios?

– Sem dúvida nenhuma – afirmou o ajudante-de-campo.

Quando o chefe Sobek franqueou o quinto e último fortim para penetrar na zona ocupada pelos auxiliares ao

serviço do Lugar de Verdade, constatou imediatamente que a situação era anormal. O ferreiro, o caldeireiro, o oleiro, o curtidor, o tecelão, o sapateiro, o lavadeiro, o lenhador, o padeiro e os seus auxiliares tinham saído das suas oficinas e formavam um círculo, vociferando.

Armado com um cacete, o guarda de serviço mantinha-se em frente da porta da aldeia, como se receasse um ataque dos auxiliares. Os polícias permaneciam à distância; tinham recebido ordem para barrar a passagem a qualquer intruso mas não para prender os trabalhadores pagos para garantirem o bem-estar da confraria.

O núbio quebrou o círculo no centro do qual se encontrava o escriba do Túmulo apoiado na sua bengala. Há mais de uma hora que enfrentava os auxiliares dos quais Beken o oleiro era o porta-voz.

– Acalmai-vos – exigiu Sobek. – Caso contrário, ordeno aos meus homens para vos fazerem dispersar!

– Há uma semana que as nossas rações de peixe seco não chegam! – protestou Beken. – Devíamos ter recebido pelo menos quatrocentos gramas por dia e por pessoa. Se isto continuar, deixaremos de ter força para trabalhar.

– Os membros da confraria não estão mais bem abastecidos – retorquiu Kenhir – e não posso fazer nada mais senão dirigir protestos à administração-principal da margem Oeste que, por seu lado, espera a nomeação de um novo vizir.

– Então o que comeremos enquanto esperamos?

– O tribunal do Lugar de Verdade deu o seu acordo para que vos fossem distribuídas conservas. A coroação do Faraó não deve tardar e recomeçarão os fornecimentos.

Kenhir teria gostado de ter a certeza; pelo menos, a firmeza do seu tom acalmou os auxiliares que acederam regressar ao trabalho arrastando os pés.

– Haveis corrido riscos – disse Sobek ao escriba do Túmulo.

– Na minha idade, já não receio ninguém; e depois, compete-me resolver este género de problemas. O general Mehi recebeu-te?

– Levou-me mesmo à caserna principal de Tebas, onde o seu ajudante-de-campo interrogou o único líbio em estado de falar.

– O que confessou ele?

– A acreditar no ajudante-de-campo, tratar-se-ia de um bando de ladrões que tinham intenção de atacar todas as aldeias da margem Oeste e que, além disso, seriam desertores suspeitos de crime. É por isso que serão julgados por um tribunal militar. Na minha opinião, nunca mais os veremos.

– Se as acusações contra eles são assim tão pesadas, serão efectivamente condenados a trabalhos forçados. Porque pareces contrariado, Sobek?

– Porque esta história não se aguenta em pé! Se estes patifórios tivessem realmente roubado armas num arsenal, por que não estavam equipados com elas para atacar o Lugar de Verdade? E aliás, esta não é uma aldeia como as outras! Esqueceis que tinham um cúmplice, um dos meus próprios homens? Visto que a sua condenação é certa, escaparão às outras jurisdições e a única verdade de que disporemos será a dada pelo ajudante-de-campo do general.

Kenhir apoiou-se firmemente na bengala.

– Vai até ao fundo do teu pensamento, Sobek.

– Não tenho nenhuma confiança naquele Mehi! A ambição transpira-lhe por todos os poros da pele e considero-o capaz das mais sórdidas manipulações.

– Se me não engano, és um homem razoável que desconfia das miragens e não gostarias de cometer um novo erro de avaliação como o que, há muito tempo, te levou a acusar injustamente o actual mestre-de-obras da confraria.

Kenhir lembrava-lhe cruéis recordações e o sólido núbio sentiu-se abalado.

– A situação é muito diferente...

– Tens a certeza? Consideremos apenas os factos: o general Mehi não é o protector oficial da aldeia?

– No entanto, as entregas de peixe estão interrompidas.

– Durante este período de luto, entre a morte do antigo Faraó e a subida ao trono do novo, é a lei imposta pelo vizir. E acabo de receber uma carta de Mehi que nos abrirá as reservas da administração central, se necessário. Desde que foi nomeado para ela, tivemos uma única ocasião para nos queixarmos dele?

- Não, não me parece...
- Tentou travar a tua investigação?
- Aparentemente, não – admitiu Sobek.
- Não te levou à caserna principal de Tebas, longe do teu território, quando teria podido legalmente recusar-te o acesso?
- É verdade, mas...
- Não te permitiu assistir ao interrogatório?
- Sim e até...
- Até o quê, Sobek?

O núbio sentia-se aborrecido por fornecer aquela informação, mas tinha de ser honesto.

– O general Mehi queria confiar-me os líbios e foi o seu ajudante-de-campo que lhe lembrou, não sem firmeza, que eles não podiam ser retirados à justiça militar.

Irritado, Kenhir bateu na bengala.

– Não gostas de Mehi e estás no teu direito; essa personagem irrita-me tanto como a ti, admito, e continuarei a desconfiar dela. Mas estou convencido que o Lugar de Verdade não passa de uma etapa na sua carreira e que tem interesse em velar por ele para não ser censurado pelo Rei.

– E se o novo monarca decretasse o encerramento da aldeia?

O peso dos anos tornou-se de repente muito maior sobre os ombros do escriba do Túmulo.

– Seria o fim da nossa civilização, Sobek, e os deuses abandonavam esta terra.

CAPÍTULO 5

A casa de Paneb e Uabet a Pura, situada na parte sul, não era a mais bonita nem a maior das casas da aldeia onde viviam os trinta e dois artesãos, divididos em equipa da direita e equipa da esquerda, e as respectivas famílias, mas a esposa do colosso conseguira torná-la alegre e confortável.

Na centena de metros quadrados habitáveis, o primeiro compartimento era consagrado ao culto dos antepassados e tinha um leito ritual ao qual se acedia por três degraus; o segundo, cujo tecto plano era sustentado por uma coluna feita de um tronco de palmeira coberto de gesso, possuía igualmente um valor sagrado, com a mesa de oferendas, a estela representando uma porta de comunicação com o outro mundo e outra estela encastrada na parede representando um protector da confraria, o espírito eficaz e luminoso de Rá, que vogava na barca do Sol e transmitia a vida aos seus sucessores. Fora Néfer o Silencioso que oferecera aquela obra ao seu amigo Paneb, tornado seu filho adoptivo.

Vinham em seguida um quarto, uma sala de água e uma cozinha com tecto de ramagens fácil de levantar. Dali partia uma escada que dava para o terraço. Duas caves, uma para as jarras com alimentos e a outra para o vinho e azeite, completavam um habitat onde a frágil e bonita Uabet encontrara a felicidade.

Com trinta e seis anos, tal como o marido, parecia ter menos dez.

Do boião de brecha, uma pedra dura com veios vermelhos e brancos puxando para o amarelo, retirou um pouco de galena com um bastãozinho para traçar uma delgada linha negra sobre as sobancelhas. Depois, inclinando para o pescoço uma concha de alabastro imitando na perfeição uma concha do Nilo, incluindo o pedúnculo de ligação do molusco, deixou cair um pouco de óleo perfumado pensando nesse esposo que tinha de partilhar com Turquesa, a sua esplêndida amante.

Eram ambas sacerdotisas de Hathor e nunca se tinham chocado, como se respeitassem um pacto mudo. Turquesa fizera voto de permanecer celibatária e Paneb nunca passava a noite em casa dela; a sua única esposa era Uabet, que lhe dera um filho de uma excepcional robusteza e cumpria as suas tarefas de dona de casa. Embora se mostrasse tolerante por amor, não se comportava como uma mulher submissa e o seu colossal marido tinha-lhe respeito.

Colocando em redor do pescoço o colar de cornalinas e de jades vermelhos que Paneb lhe oferecera, Uabet sentiu-se verdadeiramente bela.

– Continua a não haver peixe seco esta manhã! – exclamou o marido, furioso. – É a guloseima preferida do meu filho e não suporto que seja privado dela.

– Não podemos fazer outra coisa senão esperar.

– Não, Uabet, há melhor a fazer!

– Não desafies os peixeiros, Paneb; receberam ordens e não são responsáveis pela interrupção dos fornecimentos.

– Pois eu sou responsável pelo bem-estar do meu filho.

Instalado num pequeno barco de papiro, Paneb mergulhara na água do rio quatro grandes anzóis presos a sólidas cordas. Depois de uma hora de esforços, conseguira pescar um soberbo barbo com sessenta e cinco centímetros de comprimento, com corpo de um branco-prateado e barbatanas vermelhas. Para evitar sofrimento ao animal, matara-o com uma pancada.

Encorajado por este primeiro êxito, Paneb dirigiu-se para águas mais profundas. E a sorte sorriu-lhe quase de imediato: travou-se um feroz combate entre o pescador e uma perca do Nilo, a lates, que media quase um metro e meio e não pesava menos de setenta quilos.

Em geral, era necessário utilizar um arpão e uma rede para vencer aquele valoroso guerreiro; apesar da fragilidade da sua embarcação, Paneb não desistiu. A cada sobressalto da perca, respondia apertando a prisão.

O colosso saiu vencedor da luta e não se esqueceu de saudar a alma do peixe que, quando ele o pintava na parede de um túmulo, ajudava o Sol a vencer o demónio das trevas.

Bastaram-lhe alguns minutos para regressar à margem aproveitando a corrente. Transportando a sua presa no ombro esquerdo e segurando na mão direita o cesto onde metera o barbo, o artesão seguia pelo meio das altas ervas quando uma violenta pancada nas pernas o fez tropeçar. Caiu-lhe uma rede em cima e, embora conseguisse levantar-se, o colosso ficou preso.

Em frente dele, Nia, o chefe dos peixeiros e três dos seus acólitos com os quais Paneb já discutira.

– Não devias ter saído da tua aldeia – declarou Nia. – Quando se está no segredo, não se sai de lá!

– Cheiras mal como um peixe podre. Liberta-me imediatamente.

O barbudo de proeminente barriga reventou num riso profundo.

– Não estás em posição de te fazeres orgulhoso, meu rapaz! Não te avisaram que apenas eu e os meus empregados temos o direito de pescar aqui?

– Se esperas continuar auxiliar do Lugar de Verdade, retoma os teus fornecimentos a partir de hoje mesmo. Se assim não for, tratarei pessoalmente do teu caso.

– Estão a ver isto... Já tremo! Para já, vou saborear a soberba perca que pescaste. Mas não antes de te ter dado um correctivo para te ensinar a viver! Vamos, rapazes!

Quatro cacetes abateram-se sobre o colosso. As espessas malhas da rede amorteceram as pancadas desferidas com demasiada fúria para serem exactas, enquanto Paneb cortava uma delas com os dentes. Alargou a abertura soltando um grito de raiva que fez estacar os quatro pescadores durante alguns instantes.

Saindo da rede, o colosso serviu-se dela como de uma arma; fazendo-a girar, ceifou dois dos acólitos de Nia que caíram no chão com o rosto ensanguentado; o terceiro, fugiu.

– Não me toques! – urrou o mestre-pescador largando o seu cacete. – És um artesão do Lugar de Verdade e não tens o direito de brutalizar um auxiliar!

Havia um tal fogo no olhar do seu adversário que Nia julgou chegada a sua última hora. Mas Paneb atirou a rede para longe.

– Traz os meus peixes e vamos ao viveiro – ordenou a Nia.

– Tu... tu não me vais atirar ao canal?

– Eu, sujar as águas com um corpo tão malcheiroso como o teu? Mas se me importunares mais uma vez, quebro-te o crânio e abandono-te aos abutres, na montanha.

Nia apressou-se a apanhar a perca e a seguir pelo caminho do viveiro. Ali eram criadas várias espécies destinadas à aldeia que, fossem quais fossem as estações e as condições climáticas, nunca tinha falta de peixe fresco.

Dois guardas grelhavam uma tainha que partilhariam com o responsável pelo viveiro.

– Bela pesca, Nia! – exclamou um deles. – Mas onde vais tu assim?

– Vai levá-la ao Lugar de Verdade – respondeu Paneb. – E vocês, vão encher os cestos de peixe fresco e seguir-nos.

Os dois homens empunharam os cacetes.

– Faziam melhor em obedecer-lhe – recomendou Nia. – Nós éramos quatro e ele levou a melhor.

Os guardas recuaram um passo.

– Quem és tu?

– Paneb, artesão do Lugar de Verdade.

– Temos ordens! Ninguém deve tocar no viveiro.

– São ordens estúpidas, visto que esse viveiro pertence à confraria. Encham os cestos.

– No fundo – interveio o pescador responsável – Paneb não deixa de ter razão.

Os dois guardas consultaram-se com o olhar. Era evidente que ficariam sós a bater-se contra aquele colosso de musculatura inquietante. Mesmo que o conseguissem derrubar, o que parecia bastante improvável, não sairiam indenes do confronto. Como não eram suficientemente pagos para apanhar pancada, baixaram as armas. E se a administração os censurasse, afirmariam ter sido obrigados a agir sob a ameaça de um grupo de agressores.

Os auxiliares e o porteiro de serviço viram chegar um estranho cortejo, à cabeça do qual avançava Paneb.

– Peixe fresco! – exclamou o ferreiro com os punhos nas ancas. – É para nós?

– Tereis a vossa parte – respondeu Paneb.

– Quem to deu?

– Nia mostrou-se muito cooperante e o nosso viveiro está cheio de soberbos exemplares.

– Então os fornecimentos vão recomeçar?

– Não se vê?

Foram oferecidos dois cestos aos auxiliares, que se extasiaram com as tainhas de cabeça arredondada e

grandes escamas.

Alertadas pela agitação, as donas de casa saíram da aldeia para receberem, com transportes de alegria, aquela abundante entrega que lhes ia permitir preparar o seu prato favorito.

Quando Paneb depositou a perca em frente da porta do escriba do Túmulo, este surgiu, carrancudo.

– Já comi maiores – concedeu o colosso – mas, mesmo assim, deveríamos saboreá-la.

– De onde vem esse peixe?

– Eu próprio o pesquei... Não é proibido, pois não?

– Até à proclamação do nome do novo Faraó, ninguém está autorizado a sair da aldeia.

– Agi para o bem da comunidade – considerou Paneb. Visto que o viveiro nos pertence, porque não havemos de aproveitar?

– Um regulamento é um regulamento, Paneb! Violá-lo é uma falta grave.

– Todos os aldeões comerão de novo peixe fresco, não é isso o essencial? Se fosse preciso esperar que os poderosos regularizassem as suas contas entre eles, não tardaríamos a morrer de fome.

Irritado, Kenhir bateu no chão com a bengala.

– Volta para tua casa e não voltes a sair.

– Pertença a esta confraria mas continuo a ser um homem livre!

– Vou pedir ao mestre-de-obras que pronuncie uma censura contra ti. A partir deste instante, proíbo-te de participar nos trabalhos da equipa da direita.

CAPÍTULO 6

– Deixa-nos – ordenou Kenhir à criada Niut a Vigorosa que fora buscar o mestre-de-obras e a Mulher Sábia, obrigada a interromper as suas consultas.

– Os aldeões estão muito ansiosos – revelou ela ao escriba do Túmulo. – Não paro de prescrever calmantes.

– E não vai ser o comportamento de Paneb que nos facilitará a existência! – resmungou Kenhir.

– Se vos referis à chegada do peixe fresco, estamos todos felizes por o podermos consumir.

– Paneb não tinha nem o direito de sair da aldeia nem o de se substituir ao mestre-pescador que recebera ordens rigorosas da administração. Tenho tenções de redigir um relatório sobre esta falta de disciplina e proibir esse revoltado de trabalhar na equipa da direita durante três meses.

– Quanto à forma – considerou Néfer – não deixais de ter razão, mas quanto ao fundo... A intervenção de Paneb não nos despertou? Não dependemos de nenhuma administração e não recebemos ordens formais a não ser do Faraó. Porque havíamos de aceitar sermos privados de peixe? Se é necessário nomear uma equipa para retirar todos os dias do viveiro as peças que nos competem, eu assumo a responsabilidade.

Kenhir esperava uma reacção muito diferente da parte do mestre-de-obras e ficou perplexo alguns instantes.

– Mas... Paneb cometeu uma falta imperdoável e deve ser sancionado.

– O nosso filho adoptivo tem por vezes tendência para esquecer o regulamento – admitiu a Mulher Sábia, com um sorriso simultaneamente terno e divertido ao qual o escriba do Túmulo não pôde ficar insensível.

– No presente caso, não causou nenhum prejuízo e recordou-nos que a nossa sobrevivência só depende de nós mesmos. É na nossa coerência que bebemos a nossa força.

– De qualquer maneira...

Niut a Vigorosa voltou ao gabinete.

– Ordenei que te afastasses! – rabujou Kenhir.

– Imuni, o vosso assistente, informa-vos de um incidente de excepcional gravidade: a quantidade de água que nos devia ser entregue foi reduzida a metade.

Kenhir levantou-se como se tivesse vinte anos menos e saiu de casa com o andar de um rapaz, seguido pelo mestre-de-obras e a Mulher Sábia, tão inquietos como ele.

O trio apressou-se até ao enorme reservatório com parapeito de pedra, de dois metros de diâmetro, instalado perto da entrada norte.

Várias donas de casa rodeavam o escriba-assistente Imuni e começavam a mostrar-se agressivas.

– Esperávamos cinquenta burros – precisou o pequeno escriba de rosto de roedor e olhar fugidio. – Chegaram... mas com muito poucos odres!

– E os transportadores de água que os acompanhavam?interrogou Kenhir.

– Vinham de mãos a abanar.

– Que explicação te deram?

– Nenhuma – respondeu Imuni com a sua voz melíflua -, mas mesmo assim registrei as suas declarações numa tabuinha de madeira a fim de que possais copiá-las para o Diário do Túmulo.

Tendo prosápias sobre a literatura, que não tinha valor a seus olhos se não fosse particularmente difícil de ler, Imuni nunca se deslocava sem o seu material de escriba, que tratava com os mesmos cuidados maníacos que dispensava ao seu fino bigode.

– Verificaste as nossas reservas? – inquietou-se o escriba do Túmulo.

– A grande jarra da parede sul ainda está meio cheia e há bastante água no poço do templo de Hathor para celebrar os rituais durante muitas semanas.

– A água entregue hoje foi distribuída? – perguntou Clara.

– Opus-me a isso – declarou Imuni com orgulho. – Nenhuma das ânforas colocadas nas ruelas foi cheia.

Os grandes recipientes de terracota rosa coberta por vidro implantados no chão tinham os nomes dos soberanos que os tinham oferecido à aldeia, tais como Amen-hotep I, Hatchepsut, Tutmés III ou Ramsés o Grande. Com a altura de dois metros, ofereciam às donas de casa o precioso líquido em grande quantidade.

Clara, acompanhada por Néfer, dirigiu-se para a porta do norte.

– A luz do teu olhar desapareceu bruscamente – disse ele.O que receias?

– Que a água que acabam de nos entregar esteja envenenada.

O chefe Sobek em pessoa velava pelos odres amontoados junto da porta de acesso. Os burros e os transportadores tinham já partido para o vale.

– Alguém se aproximou destes odres? – perguntou Néfer.

– Ninguém – afirmou o núbio.

Clara abriu-os um a um.

– Nenhum odor suspeito... Um auxiliar que traga amêndoas e frutos de balanite. E tu, Sobek, ordena a um dos teus homens que traga uma garça-real.

Em cada odre de cerca de vinte litros, Clara lançou vários frutos destinados a manter a água límpida e preservada de qualquer miasma; mas esta precaução não lhe bastava e esperava a intervenção da garça-real, que dois núbios tinham conseguido capturar num campo na margem do Nilo sem a ferir.

A Mulher Sábia acalmou o belo pássaro branco magnetizando-o; este deu alguns passos na direcção dos odres. Se bebesse, seria a prova de que a água não estava conspurcada com nenhuma impureza.

O bico da ave desviou-se e ela levantou vôo.

– Esvaziem estes odres e queimem-nos – exigiu Clara.

– Desta vez – exclamou Kenhir que assistira à cena – é demais! Privam-nos de peixe e de água pura e tentam envenenar-nos! Partirá amanhã para a capital um relatório pormenorizado sobre estes acontecimentos.

– Tenho que prevenir o general Mehi – considerou o mestre-de-obras – e identificar o autor deste ignóbil atentado.

– Acompanho-te.

– Não, Kenhir; permaneço aqui e tomo todas as medidas necessárias para defender a aldeia contra uma eventual agressão.

– Todas?

– Não temos outra opção. – Os caminhos não são seguros, mesmo na margem oeste; leva Paneb contigo.

Mehi estava estupefacto.

– O que fizeste, Serketa?

– Como estava um bocado aborrecida, envenenei os odres destinados ao Lugar de Verdade. Bastou-me roubar um frasquinho ao nosso amigo Daktair e deitar o seu conteúdo nesses odres, menos numerosos do que é habitual, segundo me disseram. Não é loucamente divertido? Daqui a algumas horas, boa parte dos habitantes da aldeia estará morta ou doente!

O general esbofeteou tão violentamente a esposa que esta caiu para trás.

– Fui eu que reduzi o número de odres para espalhar a perturbação na confraria, provocar os seus protestos e fazer-lhes crer que o responsável era Amenmés... Sem suficiente quantidade de água, os artesãos teriam sido obrigados a abandonar a aldeia temporariamente e eu teria podido revistá-la à vontade! E tu, se calhar, mataste o nosso aliado do interior!

– E se estiverem todos mortos? – sussurrou Serketa com voz de menina pequena.

– Esqueces que beneficiam da ciência de uma Mulher Sábia capaz de tratar deles! E esqueceste sobretudo que sou eu e só eu que determino a nossa estratégia. Nunca mais te lembres de tomar este género de iniciativas, Serketa!

Com a bochecha em fogo, ela arrastou-se aos pés do seu senhor e mestre.

– Perdoas-me, amor querido?

– Não o mereces.

– Perdoa-me, suplico-te!

Mehi de boa vontade espezinharia aquela insensata, mas ela podia ainda ser-lhe útil. Agarrou-a pelos cabelos.

Apesar da dor, Serketa permaneceu silenciosa. No dia em que o marido cedesse à piedade, matá-lo-ia.

– Se falhaste o golpe, a confraria não tardará a reagir. Podia fazer acusar Daktair, mas ainda nos é indispensável.

Serketa beijou o largo torso do marido.

– Tenho uma ideia – murmurou ela.

Armados com cacetes, Néfer o Silencioso e Paneb o Ardente tinham seguido o caminho regulamentar

reservado aos artesãos que saíam do Lugar de Verdade. Depois de terem franqueado o posto de controlo que proibia a qualquer pessoa usar aquele itinerário em sentido inverso, tinham passado ao lado do Ramesseum, o Templo dos Milhões de Anos de Ramsés o Grande, para se dirigirem aos edifícios da administração da margem oeste.

A atmosfera era pesada. Não havia árias de flauta nos campos nem canções; todos olhavam o vizinho com um olhar suspeito e observavam com desconfiança quem passava. Alguns murmuravam que era inevitável uma guerra civil e que a província tebana pagaria cara a fidelidade ao príncipe Amenmés.

– Tens a certeza que o escriba do Túmulo não redigirá um relatório contra mim?

– Tenho a certeza, Paneb.

– Porque mudou ele de opinião?

– Porque as tuas faltas de disciplina não passam de ninharias em relação ao atentado perpetrado contra a aldeia.

– E tu, tinhas tomado a minha defesa?

– Quando um regulamento se revela estúpido, é contrário à harmonia de Maet.

Quando se aproximaram dos edifícios administrativos, reinava uma agitação fora do habitual. Soldados e escribas corriam em todas as direcções, os graduados berravam ordens contraditórias e não havia guardas para controlar a entrada.

Os dois artesãos avançaram até ao grande pátio onde os cavalos não cessavam de relinchar.

Quando Néfer ia a franquear o limiar do edifício onde se encontrava o gabinete de Mehi, surgiram dois soldados e apontaram-lhe as lanças ao peito.

– Acabamos de prender o culpado! – gritou o mais nervoso.

CAPÍTULO 7

"Todas as medidas necessárias", dissera o mestre-de-obras. Legalista, o escriba do Túmulo solicitara no entanto a aprovação da Mulher Sábia e do chefe da equipa da esquerda, tendo em vista o carácter extraordinário das ordens que deveria dar.

Kenhir saiu da aldeia e fez convocar o chefe Sobek.

– Os teus homens estão em pé de guerra?

– Ninguém se aproximará da aldeia sem ser detectado. As minhas ordens são rigorosas: uma intimação e depois um disparo de flechas se o interpelado não se imobilizar de imediato.

– Vamos a casa do ferreiro.

Desde a morte do Rei Merenptah, Obed o ferreiro, um sírio barbudo, de pernas curtas e braços musculados, tinha muito menos trabalho. Aproveitava para dormir e se empanturrar de pães quentes recheados de queijo de cabra.

Quando viu entrar na sua forja o escriba do Túmulo e o chefe da polícia local, perguntou a si mesmo se não estaria a sonhar. Era a primeira vez que Kenhir se aventurava no seu mundo e Obed receou que o telhado lhe caísse na cabeça.

– Que falta cometi eu?

– Nenhuma, Obed, descansa.

– Mas então...

– Fabricas excelentes ferramentas e repara-las tão depressa quanto é possível; os chefes de equipa e eu próprio só temos que nos felicitar pelo teu trabalho. Mas hoje sou incapaz de afirmar que o Lugar de Verdade continuará a funcionar como no passado. E se nas altas instâncias decidirem atacar a sua integridade, ele deve poder defender-se.

– É essa a minha missão – espantou-se o chefe Sobek.

– É verdade, mas os próprios artesãos devem poder colaborar contigo em caso de necessidade.

O ferreiro fez estalar os dedos que, no dizer das crianças da aldeia, se assemelhavam a crocodilos e cheiravam pior do que os ovos de peixe.

– Quereis que eu, Obed, fabrique... armas?

– É essa a decisão do mestre-de-obras – precisou Kenhir.

– É ilegal! – protestou Sobek. – Só a administração mas pode dar e...

– O que é que a administração nos dá? Água envenenada! Na condição de responsável pelo bem-estar do Lugar de Verdade, considero indispensável reforçar a nossa autonomia em todos os campos.

O núbio reconheceu que Kenhir não deixava de ter razão. E visto que ele e o seu corpo de polícias deviam obediência ao escriba do Túmulo, a sua responsabilidade estava salvaguardada.

Quanto a Obed, considerou bastante interessante essa inesperada tarefa e alimentou o seu fogo de carvão de madeira e caroços de tâmara.

Com a segurança de mão de um profissional experimentado, deitou pó de carvão em vasos de cerâmica que se pareciam vagamente com um canino; graças a um pequeno orifício redondo, a chama da forja penetrava no interior, inflamava o pó e levava ao rubro o vaso que o ferreiro segurava com pinças de bronze, depois de lhe ter introduzido pedaços de metal que transformaria em punhais e espadas curtas.

– A fabricação começa de imediato – declarou.

Kenhir e Sobek saíram da forja.

– Não tendes com certeza a intenção de armar os artesãos, pois não? – inquietou-se o núbio.

– As armas serão contabilizadas pelo meu assistente e armazenadas na casa-forte – respondeu o escriba do Túmulo. – Eu e apenas eu procederei à sua distribuição se tal for necessário. E se for necessário, darei aos membros da confraria meios para se defenderem.

– Lembrais-vos que há um traidor entre vós e que dar-lhe uma arma o transformará inevitavelmente em assassino?

– Tenho excelente memória, Sobek, e estou consciente que o interesse geral implica certos riscos. Até nova ordem, apenas os teus homens estarão armados. E tu, não te estarás a esquecer que esse engolidor de sombra

poderia servir-se de qualquer ferramenta como se fosse uma arma?

– Condenaria a sua alma à destruição!

– Não te parece que já está condenada?

– Sou o mestre-de-obras do Lugar de Verdade, acompanhado de um artesão – declarou Néfer com calma. –

Baixa a tua lança, soldado, e conduz-nos ao general Mehi.

A serenidade do suspeito desconcertou o soldado. O colega observava com inquietação a envergadura de Paneb, que fazia passar de uma mão para a outra um enorme cacete. Trespasar o peito do que se afirmava mestre-de-obras parecia fácil, mas o colosso daria cabo deles.

– Vou chamar reforços... Vocês são culpados, tenho certeza!

– O que se passa, soldado? – perguntou Néfer em voz calma.

– Como se tu não soubesses!

– Envenenaram a água de uma cisterna – respondeu o colega a quem a atitude de Néfer tranquilizava. – Há já dois mortos e vários doentes. O general deu ordem para procurar todas as pessoas que beberam e deter os suspeitos.

– Conduz-nos até ele, tenho importantes informações a comunicar-lhe.

Subjugado pela força tranquila que emanava do mestre-de-obras, o soldado acedeu.

O vasto gabinete de Mehi estava cheio de oficiais e de escribas que pipilavam como pardais; uns faziam relatórios, outros pediam instruções.

Com o cacete, Paneb bateu nas lajes.

Todos se voltaram para os dois artesãos.

– Mestre-de-obras... Estais ileso! – exclamou Mehi. – Ia enviar um mensageiro à aldeia para saber se havíeis utilizado a água envenenada.

– Graças à perspicácia da Mulher Sábia, não temos nenhuma vítima a deplorar.

– Excelente notícia! Infelizmente, o mesmo não se passa aqui.

– O que aconteceu, general?

– Saí – ordenou Mehi aos oficiais e aos escribas -, e começai por restabelecer a calma. Anunciai que já não corremos qualquer perigo e que foram encontradas as causas deste drama.

Tranquilizado, o grupo abandonou o gabinete. Fingindo abatimento, Mehi deixou-se cair numa cadeira de alto espaldar.

– Sentai-vos, peço.

– Preferimos permanecer em pé, general.

– Que horrível vingança... Sem a vigilância de um médico militar, teria havido dezenas de mortos. Perdoai, tenho a garganta seca... Um pouco de aguardente de tâmaras?

– Não, obrigado.

Com as feições contraídas, Mehi bebeu um copo de um gole.

– Sucederam-se tantos acontecimentos trágicos que tenho dificuldade em pôr os meus pensamentos em ordem... Houve primeiro essa proibição vinda da capital em relação ao consumo de peixe no período de luto e depois a nova ordem do príncipe Amenmés em relação ao fornecimento de água à vossa aldeia.

– Tratam-se de intoleráveis violações da lei que se aplica no Lugar de Verdade – lembrou o mestre-de-obras.

– Eu sei, eu sei... Emiti imediatamente uma nota de protesto dirigida às autoridades provisórias e expliquei ao príncipe Amennés que nenhum racionamento de qualquer espécie podia ser imposto à vossa confraria sem ordem do Faraó. Mas o filho de Seti tem por vezes tendência para se considerar como o novo senhor do país...

– Devo confessar-vos, general, que retirámos peixe do nosso viveiro.

– Excelente iniciativa, Néfer; mais não haveis feito do que substituir-vos a uma categoria de auxiliares impedidos de trabalhar e ninguém, sobretudo eu, vos censurará por isso. Como administrador, apoiar-vos-ei sem reserva. No que diz respeito à água, não consegui impedir a confusão que hoje se verificou; ou voltamos ao normal a partir de amanhã ou demito-me e estabelecer-se-á um conflito entre Amenmés e os que pretendem manter o respeito pela Lei de Maet.

Colocando assim todo o seu peso na balança, Mehi provava à confraria que esta não tinha melhor aliado. E como manipulava o jovem e crédulo Amenmés, o general não corria qualquer risco de ser demitido das suas

funções.

– Sabeis a razão pela qual a água foi envenenada? – perguntou Néfer.

– Uma vingança de inaudita crueldade... O irmão de um dos líbios que tentaram introduzir-se na vossa aldeia trabalhava nas cavalariças. Quando soube que os seus cúmplices tinham sido detidos e severamente condenados, esse monstro roubou drogas na enfermaria e poluiu os odres destinados ao exército e ao Lugar de Verdade. Felizmente, um médico verificou o desaparecimento de vários frascos e deu imediatamente o alarme. Mas dois palafreiros, uma sentinela e um escriba da contabilidade já estavam a vomitar e vários soldados torciam-se com dores. Não conseguimos salvar todos.

Néfer estremeceu. Se a Mulher Sábia não tivesse pressentido o perigo, quantos aldeões teriam sucumbido?

– Como haveis identificado o culpado? – perguntou Paneb.

– Um oficial reparou na sua atitude estranha e teve a ideia de lhe revistar a cabana. Encontrou os frascos roubados. O miserável tentou fugir e os archeiros abateram-no. Graças aos colegas desse assassino, soubemos quem ele era e porque tinha agido assim. Tomei disposições para que a água e os alimentos sejam verificados todos os dias pelos serviços sanitários a fim de evitar que se repita um drama tão terrível.

Mehi omitiu explicar que fora a doce Serketa a colocar em casa do líbio as provas da sua culpabilidade, ou seja, os frascos que ela própria roubara na enfermaria, para evitar que um eventual inquérito se orientasse para o laboratório de

Daktair.

– Sem duvidar da qualidade dos vossos controlos – prometeu o mestre-de-obras – nós também verificaremos.

– Mais valem duas precauções do que uma só.

– Se as quantidades de água habituais não nos forem entregues amanhã de manhã, receio uma revolta dos artesãos.

O general Mehi levantou-se.

– Estou consciente da gravidade da situação e tudo farei para evitar o pior.

CAPÍTULO 8

De acordo com a tradição, a casa do mestre-de-obras era uma das duas mais bonitas da aldeia, juntamente com a do escriba do Túmulo. Tal como todas as manhãs, Néfer e Clara levantaram-se antes do amanhecer para fazerem as suas abluções e depois dirigiram-se ao templo a fim de celebrarem os rituais do renascimento da luz em nome do Faraó e da Rainha do Egípto.

O mestre-de-obras gostava de acender as lâmpadas que ele próprio fabricara; eram constituídas por taças de bronze cheias de óleo de rícino ou de azeite, colocadas sobre pequenas colunas papiriformes de madeira de acácia, fixas numa base de calcário em meia esfera. Sempre que a chama surgia, Néfer pensava no milagre que se realizava quotidianamente no Lugar de Verdade, onde os vivos tentavam comunicar com as forças divinas para oferecer a Maet um local de encarnação. Apesar dos seus defeitos e insuficiências, homens e mulheres tinham decidido reunir-se e consagrar a sua existência a uma obra que os ultrapassava.

Graças à Pedra de Luz, transmitida de mestre-de-obras em mestre-de-obras, era possível transmutar a matéria, viajar da pedra à estrela e da estrela à pedra.

As lâmpadas iluminavam os móveis que os artesãos tinham oferecido a Néfer o Silencioso quando o Faraó o confirmara na sua função de mestre-de-obras: uma cadeira de espaldar alto decorada com espirais, lótus, losangos e romãs enquadrando um sol, outra cadeira ornada com uma latada e cachos de uvas, um assento de dobrar com embutidos de marfim e ébano, mesas baixas rectangulares, aparadores, cofres de arrumação... Motivos para satisfazer qualquer notável e torná-lo orgulhoso do seu êxito.

Mas esta casa estava construída no coração de uma aldeia que não se assemelhava a nenhuma outra e o chefe da confraria tinha como única ambição transmitir os ensinamentos recebidos na morada do Ouro a fim de que templos e túmulos fossem edificadas de acordo com as leis da harmonia.

Néfer contemplou a esposa. Para se proteger dos ardores do sol, espalhava sobre a acetinada pele um unguento líquido e perfumado com flor de acácia contido num frasco de gargalo alto; depois, fez deslizar a tampa de um cofre de jóias e retirou dele dois brincos de jaspe vermelho decorados com três fios de ouro. Prendeu-os, olhando-se num espelho feito num disco solar de bronze que encimava uma coluna verde simbolizando a boa saúde e o desabrochar.

Néfer poisou docemente as mãos sobre os ombros de Clara.

– Quem poderia cantar a tua beleza?

Silencioso como o seu dono, Trigueiro saltou ao pescoço de Clara com delicadeza e lambeu-lhe ternamente a face; a longa cauda agitava-se com vigor para manifestar a sua alegria por receber carícias, tão importantes como um prato bem cheio. Quando o elegante cão negro regressou ao seu tapete, Clara abriu um cesto circular de onde retirou um colar floral composto por duas fiadas de pétalas de lótus enquadrando uma fiada de flores de mandrágora amarelas separadas por fitas vermelhas.

– Porque levas um colar tão frágil?

– É uma oferenda destinada à deusa do silêncio.

– Vais subir à colina para encontrar a cobra fêmea, não é verdade?

– Precisamos da sua ajuda, Néfer; apenas o seu poder mágico nos permitirá enfrentar os golpes da sorte e modificar o curso dos acontecimentos.

– De cada vez que a fazes sair do seu antro arriscas a vida.

– Não devemos correr todos os riscos para proteger a aldeia das infelicidades que a espreitam?

Néfer beijou a esposa no pescoço.

Revelada pelos primeiros raios do levante, a paisagem era esplêndida. Entre o ocre do deserto e o verde dos campos cultivados, a ruptura era brutal; no entanto, os dois mundos completavam-se mais do que se confrontavam e era a austeridade do primeiro que tornava tão calorosos os segundos, ritmados por bosquezinhos de palmeiras.

Clara subia a passo regular em direcção à colina do Ocidente, na qual ofereceria o colar e um ramo composto por flores de papiro e de papoula, folhas de convólulos e de mandrágoras. Esperava desta forma acalmar o furor da montanha sagrada, no topo da qual vivia uma gigantesca serpente. A Mulher Sábia que iniciara Clara na sua função de mãe da confraria recomendara-lhe que venerasse a deusa do silêncio a fim de que ela se tornasse

o seu guia e o seu olhar quando o futuro escurecesse.

A colina culminava a quatrocentos e cinquenta metros e o seu topo, em forma de pirâmide, situava-se no eixo dos Templos dos Milhões de Anos dispostos em leque em relação àquele derradeiro santuário que tocava o céu; quanto às Moradas de Eternidade do Vale dos Reis, estavam colocadas sob a protecção de a grande colina do Ocidente, filha da luz no seu nome de Maet.

Era lá no cimo que se revelava a mãe divina, senhora dos nascimentos e das transformações, regente dos seres que viviam em rectidão, socorredora dos que a veneravam, protectora para quem a trazia no seu coração; mas esta soberana misteriosa não suportava nem a mentira nem a ganância e o seu amor podia tomar a forma de um fogo temível.

Apenas a Mulher Sábia era capaz de franquear os limites do oratório onde vivia a cobra real, encarnação da deusa da colina; no corpo da serpente, tão frequentemente representada nas paredes dos túmulos reais, realizava-se a regeneração quotidiana do Sol. Era ela a vencedora do tempo e a que dava forma à ressurreição.

Tendo chegado ao cume, Clara depositou o ramo e o colar sobre um pequeno altar e salmodiou um hino à luz renascente que animava de novo todas as formas de vida.

Lentamente, a cobra fêmea saiu do seu antro e depois, com uma vivacidade surpreendente, ergueu-se em posição de ataque. Tal como ela, a Mulher Sábia balançava-se da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, sem rigidez nem brusquidão; nunca deixou de fixar os olhos do réptil, onde brilhava um fogo vermelho cuja agressividade se foi atenuando pouco a pouco.

Tranquilizada pela voz melodiosa da superiora das sacerdotisas de Hathor, a cobra da deusa imobilizou-se como se se transformasse em estátua de granito e ouviu as perguntas daquela que conseguira encantá-la.

A maior parte dos aldeões tinham dormido mal, dominados pela inquietação: a água potável de que tinham necessidade ser-lhes-ia entregue em quantidade suficiente? No entanto, como todas as manhãs, as mulheres tinham cumprido o seu dever de sacerdotisas de Hathor, depositando oferendas nos altares dos antepassados, cuja protecção se revelava mais indispensável do que nunca.

– As autoridades estão a brincar conosco – considerou Karo o Mal-humorado, talhador de pedra atarracado, de braços curtos e poderosos, nariz quebrado e espessas sobrancelhas. – Não nos vão fornecer água, nem pão, nem legumes!

– És demasiado pessimista – retorquiu Renupé o Jovial, escultor de grande barriga e cabeça de duende malicioso. – Graças a Paneb, já conseguimos peixe fresco.

– Não passou de um fogacho – afirmou Nakht o Poderoso, outro talhador de pedra com envergadura de atleta que caminhava batendo pesadamente com os pés no chão. – Ninguém lhe tinha pedido nada e só nos vai arranjar aborrecimentos.

– Senta-te no tamborete e não te mexas – ordenou-lhe Renupé, que servia de cabeleireiro e barbeiro.

– Os meus cabelos não estão compridos de mais! – protestou Nakht.

– Hoje é a tua vez. Não dês maus exemplos, se não a existência tornar-se-á impossível.

O Poderoso não quis contrariar o Jovial, que afiara a navalha num sílex e se mostrava de grande destreza. Com ele não havia o perigo de golpes e uma loção depois da barba acalmava as irritações da pele.

O grande arcaboço, um pouco mole, do desenhador Gau o Exacto, de nariz demasiado longo e rosto desagradável, aproximava-se dos seus camaradas da equipa da direita.

– Novidades? – perguntou com a sua voz rouca.

– Nenhuma – respondeu Karo. – Userhat o Leão foi ver à porta principal.

O chefe-escultor, de peitoral tão soberbo como o de uma grande fera, regressava para junto do pequeno grupo em companhia do talhador de pedra Casa o Cordame, de rosto quadrado iluminado por pequenos olhos castanhos.

– Nem um burro à vista – declarou o último.

– Não olhaste para ti – ironizou Renupé.

– Se não tivesses uma navalha na mão, fazia-te engolir isso!

– Acalma-te – recomendou Userhat -, e não comecemos a atacar-nos mutuamente.

Ainda ensonado, o desenhador Pai o Bom pão, de barriga proeminente e faces rechonchudas, saiu de casa em passo hesitante.

- A minha mulher pede-me água para a cozinha.
- Vai esperar, como as outras! – afirmou Casa, irritado.
- Não me digam que os burros não chegaram... Não me atrevo a voltar para casa!
- Se for preciso – prometeu Didia o Generoso, um carpinteiro de elevada estatura e gestos lentos -, ofereço-te asilo.

O ourives Tuti o Sábio, enfezado e frágil, mantinha-se em silêncio, tal como o desenhador Unesh o Chacal, ainda mais fechado do que o habitual.

Querendo esquecer as preocupações, o talhador de pedra Fened o Nariz, muito emagrecido desde o seu divórcio, e o escultor Ipui o Examinador, esguio e nervoso, jogavam aos dados.

- Não têm mais nada que fazer senão estar para aí a tagarelar? – interrogou o pintor Ched o Salvador.

O nariz recto, os lábios finos e o pequeno bigode muito bem cuidado davam-lhe um ar desdenhoso.

- O que propões? – insurgiu-se Caro o Mal-humorado.

– Da manutenção das nossas ferramentas às encomendas do exterior, trabalho é que não falta... E cada dia em que não aperfeiçoamos a profissão é um dia perdido.

- Quando o quotidiano não está garantido – afirmou Pai -, não há profissão possível!

- Onde foi agora Paneb? – inquietou-se Nakht.

- Ei-lo! – disse Casa o Cordame.

O colosso corria em direcção aos companheiros.

- Os burros estão a chegar! – anunciou. – São pelo menos uma centena.

Rapidamente alcançados pelos colegas da equipa da esquerda, os membros da da direita precipitaram-se para a porta do norte e saíram da aldeia.

Nunca os valentes jumentos lhes tinham parecido tão simpáticos, com o seu maravilhoso carregamento!

Karo o Mal-humorado apoderou-se de um odre.

- Estou a morrer de sede – confessou.

A mão do mestre-de-obras poisou sobre o pulso do escultor para o impedir de beber. – Esqueceste que essa água pode estar envenenada?

CAPÍTULO 9

– Temos de esperar pelo regresso da Mulher Sábia para que ela nos garanta a qualidade desta água – decidiu o mestre-de-obras.

– Onde foi ela? – perguntou Nakht o Poderoso.

– Subiu à colina.

– E se não voltar? – afligiu-se Fened o Nariz.

O mestre-de-obras voltou-se para a montanha sagrada.

– A luz é muito pura esta manhã; Clara terá sabido beber no silêncio as forças que nos são necessárias.

Os auxiliares descarregaram os quadrúpedes, aos quais foi oferecida forragem, e os odres foram acumulados junto da porta principal da aldeia.

Iniciou-se uma ansiosa espera. Alguns entretinham-se com ocupações mais ou menos irrisórias, outros olhavam o carreiro que a Mulher Sábia percorreria para regressar à aldeia.

Quando a intensidade do Sol do meio-dia tornou dolorosas as gargantas secas, o escriba do Túmulo mandou distribuir rações de água depois de as mulheres e as crianças terem recebido as suas. A esperança ia diminuindo e os pessimistas ficaram convencidos que nunca mais voltariam a ver a esposa do mestre-de-obras. Tal como a Mulher Sábia que a precedera, desvanecera-se na montanha, absorvida pela deusa.

– Bebe um pouco – recomendou Paneb ao mestre-de-obras.

– Ela volta – murmurou Néfer.

O colosso perscrutou a encosta.

Em vão.

– Bebe e vai descansar.

– Clara volta.

O olhar de água de Paneb permitiu-lhe distinguir uma silhueta que descia ao longo do carreiro pedregoso.

– Tens razão, Néfer... É ela, é mesmo ela!

A boa notícia propagou-se imediatamente e várias crianças, entre as quais o filho de Paneb, foram autorizadas a correr ao encontro da Mulher Sábia.

Resplandecente, Clara foi acolhida por gritos de alegria; a sua presença provava que a soberana da colina acedera à súplica da mãe da confraria e que continuaria a estender a sua protecção sobre a aldeia.

– A água foi entregue? – perguntou Clara.

– Sim – respondeu Néfer -, mas ninguém bebeu.

A Mulher Sábia abriu um odre e bebeu um gole antes do marido ter tempo de intervir.

– Clara, não devias...

– Não temos nada a recear.

A Mulher Sábia poisou a mão sobre cada um dos odres.

– Que esta água seja distribuída.

Em alguns minutos, a aldeia regressou à vida. Os seus habitantes podiam de novo beber, lavar-se e cozinhar.

– Mehi manobrou bem – considerou o escriba do Túmulo. – Conseguindo restabelecer esta distribuição vital, prestou-nos um grande serviço. Enquanto ele nos apoiar, sobreviveremos.

O príncipe Amenmés mudara muito. Ele, o amante de cavalos e de intermináveis passeios pelo deserto, tornara-se indolente, saboreando os prazeres inesgotáveis da existência tebana. Banquetes faustosos onde eram servidos vinhos inesquecíveis, deliciosos passeios pelo Nilo, banhos no lago da luxuosa mansão posta à sua disposição pelo general Mehi, ligações fugazes com jovens beldades pouco ariscas, sem esquecer um pequeno exército de cabeleireiras, manicuras e massagistas que faziam desaparecer qualquer dor... Que melhor podia desejar?

Mehi inclinou-se diante de Amenmés.

– Desejas ver-me, príncipe?

– Acabo de acordar, general! Desde que aqui estou não paro de engordar e perco energia... Este sonho, por muito encantador que seja, não pode durar mais! Tomei a decisão de regressar a Per-Ramsés.

– Sem informações precisas, correis grandes riscos.

– Apesar de tudo, Seti é meu pai!

– Espero enganar-me, príncipe, mas receio que a luta pelo poder apague os laços de família. Se regressardes à capital, que sorte vos estará reservada? Aqui, estais em segurança.

– Esta segurança sufoca-me! Estarei condenado a tornar-me um notável de Tebas que morrerá obeso nos braços de uma rapariga de prazer?

– O vosso futuro parece-me muito mais prometedor – disse Mehi sorrindo – desde que não cedeis à impaciência.

– A impaciência! Há quanto tempo estou eu enfeitiçado pela magia desta província? Enquanto saboreio os seus encantos, o meu pai prepara-se para tornar-se Faraó!

– É provável, mas Seti tem consciência que não poderá reinar sem Tebas. E sabe que a vossa estadia na cidade do deus Amon vos tornou aí popular e que tendes à vossa disposição forças armadas cuja reputação não precisa ser exaltada.

Amenmés ficou intrigado.

– Quais são as vossas conclusões, general?

– Que o vosso pai talvez tente negociar convosco a fim de vos associar ao trono; a sua principal preocupação não é evitar uma guerra civil?

A argumentação de Mehi abalou o príncipe mas não o convenceu.

– O meu pai não tem um carácter conciliador... Ordenar-me-á que lhe obedeça!

– Então, a derradeira decisão será vossa.

Ao cair da noite, Fened o Nariz, equipado com um longo cajado nodoso, guiou os artesãos da equipa da direita até ao local que lhe estava reservado, no limite da necrópole, no sopé da colina do Norte.

Gau o Exacto pediu a cada artesão que dissesse o seu nome antes de franquear o portal que dava acesso a um pequeno pátio a céu aberto onde fora instalada uma bacia de purificação de forma rectangular. Pai o Bom pão retirou dele água com uma taça e derramou-a sobre as mãos estendidas dos seus colegas, antes deles penetrarem na sala de reuniões cujo tecto, sustido por duas colunas, estava pintado de um amarelo-ocre.

Sentaram-se em bancos de pedra dispostos ao longo das paredes, depois do mestre-de-obras ter tomado lugar a oriente, no cadeirão de madeira que os seus predecessores tinham ocupado. Por trás dele, separado da sala por um murete, um santuário composto por um naos que abrigava uma estatueta da deusa Maet e por dois pequenos compartimentos laterais onde eram conservados objectos rituais.

Fora naquele espaço sagrado, apenas acessível ao mestre-de-obras, que Paneb vira brotar a luz da Pedra secreta da confraria, uma luz tão potente que atravessara as portas de madeira do naos.

Mas naquela noite o local de reunião encontrava-se iluminado apenas por lâmpadas.

Outro artesão estava desiludido com a ausência da Pedra: o que traía os seus irmãos e procurava às escondidas trocar aquele tesouro inestimável pela bela fortuna que os seus aliados tinham reunido para ele no exterior. É certo que o lugar estava fechado fora das assembleias, mas Néfer não cometera a imprudência de ali deixar a Pedra de Luz.

– Prestemos homenagem aos antepassados – disse ele. – Possam eles continuar a iluminar o nosso caminho e a guiar-nos pelo caminho da rectidão. Que o banco de pedra mais próximo de mim seja ocupado pela força criadora do meu antecessor, ressuscitado entre as estrelas e sempre presente entre nós.

O assento do defunto permaneceria vazio para sempre, porque todos os chefes de equipa do Lugar de Verdade permaneciam substituíveis.

– Ainda não sabemos quem, se Seti, se o seu filho Amenmés, governará em breve as Duas Terras – precisou Néfer – e que sorte reservará o novo Faraó à nossa confraria. É por isso que, sem esperar resposta a estas interrogações, desejava consultar-vos a fim de tomar decisões.

– Na minha opinião – declarou Renupé o Jovial – alguns afligem-se para nada; um Faraó não pode preparar a sua eternidade sem o trabalho do Lugar de Verdade. Quando o novo Rei for coroado, há-de pôr-nos a trabalhar.

– Ninguém tira o veneno à serpente nem ao homem mau – objectou Gau o Exacto. – Se o novo Rei nos for hostil, podemos rezear o pior.

– Com certeza! – reforçou Nakht o Poderoso. – E não é para se distrair que o ferreiro fabrica armas. Por mim, bater-me-ei até ao fim para defender a nossa liberdade!

– Somos artesãos, não soldados – lembrou Ipui o Examinador. – Se o exército decidir mandar evacuar a aldeia, será insensato resistir.

– Submeter-se seria uma imperdoável cobardia! – exaltou-se Paneb. – De que vale sobreviver se abandonamos tudo o que nos é querido e se nos comportamos como carneiros?

– Não insultes o teu irmão! – protestou Casa o Cordame.

– Basta – interveio o mestre-de-obras. – Esqueceis que falar é mais difícil do que qualquer outro trabalho e que não deveis manifestar-vos a não ser para apresentar soluções?

Paneb não conseguiu impedir-se de formular a pergunta que lhe queimava os lábios.

– A Pedra de Luz será deslocada e oculta fora da aldeia para evitar que caia nas mãos de eventuais agressores?

– Receias uma invasão iminente? – inquietou-se Didia o Generoso.

– A luta pelo poder será implacável... E arriscamo-nos a figurar entre as suas primeiras vítimas – adiantou Tuti o Sábio.

– Devem ser tomadas todas as precauções a fim de salvaguardar o nosso tesouro mais precioso – considerou Pai o Bom pão.

– Onde estará mais em segurança do que no interior deste recinto? – interrogou Ched o Salvador. – Se nos virem sair da aldeia com esse precioso fardo, não seremos espiados, até mesmo seguidos? É aqui e em nenhum outro lugar que é necessário dissimular a Pedra de tal forma que nenhum ladrão conseguirá descobri-la.

Iniciou-se uma discussão serena, mas a solução proposta pelo pintor acabou por recolher todos os sufrágios.

– Uma palavra perfeita está mais bem escondida do que uma pedra preciosa – concluiu o mestre-de-obras, citando uma máxima do Sábio Ptah-hotep. – Mas, no entanto, é encontrada junto das servas que trabalham na mó. Não esqueçamos os nossos deveres quotidianos, respeitemos a nossa regra de vida e salvaguardaremos os nossos tesouros.

CAPÍTULO 10

Kenhir estava a ter um sonho delicioso. O deserto tinha desaparecido, as árvores floresciam, as casas brancas da aldeia brilhavam sob um cálido sol e o velho escriba não tinha nenhum incidente a inscrever no Diário do Túmulo.

– Acordai, estão à vossa procura!

Aquela voz autoritária e acidulada... Não era a da sua criada Niut a Vigorosa? O sonho quebrou-se e Kenhir abriu os olhos.

– Tu outra vez... Mas que horas são?

– Horas de levantar e ir imediatamente para a grande porta onde a vossa presença é requerida.

– Já não tenho idade para me apressar.

– Eu digo-vos o que me pediram para vos dizer; agora, tenho a casa para arrumar.

Ante a ideia da ronda infernal das vassouras, Kenhir preferiu levantar-se. E a realidade saltou-lhe aos olhos: se pediam a sua comparência na grande porta é porque uma nova catástrofe acabava de ocorrer!

Com as pernas rígidas e as ancas dolorosas, o escriba do Túmulo trotou pela rua principal e, ao sair da aldeia, esbarrou com o oleiro Beken, o chefe dos auxiliares. Conhecido pela sua dissimulação, o barbudo estava com um ar aflito.

– A água não foi entregue? – perguntou Kenhir.

– Foi, foi... Mas esperávamos legumes e não há um único! Segundo os condutores dos burros, o exército requisitou todos os jardineiros da margem oeste, incluindo os que trabalhavam para o Lugar de Verdade. Murmura-se que o príncipe Amenmés está decidido a combater o pai.

Kenhir dirigiu-se para o quinto fortim onde o chefe Sobek dava instruções a uma dezena de polícias. O tom era seco e a palavra nervosa.

– Para os vossos postos, imediatamente! – exigiu o núbio.

Sobek tinha os olhos vermelhos de um homem privado de sono.

– Têm algum fundamento os rumores de guerra civil? – perguntou-lhe Kenhir.

– Não sei nada, mas a requisição dos vossos jardineiros não é bom sinal. Assemelha-se a uma mobilização geral.

– Então em breve isso estender-se-á a ti e aos teus homens...

– Não recebo ordens senão do escriba do Túmulo e do mestre-de-obras do Lugar de Verdade.

– Essa atitude pode trazer-te graves aborrecimentos.

– Mesmo que isso aconteça, cumprirei a minha missão.

– Se Amenmés se proclamar Faraó e decidir apoderar-se da aldeia, não serás obrigado a entregar as armas?

– Reflecti longamente nesse problema – confessou Sobeke -, e adoptei um princípio: permanecer fiel à palavra dada. Sou pago para defender esta aldeia contra os seus inimigos, sejam eles quais forem, e honrarei portanto o meu contrato. E prometo-vos que nenhum dos meus homens desobedecerá.

De acordo com a vontade da deusa da colina, os habitantes do Lugar de Verdade tinham abandonado as tarefas quotidianas para se consagrarem durante um dia inteiro aos seus deveres sagrados. Não recorriam aos serviços de um ritualista do exterior visto que de acordo com os estatutos da confraria, os artesãos eram também sacerdotes sob a autoridade do mestre-de-obras e as mulheres sacerdotisas de Hathor tendo como superiora a Mulher Sábia. Estavam todos purificados, ungidos com mirra, envergando trajes de linho de qualidade real e calçados com sandálias brancas. Dirigiam-se em procissão para o templo de Maet e de Hathor com os braços carregados de oferendas: pães com múltiplas formas, jarras de leite, cerveja e vinho, espelhos, potes com unguentos, simulacros de madeira representando coxas de touro, antílopes ou patos. Era o conjunto das maravilhas da criação e dos alimentos que davam a energia que seria assim apresentada ao grande Deus nascido de si mesmo, capaz de se manifestar sob milhões de formas sem nada perder da sua unidade, ele que criava a cada instante o céu, a terra, a água e as montanhas e que dava vida aos humanos.

Depois das oferendas terem sido depositadas sobre os altares, a Mulher Sábia e o mestre-de-obras, agindo em nome do casal real que governava o Egito desde a primeira dinastia, elevaram uma figurinha da deusa Maet para a própria Maet a fim de que o dom fosse total, que o semelhante se unisse ao seu semelhante e que a

unidade se concretizasse sem abolir a multiplicidade e a diversidade, visto que Maet, por si só, simbolizava a totalidade das oferendas.

– Enquanto o céu estiver apoiado sobre os seus quatro suportes e a terra estável sobre os seus alicerces – proclamou o mestre-de-obras – enquanto o Sol brilhar de dia e a Lua luzir de noite, enquanto Orion for a manifestação de Osíris e Sothis a soberana das estrelas, enquanto a inundação vier na sua hora e a terra fizer crescer as suas plantas, enquanto o vento do norte soprar no momento certo e a chama purificar o que deve ser purificado, enquanto os decanos desempenharem as suas funções e as estrelas permanecerem no seu lugar, este templo será estável como o céu.

– Possa esta morada celeste acolher a dama do ouro, da prata e das pedras preciosas – implorou a Mulher Sábia. – Que ela preserve a nossa alegria e a nossa coerência face à adversidade.

Durante toda a cerimónia, o traidor só pensara na Pedra de Luz e pusera em causa as hipóteses por si formuladas segundo as quais o mestre-de-obras a escondera ou no templo principal da aldeia ou no local da confraria. Durante muito tempo, elaborara planos para se introduzir lá e o fracasso do comando líbio não abalara a sua determinação.

Mas não estaria a enganar-se no alvo? Néfer e a Mulher Sábia sabiam que um engolidor de sombras rondava em busca da sua presa e tinham forçosamente preparado ciladas.

Não consistiria a mais eficaz em fazer crer ao ladrão que a Pedra de Luz só estaria em segurança num dos lugares sagrados da aldeia?

Era sem dúvida mais hábil escolher um esconderijo aparentemente mais exposto, talvez mesmo de tal forma visível que ninguém lhe prestaria atenção. E não se teria Néfer o Silencioso traído evocando a palavra perfeita, mais oculta que uma pedra preciosa, mas que no entanto se encontrava junto das servas que trabalhavam na mó?

A pedra da mó, indispensável para moer os cereais utilizados no fabrico do pão e da cerveja, não era uma pedra banal. Tratava-se de um dolerito, uma pedra de cor castanha-esverdeada de excepcional dureza. Era ela, igualmente, que substituía o coração de carne do viajante do Além; assim equipado com um coração indestrutível podia enfrentar o tribunal do outro mundo e os seus perigos.

Uma mó na zona dos auxiliares, várias na aldeia... E se uma delas servisse para dissimular a Pedra de Luz, um dolerito magicamente animado pelos rituais e dotado de uma energia especial?

Depois de durante tanto tempo ter seguido uma pista errada, o traidor ia finalmente enveredar pelo caminho que conduzia ao tesouro.

– De quem fazeis troça? – insurgiu-se Uabet a Pura. – Julgais que vamos aceitar roupas semi lavadas e panos nos quais subsistem nódoas?

Os lavadeiros baixaram a cabeça. Um deles tentou no entanto lutar contra a mulherzinha encolerizada.

– Fazemos o que podemos... O nosso trabalho é esgotante e difícil e somos mal pagos!

– Tendo em vista o resultado, o que lhes é pago ainda é demais!

Apenas homens estavam ligados àquela tarefa ingrata sobre a qual Uabet, a esposa de Paneb, estava encarregada de velar. Como a higiene era a base da saúde, não tolerava qualquer descuido.

– Não tendes o direito de nos tratar assim... Podíamos parar de trabalhar!

– Se isso os tenta, não hesitem mais: serão todos despedidos e substituídos já amanhã. Não terei qualquer dificuldade em encontrar lavadeiros melhores.

A jovem mulher fez menção de regressar à aldeia.

– Esperai, estamos de acordo em melhorarmos os nossos métodos!

– Hoje não recebem salário. E não recomecem a portar-se de forma tão deplorável ou não terei qualquer indulgência.

Com a cabeça ainda mais baixa, os lavadeiros voltaram para o canal com a firme intenção de corrigir os seus erros e vencer o atraso, porque Uabet a Pura não brincava. Para manter um lugar penoso mas invejado, mais valia atraírem as suas boas graças.

Fossem quais fossem os boatos, o Lugar de Verdade continuava a existir e as suas exigências continuavam a ser idênticas.

– Esta cerimónia impressionou-me muito – confessou Paneb o Ardente ao mestre-de-obras, seu pai adoptivo. – Ainda não tinha compreendido a importância vital da oferenda. De repente, pareceu-me que o templo nascia,

que os seus hieróglifos se animavam e que as suas pedras se tingiam de ouro.

– Realmente, és um excelente observador.

– Não estava só eu em causa durante este ritual... Estávamos todos reunidos, com um único coração, e não pensávamos em nós próprios mas naquela harmonia secreta da qual somos servidores.

Néfer o Silencioso não acalmou o entusiasmo de Paneb, que esquecia a presença de um traidor, porque tinha coisa melhor a propor-lhe.

– Trabalhaste muito, foram-te revelados muitos dos segredos da profissão e foste autorizado a pintar num túmulo real... Chegou a hora de realizares a tua obra-prima, se é essa a tua vontade.

Paneb entusiasmou-se.

– Acaso supunhas o contrário? Diz-me como devo agir!

– Não é assim tão simples... Vais ter de tomar tempo de reflexão para escolheres o tema e não cometeres qualquer erro na sua execução.

– Já tenho cem idéias!

– Noventa e nove a mais! E não esqueças o essencial.

– Não me faças desesperar!

– O essencial, é a matéria-primordial. Enquanto não a tiveres identificado, a obra-prima permanecerá afastada tanto do teu espírito como da tua mão.

– Devo sair da aldeia para a descobrir?

– Faz o que quiseres, Paneb.

– Não me vais dar nenhuma indicação?

– Há já tanto tempo que passei essa prova... A minha memória falha.

Se Néfer não fosse o mestre-de-obras, Paneb de boa vontade o teria sacudido para o obrigar a falar.

– Os lavadeiros tentaram levar-nos – confessou Uabet ao marido que acabava de se estender sobre a cama - , mas impus a ordem.

Paneb permaneceu silencioso.

– Estás doente?

– Já ouviste falar da matéria-primordial, Uabet?

A jovem sorriu.

– Ah... O mestre-de-obras pediu-te que preparasses a tua obra-prima.

Paneb deu um salto e agarrou-a pelos ombros.

– Então, tu sabes!

– Não passo de uma simples sacerdotisa da deusa Hathor, mas quero que triunfes.

CAPÍTULO 11

A Mulher Sábia verificara a qualidade da água e Fened o Nariz a dos peixes, enquanto Kenhir constatava ao mesmo tempo a ausência de legumes e a do chefe dos auxiliares.

– Onde se meteu o Beken? – perguntou ao ferreiro.

– Ainda ninguém o viu esta manhã... Deve ter ficado na cama até mais tarde.

– Esse fulano vai ter que me ouvir! Não é a mim que compete substituí-lo. Imuni!

O escriba-assistente correu.

– Prepara uma tabuinha nova. Vou ditar-te um relatório sobre o comportamento de Beken, que vou despedir imediatamente.

Imuni ia agarrar no pincel quando o ferreiro distinguiu uma nuvem de pó na pista.

– Aproxima-se alguém e traz burros. Visto que Sobek o deixou passar é porque não há perigo.

Os escribas e os auxiliares não tardaram a identificar Beken o oleiro, à cabeça de um cortejo de burros transportando pesados cestos.

– De onde vens tu? – perguntou-Lhe Kenhir, espantado.

– O Lugar de Verdade sempre me tratou bem e não tenho qualquer desejo de mudar de profissão. Portanto, entendi-me com alguns proprietários de quintalecos para que nada vos falte até que se restabeleça uma situação normal.

Nos cestos, saladas, cebolas, alhos-porros, lentilhas, funchos, alhos, couves, salsa e cominhos.

– No fundo – resmungou o escriba do Túmulo – és o chefe dos auxiliares e não fizeste mais do que o teu trabalho. Para mais, tens sorte: concordo em esquecer as tuas faltas de disciplina e anulo a tua carta de despedimento.

A ruiva Turquesa era a mais sensual das mulheres da aldeia. No entanto, fizera voto de celibato e nem mesmo o seu feroso amante Paneb conseguira convencê-la a casar com ele. Mulher livre e sacerdotisa de Hathor, escolhera a sua maneira de viver e decidia ela própria o seu destino.

Fazer amor com o Ardente continuava a ser um prazer incomparável, mas ele passava sempre a noite em casa da esposa Uabet a Pura, que se tornara amiga de Turquesa. Entre esta e o colosso reinava apenas a paixão que não era acompanhada nem pelo quotidiano nem pelo hábito. E quando Paneb entrou em sua casa, que ele próprio pintara, Turquesa sentiu deliciosos calafrios percorrerem-lhe a pele.

– Trouxe-te um presente.

Paneb entregou à amante um cinto formado por cipreias, moluscos elogiados pelo seu poder erótico. Turquesa sorriu. – Achas que precisamos?

– Gostava de te ver usar este cinto... como única indumentária.

Aos trinta e cinco anos, Turquesa era magnífica. Sabia que muitos olhares se detinham sobre o seu corpo esplêndido, mas quem teria ousado fazer concorrência a Paneb? Sem deixar de fitar o amante, tirou o vestido muito lentamente e depois, com uma elegância soberana, colocou o cinto de conchas, em torno dos rins. Nua, deu uma reviravolta sobre si mesma.

– Já te tinha dito que o tempo não conseguiria alterar a tua beleza e que tornaria a tua magia mais fascinante... Não me enganei.

A mão direita de Turquesa apoiou-se sobre uma lira, ao mesmo tempo que erguia a perna esquerda com a graça de uma bailarina para poisar o pé no ombro de Paneb.

– Vais contentar-te durante muito tempo com discursos?

Saciados, repousavam lado a lado.

– Aproxima-se a hora do jantar... A tua mulher e o teu filho esperam-te.

– Gostaria de ficar.

– Completamente impossível. Se não cumprires os teus deveres de marido e pai, fechar-te-ei a minha porta.

Paneb não ignorou o aviso.

– Na hierarquia das sacerdotisas de Hathor, ocupas uma posição superior à de Uabet a Pura.

– Isso que te importa?

– Ela pretende ignorar o que é a matéria-primordial.

– Pediram-te então que realizasses uma obra-prima...

Paneb apoiou-se num cotovelo para contemplar a amante.

– Tu também sabes!

– A prova é terrível, muito poucos artesãos conseguiram ultrapassá-la. Não seria preferível renunciarestes em vez de te expores a um doloroso fracasso?

O colosso atraiu Turquesa a si.

– Revela-me a natureza da matéria-primordial.

– O caminho das sacerdotisas de Hathor não é o dos artesãos.

– Recusas-te a responder!

– Como poderei dizer-te o que ignoro?

No local de reunião a atmosfera estava tensa. Depois de ter invocado os antepassados, o mestre-de-obras fez o ponto da situação.

– Dispostemos provavelmente dos alimentos essenciais durante vários dias e, espero, até à coroação do novo Faraó, seja ele quem for. Senhor supremo da confraria, o Rei decidirá a nossa sorte.

– Deveremos aceitá-la, mesmo se nos for desfavorável? insurgiu-se Karo o Mal-humorado.

– Sabes bem que sim! – retorquiu secamente Casa o Cordame.

– E se houvesse dois faraós? – perguntou Tuti o Sábio. – A qual dos dois deveríamos obedecer?

– Somos a tripulação de um barco cujo leme é Maet – lembrou Gau o Exacto. – Se a anarquia reina lá fora, é o papel do mestre-de-obras manter a harmonia no Lugar de Verdade.

– Talvez não lhe deixem tempo para isso – avançou Unesh o Chacal.

– Preocupemo-nos com o presente – exigiu Néfer. – Se entrarmos num longo período de incerteza, podemos sentir a falta de alguns objectos domésticos. A sabedoria consiste portanto em fabricá-los nós mesmos, a fim de sermos auto-suficientes tanto tempo quanto for necessário.

– Utilizemos a tamargueira – propôs Didia o Generoso. – Afasta as forças do mal e foi com um pau de tamargueira que Hórus expulsou os seus inimigos.

– Preciso de voluntários para cortar essa madeira e arranjar a quantidade suficiente.

– Porque não é essa tarefa confiada aos auxiliares? – espantou-se Userhat o Leão.

– Porque alguns deles, como os jardineiros, foram requisitados; os cortadores de madeira que trabalham para a aldeia não devem tardar a sê-lo também; além disso, seriam demasiado lentos.

– Eu vou – declarou Paneb.

– Como carpinteiro – considerou Didia – devo acompanhá-lo.

– Três não serão de mais – acrescentou Renupé o Jovial.

– Para ser franco – disse o chefe Sobek ao mestre-de-obras, acompanhado dos três voluntários – não sou absolutamente nada favorável a essa iniciativa. Insisto que nenhum artesão saia da aldeia até nova ordem, porque tem a ver com a segurança de todos.

– Compreendo o teu ponto de vista – concedeu Néfer -, mas considero a nossa tarefa prioritária.

– Poderia ser perigoso.

– Dá-nos armas – sugeriu Paneb.

– Seria ainda mais perigoso – considerou o núbio.

– Tenho a impressão que não tens confiança em nós.

– Se estiverem armados e se esbarrarem com uma patrulha hostil, o que acontecerá?

– Então manda-nos escoltar pelos teus polícias! – propôs Renupé.

– Seria a melhor forma de chamar a atenção para vós – retorquiu Sobek. – Se insistem, mais vale passarem por simples camponeses.

– Vamos a isso – exclamou Paneb, impaciente. – Já discutimos o suficiente. E se tivermos necessidade de nos defendermos, os nossos machados de lenhadores bastarão.

– Sede muito prudentes – recomendou o núbio.

Didia conhecia um bosque de tamargueiras a três quartos de hora da aldeia, se andassem depressa. As raízes dessas árvores de casca castanha-avermelhada iam buscar água até trinta metros de profundidade e espalhavam-se por mais de cinquenta metros; as tamargueiras, que davam uma sombra agradável e serviam de

pára-vento na orla dos campos cultivados, desenvolviam-se depressa, frequentemente enredadas umas nas outras.

Foi Paneb que escolheu a primeira árvore a cortar.

– Bem-visto – considerou Didia. – Esta começava a impedir o crescimento das outras.

O jovem colosso pôs-se ao trabalho com vigor e os dois companheiros não conseguiram seguir-lhe o ritmo. Renupé o Jovial não tardou a matar a sede graças ao odre de água fresca que não se esqueceram de trazer e solicitou uma pausa que Paneb recusou.

– Vamos a despachar, Renupé; arranijemos o mais depressa possível a quantidade de madeira necessária e regressemos.

A escolha da segunda tamargueira era mais difícil mas Paneb, para espanto do carpinteiro, não cometeu qualquer erro. Renupé revelou maior entusiasmo e em breve os cestos ficaram cheios.

– Já temos o bastante para fabricar as escudelas e as colheres utilizadas pelas donas de casa – considerou Didia. – Seja qual for a tarefa a cumprir, o essencial não é a matéria-primordial?

Paneb olhou os cestos de tamargueira com outros olhos.

Ordenada pelo mestre-de-obras, esta expedição ao mundo exterior não teria como finalidade fazê-lo descobrir que aquele modesto material possuía um valor inestimável?

Era inútil interrogar o carpinteiro, visto que este o colocara no bom caminho; mas de que forma poderia um pintor utilizar a tamargueira como matéria-primordial?

– Temos visitas – preveniu Renupé o Jovial.

Pelo caminho que conduzia ao bosque de tamargueiras avançava uma dezena de soldados comandados por um oficial com cara de bruto.

CAPÍTULO 12

– O que fazem aqui? – perguntou o oficial.

Renupé o Jovial exibiu um amplo sorriso.

– Estamos a cortar alguma madeira... Apenas ramos velhos, cuja supressão permitirá que as árvores jovens se desenvolvam.

– Pagaram a taxa?

– Ignorávamos que havia uma taxa... Esta madeira não pertence a toda a gente?

– Enganas-te, camponês. Eu instaurei uma taxa para proteger a população dos ladrões. Nestes tempos conturbados, as minhas patrulhas são indispensáveis mas não gratuitas.

Paneb afastou Renupé.

– O administrador da margem oeste foi informado das tuas iniciativas?

O oficial tornou-se agressivo.

– Queres fazer-me crer que o conheces? Ele não se dá com miseráveis como tu!

– Mesmo assim, desconfia... Como ele me honra com a sua amizade, eu poderia contar-lhe que há militares que praticam extorsão sobre os pobres.

O oficial tirou o punhal da bainha.

– Não nos enervemos! – recomendou Renupé. – Não nos vamos bater por meia dúzia de troncos! A quanto monta essa taxa?

– Demasiado cara para ti, camponês! Vão ter que pagar-ma em dias de trabalho.

– Previno-vos – anunciou Paneb em voz quase calma – que vocês nem são suficientemente numerosos nem suficientemente corajosos. No vosso lugar, seguia o meu caminho.

O oficial troçou.

– Quando não se está armado, não se levanta o tom da voz, piolhoso!

– Devíeis dar ouvidos ao meu amigo – interveio Didia, bonacheirão. – Se ele se zangar, vocês não saem incólumes deste bosque de tamargueiras.

A envergadura do colosso impressionava o militar, mas este não o julgava capaz de vencer o seu grupo.

– Se calhar está protegido pelos deuses, não?

Um enorme gato malhado de preto, branco e fulvo saltou de um ramo para aterrar entre Paneb e o oficial. Com os pêlos do lombo eriçados, rugiu mostrando os dentes, com o olhar fixo no oficial.

– Malvado animal, vou-te cortar o pescoço!

Um soldado interpôs-se.

– Não faça isso, chefe! Não é um gato vulgar... Deve ser aquele que se arma com uma faca para cortar a cabeça da serpente das trevas e dos seus aliados.

– Sim, é ele – confirmou outro soldado. – Só pode ser o temível felino no qual o Sol encarna! E protege esse colosso... Vamos embora, chefe, senão vai-nos acontecer alguma desgraça!

Sem esperarem ordens, os soldados fugiram.

O príncipe Amenmés pensara em decretar a mobilização geral antes de renunciar a fazê-lo e depois encarar de novo a hipótese.

Tanta indecisão enraivecia Mehi, mas o general não deixava transparecer nada dos seus sentimentos e encorajava mesmo o príncipe a amadurecer uma decisão cujas consequências poderiam ser dramáticas.

Enquanto Amenmés se afogava nas suas indecisões, Mehi escrevia a Seti que se esforçava ao máximo para acalmar os ardores guerreiros do filho, com a firme intenção de preservar a paz civil.

Um dos seus secretários interrompeu-o para lhe apresentar um relatório sobre a produção agrícola da província tebana.

– É excelente – anunciou o funcionário – mas tenho uma triste notícia a dar-vos: o governador de Tebas morreu.

– Lamentá-lo-emos – deplorou Mehi, encantado com o desaparecimento daquele velho canalha que sabia demasiado a seu respeito mas que tivera a prudência de nunca se opor à sua ascensão.

Eis uma morte de que a minha terna esposa não será responsável, pensou o general, consultando

imediatamente uma lista de dignitários de entre os quais escolheu o mais estúpido e o mais dócil para suceder ao defunto. Incapaz de compreender fosse o que fosse de gestão, o novo governador recorreria a Mehi que continuaria assim a reinar tanto sobre a cidade como sobre a região sem sair da sombra.

Deixando na sua esteira um estonteante aroma de açucenas, Serketa bamboleou-se até chegar ao gabinete do marido.

– O que achas do meu novo vestido verde com franjas prateadas?

– Soberbo!

– Aborrecia-me sem ti...

Requebrando-se, sentou-se-lhe nos joelhos.

– O príncipezinho já se decidiu por fim a abrir as hostilidades?

– Ainda não, minha doçura. E só recebo instruções banais, como se ninguém detivesse realmente o poder na capital. Parece que Seti não ousa apoderar-se dele!

– O período de luto termina amanhã... Haverá inevitavelmente novidades e sei que estás pronto para fazer face a qualquer situação.

– Que animal é este? – espantou-se o chefe Sobek vendo um enorme felino empoleirado no ombro de Paneb, pesadamente carregado tal como os seus dois companheiros.

– O gato do Sol, segundo conhecedores.

– Isto, um gato? Teria antes pensado num lince!

– Visto que ele me protege, adopto-o.

Como o núbio se aproximava demasiado do colosso, o animal bufou e tentou arranhá-lo com uma patada enraivecida.

– Encantador carácter! Que nome lhe vais dar?

– Bem... porque não Encantador?

Sobek encolheu os ombros.

– Houve aborrecimentos?

– Nenhum, graças a Encantador.

Paneb, Didia e Renupé apresentaram-se ao escriba do Túmulo, que anotou a quantidade de madeira depois de ter pesado os sacos na balança na qual só ele tinha o direito de tocar; em seguida, confiou a Didia a tarefa de trabalhar a tamargueira em companhia de dois outros artesãos da equipa da direita que designaria.

– Fico com os meus dois companheiros de viagem – decidi -, e vamos imediatamente para a oficina. Este pequeno trabalho vai desentorpecer-nos os dedos.

Ao sair do gabinete de Kenhir, um obstáculo previsível impediu Paneb de avançar.

Com a cauda levantada e rígida, arqueado sobre as patas e pronto a saltar, de olhar ameaçador e beiços arreganhados para mostrar os caninos, Trigueiro fixava o gato com a firme intenção de não o deixar penetrar na aldeia. Como macho dominante, reinava sobre a fauna doméstica e não aceitava qualquer um.

Paneb e Trigueiro eram bons amigos e o cão não se lançara sobre o intruso, mas era necessário encetar de imediato negociações.

– Ouve, Trigueiro, este felino defendeu-me contra sinistros imbecis. Salvando-lhes a vida, evitou-nos sérios aborrecimentos. De acordo que é um gato e continuará a ser sempre independente, mas proibi-lo-ei de invadir os teus domínios e ele não afectará em nada a tua autoridade.

O cão estendera a orelha e, de acordo com o fulgor que brilhava nos seus olhos, percebera perfeitamente a mensagem.

– Quanto a ti, Encantador, não te armes em orgulhoso e aprende a fazer com que te aceitem. Nesta aldeia, todos se respeitam uns aos outros e respeita-se a hierarquia; na tua esfera, o senhor é o Trigueiro.

Paneb poisou no chão o gato que não devia pesar menos de doze quilos.

O cão rosou, Encantador bufou com as garras de fora, eriçado como um porco-espinho. Trigueiro não estava habituado àquele género de monstro, mas não recuaria.

– Nada de lutas aqui! – ordenou o colosso. – E compete ao recém-chegado comportar-se como um convidado de qualidade.

Paneb fixou o olhar no do felino, que compreendeu as exigências do homem com o qual decidira coabitar.

Aceitou portanto recolher as garras, adoptando a posição da esfinge, que Trigueiro também adoptou durante alguns instantes antes de se levantar e traçar um círculo em redor do gato, que farejou de bastante longe.

Quando Encantador se levantou por sua vez a fim de se esfregar de encontro à perna de Paneb, o cão contentou-se em segui-los, com desconfiança mas sem animosidade.

A aldeia contava com mais um habitante.

Até que enfim, um princípio de manhã calmo... Kenhir pudera terminar o seu sonho sem ser importunado pela criada. Abandonou lentamente o leito, fez as abluções ao seu ritmo e saboreou o pequeno-almoço relendo poemas de antigamente.

De repente, aquela serenidade demasiado bela estilhaçou-se.

– O vosso gabinete precisa de uma limpeza profunda – declarou Niut a Vigorosa com aquela impertinência que punha o escriba do Túmulo fora de si.

– Nem penses – resmungou.

– Tenho uma utilização do tempo a respeitar – lembrou a criada -, e não admito deixar um único compartimento desta casa dominado pela poeira.

– Quem é aqui o patrão?

– A verdade – respondeu Niut. – E a verdade de uma casa é a limpeza.

Vencido pelo argumento, Kenhir contentou-se em acumular numa prateleira alguns rolos de papiros que escapariam ao furacão e manter consigo a parte do Diário do Túmulo em curso.

E viu Niut a Vigorosa penetrar nos seus domínios com um arsenal de vassouras, escovas e panos.

– Vinde depressa – chamou a voz imperiosa de Userhat o Leão. – O carteiro quer ver-vos!

Kenhir saiu à pressa de casa e dirigiu-se para a porta principal, seguido por numerosos artesãos.

– Preveniste o mestre-de-obras? – perguntou ao chefe dos escultores.

– Ele precede-nos.

Na presença de Néfer o Silencioso, o carteiro Uputi entregou ao escriba do Túmulo um decreto real proveniente da capital.

As mãos de Uputi tremiam.

– Espero que este texto não contenha nada de desagradável para vós – confessou a Kenhir.

– Reunamo-nos em frente do templo de Maet e de Hathor – pediu o mestre-de-obras.

Quando o silêncio se tornou perfeito, Néfer pediu ao escriba do Túmulo que lesse o texto oficial. Proclamava a coroação de Seti, segundo do seu nome, tornado Rei do Alto e Baixo Egipto e novo senhor supremo do Lugar de Verdade.

CAPÍTULO 13

Aos cinquenta e cinco anos, o Faraó Seti II era um homem robusto e autoritário, capaz de dirigir as forças armadas com pulso e de se fazer obedecer pelos altos funcionários. Escolhendo dedicar o seu reinado ao temível deus Seth, o senhor da tempestade e das perturbações cósmicas, esperava dar-lhe um impulso decisivo, à imagem do grande Seti I, o pai de Ramsés.

Mas o filho de Seti II apenas se chamava Amenmés e não se encontrava junto dele para o aclamar quando da coroação e para assim o reconhecer como soberano legítimo.

Nascido de pai sírio e de mãe egípcia, o untuoso chanceler Bai inclinou-se diante dele.

– Trazes-me finalmente uma carta de Amenmés?

– Infelizmente não, Majestade, mas as notícias que consegui obter não são más. Segundo os rumores que me parecem fundamentados, o homem forte de Tebas é o general Mehi e as suas tropas são-vos fiéis.

Pequeno, magro, nervoso, com uns olhos negros muito móveis, o queixo ornado de uma barbicha, o chanceler Bai conseguira afastar os outros cortesãos para se tornar o conselheiro privilegiado do novo Faraó, que estava reconhecido por ele ter morto no ovo as conspirações e aniquilado os clãs perigosos.

O único rival do chanceler era a rainha Tausert, uma deslumbrante mulher morena com rosto de deusa que acabava de entrar no gabinete do monarca; a segunda esposa de Seti, trinta anos esplêndidos, tinha tanto carácter como o marido. Desagradar-lhe era cair em desgraça; por isso, Bai nunca se opunha às suas opiniões, por muito em desacordo que estivesse com ela.

– Sei que o general Mehi fará tudo para evitar uma guerra civil – disse o Rei -, mas Amenmés é capaz de o afastar para se pôr à cabeça das tropas tebanas.

– Nesse caso – considerou a Rainha – tornar-se-ia um rebelde e deveria ser combatido com toda a energia e sem piedade.

– Amenmés é meu filho, não teu.

– Pouco importa, Seti; ninguém pode ultrajar a dignidade do Estado sem ser castigado. Caso contrário, é a porta aberta à anarquia e a desgraça para todos.

– Como não aprovar a Rainha? – murmurou Bai. – Sois o soberano tanto do Egipto do Norte como do do Sul e deveis manter a unidade do país.

– Se Tebas fizer secessão – insistiu Tausert – será necessário intervir no mais breve espaço de tempo e com o mais extremo rigor. O reinado de um Faraó não pode dispensar a protecção do deus Amon. E deves fazer escavar a tua Morada de Eternidade no Vale dos Reis e mandar construir o teu Templo dos Milhões de Anos na margem oeste de Tebas, sem falar da tua necessária contribuição para o embelezamento de Karnak.

– Fizeste um relatório sobre o Lugar de Verdade? – perguntou Seti ao chanceler Bai.

– Com certeza, Majestade. O seu mestre-de-obras, Néfer o Silencioso, goza de excelente reputação e as obras que realizou não têm qualquer defeito. Nenhum artesão apresentou queixa contra ele e não vejo portanto qualquer razão para ser substituído. Diz-se que esta confraria não é muito maleável e que é preferível não a contrariar.

– O Faraó não é o senhor supremo? – espantou-se a Rainha.

– É um facto, Majestade, é um facto, mas diz-se também que esses artesãos detêm grandes segredos, como a fabricação de um ouro alquímico, e que um Rei deve obter a sua confiança para beneficiar dele.

– Não há um representante do Estado entre eles?

– Há, o escriba do Túmulo. Chama-se Kenhir, tem setenta e dois anos e, ao que parece, revela um carácter particularmente agreste. Mas não há nada a censurar-lhe no que diz respeito à sua gestão da aldeia dos artesãos.

– Setenta e dois anos... É muito velho! Há já muito tempo que esse escriba se deveria ter reformado. Redige imediatamente uma carta de reforma.

– Por quem desejais substituí-lo, Majestade?

– Porque não por ti, Bai?

O chanceler empalideceu.

– Estou às vossas ordens, mas não conheço nem Tebas nem essa função tão especial e...

– Precisamos do chanceler a nosso lado – cortou Seti II. – Sem ele, não teria conseguido vergar a oposição.

– Entendido – concedeu Tausert. – Mas ele que redija essa carta e que nomeie um escriba dedicado e obediente para gerir o Lugar de Verdade. Este preparará a nossa chegada a Tebas. Ah, já me esquecia... É necessário evitar que o mestre-de-obras se oponha a esta decisão e apóie esse velho que lhe deve ser obediente. Eis a solução...

O príncipe Amenmés estava desfeito.

– Então, ele ousou...

– Sem querer ofender-vos – fez notar o general Mehi -, a decisão do vosso pai era previsível.

– Ousou tornar-se Faraó sem me consultar, sem me convocar a Per-Ramsés para me associar ao trono, ousou rejeitar-me e tratar-me como um rival sem importância! Odeio-o... Ouves-me, Mehi odeio-o!

– Compreendo a vossa decepção, príncipe, mas não convirá reagir o mais rapidamente possível?

– Opor-se ao Faraó é tornar-se um rebelde, perder a vida e a alma...

– Ninguém contesta isso.

– Então, que futuro me resta? O meu pai nunca me escolherá como sucessor... Estagnarei aqui até à morte.

– Haveis esquecido as vossas intenções iniciais?

Amenmés olhou Mehi com espanto.

– Que quereis dizer?

– Não haveis aprovado a coroação do vosso pai e não o reconhecereis como Faraó legítimo. Para não serdes considerado como rebelde e realizardes as vossas justas ambições, só vos resta uma solução: tornar-vos vós próprio Faraó, com a aprovação dos sacerdotes de Karnak. Assim, será o vosso pai a ser acusado de rebelde e de usurpação.

– Ele não cederá... E será a guerra civil!

– Quem sabe, príncipe? Seti não espera tal determinação da vossa parte. Colocado perante o facto consumado, talvez recue.

– O risco é enorme, Mehi!

– É esse o preço do vosso triunfo e da vossa glória, príncipe Amenmés, e a decisão só a vós pertence.

O mestre-de-obras manifestou a sua surpresa perante o carteiro Uputi.

– Uma carta do palácio real dirigida a mim... Mas não devem todos os documentos oficiais ser dirigidos ao escriba do Túmulo?

– As minhas instruções são precisas e imperativas: devo entregar-vos esta missiva em mão própria. A vós e a mais ninguém.

Sonhador, Néfer o Silencioso regressou a casa com o papiro selado. Clara preparava-se para sair para o seu gabinete de consultas.

O mestre-de-obras quebrou o selo e leu o documento.

– Incrível...

– Más-notícias? – inquietou-se a Mulher Sábia.

– Uma verdadeira catástrofe!

Néfer comunicou o conteúdo do correio à esposa, a quem o termo de catástrofe, não pareceu excessivo. Com a coroação de Seti II, o perigo de um golpe de fora contra a aldeia parecia ter-se afastado, mas existiam muitas outras formas de a atacar.

E esta não passara pela cabeça de nenhum artesão.

– Como devemos agir? – perguntou Clara.

– Não cedendo uma polegada de terreno.

– Não nos colocaremos fora da lei?

– É possível... Mas se eu aceitar esta ordem, virão outras dez atrás e a confraria não passará de um grupo de operários servis condenados a extinguir-se.

Néfer e Clara abraçaram-se.

– Tens razão, é necessário lutar sem recear as consequências.

Como todas as manhãs, Kenhir lavava o cabelo. Era o seu prazer favorito, um momento de felicidade perfeita durante o qual esquecia o peso dos anos e da sua função. Depois de enxaguar, massajava o couro cabeludo com

óleo de rícino, um bálsamo milagroso que lhe colocava as ideias no lugar e lhe devolvia vigor.

Mas do frasco caiu apenas uma infeliz gota de óleo.

– Niut, traz-me outro frasco! – exigiu ele em voz irritada.

A criada não se apressou a aparecer.

– Já não há – confessou.

– Como é possível... Não tomaste cuidado com a minha reserva?

– Só sou paga para arrumar a casa e cozinhar.

– Que desastre! Como hei-de sobreviver sem óleo de rícino? Arranja-me algum na aldeia!

– Com todas estas histórias, as reservas estão esgotadas. É preciso esperar que recomecem os fornecimentos.

– Não posso ter paciência, sobretudo com esta incerteza! Vai ter com Uabet a Pura e pede-lhe que convença o marido a colher rícino. E não te esqueças de lhe dizer que é muito urgente.

– Primeiro vou acabar a limpeza da cozinha; não pode parecer uma pocilga.

Kenhir não insistiu e enxugou o cabelo. Sem a sua loção, sentia-se abatido. E se aquela pequena peste da Niut fracassasse, o futuro anunciava-se sombrio.

Quando saiu da sala de água, o escriba do Túmulo descobriu Néfer o Silencioso com um papiro na mão. O rosto grave do mestre-de-obras não pressagiava nada de bom.

– Recebi uma carta do palácio real – revelou Néfer.

– Procedimento fora do habitual... Toda a correspondência oficial me deve ser dirigida!

– Neste caso presente, era impossível.

– Porque razão?

– Porque este correio me pede para assinar a vossa passagem à reforma.

CAPÍTULO 14

Kenhir demorou muito tempo a reagir.

– Tenho setenta e dois anos mas não tenho qualquer intenção de me reformar!

– É evidente que não perguntam a vossa opinião.

– Essa carta é assinada pelo Faraó Seti II?

– Não, pelo chanceler Bai – respondeu o mestre-de-obras.

– Então não tem qualquer valor! Não dependo de nenhum dignitário e só o Rei pode pôr fim à minha função.

– O chanceler Bai considera que sois demasiado idoso para realizar um trabalho cujo peso conhece e propõe-se substituir-vos por um jovem escriba formado em Per-Ramsés.

– Um incapaz que nem sequer nasceu em Tebas! Estou a ver: o novo poder procura controlar o Lugar de Verdade e impor-lhe a sua marca.

– O chanceler espera apenas o meu acordo para nomear o vosso sucessor. Em troca, atribui-me cinco servidores que me libertarão de qualquer preocupação material de forma que o túmulo do Rei seja a minha única preocupação.

Os maxilares de Kenhir contraíram-se.

– O que tencionas responder a esse Bai?

– Que aceito os seus servidores que trabalharão nos campos e me proporcionarão um rendimento nada de desprezar.

O velho escriba ficou aterrado.

– Julgava conhecer-te, Néfer... Como me enganei!

– Em seguida, lembrar-lhe-ei que não existe qualquer limite de idade para exercer a função de escriba do Túmulo, que a vossa saúde é florescente, as vossas competências inegáveis, e que a confraria se felicita com a vossa gestão.

Um sorriso crispado desanuviou o rosto de Kenhir.

– Não, não me enganei!

– Precisarei finalmente que nem eu mesmo nem o chefe da equipa da esquerda desejamos a vossa partida, e que ela seria imediatamente acompanhada pelas nossas e pela da Mulher Sábia. A confraria deixaria assim de estar apta a preparar uma Morada de Eternidade e um Templo dos Milhões de Anos, visto que ninguém teria capacidade para manipular a Pedra de Luz e animar a Morada do ouro.

Kenhir limpou uma lágrima.

– Néfer...

– O novo poder tentou dividir-nos, convencido que qualquer sociedade humana repousa na cobiça, avidez e espírito de Competição. O chanceler Bai esqueceu simplesmente que, apesar dos nossos defeitos e das nossas fraquezas, vivemos no Lugar de Verdade, sob a lei de Maet.

Os dois homens abraçaram-se.

– Acabo de rejuvenescer vinte anos – confessou Kenhir.

Com a cabeça entre as mãos, Paneb contemplava há várias horas um ramo seco de tamargueira e não conseguia convencer-se que aquele modesto pedaço de madeira podia ser a matéria-primordial da sua obra-prima. Não lhe fornecia nem suporte nem motivo; pintar em tamargueira ou pintar a tamargueira não fazia nascer nele qualquer desejo.

Uabet aproximou-se docemente do marido. Posso incomodar-te?

Paneb atirou para longe o pedaço de madeira.

– Não é a matéria-primordial!

– Com certeza que não – aprovou ela sorrindo. – Aceitarias ir buscar rícino para o escriba do Túmulo? Já não tem óleo e Niut a Vigorosa receia que o seu carácter se torne completamente impossível se deixar de massajar quotidianamente o crânio. Encontra-se perto do primeiro canal, não longe do Ramesseum.

– É uma obrigação?

– Não, um simples serviço a prestar.

O colosso não sabia resistir à esposa, tão pequena e enternecedora. E deu consigo no carreiro que conduzia

ao canal, depois de ter sido controlado pelos polícias.

Do tamanho de uma pequena figueira, os rícinos cresciam espontaneamente na margem dos pântanos ou ao longo dos cursos de água; lisas e escuras, as folhas abrigavam os frutos que eram secos ao sol até o invólucro fender e se separar. Moendo-os com uma mó, era extraído a frio um óleo pouco oneroso, reputado por fazer crescer o cabelo, curar as enxaquecas, purgar os intestinos e alimentar as lâmpadas.

Paneb colheu os frutos que meteu num grande saco até ao momento em que um cheiro a queimado lhe agrediu as narinas.

Não longe dele, uns garotos fugiram a rir. Tinham conseguido incendiar uns arbustos secos que, por vezes, se inflamavam espontaneamente.

Quando as chamas brotaram e se espalharam, Paneb pensou que podiam atravessar o espaço e subir até ao céu. Não era o fogo a força de vida por excelência? Destruía o que era caduco para fazer nascer formas novas.

De repente, o mundo surgiu ao pintor como um caminho para o fogo criador; não o seguir era sucumbir ao frio mortal da banalidade.

O colosso afastou os ramos mortos e rodeou de areia o local para impedir que o pequeno incêndio se propagasse e destruísse a fileira de rícinos. Esperou até ao desaparecimento das chamas antes de se afastar, pensativo.

Não era o fogo a matéria-primordial?

Graças ao óleo de rícino, Kenhir renascia. O sangue circulava-lhe melhor no cérebro e sentia-se pronto para ditar ao seu assistente um longo relatório sobre a gestão do Lugar de Verdade.

Sentado à maneira de escriba, Imuni preparara com cuidado o seu material que não emprestava a ninguém e pelo qual velava ciosamente, a começar pela tabuinha de sicômoro, considerada como o braço de Tot e cujo nome simbólico era "Ver e Ouvir". Os seus pincéis estavam sempre limpos de forma impecável, tal como os godés onde diluía os pães de tinta vermelha e preta sem deixar o líquido transbordar.

– Sentes-te em forma, Imuni? Temos para um bom bocado! Não há-de faltar nem um pormenor da minha maneira de trabalhar.

– Porque tendes necessidade de vos justificar?

– Porque o poder central pensa em me substituir.

– Por que razão?

– Porque sou demasiado velho! Mas eu não tenho nenhuma intenção de passar à reforma.

Imuni não teve qualquer reacção aparente, embora uma esperança inesperada surgisse: quem estava mais bem colocado do que ele para substituir Kenhir? Se o Faraó tivesse necessidade do seu testemunho, referir-lhe-ia, em termos respeitosos, que o velho escriba tinha efectivamente completado o seu tempo.

– Bastará este documento para convencer a administração a voltar atrás na sua decisão?

– Claro que não, Imuni, mas não é a minha única arma.

– Não somos obrigados a obedecer?

– A Regra do Lugar de Verdade proíbe-nos de ceder à injustiça e à arbitrariedade.

Enquanto Kenhir começava a ditar, Imuni pensou que era prudente não revelar demasiado cedo as suas ambições. Apesar da sua idade, o velho escriba do Túmulo talvez dispusesse de recursos insuspeitados.

O traidor demorara algum tempo a examinar de perto as mós da aldeia, pois tivera de se aproximar sem atrair a atenção das donas de casa encarregadas da fabricação do pão e da cerveja. Nenhuma das mós de dolerito emitia a mínima luz.

Não lhe restava senão lançar uma vista de olhos sobre a grande mó utilizada pelos auxiliares. No fim do dia de trabalho, a maior parte voltava para casa; e como era o aniversário do seu chef Beken o oleiro, até mesmo Obed o ferreiro abandonara a modesta casa onde gostava de dormir para não se afastar da forja.

O campo estava portanto livre, mas havia que desconfiar de um olhar indiscreto.

O traidor esperara portanto até ao crepúsculo e tivera o cuidado de vestir uma túnica que nunca usara e que a esposa tecera sem dela falar às vizinhas.

Modificando a atitude habitual, saíra pela porta pequena de oeste e contornara a muralha para escapar à vigilância do guarda de serviço em frente da porta grande.

A zona reservada aos auxiliares estava deserta. Um grande íbis atravessava o céu alaranjado e um ligeiro

vento de norte soprava docemente.

Calçando sandálias de papiro, o traidor avançou até à mó por trás da qual se acocorou para observar os arredores.

Quando se ia levantar, teve a sensação de ser espiado. Alguém se ocultava atrás dos sacos de farinha e o observava. Alguém que tinha medo dele e não ousava enfrentá-lo.

Bater em retirada sem identificar o adversário ou suprimi-lo fazendo crer num acidente? O traidor hesitou.

O felino saltou, arranhou-lhe o ombro à passagem e partiu em direcção à aldeia.

Encantador, o enorme gato de Paneb! Aquele monstro outorgara a si próprio um vasto território de caça que os seus congéneres não lhe contestavam.

Felizmente, por muito mau que fosse, aquele maldito tareco não podia nem falar nem revelar fosse a quem fosse que tinha visto o traidor junto da mó dos auxiliares, aquele objecto tão vulgar diante do qual passara tantas vezes sem lhe prestar atenção.

Com os nervos à flor da pele, aproximou-se lentamente. O tamanho da mó era prometedor e, no escuro, o traidor saberia imediatamente se o dolerito emitia luz.

Não, aquele raciocínio era estúpido. A Pedra Sagrada não podia ser exposta à luz do dia; escultor experiente, o mestre-de-obras dissimulara-a sob um invólucro destinado a dissimular a sua verdadeira natureza.

O traidor utilizou uma pequena faca muito pontiaguda para raspar a superfície da mó, na esperança de ver surgir outro material, dotado de luminosidade.

Mas havia apenas dolerito, que prestaria perfeitos serviços durante muitos anos.

Despeitado, o traidor teve de admitir que se enganara. O mestre-de-obras não deixara a preciosa Pedra exposta aos olhares, mesmo sob uma aparência enganadora, e tinha que regressar à primeira hipótese: o maior tesouro da confraria estava conservado num lugar fechado e vigiado.

CAPÍTULO 15

Quando o chanceler Bai entrou no gabinete do general Mehi, este soube imediatamente que o conselheiro do Faraó Seti II seria um temível adversário.

– Haveis feito boa viagem, chanceler?

– Para ser franco, tenho horror a deslocar-me, mas Sua Majestade e a esposa faziam questão que eu conversasse pessoalmente com o mestre-de-obras do Lugar de Verdade. Ele foi prevenido da minha visita?

– Com certeza, e encontrar-vos-eis com ele aqui mesmo amanhã de manhã.

– Parece que é uma personagem de carácter íntegro.

– A sua formação conduziu Néfer o Silencioso a um extremo rigor e não se curva facilmente às exigências administrativas – deplorou Mehi.

– Tendes uma pasta sobre ele?

– Não há qualquer mancha na sua carreira – afirmou o general.

Mehi de boa vontade teria denegrido o mestre-de-obras, mas desconfiava de Bai; quando conhecesse melhor as intenções do chanceler, tentaria manipulá-lo.

– Esse Néfer será um homem basicamente honesto? – inquietou-se Bai.

– Os artesãos do Lugar de Verdade formam uma confraria muito especial, chanceler; depende em directo do Rei e mostra-se particularmente orgulhosa sobre esse ponto.

– Eu sei, general, eu sei... Por outras palavras, não podeis ajudar-me.

– O meu papel oficial consiste em proteger a aldeia dos artesãos e poupar-lhes aborrecimentos e cumpro-o da melhor maneira. Mas não tenho o direito de penetrar no Lugar de Verdade e não exerço qualquer influência sobre os seus dirigentes. No entanto, estou à vossa inteira disposição.

– O Rei aprecia a vossa lealdade, general; está consciente que a vossa autoridade e os vossos conselhos de moderação evitaram um conflito catastrófico para o nosso país. Suponho que haveis colocado o príncipe Amenmés com residência vigiada.

– Certamente. Está doente, deprimido, e acabará por aceitar a soberania do Rei. – Não tem outra hipótese, com efeito.

O mestre-de-obras foi acolhido calorosamente pelo chanceler Bai, que o recebeu no jardim da administração central, sob um caramanchão coberto de hera. No interior, ao abrigo do sol, tinham sido dispostos pratos com frutos e taças de cerveja sobre mesas baixas.

– Como deve ser doce a existência em Tebas – observou o chanceler. – Mas não vim aqui para vos falar de tempos livres. O Faraó recebeu a vossa carta e o volumoso relatório de Kenhir; esses documentos surpreenderam-nos um pouco, confesso. Não contestamos o excelente trabalho efectuado pelo escriba do Túmulo, mas terá ainda idade para exercer uma função tão absorvente? Chegou a hora da reforma e Kenhir mereceu-a bem.

– Haveis lido a minha missiva até ao fim?

– Testemunha um magnífico sentido da amizade, mas não será preferível esquecê-lo? Sois vós que dirigis a construção da Morada de Eternidade de Seti II e considero necessária a nomeação de um novo escriba do Túmulo, mais jovem e melhor informado das necessidades do momento. Os tempos mudam, Néfer, é preciso saber adaptar-se. Faço-me compreender bem?

– Haveis sido muito claro, chanceler.

– Somos uma confraria de artesãos, chanceler, e trabalhamos com materiais que não toleram caprichos nem saltos de humor. E se a Rainha concebeu o projecto de nos impor um escriba incapaz de se adaptar aos nossos costumes, é melhor desistir.

– Aconselho-vos vivamente a aceitar, Néfer!

– Realmente, haveis lido mal a minha carta. Sem coerência a confraria não pode trabalhar de forma correcta; e essa coerência exige a manutenção de Kenhir no seu posto.

– O desejo da Rainha...

– Será superior à lei de Maet que Sua Majestade tem o dever de encarnar e transmitir? Explicai-Lhe que Kenhir não é um escriba como os outros e que temos necessidade dele para gerir a nossa comunidade. Se a sua

saúde declinar, ele e eu modificaremos o nosso ponto de vista.

– Mestre-de-obras, colocais-me numa situação delicada.

– Conto com as vossas qualidades de diplomata para resolver este problema, chanceler, referindo à Rainha que devemos todos trabalhar no mesmo sentido e que espero instruções do palácio a fim de começar a escavar a Morada de Eternidade do novo Faraó.

– O problema está portanto resolvido... Enviar-vos-ei um escriba formado na capital, cuja nomeação aprovareis e com o qual colaborareis.

Satisfeito, Bai saboreou um figo tenro e açucarado.

– Estava convencido que o mestre-de-obras do Lugar de Verdade não podia deixar de ser um homem inteligente e comedido e estou feliz por não me ter enganado.

– Receio desiludir-vos, chanceler.

– Não, meu caro Néfer! As vossas competências são notórias e não duvido do vosso êxito. O túmulo do Rei será uma maravilha, tenho a certeza.

– A confraria dará o melhor de si mesma, é um facto; mas para o conseguir, precisa de um escriba do Túmulo com autoridade indiscutível.

– Descansai que o sucessor de Kenhir terá as qualificações necessárias.

– Duvido.

O chanceler ficou contrariado, mas não tardou a compreender.

– Tendes o vosso próprio candidato, não é verdade?

– Com efeito – admitiu Néfer.

– No fundo, nada de mais natural: vós próprio sabeis que Kenhir está em fim de carreira e haveis preparado o seu sucessor. Posso saber o nome dele?

– O próprio Kenhir.

Bai franziu o sobrolho.

– Estais a trocar de mim?

– Como expliquei na minha carta, não pode haver melhor escriba do Túmulo do que Kenhir. É essa a vontade da confraria.

– Mas não é a minha!

– A vossa, chanceler, ou a do Rei?

– Esse é um segredo de Estado, Néfer, mas posso confiar-vos que a Rainha Tausert exigiu essa mudança e que está fora de questão desobedecer-lhe.

– O que censura ela a Kenhir?

– Mas... nada de preciso.

– Trata-se portanto de um simples capricho.

– Medi as vossas palavras, por favor!

– Ainda é pior do que eu receava nos meus pesadelos – contou o chanceler Bai ao general Mehi. – Esse Néfer é intratável... a Rainha também! Se Sua Majestade não quiser dar ouvidos a nada, julgais que o mestre-de-obras se demitirá e colocará a confraria na impossibilidade de funcionar?

– O Silencioso é uma personagem obstinada que não dá a sua palavra com leviandade; o que vos prometeu fazer, fará.

– Esperava que os meus avisos o assustariam, mas não atenuaram a sua determinação. Eis-me obrigado a regressar a Per-Ramsés o mais depressa possível para expor os factos ao casal real.

– Supondo que é impossível um acordo, o que acontecerá?

– Kenhir será colocado forçadamente na reforma e o seu substituto imposto à confraria.

– Seria a pior das soluções – considerou o general. – O funcionário que nomearíeis seria rejeitado pelos artesãos e o trabalho desorganizar-se-ia.

– Não me atrevo a imaginar semelhante caos.

– Não o organizeis, chanceler.

– Não conheceis a Rainha Tausert! Se for contrariada, a sua cólera será devastadora.

– A sua vontade é conforme com a do Rei?

- Seti ainda não tomou posição.
- Não leses o Lugar de Verdade; sem ele, um reinado não poderá ancorar-se na eternidade.
- O Faraó tem consciência disso e estou convencido que tomará as medidas necessárias para evitar um conflito desastroso.

Ignorando as verdadeiras intenções do novo poder, Mehi desempenhara correctamente o seu papel de protector da aldeia. O futuro próximo fornecer-lhe-ia esclarecimentos.

Paneb pintava as chamas sob todas as suas formas. Há vários dias que não cessava de as observar, de perscrutar as suas danças para lhes captar os movimentos mais íntimos. Gastando um grande número de pães de cor que ele próprio fabricava, utilizava dezenas de nuances de vermelho e de amarelo para evocar as mutações do fogo, desde que irrompia até à lenta extinção das brasas.

Pedaços de papiros e fragmentos de calcário amontoavam-se uns sobre os outros; descontente com o seu trabalho, Paneb não concedia qualquer interesse a esses rascunhos.

– Sabes que nos querem tirar Kenhir? – perguntou-lhe a esposa.

– Resistiremos.

– Não desejas uma mudança?

– Kenhir não muda. E é assim que está certo.

Uabet a Pura sentou-se ao lado do marido.

– Continuas a procurar a matéria-primordial?

– O fogo fala-me, mas não consigo compreender o seu discurso. E não me satisfaz representá-lo. No entanto... No entanto tenho a impressão que estou próximo do segredo.

– Não te enganas.

Paneb olhou a mulher com espanto.

– Queres dizer... que o fogo é a matéria-primordial indispensável para a minha obra-prima?

– De certa maneira.

– Explica-te, por favor!

– Tens de encontrar sozinho o teu caminho, Paneb.

– Por que não basta pintar o fogo?

– Interroga-te sobre a chama invisível que anima a tua mão e sobre a que faz nascer o teu olhar, todas as manhãs; e aprende a regular os graus do fogo, do entusiasmo à criação em espírito, sem esquecer a oferenda. Precisas, simultaneamente, de progredir como um explorador desejoso de descobrir regiões novas e de dominar, mesmo que só por um instante, o território conquistado.

– Que estranhas palavras, Uabet.

– Não são as minhas, Paneb, mas as do fogo de que sou filha, tal como as outras sacerdotisas de Hathor.

CAPÍTULO 16

Tinha corrido tudo mal: uma viagem difícil por causa de um mau vento, um mastro partido que obrigara o chanceler a mudar de barco, a doença do seu secretário e, agora, o pior!

Seti II inspeccionava as casernas da fronteira de nordeste e competia à Rainha Tausert o expediente dos assuntos correntes. Como tinha confiança nas capacidades da sua jovem esposa, o novo Faraó entregava-lhe de boa vontade a administração do reino para se poder preocupar mais com o exército, tendo em vista um eventual conflito com seu filho Amenmés.

O chanceler Bai previra falar primeiro com o Rei e colocá-lo contra a Rainha, mas a ausência do monarca reduzia a nada a sua estratégia. E enfrentar Tausert acabaria com uma derrota.

Quando ela o recebeu na sua sala de audiências privada à qual só tinham acesso as personagens mais influentes do Estado, Bai sentiu-se, uma vez mais, deslumbrado pela sua beleza e elegância.

Um vestido verde-claro valorizava-lhe as formas perfeitas, colares e pulseiras de uma leveza quase irreal aumentavam o seu encanto, ao qual ninguém resistia muito tempo. Tausert tinha fascinado Seti e a corte, e o próprio Bai se sentia subjugado pela sua presença, aliada a uma temível inteligência.

- Estás satisfeito com a tua estadia tebana, Bai?
- Mais ou menos, Majestade.
- Começa pelas boas notícias.
- A província está em paz e as tropas do general Mehi são-vos fiéis.
- Falaste com Amenmés?
- Não, está doente e deprimido; tomou sem dúvida consciência que não tinha força para desafiar o pai.
- Poderá ser manha?
- É possível, com efeito, mas Tebas não está em pé de guerra.
- Passemos às más-notícias – exigiu a Rainha.

O chanceler engoliu em seco.

– Encontrei-me com Néfer o Silencioso, o mestre-de-obras do Lugar de Verdade, para lhe comunicar as vossas intenções e...

- Como, as minhas intenções? Tratava-se de uma decisão perante a qual ele só tinha que se inclinar!

Contrariamente aos seus hábitos, o chanceler foi direito ao fim.

- O mestre-de-obras recusa, Majestade.

O olhar da bela Tausert flamejou.

- Compreendi bem, Bai?
- Néfer confirma o que escreveu, ou seja, que deseja manter Kenhir como escriba do Túmulo.
- Esse mestre-de-obras lembra-se que deve obediência ao Faraó?

– Certamente, Majestade, e acabará por dobrar-se à vossa vontade. Mas a minha intervenção não lhe pareceu suficiente e alertou-me contra a substituição de Kenhir, cuja saúde é excelente.

- Estarás a tomar o partido desse Néfer, chanceler?

– Com certeza que não, Majestade, e deploro o meu fracasso! Mas o homem é teimoso e não será fácil fazê-lo curvar a cabeça.

- Em geral, levamos a bom termo as missões que te confiamos.

Era uma mal velada ameaça.

– O próprio general Mehi me aconselhou prudência. Mandar o velho Kenhir para a reforma desagradaria tão fortemente à confraria que se arriscaria a não trabalhar com o seu ardor habitual, ou a ficar desorganizada.

- Ousaria revoltar-se?
- O termo é excessivo, Majestade, mas parece que esses artesãos dão muita importância à sua coerência.
- Por outras palavras, pensas que cometi um erro e pretendes que volte atrás na minha decisão.

O chanceler teria gostado de se transformar em pedra do chão para não ter de responder. Com algumas palavras, podia perder o benefício de longos anos de paciente trabalho e a sua carreira terminaria no fundo da escala dos escribas numa terriola de província.

- Espero uma resposta definitiva.

Perdido por perdido, não seria preferível usar, por uma vez, a sinceridade?

– Na sequência da minha conversa com o mestre-de-obras, acredito, Majestade, que seria preferível manter Kenhir no seu posto. A confraria do Lugar de Verdade não sofreria assim nenhum sobressalto e estaria em condições de responder, no mais breve espaço de tempo, às solicitações do Faraó. E depois, esse escriba é muito idoso e...

– Surpreendes-me, Bai.

– Lamento, Majestade, mas optei por dizer a verdade. Muitos consideram-me um oportunista, capaz de utilizar a mentira e a lisonja para atingir os meus fins, e não se enganam muito. Mas hoje sou o conselheiro do casal real que preside aos destinos de um país que amo e que desejo servir. Parece-me portanto necessário mudar de atitude, por muito que isso me possa custar.

De agressivo, o olhar da Rainha tornou-se quase terno.

– Tinha-te avaliado mal, Bai, porque te tomava por um desses medíocres cortesãos cuja única ambição é o enriquecimento pessoal. Tu pareces preferir o caminho da franqueza.

Como Tausert era avara em cumprimentos, aquelas palavras bastante benevolentes não tranquilizavam o chanceler; não seriam um prelúdio ao cutelo?

– Dá-me mais pormenores sobre esse Néfer o Silencioso – exigiu.

– Impressionou-me muito, Majestade; é um homem simultaneamente calmo e poderoso cuja presença enche o local onde se encontra. Perante ele, sentimo-nos pequenos, quase sem força; não eleva o tom da voz, não procura convencer, vai direito e em frente como se não receasse nenhum obstáculo. Desconfiai dele, Majestade; Néfer não passa de um artesão, mas possui a estatura de um verdadeiro chefe e bater-se-á sem fraquejar para preservar a confraria que o colocou à sua frente.

– A ponto de se opor ao Faraó em pessoa?

O chanceler Bai hesitou.

– Provavelmente não, mas não tenho a certeza, com o devido respeito, que estejais a pôr o problema correctamente.

– Explica-te.

– Dar ordens a um homem desta têmpera não basta; para que a sua obediência não seja apenas submissão mas sobretudo adesão, é necessário que ele aprove plenamente o projecto proposto. Tendo em conta a presença do príncipe Amenmés em Tebas e as suas reacções ainda imprevisíveis, o reinado de Seti II começa em condições difíceis e a escavação do seu túmulo no Vale dos Reis será um acto primordial. Humilhando Néfer o Silencioso e obrigando-o a separar-se de Kenhir, o que ganharemos?

– O respeito pela nossa soberania, Bai!

– Certo, Majestade, mas não seria preferível recuar um pouco?

– Aconselhas uma Rainha a desdizer-se?

– Aconselho-a a agir no interesse do reino.

– Deixa-me só, Bai; quando o Faraó regressar, tomaremos uma decisão definitiva.

Encantador saltou para os joelhos de Kenhir que saboreava o sol na entrada de sua casa. Sentado num tamborete de três pés, o velho escriba lembrava os anos passados ao serviço da confraria, com alegrias e tristezas, e não lamentava nada, nem mesmo as inúmeras preocupações quotidianas e as manias insuportáveis dos artesãos que os deuses em pessoa não tinham conseguido suprimir.

O enorme gato multicolor metera as garras para dentro a fim de não ferir o velho escriba cujas mãos lambia aplicadamente. Alguns metros atrás, Trigueiro observava a cena. O cão negro admitia que o felino estabelecesse amizade com o escriba do Túmulo, mas continuava a observá-lo antes de o adoptar de forma definitiva.

– És mais hábil do que eu – confiou Kenhir a Encantador -, porque sabes cair sempre sobre as patas. Eu, por mim, não sou muito diplomata e apenas pensei em fazer correctamente o meu trabalho, esquecendo-me de agradar ao poder vigente... Mas dei-me mal e estou demasiado idoso para mudar.

Paneb sentou-se à direita do escriba do Túmulo.

– Esse monstro gosta de vós... No entanto, continua orgulhoso.

– Se calhar temos um carácter semelhante.

– Não sois um artesão, Kenhir, mas a vossa longa carreira permitiu-vos descobrir muitos segredos da

confraria.

– Não te fies nos rumores, meu rapaz.

– Néfer pediu-me que realizasse uma obra-prima.

– Uma etapa decisiva, Paneb; apesar dos teus dons, não está ganha de antemão.

– Deveríeis saber o que é a matéria-primordial.

– A natureza humana. Não há nada de mais perverso e de mais irrisório, mas foi a ferramenta que os deuses nos atribuíram e devemos conformar-nos com ela. Não a recuses e serve-te dela como de um material particularmente difícil de trabalhar.

– Deverei modificar-me a mim mesmo?

– Sobretudo, não te iludas! Tal como nasceste, assim morrerás. A minha experiência provou-me que ninguém muda e que só se torna mestre-de-obras quem nasceu para desempenhar essa função. Mas é preciso desbastar a pedra e a madeira para fazer aparecer as formas que aí se dissimulam... Retira as tuas escórias, Paneb, e descobre o teu verdadeiro coração, o centro do teu ser. Então, atingirás a matéria-primordial.

O gato dormitava, confiante; abriu os olhos à aproximação de Néfer o Silencioso.

– Não está uma tarde deliciosa? – interrogou Kenhir, como se se dirigisse ao Sol poente. – Há muitos anos que não concedia a mim mesmo um momento assim de preguiça.

– Acabo de receber a resposta definitiva do palácio em relação a vós – revelou o mestre-de-obras.

– Antes de entrares em pormenores, deixa-me aproveitar o crepúsculo e o meu último dia na aldeia. As bagagens estão prontas, despedi a minha criada e partirei sem me despedir de ninguém. A partir de amanhã, serei esquecido e ninguém lamentará a minha ausência. A existência é assim...

– Às vezes toma rumos inesperados.

O velho escriba foi dominado pela angústia.

– O Rei inflige-me uma pena suplementar?

– Compete-vos tirar conclusões... Seti II confirma-vos nas vossas funções de escriba do Túmulo.

CAPÍTULO 17

Néfer o Silencioso e Kenhir subiram até ao túmulo que o mestre-de-obras estava a escavar para si próprio na necrópole do Lugar de Verdade. Ele próprio trabalhava lá de tempos a tempos com o auxílio de Paneb, que acabava de terminar uma pintura em que predominava o ocre.

– Desejava mostrar-vos a última obra do meu filho adoptivo – disse Néfer ao velho escriba -, porque a considero particularmente bem conseguida.

As paredes estavam só grosseiramente talhadas e a luz do exterior iluminava apenas a parte debaixo da parede diante da qual o mestre-de-obras se imobilizou. A claridade não atingia as cores vivas e o escriba do Túmulo teve que se habituar à penumbra para distinguir a cena.

Face a face, dois homens: um envergando um avental dos mestres-de-obras, o outro um vestido de cerimónia. Este último empunhava o material dos escribas.

– Mas... sou eu! – espantou-se Kenhir.

– Quis fazer-vos representar nesta Morada de Eternidade a fim de que possamos continuar a dialogar e a preocupar-nos com a felicidade da aldeia quando tivermos abandonado esta terra.

– É uma imensa honra – balbuciou Kenhir.

– Sobretudo uma demonstração de estima por um escriba do Túmulo que esquece a sua idade e males para melhor preservar o bem-estar da confraria.

– É a mais bela demonstração de afecto que me foi dado receber, Néfer... Como posso agradecer-te?

– Continuando, Kenhir, apenas continuando, sejam quais forem os obstáculos.

O escriba contemplou demoradamente a pintura que o representava na força da idade.

– Paneb atribuiu-me uma nobreza que não possuo... Mas é preferível apresentar-se assim diante dos deuses!

– Ele falou-vos da sua obra-prima?

– Procura por toda a parte a matéria-primordial e não terá repouso antes de a encontrar.

– Seguirá pela via certa?

– Espero que sim... Mas quantos fracassaram quando julgavam atingir o alvo?

Os dois homens saíram do túmulo que dominava a aldeia.

– Que sorte a nossa, Kenhir: viver aqui e passarmos a nossa morte na companhia dos antepassados, longe da agitação do mundo exterior, sob a protecção da Pedra de Luz. Existirá destino mais belo?

– Desejava falar-te de um projecto um pouco surpreendente que me é caro...

Néfer o Silencioso escutou-o.

O projecto era realmente surpreendente.

Como qualquer boa notícia era acompanhada por um banquete, Pai o Bom pão não deixara de organizar um para festejar a permanência de Kenhir no seu posto. Embora a maioria deplorasse o seu carácter difícil, as duas equipas reconheciam a competência e a seriedade do velho escriba, considerado como um membro indispensável da confraria. O único desiludido era Imuni, o assistente de Kenhir, que esperava tomar o lugar do seu patrão ao qual já se sentia superior, embora os dedos do escriba do Túmulo ainda não estivessem entorpecidos.

Kenhir mantinha sozinho o Diário da confraria e não delegava no seu assistente senão as tarefas secundárias. Imuni consolou-se pensando na idade do seu chefe, que não tardaria a alcançar o reino de Osíris.

Terminada a festa, Kenhir recebeu Niut a Vigorosa.

– Haveis-me despedido porque pensáveis abandonar a aldeia – lembrou-lhe a rapariga. – Visto que ficais, estou contratada de novo?

– Tens consciência de ter um carácter horrível?

– Para resistir ao vosso, é necessário. O que conta é o meu trabalho: estais satisfeito com ele?

– Com excepção da limpeza demasiado frequente do meu gabinete, não estou descontente. Quanto à tua cozinha, devo admitir que é succulenta, embora tenha falta de gordura.

– Seria desastroso para a vossa saúde. Falei disso com a Mulher Sábia e ela deu-me razão. Enquanto estiver encarregada de preparar as vossas refeições, evitarei a gordura.

– Um dia disseste-me que só estavas encarregada da arrumação da casa e da cozinha.

Niut a Vigorosa sorriu.

– Desejais... alargar as minhas responsabilidades?

– Exactamente. Anuncia-se um período de trabalho intenso e já não tenho o vigor dos meus sessenta anos, sobretudo depois da prova por que acabo de passar. Desejo portanto consagrar-me unicamente ao Túmulo e às suas exigências. Competir-te-á velar por esta casa e sobre tudo o que é necessário à boa marcha do dia-a-dia, sem esquecer a manutenção dos meus fatos e a compra regular dos frascos de óleo de rícino.

– O meu salário...

– Reflecti nisso, com certeza, e pensei numa solução que se arrisca a desagradar-te mas apresentaria numerosas vantagens.

– Recusais aumentar-me?

Foi a vez de Kenhir sorrir.

– Não gosto de desperdiçar, mas não sou sovina a esse ponto! Para assumires a tua pesada tarefa, devias viver aqui. É por isso que te proponho que cases comigo.

Niut ficou como que fulminada por um raio.

– Mas...

– Mas eu sou um velho e tu uma rapariga! Achas que não sabia? Descansa, não sinto qualquer desejo doentio e o meu único amor é o de um avô em relação à sua neta. Observei-te, Niut, e constatei que eras honesta, trabalhadora e digna de estima. Casando contigo, faço de ti minha herdeira. Quando eu morrer, serás uma mulher rica e culta, pois conceder-te-ei tempo para ler e descobrir os magníficos textos dos sábios. Poderás então agradecer-me, escolher o homem que te agrada e dar-lhe o número de filhos que te convier. Bem entendido, dormiremos em quartos separados e terás a tua própria sala de água. O anúncio deste casamento cortará pela base os mexericos dos nossos queridos aldeões, cuja imaginação é por vezes muito rápida a inflamar-se; precisaremos que se trata de um acto legal para garantir o teu futuro e nada mais. Conto com a tua palavra ágil para dissipar qualquer mal-entendido.

– Vós... vós estais a falar a sério?

– Muito a sério. Não és uma criada como as outras, Niut; satisfazer-me é uma façanha que merece recompensa. Tornares-te minha esposa só te trará vantagens e conquistar-te-á mesmo o respeito das outras donas de casa. Já falei deste projecto ao mestre-de-obras, que ficou tão espantado como tu mas que compreende o meu ponto de vista. Reflecte, rapariga, e decide.

– Não me vão acusar... de vos ter seduzido e me ter comportado como uma vagabunda?

– Descansa, o mexerico já deve estar a correr por aí! Este casamento apertar-lhe-á o pescoço e ninguém te faltará ao respeito, sob pena de severa repreensão. E explicar-me-ei diante do tribunal da confraria sobre a verdadeira natureza da nossa união.

– É tão inesperado, tão...

– Não te imponho nada, Niut; escolhe livremente a tua existência.

– Não tendes realmente nenhuma segunda intenção?

– Juro-te que não, pela vida do Faraó e pela do mestre-de-obras. Não te ocultei nada das minhas intenções e podes contar com a minha rectidão. Há no entanto um risco...

A garganta de Niut contraiu-se.

– Qual?

– Que o teu novo estatuto de dona de casa te suba à cabeça e deixes de me servir como antes. Sou eu que corro esse grande risco.

– Conheceis-me mal!

– Conheço bem a natureza humana, rapariga.

– Assumo o firme compromisso de manter esta casa como se fosse a minha!

– Mas será precisamente a tua, se aceitares este casamento.

Niut a Vigorosa tocou na parede, como se quisesse assegurar-se que não estava a sonhar.

– Nesse caso, como ousais supor que eu toleraria a mínima desordem e que não continuarei a perseguir a poeira? Há muitos pormenores que me desagradavam e em relação aos quais era obrigada a calar-me para manter o meu trabalho... Mas se passar a ter a palavra livre, vai ser diferente! É preciso refazer as pinturas, algumas peças de mobiliário são indignas do escriba do Túmulo e o conforto das salas de água deve ser

melhorado sem demora. Quanto ao resto, veremos mais tarde.

Kenhir previra aquele tornado e interrogou-se por instantes se seria capaz de lhe resistir muito tempo. Mas era o preço a pagar para oferecer àquela rapariga excepcional o estatuto que ela merecia.

– Devo compreender... que aceitas?

– Não, claro que não... Enfim, quero dizer que... É tão inesperado!

– Terás exigências que não foram tomadas em consideração?

– Não, os termos do contrato convêm-me, mas é uma tal transformação... E por que ter-me escolhido a mim?

– Porque já não tenho idade para tornar a casar, Niut! O destino acaba de desferir-me um golpe violento para me incitar a ocupar-me apenas do essencial, na medida das forças que me restam. Tu, tens a tua existência a construir e tenho a possibilidade de te oferecer uma base sólida. Conheço-me e sei que não sou nem bom nem generoso, porque os anos passados a gerir esta confraria ensinaram-me a ser desconfiado e a não ter ilusões; casando contigo, procuro antes de tudo o meu interesse e o meu bem-estar. Não julgues sobretudo que eu esteja a agir por caridade e por grandeza de alma.

Para acalmar os nervos, Niut a Vigorosa agarrou numa escova e começou a esfregar um cofre de madeira.

– Talvez saibais classificar correctamente os vossos arquivos, mas ignorais a arte de dobrar a roupa e de a guardar de forma a evitar o desgaste prematuro. E não é na vossa idade que ides ser capaz de aprender essas subtilezas. Quanto a esse deplorável hábito de usar vários dias sucessivos uma túnica amarrotada sob os olhares reprovadores das mulheres da aldeia... Que as coisas fiquem bem claras, Kenhir: manter uma casa exige iniciativas e não pretendo ser contrariada no meu domínio.

– Não há negociação possível?

– Não.

– Aceito as tuas condições, Niut.

CAPÍTULO 18

Enquanto esperava as directivas de Seti II, o mestre-de-obras distribuíra as tarefas entre os artesãos das duas equipas, com o acordo do chefe da equipa da esquerda: efectuar arranjos no templo principal e nas capelas anexas, refazer o chão de ladrilhos do local de reunião, embelezar as casas e consolidar os celeiros.

Paneb e Ched o Salvador tinham feito os últimos acabamentos no vasto túmulo de Kenhir, cujo casamento fora selado pelo tribunal da aldeia; na presença de testemunhas, o escriba redigira um testamento pelo qual legava a totalidade dos seus bens a Niut a Vigorosa.

– Estou em paz comigo mesmo – confiou Kenhir ao mestre-de-obras – porque posso morrer tranquilo.

– O vosso túmulo satisfaz-vos?

– É uma maravilha de que não sou digno... mas que não cederei a ninguém! Sem ter pressa em ir habitar essa morada sumptuosa, velarei por ela com cioso cuidado. O Além tem coisas boas, Néfer... Graças ao talento dos pintores, os camponeses ceifam sem esforço, as searas estão sempre maduras, o vento incha as velas dos barcos sem as rasgar e eu sou eternamente jovem! Que mais posso pedir à confraria? Ser obrigado a abandonar esta aldeia ter-me-ia conduzido ao desespero e foi graças a ti que escapei à infelicidade.

– Deveis a vossa salvaguarda apenas a vós mesmo e ao vosso trabalho, Kenhir.

– Neste mundo onde o conflito é perpétuo, a fraternidade é uma qualidade rara; sinto-me feliz por ter vivido o tempo suficiente para conhecer o seu fulgor.

O Sol brilhava, a água e os produtos alimentares tinham sido entregues, havia flores adornando os altares dos antepassados e a aldeia fervilhava como uma colmeia feliz; mas o mestre-de-obras permanecia ansioso.

– Entramos numa nova era – confiou ao escriba do Túmulo. – O chanceler Bai serve de intermediário entre o Faraó e a confraria e não tenho a certeza que ele nos seja favorável.

– Um cortesão só defende o seu interesse, evitando desagradar aos seus superiores; ou o Lugar de Verdade lhe parece útil, ou conspirará para o destruir.

– A personagem é inteligente e astuta e considero-a temível. Ao persuadir a Rainha a mudar de opinião, não provou a dimensão da sua influência?

– Detectaste os seus verdadeiros pensamentos?

– Tive a sensação que não estavam ainda muito firmes e que se interrogava sobre a natureza exacta do nosso trabalho.

– Por sorte, o general Mehi continua a ser o nosso protector oficial; mas a presença do príncipe Amenmés em Tebas não acabará por prejudicá-lo e jogar contra nós? Se a guerra civil rebentar, seremos arrastados na tempestade.

– É por isso que a Pedra de Luz deve permanecer ao abrigo de qualquer cobiça.

– Até ao presente, o traidor não se aproximou dela e estou convencido que não está próximo de a descobrir!

– Permaneçamos vigilantes, Kenhir; não se mostrou ele suficientemente hábil para permanecer oculto na sombra?

– Como supõe Sobek, esse engolidor de sombras acabará forçosamente por cometer um erro!

– Não estou tão certo disso – objectou Néfer – e somos a partir de agora obrigados a agir tendo em consideração a sua presença.

– E depois, há a atitude da Rainha... Se ela implicou comigo não foi apenas por causa da minha idade. Tausert tinha intenção de impor uma espécie de espião que lhe teria descrito em pormenor as actividades do Lugar de Verdade. O novo poder quer dominar-nos e apoderar-se dos nossos segredos.

– No entanto, a Rainha renunciou a substituir-vos.

– Interrogo-me sobre as razões desse recuo – confessou Kenhir -, e receio que não seja seguido de uma vingança muito mais cruel do que a minha reforma.

– A Mulher Sábia e as sacerdotisas de Hathor colocam-nos todos os dias sob a protecção da deusa e tentamos manter-nos no caminho de Maet; preconizais medidas de segurança mais eficazes?

Por momentos, Kenhir teria gostado de dispor de um exército numeroso e bem equipado; restava esperar que o mestre-de-obras não estivesse enganado.

Casa o Cordame e Fened o Nariz surgiram diante de Paneb no carreiro que ia dar à necrópole para lhe

barrarem a passagem.

- Queríamos falar contigo.
- Não te incomodes.
- Porque trabalhas sozinho no túmulo de Néfer o Silencioso? Estamos de acordo para te ajudar.
- É inútil.
- Não respeitas os costumes!
- É a mim e apenas a mim que compete ocupar-me da última morada do meu pai adoptivo.
- Não estás a ser pretensioso?
- Compete ao mestre-de-obras julgar. Se não estiver satisfeito com o meu trabalho, fará apelo a outros.
- Procuras fazer-te valer junto do patrão, eis a verdade! E nós passamos por uns menos que nada. Isso não nos agrada, Paneb, de maneira nenhuma!
- Tu e os que te aprovam têm um pensamento distorcido. Deixa-me passar, tenho trabalho.
- Casa tem razão – insistiu Fened. – De acordo, o mestre escolheu-te como filho, mas será razão suficiente para nos tratares como uns inúteis?
- Terás perdido o nariz? Desejo realizar este trabalho pelos meus próprios meios, é tudo.
- Não nos estás a dizer tudo, Paneb.
- Deixam-me passar ou não?

Casa o Cordame e Fened o Nariz podiam ter chamado outros artesãos da equipa da direita para se oporem ao colosso cuja placidez os inquietou. Em geral, Paneb manifestava com facilidade a sua cólera; desta vez, parecia quase indiferente.

Fened preferiu acalmar o jogo.

- Não te queremos aborrecer... Mostra-nos o que pintaste e ficamos por aí.
- Fiz rolar uma grande pedra para diante da entrada do túmulo. Se alguém lhe tocar, vai experimentar os meus punhos.
- Não tens o direito de nos tratar assim! – protestou Casa.
- Sejam menos susceptíveis e tudo se resolverá.
- Mereces um bom correctivo, Paneb; depois, ficarás com melhor feitio.
- À tua disposição.
- Acalmemo-nos! – exigiu Fened o Nariz. – No fundo, nada nos opõe... Basta que Paneb se mostre um pouco mais conciliador e o incidente estará encerrado.
- Ficarás encerrado quando vocês se afastarem do meu caminho.

O olhar do colosso tornava-se mais duro. Fened e Casa deixaram-no subir até ao túmulo de Néfer o Silencioso, cuja entrada desobstruiu deslocando o enorme bloco.

O fogo era apenas um dos aspectos da matéria-primordial e Paneb não se sentia satisfeito com ele. Se a matéria-primordial existia realmente, apenas podia encontrar-se no coração da rocha, no lugar onde o jovem pintor realizava a sua obra-prima: a decoração da Morada de Eternidade dedicada ao pai adoptivo. Transformaria as paredes mudas num cântico colorido, tentaria encarnar as múltiplas formas da vida na sua paleta a fim de as oferecer à alma de Néfer.

A matéria-primordial dele era a pintura e não devia afastar-se dela.

Há dois dias que o traidor estava com febre porque o ferimento do ombro que as garras do enorme gato lhe tinham feito infectara.

Que ironia! Ter conseguido dissimular-se no coração da confraria, mover-se na sombra sem dar um só passo em falso, preparar o roubo da Pedra de Luz e sucumbir assim, vítima de um gato!

Era impossível ir consultar a Mulher Sábia, que lhe pediria explicações sobre a origem da ferida. O traidor tinha medo de se atralhar numa mentira e atrair sobre si as suspeitas que reduziriam a nada todos os seus esforços.

A poção que a esposa lhe dera a beber não fizera efeito e a febre subia sempre.

- Consulta a Clara – aconselhou ela.
- É demasiado perigoso.
- Mas podes ficar gravemente doente!

– Basta desinfetar a ferida.

– Não tenho as ervas certas e Sobek proíbe as mulheres de saírem da aldeia, por medida de segurança. De momento, nem sequer temos o direito de ir ao mercado.

– Há uma solução... Quando Obed o Ferreiro se fere, trata-se com um unguento à base de cobre.

– Sabes onde ele o guarda?

– Na arrecadação das ferramentas, numa prateleira.

– É acessível?

– É, quando Obed está ocupado... E, neste momento, forja armas.

– Se for surpreendida a roubar o seu boião de unguento, vão arrastar-me diante do tribunal da aldeia e terei de dar razões para o meu gesto. No melhor dos casos, seremos expulsos.

– Tens razão, mas não será necessário correr esse risco? Visto que tens medo, vou eu próprio.

– Tremes, não tens a mão segura e estás demasiado nervoso.

– Tu também não estás nervosa?

– Menos do que tu... Vou tentar.

A esposa do traidor quebrou um boião cujos pedaços recolheu num cesto que colocou à cabeça.

– Irei a casa do oleiro para o substituir, o que me permitirá passar em frente da arrecadação do ferreiro.

– Devia ter estrangulado aquele gato! – enfureceu-se o ferido.

– Doravante, mantém-te afastado dele.

Quando a mulher saiu de casa, o traidor permaneceu prostrado na cozinha e a ferida parecia-lhe cada vez mais dolorosa.

Se a mulher fracassasse, fugiria abandonando-a à polícia da aldeia. Quando falasse, incapaz de resistir a um interrogatório sério, ele estaria longe do Lugar de Verdade. Que disparate, depois de ter entrevisto a fortuna!

Cansado, adormeceu, sonhando com uma grande propriedade, servidores zelosos, vacas gordas e refeições requintadas. Mas quando avançou a mão para uma coxa de pato assada, a do mestre-de-obras agarrou-lhe o punho e ele gritou.

– Acalma-te – disse a esposa -, sou eu!

O traidor saiu do pesadelo.

– Tu... conseguiste?

– Tenho o unguento.

– Ninguém te viu roubá-lo?

– Ninguém. E trouxe um boião novo, o que explicaria a minha presença na zona dos auxiliares se alguém a estranhasse. Agora, vou tratar de ti.

Vinte e quatro horas mais tarde, depois de diversas aplicações, a febre tinha baixado e a ferida apresentava melhor aspecto.

O traidor estava salvo.

CAPÍTULO 19

Com uma trouxa ao ombro, os cinco homens dirigiam-se para o Lugar de Verdade arrastando os pés. Haviam perguntado o caminho no desembarcadouro e depois foram descansando por diversas vezes para tomar fôlego, com pouca pressa de chegar ao seu destino.

Mal tinham acabado de avistar o primeiro fortim, vários polícias negros cercaram-nos, ameaçando-os com as espadas curtas.

– Cara no chão, depressa!

Aterrorizados, os viajantes obedeceram.

– Quem são vocês?

– Camponeses – respondeu o mais novo.

– O que transportam?

– Apenas alguma roupa.

– Vamos ver!

Os polícias revistaram as trouxas e não encontraram armas, mas apenas uma tabuinha de madeira com aspecto oficial.

– De pé, e nada de gestos bruscos!

– Onde nos levam?

– Ver o nosso chefe Sobek. Dir-lhe-ão a ele quem são.

Os cinco homens foram todos arrastados e empurrados até ao fortim onde lhes ataram os pulsos atrás das costas.

O impressionante atleta núbio aumentou-lhes os receios.

– Então vocês são camponeses? – perguntou Sobek.

– Trabalhávamos nas terras do templo de Tod – respondeu o jovem -, e uma ordem de missão coloca-nos aqui.

– Uma ordem de quem?

– Do próprio Faraó!

– Com que tarefa exacta?

– Cultivar um campo que o Rei oferece ao mestre-de-obras, Néfer o Silencioso. Vede a tabuinha que nos entregaram: parece que está tudo aí escrito.

Redigido num estilo rigorosamente administrativo, o texto confirmava as declarações do camponês.

– Chefe – disse um polícia a Sobek -, um vigia assinala uma verdadeira tropa!

– Desta vez é sério... Metam-me estes fulanos num canto e não os soltem. Formavam uma cilada destinada a testar o nosso sistema de defesa. Alertem os outros fortins e a aldeia.

Bem treinados, os núbios de Sobek ficaram imediatamente prontos para ripostar energicamente em caso de ataque.

Mas quem o teria lançado, Seti II ou Amenmés? Ou o Faraó recentemente coroado queria manifestar a sua autoridade sobre um lugar simbólico entre todos, ou o seu rival fazia questão de executar o seu primeiro acto de soberania. Tanto num caso como no outro, o confronto parecia inevitável.

– São pelo menos uma centena de homens com burros, chefe, mas é estranho... À frente, ia jurar que vem o carro do general Mehi!

Sobek fez uma careta. Se o general tinha escolhido os seus cem melhores homens, os polícias núbios, apesar da sua bravura, não levariam a melhor.

Portanto, a grande ofensiva estava lançada! Sobek deveria entregar as armas ou mesmo aliar-se às forças que se preparavam para destruir a aldeia e expulsar os seus habitantes; mas seria fiel à sua missão original, simultaneamente por fidelidade a si próprio e àquela confraria que admirava.

– Há uma coisa ainda mais estranha, chefe... Parece que os soldados de Mehi não estão armados.

– Terão os nossos vigias ficado sem vista?

– Não, está confirmado.

Sobek saiu do fortim para verificar. Mehi descia do seu carro e a tropa que comandava immobilizara-se.

Receando uma armadilha, os archeiros núbios estavam prontos a disparar.

– O que quereis, general?

– Conduzi pessoalmente até vós os transportadores de presentes enviados pelo Faraó Seti II ao Lugar de Verdade. Eis a lista marcada com o selo real.

Atónito e desconfiado, o chefe Sobek não baixou a guarda.

– Sou obrigado a revistar estes homens a fim de me assegurar que não escondem qualquer arma.

Boiões de tinta para os olhos verde e preta, grande quantidade de pomadas odoríficas e relaxantes, jarras de óleo de rícino, de linho, de sésamo e de azeitona, loções para preservar a saúde dos cabelos e da pele.... O Faraó oferecia à confraria uma verdadeira fortuna em produtos de beleza e o escriba-assistente Imuni começava a ter dores no pulso à força de tomar nota do que Kenhir lhe ditava, maravilhado com a qualidade do óleo de rícino.

A carta do casal real, dirigida ao escriba do Túmulo e ao mestre-de-obras, manifestava a sua confiança na confraria e pedia-lhe que escolhesse a localização da sua Morada de Eternidade no Vale dos Reis. Retido em Per-Ramsés, o monarca não tencionava ir a Tebas de imediato, mas esse contratempo não devia atrasar o início dos trabalhos.

– Tudo reentra na ordem – constatou Néfer.

– Não tenho assim tanto a certeza – objectou a Mulher Sábia.

– Duvidas da palavra do Faraó?

– Se ele não ousa vir a Tebas é porque receia uma reacção violenta da parte do filho Amenmés.

– Seti não está preocupado em reforçar as fronteiras de nordeste?

– Sabes tão bem como eu que vir ao Vale dos Reis para venerar os seus antepassados é um dos primeiros deveres de qualquer novo Faraó. Renunciando a fazê-lo, Seti demonstra fraqueza e não respeita a magia do seu nome.

O julgamento era severo, mas o mestre-de-obras não teve qualquer argumento a opor à esposa.

– Tenho outro motivo de inquietação – confessou ela – e não vai ser fácil dissipá-lo.

– Posso ajudar-te?

– Receio que não – disse ela, sorrindo. – Uma boa parte das riquezas oferecidas pelo Rei será depositada no templo, mas é preciso distribuir o resto dos produtos de beleza entre as sacerdotisas de Hathor, que são também mulheres com gostos determinados e negociáveis... As próximas horas anunciam-se pois bastante difíceis.

Clara não se enganava. Com ásperas discussões no decurso das quais foram avançados argumentos fundamentais como a antiguidade na confraria, o privilégio da idade ou a fragilidade da epiderme, cada vaidosa tentou obter o máximo.

Só Turquesa não teve que lutar, como se a luz da sua beleza, sobre a qual o tempo não tinha qualquer poder, fosse sentida por todas as mulheres da aldeia como uma protecção. Uabet a Pura defendeu-se com habilidade e até mesmo a jovem Niut conseguiu mais ou menos o que desejava, sem esquecer uma grande jarra de óleo de rícino para o seu velho marido.

Enquanto a Mulher Sábia se preocupava com a manutenção da harmonia no interior da aldeia, o mestre-de-obras dirigiu-se ao primeiro fortim, onde os cinco camponeses se interrogavam se saíam vivos da sua penosa aventura.

Depois de ter consultado o documento oficial que Sobek lhe mostrava, Néfer teve de render-se à evidência: o Faraó dava-lhe um campo de trigo perto do Ramesseum e contratava cinco camponeses para o cultivar. Competia ao mestre-de-obras dispor da colheita à sua vontade.

– Não será urgente soltá-los, Sobek?

– Tens de me compreender, Néfer: considerarei-os como indivíduos perigosos, encarregados de provocar uma diversão antes do ataque do grosso das tropas.

– A tua iniciativa era boa. Sobretudo, não nos tornemos menos vigilantes!

– Esta demonstração de estima do Faraó não parece então suficiente ao mestre-de-obras do Lugar de Verdade...

– A Mulher Sábia considera que apenas a presença do Faraó em Tebas significaria que estava afastado qualquer perigo de guerra civil!

– É também essa a opinião do general Mehi – precisou o chefe Sobek. – Segundo ele, o príncipe Amenmés ainda não reconheceu oficialmente a soberania do pai e este silêncio não pressagia nada de bom.

– De acordo com o meu ponto de vista – disse Karo o Mal-humorado a Didia o Generoso, que fabricava um amuleto em forma de nó de Isís -, o assunto está resolvido: Seti II contentar-se-á em reinar no norte do país e em Mênfis, enquanto o príncipe Amenmés adormecerá nas delícias de Tebas.

– É contrário à plena concretização do poder faraónico e à Lei de Maet – objectou o carpinteiro. – Se as Duas Terras se opuserem, se o Norte e o Sul forem separados, corremos para a catástrofe. Seti não o devia tolerar, sob pena de ver o seu trono vacilar e o Egipto mergulhar na anarquia.

– Os tempos mudaram – interveio Tuti o Sábio, que parecia sempre tão frágil que quase se partia. – Seti talvez se satisfaça com o que possui a fim de evitar uma fractura irreversível.

– Eu – afirmou Unesh o Chacal -, estou pessimista. O meu faro indica-me que atravessamos um breve período de calma antes da tempestade.

– Então, aproveitemos! – recomendou Pai o Bom pão, que distribuiu bolos aos camaradas. – Eu próprio os cozi no forno e estão bem fofinhos.

– Paneb inquieta-me – confessou Didia o carpinteiro. – Ele que em geral é tão expansivo, parece-me cada vez mais sombrio.

– Creio saber porquê – avançou Unesh.

– Então fala!

– Não adivinharam?

Didia coçou indolentemente a cabeça.

– Não julgas que...

– Claro que sim.

– Pensam que ele prepara realmente uma obra-prima? – questionou Pai.

O silêncio provou ao desenhador que era essa a opinião dos seus companheiros.

– Não é jovem demais para enfrentar semelhante desafio?

– Paneb não tem qualquer hipótese e deu-se conta disso – considerou Unesh. – É por isso que perde pouco a pouco a alegria, e quando o seu fracasso se consumir, esta terá desaparecido definitivamente.

– Dir-se-ia que te congratulas com isso, Chacal.

– Detesto os pretensiosos. Vê-los esfacelarem-se sobre um rochedo grande de mais para eles diverte-me ao mais alto ponto.

– Artesãos mais dotados do que Paneb tiveram a humildade de viver a profissão, e apenas a sua profissão, sem pretender controlar a matéria-primordial.

Vindo da colina de Oeste, onde fora escavada a necrópole principal da aldeia, um ruído surdo quebrou a quietude da tarde.

Paneb acabava de fazer rolar a pedra para obstruir a entrada do túmulo de Néfer o Silencioso onde trabalhara durante todo o dia, sem se preocupar com os festejos organizados por ocasião da chegada dos produtos de beleza oferecidos pelo Faraó.

CAPÍTULO 20

Turquesa, com o corpo perfumado, soberba na sua nudez de mulher apaixonada, levava uma vez mais Paneb bem longe no caminho do prazer. De cada vez que se entregavam um ao outro o colosso tinha a sensação de descobrir uma nova amante de inesgotável imaginação.

Despertando do encantamento recíproco em que se tinham perdido com paixão, os amantes contemplavam-se como se acabassem de renascer.

– Não envelheces, Turquesa... Qual é o teu segredo?

– A magia da deusa Hathor.

– Tu também procuraste a matéria-primordial?

– O caminho das sacerdotisas é diferente do dos artesãos.

– Mas tenho a certeza que vocês também a utilizam!

– Hathor não é o amor infinito que une entre elas todas as formas de vida do Universo?

– E se a matéria-primordial fosse o amor...

– Dizem que te encerras todo o dia no túmulo de Néfer o Silencioso e que não autorizas ninguém a ver o teu trabalho.

– É verdade... Apenas o velho Kenhir teve o privilégio de descobrir uma cena que o mestre-de-obras lhe mostrou. A partir de então, tapo a entrada com uma pedra e o próprio Néfer ignora tudo da minha obra-prima.

– Sem o conhecimento da matéria-primordial, não corres para o fracasso?

– O fracasso seria esperar descobri-la na madeira, no fogo ou não sei em que mais! Passar o tempo a interrogar-se acerca dela, é perder a vida. Ou sou capaz de realizar uma obra-prima, ou não sou; a matéria-primordial é a união do meu coração e da minha mão e apenas uma realidade interessa: fazer. E o que eu sei fazer é pintar.

Gritos agudos intrigaram os amantes.

– É a Besta Terrível! – exclamou Turquesa, que se cobriu com um véu de linho para ir abrir.

A gansa de pescoço amarelo riscado de preto grasnava desesperadamente com a nítida intenção de entrar em casa da sacerdotisa de Hathor.

– Tenho a impressão que a Besta Terrível te quer falar, Paneb.

– Eu, mas... É verdade, ela tem razão! Vou chegar atrasado.

Paneb foi o último a apresentar-se a Karo o Mal-humorado, que desempenhava a função de guarda da porta na entrada do local de reunião da equipa da direita.

– Ia fechar a porta – resmungou o Mal-humorado.

– Ainda está aberta, é o essencial.

Cada artesão se sentou no lugar que lhe era reservado e o mestre-de-obras invocou os antepassados a fim de que continuassem a proteger a confraria, traçando o seu destino. Pela gravidade do tom, os membros da equipa souberam que Néfer não tinha boas notícias para lhes anunciar.

– Não está prevista qualquer visita do Faraó até nova ordem – revelou -, mas ele encarrega-nos de preparar a sua Morada de Eternidade. Partimos portanto amanhã para o Vale dos Reis, para escolhermos a sua localização.

– E se não convier ao Faraó? – inquietou-se Fened o Nariz.

– Havemos de ver.

– Porque não vem o Rei ao nosso encontro? – interrogou Nakht o Poderoso.

– Por causa da presença em Tebas do filho Amenmés.

– São finalmente conhecidas as suas intenções?

– Continua a não haver nada de concreto, mas não prestou juramento de fidelidade ao pai, como se se preparasse para tomar o poder na cidade do deus Amon.

– O Sul contra o Norte... e nós na tempestade!

– De momento – disse Paneb -, temos um túmulo real para escavar e não há nada de mais maravilhoso.

– E a equipa da esquerda? – inquietou-se Ipui o Examinador.

– Trabalhará sob a direcção de Hai no Vale das Rainhas.

– Devido à medíocre qualidade da rocha vários túmulos antigos têm de ser restaurados.

– Já pensaste no plano do túmulo – inquiriu Gau o Exacto.

– Falaremos disso no lugar.

A resposta do mestre-de-obras surpreendeu os artesãos; em geral, Néfer não se mostrava tão evasivo.

– Amanhã de madrugada Kenhir distribuirá as ferramentas e tomaremos o caminho do Vale.

Acordado pela sua jovem esposa quando ainda não nascera o dia, o escriba do Túmulo trincou um pedaço de pão fresco antes de se dirigir, claudicante, à casa-forte que abriu ao abrigo de outros olhares. retirou de lá maços, cinzéis de cobre de diversos tamanhos e picaretas que distribuiu pelos artesãos. O escriba-assistente Imuni anotou com exactidão quem tinha recebido o quê e o pequeno grupo começou a trepar o carreiro em passo moderado, evitando deixar Kenhir para trás.

– O velho tem um humor massacrante – fez notar Pai o Bom-pão. – Está cada vez mais autoritário e duro.

– Já não vai mudar – considerou Renupé o Jovial -, e estas expedições já não são para a sua idade.

– Isso pensas tu! – objectou Tuti o Sábio. – Dentro de alguns minutos, trepará mais depressa do que nós. Por nada no mundo perderia uma estadia no Vale. Lá, nada é como noutro lugar; é como se fôssemos autorizados a penetrar vivos no Além.

Muitos partilhavam a opinião do ourives. Quando a equipa passou pelo acampamento do desfiladeiro para lá deixar esteiras, jarras de água e provisões, discutiam ainda problemas de família e de saúde, mas quando iniciou a descida que conduzia à grande planície, onde viviam as almas dos faraós ressuscitados, espalhou-se o silêncio.

Não eram operários como os outros, mas uma tripulação encarregada de navegar numa paisagem sagrada, inacessível aos profanos, onde explorariam uma nova via escavando a rocha; e até mesmo o traidor sentiu uma certa emoção ao franquear a estreita porta de pedra do Vale dos Reis, guardada por polícias núbios. Mas tinha ido demasiado longe para recuar e fora demasiado humilhado para perdoar. Se tivesse existido justiça, teria sido ele a conduzir a confraria para o seu destino e não Néfer o Silencioso.

Franqueado o limiar do Vale, ficaram todos espantados por descobrirem a Mulher Sábia, envergando uma longa túnica dourada.

O mestre-de-obras inclinou-se diante dela.

– Na ausência do Faraó, conduz-nos ao lugar justo onde escavaremos a sua Morada de Eternidade.

Clara cingiu os rins de Néfer com o avental de ouro que marcava a sua dignidade de chefe dos construtores e lhe conferia a autoridade necessária para dar o primeiro golpe de cinzel na matéria bruta; protegendo-lhe a garganta, o nó de Isís afastava dele as forças malélicas a fim de libertar o seu pensamento para a obra a realizar.

Com a Mulher Sábia e o mestre-de-obras à cabeça, a procissão passou diante da Morada de Eternidade de Ramsés o Grande, roçou pelas pedras que cobriam a de Tutankhamon, um santuário secreto conhecido apenas de um reduzido número de iniciados, meteu por outra vereda em direcção a sudoeste antes de bifurcar para oeste e quis virar de novo para sul, acabando por imobilizar-se cerca de quinze metros mais à frente, face à falésia.

O lugar era estranho, como que desviado do Vale. Todos sentiam uma sensação de profunda solidão mas sem qualquer tristeza.

Fened o Nariz aproximou-se. Cheirou a rocha, beijou-a, acariciou-a. Entrou em contacto íntimo com ela e sentiu a circulação da vida nas suas veias.

– A rocha aceita – concluiu.

Os artesãos formaram um semicírculo e Néfer o Silencioso avançou.

Depois de ter consultado um dos principais segredos de Estado, o plano com a localização dos túmulos reais, o mestre-de-obras constatara que naquele lugar a falésia estava intacta.

Deu a primeira pancada com o malho e enterrou o cinzel de ouro na pedra virgem para a tornar fecunda da obra futura.

Os corações contraíram-se, com a convicção que a confraria se embrenhava uma vez mais no invisível com a intenção de fazer surgir na terra um novo rosto da eternidade. Quase imperceptível, a vibração desencadeada pelas ferramentas encheu no entanto o círculo montanhoso, como se todo o Vale desse o seu acordo à tripulação do Lugar de Verdade.

O mestre-de-obras afastou-se e Paneb brandiu a pesada picareta de pedra sobre a qual o fogo do céu

traçara o focinho e as duas orelhas do animal do deus Seth.

E o fogo penetrou na rocha.

Escavar a rocha com as grandes picaretas e os cinzéis biselados seguindo as instruções do mestre-de-obras, retirar os estilhaços transportando-os em pequenos cestos, limpar as ferramentas, dormir nas cabanas de pedra do acampamento do desfiladeiro, voltar a trabalhar no Vale... Graças à coerência que reinava na equipa, o estaleiro estava organizado sem choques.

Apenas Ched o Salvador, cuja acuidade visual se mantinha graças aos remédios da Mulher Sábia, não participava naquela fase dos trabalhos. Na oficina ao ar livre instalado perto do túmulo, preparava a decoração da porta monumental e do primeiro corredor.

– Talvez não seja mais do que uma impressão – disse a Néfer – mas tenho a sensação que o ritmo de trabalho é particularmente acelerado. Quase parece que estás apressado, o que não parece nada teu.

– Com efeito, não temos tempo a perder.

– Dispões de informações confidenciais que preferes manter secretas?

– Não, Ched; tento adaptar-me a este lugar especial e ao momento que vivemos.

– Sem querer ser pessimista, não é bom sinal.

– Ainda não sei... Paneb falou-te da sua obra-prima?

– Uma ou outra alusão... Recusa o auxílio seja de quem for. Na minha opinião, não deve ter ficado encantado por ter de abandonar o túmulo que te prepara; mas pelo ardor com que maneja a picareta, está mais do que feliz por participar na criação de um novo túmulo real. Este rapaz possui uma capacidade de trabalho que ultrapassa a compreensão.

– Bastar-lhe-á para descobrir a matéria-primordial?

– Não é certo... O número de qualidades requeridas é ilimitado e ninguém conseguirá nunca determinar a receita do êxito. Mas já não terás confiança nos deuses?

– Descansa, Ched.

Sob o olhar crítico de Kenhir, a quem Didia o carpinteiro dera um sólido tamborete de três pés, a equipa da direita avançava a ritmo acelerado, sob o impulso de Paneb e de Nakht o Poderoso que tentava rivalizar com o colosso.

A Mulher Sábia não se enganara: a rocha era bela e sã e cantava em unísono com as ferramentas.

CAPÍTULO 21

Decorrera perto de um ano desde a coroação de Seti II e a situação parecia ter estacionado, excepto para os artesãos do Lugar de Verdade, que tinham recebido a concordância do monarca sobre a localização da sua Morada de Eternidade no Vale dos Reis. As equipas da direita e da esquerda trabalhavam alternadamente, tal como no Vale das Rainhas, onde o programa de restauro continuava.

O príncipe Amenmés não tomara qualquer decisão, mas saíra da sua letargia para seguir um treino militar comparável ao dos soldados de elite e essa atitude atraía-lhe a simpatia do exército tebano, desiludido com a falta de atenção do Faraó que, segundo os informadores do general Mehi, não saía de Per-Ramsés.

Entre Seti II e o filho não havia qualquer contacto, nem mesmo uma carta; e Amenmés continuava a não prestar juramento de fidelidade. A tensão e a inquietação permaneciam e havia uma questão que se repetia constantemente, obsessivamente: porque razão o Faraó não manifestava a sua autoridade de uma maneira ou de outra?

É um facto que tinha que se preocupar em consolidar as fronteiras de nordeste e evitar uma revolta na Siro-Palestina, mas as consequências da firmeza de Merenptah eram ainda perceptíveis e nenhum perigo de invasão parecia ameaçar de imediato o Egipto; o Faraó devia igualmente prestar atenção à atitude dos altos dignitários, prontos a fomentar conjuras, mas o chanceler Bai, o homem forte do regime, dava a ideia de ter o controlo da corte de Per-Ramsés com o auxílio da Rainha Tausert, que se afirmava cada dia como uma mulher de Estado. Porque tolerava ela também a sedição larvar de Amenmés?

Naquele clima um tanto irreal, Mehi ia ficando cada vez mais nervoso. Embora tão próximos, os tesouros do Lugar de Verdade pareciam no entanto inacessíveis, tanto mais que o traidor não descobrira ainda a mínima pista que conduzisse à Pedra de Luz. Trabalhava com a sua equipa a escavar e a decorar o túmulo de Seti II, obrigado portanto ao segredo durante longos meses. Por diversas vezes, Mehi tentara abordar com Amenmés o problema do estatuto especial da aldeia dos artesãos, mas o príncipe não se interessava por isso, demasiado ocupado a iniciar-se no manejo das armas.

A doce Serketa passava muitas horas no laboratório de Daktair a completar o seu conhecimento dos venenos que experimentava em pequenos roedores cuja agonia, mais ou menos rápida conforme os produtos, a distraía; a esposa do general teria gostado de utilizar mamíferos maiores, mas o sábio desaconselhara-a de o fazer, com medo de se comprometer. Apreciava muito a sua discípula, que se mostrava inventiva e lhe dissipava a neurastenia. Daktair já não acreditava na possibilidade de transformar o Egipto num país moderno onde a ciência e a técnica apagam as antigas crenças, mas a determinação de Serketa devolvia-lhe por vezes a esperança. Mas era preciso que deflagrasse um conflito interno para permitir a emergência de novas forças.

Por correios confidenciais Mehi continuava a garantir ao Faraó a sua absoluta fidelidade, ao mesmo tempo que o informava que o Príncipe Amenmés não renunciara às suas ambições; evidentemente, o general fazia tudo para convencer o filho do Faraó a permanecer na legalidade e a não realizar qualquer gesto irremediável. Embora se interrogasse, Mehi não compreendia as razões da inércia de Seti II, em desacordo com o nome que o Faraó usava. Ele, o protegido do deus Seth, deveria abater-se como um raio sobre aquele rebelde que ousava desafiar-lo! E por que razão a Rainha Tausert, que não sentia qualquer afecto por Amenmés, não impelia o Rei a agir?

Foi um oficial colocado em Per-Ramsés, autorizado a visitar os tebanos, que trouxe a resposta ao general Mehi em troca de forte recompensa. Como a notícia em breve seria oficial, Mehi dirigiu-se apressadamente à casa ocupada pelo príncipe Amenmés, junto da caserna principal, para ser o primeiro a dar-lha, imaginando as suas reacções que, desta vez, não deveriam ter falta de firmeza.

Mehi teve a desagradável surpresa de encontrar o filho de Seti em companhia de dois especialistas de carros, aos quais tinha no entanto pedido para não se aproximarem do príncipe.

– Vinde juntar-vos a nós, general! – exclamou Amenmés. – Cada dia aprendo mais coisas sobre a qualidade do armamento tebano e não posso deixar de vos felicitar por terdes preparado uma tão formidável máquina de guerra. Mas estais com má cara! Más-notícias?

– Devo falar-vos a sós.

Os dois especialistas de carros eclipsaram-se.

– Os vossos homens obedecem-vos num abrir e fechar de olhos, general... Espero também acabar por

conseguir esse resultado. Precisava de tempo e soube tê-lo. Então, que tendes de tão importante e tão urgente a dizer-me?

- Suponho que não haveis cessado de vos interrogar sobre as causas do prudente silêncio do vosso pai.
- Cheguei a uma conclusão: reinar sobre o Norte basta às suas ambições.
- Segundo informações que acabo de receber, não é certamente esse o caso.

O príncipe ficou intrigado.

- Explicai-vos, general!
- A Rainha Tausert está grávida.

– Grávida... Se tiver um rapaz, o meu pai terá outro filho! Um filho que escolherá como co-regente em meu lugar e perderei assim qualquer legitimidade. Eis o projecto que concebeu com essa maldita Tausert!

Amenmés agarrou no cabo de um punhal e lançou-o com raiva contra um mapa do Egipto desenhado na parede. A nova lâmina preparada por Daktair enterrou-se profundamente na parede, depois de ter trespassado o nome da capital, Per-Ramsés.

- Quando terá a Rainha o filho?
- Daqui a cerca de dois meses – respondeu Mehi.
- Se o meu pai ousar humilhar-me, não o deixarei gozar o trono durante muito tempo.

Quando Paneb regressou do Vale dos Reis para gozar dois dias de repouso depois de oito dias de trabalho, tinha diversos projectos em mente. Primeiro, continuar a sua obra-prima, que exigia dele todo o talento e toda a técnica de que era capaz e mesmo mais; em seguida, propor a Néfer o Silencioso uma decoração inédita para a sala do poço do túmulo de Seti II. Esta Morada de Eternidade era muito diferente da de Merenptah, a atmosfera do reino não tinha nada de semelhante, e a tripulação do Lugar de Verdade não poderia contentar-se com uma imitação. Mas a ideia do pintor era tão surpreendente e tão original que o mestre-de-obras talvez a pusesse de parte.

Paneb esperava que Uabet a Pura lhe tivesse preparado uma daquelas suculentas refeições de que tinha o segredo, mas foi uma esposa em pranto que se precipitou nos seus braços logo que ele franqueou a entrada de casa.

- O que te aconteceu?
- Vem ver a cozinha – consegui articular entre dois soluços.

O local estava devastado. Potes partidos, marmitta voltada, saco de carvão de madeira rasgado, legumes espalhados... Para Uabet a Pura, extremamente cuidadosa, era um cataclismo., – Quem fez isto?

– O teu filho e o macaco verde dele... Em vez de esperarem tranquilamente o meu regresso do templo, transformaram a minha cozinha em campo de jogos e eis o resultado! Como Aperti tinha pressa de partir para a escola, nem sequer ouviu as minhas censuras.

- Não conseguiste retê-lo?
- O nosso filho só tem onze anos, mas é já mais forte do que certos adultos.

Paneb continuava extremamente calmo.

– Vou buscá-lo.

– Não sejas demasiado severo, peço-te! Aperti não passa de um garoto... E mesmo tendo cometido uma grande asneira, não merece uma sanção desproporcionada.

Paneb beijou docemente a esposa na testa.

Aperti não tinha ido à escola, onde um artesão da equipa da esquerda dava uma aula de matemática, e o pai fez um breve inquérito para descobrir que fora a casa de Gau o Exacto.

- O meu filho está em vossa casa? – Perguntou ele à esposa do desenhador.
- Está, veio consultar o meu marido a respeito de uma divisão demasiado complicada para o seu gosto.
- Diga-lhe que venha embora.
- Não queres entrar?
- Não, Uabet está à nossa espera.

Quando Aperti apareceu, parecia ligeiramente pouco à vontade.

- Porque não foste à escola?
- Não gosto do professor... Prefiro o Gau. Ele deu-me a solução do problema.

– Por outras palavras, és um cábula.

Com a sua voz rouca, Gau interveio.

– Não é assim tão grave, Paneb. Agora o teu filho compreendeu bem o princípio da divisão. Não é isso o mais importante?

– Sinto-me feliz por isso e agradeço-te. Vem, Aperti.

O rapaz correu à frente do pai como se quisesse escapar-lhe, mas a alguns passos de casa, um punho forte elevou-o do solo. O garoto encontrou-se frente ao olhar irado do colosso.

– Porque devastaste a cozinha?

– Estive a brincar com o macaco verde!

– És menos do que um macaco, Aperti, porque faltaste ao respeito à tua mãe.

– Tenho o direito de...

A ruidosa bofetada que Paneb deu por pouco não arrancava a cabeça do filho.

– Não tens nenhum direito, apenas deveres, e o primeiro de todos consiste em venerar a tua mãe que te deu a vida. Durante cerca de três anos ela ofereceu-te o seio e os teus excrementos nunca a enojaram. Foi ela que te ensinou a falar, a ler e a escrever, é ela que vela pela tua saúde. Curva-te diante da tua mãe e nunca mais te comportes assim, Aperti. Caso contrário, quebro-te os ossos e atiro-te para fora desta aldeia.

CAPÍTULO 22

Para trabalhar no interior do túmulo de Seti, Paneb utilizava dois objectos indispensáveis: um côvado de dobrar que lhe permitia verificar as proporções e o olho contendo todas as medidas, presente de Ched o Salvador. Este concebera o programa simbólico para os três corredores em série, que conduziam à sala do poço, cujas paredes tinham sido alisadas com grande cuidado e cobertas com um gesso branco sobre o qual os desenhadores haviam traçado os hieróglifos que compunham as Litanias de Ré e o Livro da Câmara Oculta; os extractos escolhidos ofereciam à alma real o conhecimento dos nomes secretos da luz e dos das regiões do Além que ela teria que atravessar para atingir a ressurreição.

Os escultores tinham criado um admirável retrato idealizado do Rei, eternamente jovem e coroado como Osíris; assim, viveria a regeneração do deus do império dos mortos e do "reino de debaixo da terra", ao mesmo tempo que continuava a ser a encarnação do Sol vencedor das trevas; em seguida, Seti II era representado fazendo oferenda à luz divina, a Ré, e à Regra eterna do Universo, Maet.

Estava a terminar uma jornada de trabalho e a luz das lâmpadas enfraquecia. A pequena sala acabava de ser talhada na rocha, faltava torná-la viva.

Com o comprimento de 2,82 m e a altura de 3,25 a 3,39 m.

– Quando escavaremos o poço da alma? – perguntou Paneb ao mestre-de-obras.

– Não o escavaremos.

O pintor ficou surpreso.

– A sua presença é necessária! Quando o sarcófago passar por cima do poço, a energia que ele contém fará com que a morte desapareça.

– Como se chama essa energia, Paneb?

– É o Nun, o grande deus vindo à existência por si mesmo, pai das forças criadoras e a fonte de toda a vida.

– Lembras-te dos textos que desenhaste, mas compreendeste o seu sentido e importância? Que o poço seja materialmente escavado ou não é secundário; concebe-o em espírito, da mesma forma que pensamos nos nossos antepassados, e fica a saber que os hieróglifos e as cenas rituais lhe conferem a realidade plena. O essencial é o próprio Nun. Para uns, surge como o caos, as trevas insondáveis; a imensidade deste universo que o nosso cérebro nunca abarcará e que nos causa vertigens; para outros, é indiferenciado, o que era antes de ser e o que continuará a ser depois do nada, a substância vital invisível presente em todas as formas. Quando escavas uma trincheira de fundação para fazer nascer o templo, tocas o Nun; a inundação é um dos seus aspectos, o sopro do vento é outro e quando adormeces, juntas-te a ele. É nele que vogam as barcas solares; é dele, o incriado, que provém toda a criação. Desde que franqueies em consciência os limites do mundo visível, penetras nele.

– Isso significa que o Vale dos Reis é uma das suas expressões?

– Sim, Paneb, está situado no Nun, como a nossa terra, uma ilhota emersa por uma duração limitada. Essa energia ilimitada envolve-nos e alimenta tanto o nosso espírito como o nosso corpo. Nós, artesãos do Lugar de Verdade, temos o privilégio e a responsabilidade de viver no interior do Nun quando preparamos uma morada de Eternidade onde se exprime a sua força toda-poderosa. Graças à harmonia que transforma a matéria bruta, a energia da origem revela-se sem se descobrir. E, sem ela, apenas escavaríamos túmulos, não santuários de vida.

– Queres dizer que o Nun é... a matéria-primordial?

– Faz-se tarde, Paneb, e querias expor-me um projecto para a decoração desta sala.

– Tens a certeza? – perguntou Pai o Bom pão à esposa.

– Absoluta.

– Desta vez é de mais! Quero ser bom fulano e mostrar-me paciente, mas não façam troça de mim!

– O que podemos fazer? Não é seguro que o tribunal nos dê razão, sobretudo se for o escriba do Túmulo a presidir.

– Estou no meu direito!

– Então diz-lhe!

Encorajado pela cólera legítima da esposa, Pai o Bom pão consultou os colegas Unesh o Chacal e Gau o

Exacto, que partilharam a sua indignação e o acompanharam até ao gabinete de Kenhir.

O velho escriba lia o correio oficial que, nesse dia, não continha nada de alarmante e ergueu um olhar sombrio para o trio.

– O que há agora?

– Tens que nos ouvir, Kenhir! – exigiu Pai com as faces em fogo.

– Tendes alguma coisa a dizer-me?

– Temos realmente! Porque recusas entregar-me as jarras de cerveja que me são devidas? Já não há nem uma em casa e recuso-me a ser tratado de forma tão injusta! Quando há maçadas, não hesitas em chamar-me, mas quando distribuis cerveja boa, esqueces-te de me convocar.

– É para o teu bem.

– Para o meu bem, como?

– Estás quase obeso, Pai, e beber demasiada cerveja agrava o teu estado.

– Podes ser o escriba do Túmulo, mas não te compete ditar a minha conduta!

– Erro, Pai; se adoeceres, a tua ausência retardará o trabalho da equipa e este atraso penalizar-nos-á a todos. Como estamos em plena escavação de um túmulo real, devo velar pela tua saúde. E que os teus amigos não te façam beber às escondidas, porque acabarei por saber e serei obrigado a tomar medidas disciplinares.

Os três desenhadores bateram em retirada. Entroolhando-se, pensaram que a cabeça de Kenhir teria merecido ser classificada entre as rochas mais duras.

O escriba do Túmulo sentou-se no seu tamborete e poisou as mãos na bengala. Esperou que os membros da equipa da direita tivessem acendido as lâmpadas na Morada de Eternidade de Seti II para se dirigir ao mestre-de-obras.

– O nervosismo domina a tua equipa, Néfer, e a da esquerda não se mostra mais calma. Hai teve que dar reprimendas aos artesãos por duas vezes esta semana e eu restringi a distribuição de cerveja forte para evitar beberetes no decurso dos quais se refaz o mundo.

– A sua inquietação é desculpável – defendeu Néfer -, e estão descontentes por prepararem um túmulo que o Faraó reinante não se dignou visitar.

– Quando se trabalha de forma correcta, não há tempo para inquietações!

– Todos sabem que o nascimento do filho de Tausert e de Seti provocará uma reacção brutal da parte do príncipe Amenmés.

– Se tiver um pouco de inteligência, não se levantará contra o pai! Seti virá apresentar o filho ao deus Amon de Karnak, Amenmés inclinar-se-á diante do Rei legítimo e tudo reentrará na ordem.

– O vosso optimismo alegra-me, Kenhir.

– Não te entusiasmes, Néfer, porque não passa de fachada! Soube que o príncipe Amenmés conferenciara diversas vezes com o sumo Sacerdote de Karnak e que as autoridades da região se espantam com a modificação radical do seu comportamento. Depois de ter saboreado os prazeres da existência, o príncipe tornou-se um verdadeiro soldado, capaz tanto de comandar como de se bater na primeira linha. E essa vontade guerreira não pressagia nada de bom. Alguns seres contentam-se com veleidades; esperemos que Amenmés pertença a essa categoria. E depois, o general Mehi não está encarregado de garantir a nossa protecção?

– Bastaria um decreto real para nos privar desse escudo!

– Porque razão nos havia Seti de desferir um golpe tão baixo quando estamos a preparar a sua Morada de Eternidade?

– A Rainha Tausert não detesta o Lugar de Verdade? Querendo substituir-me por um espião a soldo dela, esperava introduzir uma lagarta no fruto.

– Fracassou – lembrou Néfer -, e é a prova de que o casal real considera o nosso trabalho como primordial.

Kenhir abanou a cabeça.

– Nestes últimos tempos – murmurou -, não tenho apreciado nada o comportamento de Unesh o Chacal. Associa-se com um ou com outro para protestar, permanecendo na sombra, como se procurasse minar a comunidade.

– Ide até ao fundo do vosso pensamento – sugeriu o mestre-de-obras. – Tereis acaso identificado aquele que nos trai?

- Não tenho qualquer prova da culpabilidade de Unesh, mas aconselho-te a mantê-lo debaixo de olho.
- Nada de mais concreto?
- Não, nada. Porquê tantos mistérios em torno da sala do poço?
- Paneb fez-me uma proposta surpreendente, que aceitei, e já começou a pintar.

Kenhir franziu as sobrancelhas.

- Não aprecio nada surpresas na decoração de um túmulo real!
- Esta é muito especial, visto que temos de agir na ausência do Rei e na incerteza do futuro. Não será necessário ter em consideração essas circunstâncias?
- Se a iniciativa de Paneb não for conveniente, vai ser necessário apagar e recomeçar.
- Vinde ver.

Irritado, Kenhir meteu pelo primeiro corredor cujos textos examinou, temendo descobrir neles fantasias. Mas não detectou qualquer falta e constatou mesmo que a cobertura era de qualidade excepcional. Quanto às cenas de oferenda, estavam perfeitamente conformes com os modelos rituais. Faltava examinar aquela famosa sala do poço: dez lâmpadas de três mechas espalhavam uma luz intensa que valorizava cada pormenor das surpreendentes pinturas de Paneb.

Nem cena de oferenda, nem entidade divina, mas a representação dos objectos sagrados que, durante os funerais de um Faraó eram depositados no túmulo: um falcão sobre um estandarte, uma cobra, um touro, um chacal, um íbis, um crocodilo e estátuas mostrando o Faraó numa barca, com um ceptro na mão, em pé sobre uma pantera ou representado sob a forma de uma criança nua tocando sistro e um ritualista transportando uma oferenda real.

– Estes objectos serão fabricados em ouro por Tuti – precisou o mestre-de-obras -, desde que a confraria não seja apanhada na tempestade. Se fosse esse infelizmente o caso, nada faltaria ao Rei, porque aquelas pinturas, uma vez animadas pelos rituais, tornar-se-iam realidade.

Kenhir estava de boca aberta. Paneb escolhera formas simples, sem arrebiques, mas que encarnavam as diversas forças que acompanhariam a alma do Rei durante a sua viagem perpétua no Além. Um fino contorno vermelho sublinhava certas figuras e estavam todas pintadas de cor de ouro.

- Estais satisfeito, Kenhir?
- Não, estou deslumbrado.

CAPÍTULO 23

– A Rainha Tausert acaba de ter um filho – anunciou o general Mehi com gravidade.

Olhando para a caserna principal de Tebas por uma das janelas da sua residência, o príncipe Amenmés voltava-lhe as costas.

– São conhecidas as intenções do meu pai?

– Deseja que esta criança seja associada ao trono e é essa igualmente a vontade da Rainha.

Instalou-se um pesado silêncio.

– Porque razão não me havíeis dito, general, que os vossos especialistas tinham fabricado um novo carro de guerra, simultaneamente mais leve e mais robusto do que os modelos utilizados pelos exércitos do Norte?

– Por uma razão simples, príncipe: ainda não está em condições.

– Não é essa a opinião dos dois técnicos que consultei.

– São demasiado optimistas.

– Eu próprio vou verificar.

– Não deveis correr riscos inúteis e...

– A partir de hoje, assumo o comando das tropas estacionadas de Tebas a Elefantina e das que guardam as fortalezas da Núbia. Mantenho-vos no posto de general, na condição de executardes escrupulosamente as minhas ordens e de nada me ocultardes. O menor passo em falso, Mehi, sereis demitido.

O general inclinou-se.

– Mandai vir os escribas para que lhes dite um decreto.

– Um decreto... Devo compreender...

Amenmés voltou-se e Mehi não o reconheceu. O rosto perdera toda a frouxidão, o olhar tornara-se penetrante, a expressão imperiosa.

– Não fui suficientemente claro?

– Estou às vossas ordens, Majestade.

Amenmés esboçou um sorriso triunfante.

– A vossa inteligência continua a ser extremamente viva, general; tanto melhor para vós. Quando eu tiver terminado de ditar o meu decreto, dirigir-nos-emos a Karnak.

Amenmés, o filho de Amon, escolheu como nome de coroação O que é estável como Ré, o eleito da luz divina, com a bênção do Sumo Sacerdote de Karnak, e depois tomou como esposa uma tebana de origem estrangeira que instalou no palácio real.

O novo Faraó fez-se reconhecer pelos nobres tebanos que o aclamaram e exigiu deles uma fidelidade sem falhas. Partiram imediatamente mensageiros para todas as províncias da região a fim de espalhar a notícia: o Egipto era de novo governado, a prosperidade em breve estaria de volta.

Um grande banquete, no decurso do qual Serketa não deixara de tagarelar em falsete fazendo olhinhos meigos ao monarca, reunira a corte de Amenmés e todos se tinham esforçado por parecer alegres e descontraídos.

Logo que regressou a casa, Serketa despiu-se e fez-se massajar.

Descansada, foi ter com Mehi ao seu gabinete.

– Ainda a trabalhar! Não é um dia de festa?

– Não posso perder uma hora para enviar uma carta cifrada a Seti explicando-lhe que já não disponho de qualquer autonomia mas continuo a ser seu súbdito fiel.

Serketa sentou-se nos joelhos de Mehi.

– A situação está a tornar-se muito excitante... Dois Faraós, um pai e um filho que se detestam, uma guerra civil iminente... Que sorte nós temos!

– Vai ser necessário jogar duro, minha querida, porque o jovem Amenmés mudou muito. Esperava manipular um fantoche mas, ele saiu do seu torpor para se proclamar patrono dos exércitos.

– Qual dos dois atacará primeiro?

– É esse o problema, minha doce pombinha; o agressor será considerado como um rebelde e um provocador de perturbações e o povo receará que ele atraia sobre si a maldição dos deuses.

– Quando deixarão essas velhas superstições de existir? Convirá portanto empurrar Amenmés até ao extremo e fazê-lo descontrolar-se... O nosso exército não é superior ao de Seti?

– É difícil ter a certeza. Se este chamar os regimentos colocados nas fronteiras, terá a seu lado uma massa de soldados experientes. E há algo mais inquietante: Amenmés começa a desconfiar de mim e pode seguir o seu próprio caminho sem me consultar.

– Seria muito aborrecido, meu amorzinho... Não vamos agora perder o benefício dos nossos esforços!

– Não, claro que não.

Paneb passara um dia e uma noite a olhar o céu para nele contemplar o ouro do Sol, a prata da Lua e o lápis-lazúli da abóbada estrelada. Gravou no seu olhar os metais do Universo que entravam também na composição da matéria-primordial. Os seus olhos tornaram-se mais exactos e o pintor rejubilou quando teve a impressão de penetrar no firmamento. A sua mão acariciou o ventre das estrelas e dançou como uma constelação.

A revelação do mestre-de-obras no túmulo de Seti II distendera-lhe o coração; actualmente, Paneb conseguia detectar as pulsações e as vibrações do Nun, essa energia presente por toda a parte.

Era por isso que avançava sem receio no deserto onde circulavam monstros com corpo de leão e cabeça de falcão que o mais hábil guerreiro não conseguia vencer. Mas o colosso sentia a necessidade de ultrapassar as fronteiras do visível para alimentar a sua obra com essa substância impalpável oculta na água de um poço, na chuva caída do céu, na inundação que fecundava as terras ou no fogo que tornava o deserto hostil.

Quando Paneb ultrapassava um outeiro, foi alertado por um sopro rouco. Voltou-se lentamente e viu um enorme chacal com pelagem de um negro-luzidio sob a luz prateada.

Anúbis, o deus encarregado de guiar os mortos até ao tribunal do outro mundo....

Paneb não sentiu qualquer temor, de tal forma o animal era soberbo. Visto que lhe aparecera, seguiu-lo-ia.

Quando o chacal recomeçou a andar, o colosso não hesitou. Avançando na esteira do seu guia, pareceu-lhe percorrer um imenso trajecto que, na realidade, o reconduziu até perto das colinas do Lugar de Verdade.

Uma encosta a subir, um cume, uma vereda, e o chacal imobilizou-se diante da entrada do túmulo de Néfer o Silencioso, que estava obstruída por um enorme bloco de pedra.

O pintor não se enganara portanto! Era aqui o lugar da sua obra-prima, o local onde devia encarná-lo para se mostrar digno dos seus iniciadores utilizando a energia oculta no mais profundo de si mesmo e que o ligava ao Universo e aos deuses.

Paneb prostrou-se diante do chacal que desapareceu na noite e depois encerrou-se no túmulo a fim de continuar o seu trabalho.

Os rituais da madrugada tinham sido executados, os altares dos antepassados floridos e as mulheres da aldeia vinham buscar as jarras de água trazidas pelos burros. Não tardaram a notar a ausência de Uabet a Pura, modelo de pontualidade.

– Deve estar doente – sugeriu a esposa de Pai o Bom pão.

– Vou ver – decidiu Turquesa.

Foi Aperti que abriu a porta.

– A tua mãe está doente?

– Não pára de chorar.

A esplêndida ruiva entrou. Uabet estava estendida na cama, com o nariz enfiado numa almofada.

– Sou eu, Turquesa.

A mulher de Paneb voltou-se com vivacidade e lançou um olhar furioso à intrusa.

– Tu... Tu atreveste-te! Mas porque te mostras tão cruel?

– Não compreendo, Uabet.

– A tua vitória não te basta... Tens que vir humilhar-me a minha casa!

– Mas de que vitória falas?

– Paneb passou finalmente a noite em tua casa, não é verdade?

– Estás enganada, Uabet. Um pacto é um pacto e nunca o quebraria.

– Dizes a verdade, Turquesa?

– Já alguma vez te menti?

Uabet a Pura ficou atrapalhada.

– Estava convencida que Paneb ficara em tua casa porque queria divorciar-se e voltar a casar.

Turquesa sentou-se na beira da cama.

– Dissipa os teus receios, não passava de um pesadelo. Eu nunca me casarei e nem Paneb nem qualquer outro me farão mudar de ideia.

– Mas então... Onde foi ele?

– Não sei – confessou Turquesa.

– Foram os talhadores de pedra! – exclamou Uabet. – Detestam Paneb e devem tê-lo atacado. Com certeza que o abandonaram, ferido, fora da aldeia.

As duas mulheres correram para onde vivia Casa o Cordame, cuja esposa, uma morena baixinha e agressiva, varria a entrada da casa.

– Queremos ver Casa – exigiu Uabet.

– O meu marido está a dormir e tem tenções de se levantar tarde. Com o ritmo de trabalho que o mestre-de-obras impõe, os talhadores de pedra precisam de repouso.

– Não falou de uma briga com Paneb?

– Entre os nossos maridos as coisas nunca correrão bem! Mais vale habituarmo-nos.

A esposa de Casa o Cordame fechou a porta. Uabet e Turquesa dirigiram-se a casa de Nakht o Poderoso, que devorava uma enorme sanduíche de queijo branco.

– Paneb? Não o vi ontem à noite.

– Não te bateste com ele?

– Não, mas é pena... Um dia, hei-de vencê-lo e fazê-lo gritar por misericórdia.

Nem Karo o Mal-humorado nem Fened o Nariz deram a menor informação às duas mulheres. Preparavam-se para interrogar outros aldeões e depois prevenir o mestre-de-obras quando Turquesa se lembrou da preocupação fundamental que perseguia o colosso.

– Ele só pensa na matéria-primordial e na sua obra-prima...

– E se tivesse passado a noite no túmulo que está a preparar? – interrogou Uabet.

No momento em que chegavam em frente da entrada da Morada de Eternidade de Néfer o Silencioso, o grande bloco rolava para deixar passar Paneb, momentaneamente deslumbrado pelo sol. No seu rosto não havia o mínimo sinal de fadiga.

– O que fazem vocês aqui? – perguntou, espantado.

Elas não tiveram tempo de responder. Da aldeia subiam clamores fora do normal.

CAPÍTULO 24

Um grupo de artesãos corria para a porta grande.

– Vamos ver – decidiu Paneb.

Uabet a Pura e Turquesa seguiram-no e o trio desceu rapidamente a encosta para se misturar com os aldeões.

– O que se passa? – perguntou o colosso a Tuti o Sábio, pouco à-vontade naquela confusão.

– Um decreto real, parece; Seti deve anunciar-nos a sua visita.

– Ao menos, que não deseje modificar a localização e decoração do seu túmulo – avançou Paneb, preocupado.

Reuniram-se todos em redor do mestre-de-obras a quem o escriba do Túmulo acabava de confiar o texto enviado pelo palácio real de Tebas.

– Amenmés foi coroado Faraó – revelou -, e residirá na cidade do deus Amon.

Muitos não ficaram surpreendidos, mas tinham esperado que o filho de Seti renunciasse a reivindicar o poder supremo.

– Porque tomou ele esta decisão? – perguntou Gau o Exacto.

– Porque Amenmés recusa reconhecer a legitimidade de Seti e a do filho que a Rainha Tausert acaba de dar-lhe.

– O general Mehi continuará a estar encarregado da nossa protecção? – inquietou-se Karo o Mal-humorado.

– Não sei – confessou Néfer.

– Quem devemos considerar como Faraó? – interrogou Renupé o Jovial.

O mestre-de-obras permaneceu silencioso.

– Somos obrigados a escolher o mais próximo – afirmou Kenhir. – Amenmés colocou-se à frente das tropas tebanas e não tolerará qualquer insubmissão.

– Mas se nos ligarmos a ele e se for vencido por Seti, este arrasará a nossa aldeia! – protestou Fened o Nariz.

– Segundo o escriba do Túmulo – lembrou Ipui o Examinador– não temos escolha.

– E temos uma missão a cumprir – cortou Néfer: – preparar a Morada de Eternidade de Seti II. Conduzirei portanto a equipa da direita ao Vale dos Reis e continuaremos a nossa tarefa.

Os artesãos conheciam bem o caminho que ia do Lugar de Verdade à "grande planície", mas, naquele dia tempestuoso, este podia tornar-se perigoso. O mestre-de-obras pediu portanto ao chefe Sobek e a alguns polícias para acompanharem a equipa da direita.

– O que pensas do decreto de Amenmés? – perguntou-lhe Néfer.

– Nada de bom. Deveria ter negociado com o pai e não colocar-se como seu rival.

– Como reagirias tu perante os seus soldados?

– O meu dever consiste em garantir a vossa segurança, venha o perigo de onde vier.

– Se a situação se agravar, depõe as armas.

– Os meus homens não receiam um confronto e obedecer-me-ão.

– Enfrentar soldados comandados por um Faraó seria um crime, Sobek.

– O Lugar de Verdade tornou-se a minha vida. Se não lutasse para o salvar desprezar-me-ia.

O pequeno grupo atingiu o Vale dos Reis a meio da manhã. Os guardas não tinham recebido qualquer instrução nova e deixaram-nos passar.

Depois do escriba do Túmulo ter tomado pesadamente lugar no seu tamborete, os artesãos apresentaram-lhe as ferramentas a fim de que ele tomasse as notas habituais. Mas estavam sem entusiasmo, com excepção de Paneb, que acendia as lâmpadas dispostas ao longo dos três corredores que conduziam à sala do poço cuja decoração estava terminada.

A seguir, os artesãos tinham escavado uma sala de quatro pilares cujas paredes seriam adornadas com cenas e textos extraídos do Livro das Portas. Também para ali Paneb propusera uma inovação: pintar uma única figura divina em cada lado de um pilar e fazê-las dialogar entre si. Depois dos esboços terem sido traçados a vermelho por Gau o Exacto, Unesh o Chacal e Pai o Bom pão, Ched o Salvador procedera a algumas correcções

a tinta negra, principalmente para as curvas dos rostos; depois, com a cor, Paneb fizera nascer Osíris, Ptah, Anúbis, Hórus e outras formas divinas que recebiam a oferenda do Faraó.

Os talhadores de pedra continuavam a escavar e o carpinteiro e o ourives preparavam os objectos rituais que formariam o tesouro de Seti II. Retomando o ritmo de trabalho, os artesãos esqueceram as suas graves preocupações para se consagrarem à obra.

– Néfer, vem depressa! – gritou Kenhir à entrada do túmulo.

O Silencioso subiu à pressa.

Ao lado do escriba do Túmulo, um polícia núbio.

– Há soldados que se dirigem para o Vale e o chefe Sobek aguarda as vossas ordens.

– O que decides? – perguntou Kenhir, nervoso.

– O Vale dos Reis deve permanecer um território sagrado e inviolável.

– Como Faraó, Amenmés tem o direito de penetrar nele – lembrou o escriba do Túmulo.

– Permanecei aqui com os artesãos – ordenou Néfer.

– Acompanho-te – anunciou Paneb.

Com os braços cruzados, o chefe Sobek e vários núbios mantinham-se diante da estreita entrada do Vale com os olhos fixos na pista onde surgiriam, de um instante para o outro, os soldados anunciados pelos vigias.

– Quantos homens? – perguntou o mestre-de-obras.

– Uns cinquenta.

– Podemos dominá-los – considerou Paneb.

O colosso foi o primeiro a ver quem guiava a tropa: o general Mehi em pessoa.

O seu carro immobilizou-se a cerca de vinte metros do pequeno grupo e ele apeou-se com autoridade. Atrás, arqueiros prontos a disparar.

Néfer avançou para o general.

– Teria preferido rever-vos noutras circunstâncias, mestre-de-obras; mas o papel do destino não consiste em reservar-nos surpresas?

– O que esperais de mim, general?

– Haveis lido o decreto do Faraó Amenmés, suponho.

– Todos os habitantes do Lugar de Verdade foram informados. Estais ainda encarregado da nossa protecção?

– O Rei não me retirou essa responsabilidade, mas ignoro quais são as suas reais intenções. Como general, devo obedecer às ordens, sejam elas quais forem.

– Mesmo se vos parecerem injustas?

– Amenmés tomou o poder, eu não passo de um executante. O novo Rei exige respeito e não creio que se mostre muito paciente.

– Devo recordar-vos que a confraria trabalha para o Faraó Seti II, senhor supremo do Lugar de Verdade?

– Mais valeria evitar esse género de declarações.

– No seu decreto, Amenmés não precisou se tencionava assumir esta função.

– Repito-vos que ignoro as suas intenções a vosso respeito...

– Até maior informação, considero portanto que Seti II reina sobre a aldeia. Consagrar-nos-emos assim ao acabamento do seu túmulo.

– Renunciai a esse projecto, mestre-de-obras.

– Pelo contrário, tenho o dever de o conduzir a bom termo.

– O Rei Amenmés enviou-me aqui para vos ordenar que suspendais imediatamente os trabalhos no túmulo de Seti. Pense eu o que pensar, não tenho opção: preciso do vosso consentimento.

– E se eu recusar?

– Transmitirei a vossa resposta a Sua Majestade, mas desaconselho-vos vivamente, a título amigável, a adopção dessa atitude. Confirmo-vos que Amenmés tem necessidade de afirmar a sua soberania e que não toleraria uma tal afronta.

– Tendo em conta a gravidade da situação, devo consultar a confraria.

– Vou tentar fazer com que o Rei tenha paciência, evocando os costumes do Lugar de Verdade, mas não

procureis ganhar tempo e não considereis levemente a determinação de Amenmés.

– De que lado estais vós, Mehi?

– Estou preso num espartilho, mas permaneço do vosso lado, mestre-de-obras, e sempre estarei porque vós encarnais valores ancestrais cujo desaparecimento seria catastrófico. Se Amenmés for demasiado longe, tentarei impedi-lo, mas não compliqueis a minha tarefa.

– Tereis a minha resposta amanhã de manhã.

– Enquanto espero, concedei-me um favor: parai o trabalho no túmulo de Seti e abandonai o Vale. Essa manifestação de boa vontade deverá acalmar Amenmés.

– Concordo, desde que os polícias núbios permaneçam de serviço e que vós não tenteis forçar a passagem.

– Amenmés não me deu essa ordem e espero evitar tais extremos.

O general voltou-se para os seus homens, com a secreta esperança que a teimosia do mestre-de-obras não fraquejasse; recusando obedecer ao novo Rei, atrairia a cólera de Amenmés sobre toda a confraria que em breve ficaria sem defesa. Mehi proporia ao monarca que colocasse a aldeia sob rigoroso controlo militar, que ele garantiria para melhor se apoderar dos seus tesouros ocultos.

A partir do regresso da equipa da direita à aldeia muito antes do dia previsto, circularam rumores e a preocupação atingiu rapidamente o conjunto dos habitantes: Amenmés não iria pôr fim à missão sagrada dos artesãos e aniquilar o Lugar de Verdade?

Firmes declarações de Kenhir restabeleceram uma certa calma, mas o escriba do Túmulo não ocultou que a confraria estava em perigo e que era necessário que tomasse o mais depressa possível uma decisão de que dependeria o futuro.

Com o acordo da Mulher Sábia, Turquesa levou imediatamente as sacerdotisas de Hathor até um oratório para implorarem a protecção da deusa.

Até o macaco verde interrompeu as suas brincadeiras; quanto à Besta Terrível, colocou-se perto da porta principal.

Na presença da Mulher Sábia e do escriba do Túmulo, as duas equipas reuniram-se no pátio a céu aberto do templo de Maet e de Hathor. Os rostos estavam graves e todos colocavam as suas esperanças na sabedoria de outrem.

CAPÍTULO 25

– O Rei Amenmés exige que interrompamos os nossos trabalhos no túmulo de Seti II – declarou o mestre-de-obras. – Se recusarmos, fará intervir o exército. Sejam quais forem as suas convicções, o general Mehi será obrigado a obedecer e pedirei ao chefe Sobek que não resista a fim de evitar um banho de sangue.

– Amenmés proclamou-se senhor do Lugar de Verdade? – perguntou Ipui o Examinador.

– Ainda não.

– Nesse caso, só obedecemos a Seti!

– Seria assinar a nossa sentença de morte – considerou Kenhir. – Amenmés recusa-se a ver o pai honrado no território que ele controla.

– O Vale dos Reis não pertence ao domínio temporal dos monarcas – precisou Hai, o chefe da equipa da esquerda.

– Infelizmente – lembrou a Mulher Sábia -, Seti não veio consagrar magicamente a construção da sua Morada de Eternidade.

– Mostremo-nos razoáveis – propôs Tuti o Sábio. – O general Mehi não está em condições de nos defender e o mestre-de-obras recusa envolver os polícias de Sobek num combate perdido de antemão. Não é a nós que compete iniciar uma luta armada contra os soldados do Faraó!

– Pensemos nas nossas mulheres e nos nossos filhos – reforçou Userhat o Leão. – O que lhes aconteceria se fôssemos presos por insubmissão?

– Fizemos o nosso dever – acrescentou Karo o Mal-humorado – e não temos condições para nos opormos à força. Não vejo nenhum motivo para não obedecermos.

Cada um deu a sua opinião e, apesar de um certo despeito ninguém tinha vontade de desafiar Amenmés.

– Ponho no entanto uma condição – precisou Néfer. – Serei eu a selar a porta do túmulo de Seti e os soldados não penetrarão no vale.

– Aprovo o mestre-de-obras – concluiu a Mulher Sábia.

O general Mehi fervia de impaciência. Para acalmar os nervos, atirara ao arco durante mais de uma hora sem conseguir serenar. A vitória estava ali, ao alcance da mão... Quando estivesse na posse dos tesouros do Lugar de Verdade, esse fantoche do Amenmés não lhe resistiria muito tempo. Seti seria um obstáculo mais ameaçador, mas Mehi disporia das melhores armas.

– O escriba do Túmulo, general – anunciou o ajudante-de-campo.

– Que entre.

Kenhir andava com dificuldade, apoiando-se na bengala, e deixou-se cair no cadeirão que o seu anfitrião lhe estendia.

– O número de anos pesa cada vez mais duramente sobre a minha velha carcaça, general, e vivemos tempos difíceis que não ajudam nada. Possam os deuses evitar-nos conflitos dolorosos!

– Tendes razão, Kenhir, tendes razão... Qual é a resposta do Lugar de Verdade?

– Obedece ao Rei, bem entendido, esperando que Sua Majestade se proclamará o mais depressa possível protector da confraria e que vos confirmará nas vossas funções.

O general conseguiu disfarçar a sua decepção.

– Há no entanto uma pequena condição – continuou Kenhir.

Mehi recuperou a esperança.

– Qual?

– O mestre-de-obras em pessoa selará a porta do túmulo de Seti II e não haverá qualquer presença profana no Vale dos Reis.

Amenmés examinava um a um os carros de guerra e ordenava aos carpinteiros que consolidassem alguns. Antes de se lançar para o Norte, precisava de ter o material em perfeito estado.

– O Lugar de Verdade aceita interromper os seus trabalhos, Majestade – informou-o Mehi.

– Havíeis duvidado disso, general?

– Néfer o Silencioso tem um carácter íntegro e os seus artesãos não são fáceis de manobrar.

– Tendes a prova do contrário! Parti imediatamente para o Vale, verificaí que não haja nenhum artesão no

estaleiro e obstrui a entrada do túmulo do meu pai.

– O mestre-de-obras recusa qualquer intervenção militar no local.

– Quereis dizer... que se arroga o direito de recusar?

– E põe outra condição, Majestade: será ele próprio a selar a porta do túmulo de acordo com os rituais da confraria.

– Deverei então confiar nele e curvar-me à sua vontade!

Mehi não lançou óleo sobre o fogo; a cólera de Amenmés era suficientemente forte para aniquilar Néfer o Silencioso.

– Dizei ao mestre-de-obras que mudei de opinião a respeito do túmulo do meu pai.

O general crispou-se; seria a magia do Lugar de Verdade tão poderosa que levasse o Rei a autorizar a continuação dos trabalhos?

– Fechar esse sepulcro não bastará; ordeno a destruição imediata e total das esculturas, dos textos e das pinturas.

Néfer percorreu lentamente a rua principal da aldeia dedicando um olhar a cada casa e um pensamento aos que aí habitavam. Com o correr dos séculos e ao ritmo do trabalho comunitário, tinham forjado um espírito de corpo e um génio particular, para além dos defeitos e das mesquinhas inerentes aos caracteres de uns e de outros: Os faraós haviam sucedido aos faraós, os mestres-de-obras aos mestres-de-obra, e nenhum rompera o pacto que fazia do Lugar de Verdade o depositário da Pedra de Luz, capaz de transmutar a matéria.

E aquela grandiosa aventura ia terminar por causa da vaidade, da brutalidade e do ódio de um monarca que demonstrava assim a sua incapacidade para reinar.

Antes de convocar de novo a grande assembleia, o Silencioso queria conceder a si próprio tempo para se demorar nas casas brancas e cuidadas onde viviam os aldeões, com as suas alegrias e as suas tristezas, a sua grandeza e a sua pequenez, eles que tinham conhecido o milagre quotidiano da solidariedade e da fraternidade.

Um focinho úmido esfregou-se na perna do mestre-de-obras.

– Trigueiro! Também andas a passear?

O cão ergueu-se para poisar as patas da frente nos ombros do dono. Nos seus olhos cor de avelã a ansiedade misturava-se com a confiança.

– Descansa, não se volta atrás com a palavra dada.

– A partir de amanhã de manhã – declarou o mestre-de-obras aos artesãos –, devemos regressar ao Vale dos Reis.

– Então vamos reabrir o estaleiro! – alegrou-se Nakht o Poderoso.

– Amenmés dá-nos ordem para destruímos o túmulo de Seti II.

Uma profunda perturbação apoderou-se da assembleia.

– Destruir – repetiu Pai o Bom pão, chocado. – Que significa isso?

– O que significa: Partir as esculturas, apagar os textos e as pinturas, aniquilar todo o nosso trabalho.

– Mas nós não sabemos destruir! – protestou Renupé o Jovial, cujo olhar perdera toda a malícia.

– O Rei Amenmés quer subjugar-vos – explicou Kenhir com a expressão sombria – e fazer-nos compreender que só ele decide.

– Nunca Faraó algum se comportou como um tirano! – Lembrou Ipui o Examinador. – Essa ordem é insensata e não tem qualquer valor.

– Se não a respeitarmos – objectou Tuti o Sábio – somos nós que seremos destruídos.

– Iremos comportar-nos como cobardes? – insurgiu-se Paneb. – Entrámos nesta confraria para construir e para criar! Se Amenmés odeia o seu próprio pai a esse ponto, que envie as suas tropas contra ele mas que não conte com os nossos braços para degradar o Vale!

– Pensaste na tua mulher e no teu filho? – interrogou Gau.

– Depois de ter destruído uma Morada de Eternidade não me atreverei a olhá-los de frente.

– E depois de ter cometido esse horror – reforçou Unesh o Chacal – como poderemos nós ainda manejar as ferramentas?

A elevada estatura de Didia o Generoso ergueu-se.

– Quando fomos admitidos nesta confraria tomámos compromissos solenes. Renegá-los representaria

destruirmo-nos a nós próprios.

– Partilho essa opinião – disse o mestre-de-obras. – É por isso que me recuso a executar a ordem de Amenmés.

– Tens consciência das consequências? – inquietou-se Fened o Nariz.

– No melhor dos casos, Amenmés decretará o encerramento da aldeia e serei acusado de alta traição. Há alguém de entre vós que me desaprove?

Nenhum artesão tomou a palavra.

– Não existe outro caminho – acrescentou a Mulher Sábia. – Se cedêssemos às exigências insensatas de Amenmés, o Lugar de Verdade perderia a sua alma.

– Os que não desejam ser arrastados na minha queda devem abandonar a aldeia o mais depressa possível, antes que eu dê a minha resposta ao general Mehi – propôs o mestre-de-obras. – Nestas circunstâncias, não há qualquer vergonha em querer salvar a existência, a família e os bens.

Clara levantou-se.

– O mestre-de-obras e eu própria retirar-nos-emos no templo até ao pôr do Sol. Cada um é livre de fazer a sua escolha.

Em geral, era a hora mais doce do dia, o momento em que a paz se estendia sobre cada criatura e se impunha até mesmo ao macaco verde. A fadiga desaparecia e cada um fazia espontaneamente silêncio para admirar o Sol poente.

No templo, o mestre-de-obras e a Mulher Sábia tinham fechado as portas do santuário; só na noite do espaço sagrado, a estatueta em ouro da deusa Maet enfrentaria as trevas para se juntar ao oceano das origens de onde ressurgiria pela manhã.

– É com certeza a minha última noite na aldeia – disse Néfer à esposa. – Logo que eu anunciar a minha decisão ao general Mehi, ele mandar-me-á prender.

– Recusar-se-á a compreender as nossas razões?

– Quer as aceite ou não, a sua principal preocupação é a própria carreira; obedecerá portanto cegamente a Amenmés. Defenderei a causa da aldeia afirmando que sou o único responsável e que vos forcei a adoptarem a minha posição; mas o Rei acreditar-me-á?

– Amanhã acompanho-te.

– Não, Clara; o Lugar de Verdade precisa da tua presença. Só tu serás capaz de unificar as nossas forças e permitir à aldeia enfrentar a adversidade.

– Pedes-me demais, Néfer; foi contigo que vivi, é contigo que quero desaparecer.

– És a mãe da confraria. Sem o teu amor, como poderá sobreviver?

Abraçaram-se com paixão e ternura, como se desejassem gravar na sua carne aquele instante de comunhão que o destino não mais lhes ofereceria neste mundo.

CAPÍTULO 26

O general Mehi não tinha dormido naquela noite. Para acalmar os nervos, fizera amor com a esposa com a brutalidade habitual, mas nem mesmo a fúria das suas carícias conseguira apaziguá-lo.

A taça de vinho xaroposo oferecida por Serketa desagradara-lhe e resolvera desenrolar um papiro de contabilidade onde estavam inventariadas as riquezas da região tebana de que em breve seria dono e senhor.

Serketa massajou-lhe os ombros.

– Estamos a atingir um objectivo – sussurrou -, mas não te reservará esse maldito mestre-de-obras uma nova surpresa?

– Não consigo deixar de pensar nisso, mas Néfer não tem qualquer escapatória. Como pode ele aceitar destruir um templo real? Amenmés descobriu finalmente a melhor forma de o eliminar: forçá-lo a desobedecer ao seu Rei. Ninguém defenderá um rebelde.

– Quem ocupará o seu lugar?

– Porque não o nosso aliado do interior? Se for suficientemente hábil, conseguirá o lugar.

– Ainda é preciso que Amenmés aceite a sua nomeação.

– O Rei escutará os meus conselhos.

– Não te zangues, meu doce querido, mas não estou assim tão certa... Esse jovem monarca começa a ter demasiada confiança em si próprio e rodeia-se de conselheiros militares que se pretendem teus amigos ao mesmo tempo que sonham substituir-te.

Mehi foi sensível ao alerta da mulher.

– Está descansada, controlá-los-ei.

– E se derem um passo em falso – prometeu Serketa passando uma língua gulosa pelos lábios -, ocupar-me-ei deles.

O general não pôs de parte a sugestão. Alguns oficiais superiores, com efeito, começavam a tornar-se um pouco ambiciosos de mais. Ou alinhavam sob a bandeira de Mehi ou a sua carreira teria um fim brutal.

– Tens razão, minha pombinha; fiz mal em mostrar-me demasiado fraco com os meus subordinados nestes últimos tempos... Mas não previra que o nosso novo Rei se iria considerar um patrono de guerra.

– Será capaz de comandar as tropas tebanas?

– Sem mim, não. Mas não me desagrada deixar que acredite que sim... Atacar o exército de Seti exigirá uma estratégia muito precisa que Amenmés é incapaz de conceber. E sem os segredos técnicos do Lugar de Verdade, a vitória será mais do que incerta.

O dia começou como todos os outros: despertar da entidade divina no templo, homenagem aos antepassados, distribuição da água trazida pelos burros. Mas as donas de casa não trocavam confidências, como se transportassem um peso demasiado grande que não lhes permitia gozar os prazeres da tagarelice.

Depois de ter tomado um duche perfumado, Néfer o Silencioso barbeara-se e penteara-se com cuidado e depois vestira os trajes de festa.

– O escriba do Túmulo deseja ver-te – avisou Clara.

As rugas de Kenhir tinham-se acentuado.

– Sou um velho homem e o representante do Estado nesta aldeia – lembrou -, e é a mim que compete dar a nossa resposta ao general.

– Sabeis bem que essa diligência não lhe bastará e que me convocará de imediato.

– Sem dúvida... Mas porque não havemos de tentar? Tu corres um perigo demasiado grande!

– Conto convosco, Kenhir, para defender a aldeia com os argumentos jurídicos que dominais; talvez a minha condenação não arraste a vossa. Não seria conveniente que um de nós avisasse Seti? Redigi uma carta que lhe é dirigida. Empreendimento demasiado arriscado Os soldados de Mehi revistarão qualquer artesão que sair do Lugar de Verdade.

– No entanto, só ele nos pode salvar!

– Amenmés decidiu agir depressa e Seti não terá tempo para chegar a Tebas a fim de nos socorrer.

Kenhir abraçou Néfer. – Não sou um lisonjeador e não sou nada hábil na arte do cumprimento... Mas tu és um mestre-de-obras de que o Lugar de Verdade se pode orgulhar.

Néfer o Silencioso beijou Clara e saiu de casa interrogando-se sobre quantos artesãos teriam já abandonado a aldeia para se refugiarem no mundo exterior, onde tentariam escapar à vingança de Amenmés.

A rua principal estava deserta. Com excepção do escriba do Túmulo, os habitantes tinham optado pela fuga. O golpe era difícil de encaixar e o mestre-de-obras sentiu-se muito só ao dirigir-se para a porta grande que abria pela última vez!

Até mesmo Paneb o Ardente, seu filho adoptivo, preferira colocar-se a salvo com a família. É certo que a sua atitude era compreensível, a razão tinha levado a melhor; Néfer devia esquecer a sua decepção para admitir que a confraria estava extinta, embora ele devesse defender o seu espírito face às autoridades.

O mestre-de-obras puxou o ferrolho e abriu a grande porta.

Todos.

Estavam todos ali à sua espera: os artesãos das duas equipas, sacerdotisas de Hathor, as crianças, Trigueiro, Encantador, Besta Terrível, o macaco verde e os outros animais domésticos.

– Ninguém abandona a aldeia – afirmou Hai.

– E eu escolto-te – disse Paneb.

– Visto que haveis escolhido permanecer solidários, a tua presença aqui é indispensável.

– Acabarei a minha obra-prima... Promete que regressarás para a ver.

Néfer poisou a mão direita sobre o ombro esquerdo de Paneb e fitou-o com uma intensidade que perturbou o colosso.

Depois, como se partisse para uma viagem tranquila, o mestre-de-obras afastou-se sem pressa e não se voltou.

O aprumo do mestre da confraria impressionava o general Mehi, que se considerava no entanto de uma grande elegância na sua túnica plissada de elevado preço.

Embora ocupasse a posição dominante, Mehi invejava a força inata daquele homem que em breve seria menos do que um escravo. Tentou em vão detectar uma emoção no rosto de Néfer, vencido graças à intervenção de Amenmés.

– Qual é a vossa resposta, mestre-de-obras?

– Não destruirei o túmulo de Seti II e assumo sozinho essa responsabilidade.

O general conteve-se para não revelar a sua alegria. A armadilha fechara-se sobre o Silencioso e não tinha qualquer possibilidade de escapar. Mas mais valia que ele e a confraria continuassem a acreditar na sua amizade; essa cegueira serviria os seus interesses.

– Haveis reflectido bem, Néfer?

– A confraria comprometeu-se a construir de acordo com as leis da harmonia e a Morada de Eternidade de Seti II nasceu graças a essas leis. Nenhum mestre-de-obras as violará arruinando a obra realizada.

– São nobres pensamentos e compreendo-os... Mas sabeis que o Rei Amenmés não se contentará com isso.

– Eu sei.

– Recusando obedecer-lhe, não estareis a condenar o Lugar de Verdade a desaparecer?

– Cessaria de existir no exacto momento em que traísse a sua vocação.

O general começou a andar de um lado para outro.

– Não sei como vos hei-de ajudar, Néfer... As instruções de Amenmés são terminantes: ou vos conduzo ao Vale dos Reis com as vossas equipas para destruírem o túmulo de Seti, ou vos levo ao palácio para serdes julgado.

– Os antepassados do Lugar de Verdade são testemunhas que respeitei o meu juramento. Mais vale desobedecer a um tirano do que tornar-se perjuro, mesmo para salvar a vida.

– Se adoptais esse tom, sereis condenado à pena máxima! Defendendo a vossa causa com argumentos razoáveis, talvez consigais vergar Amenmés.

– Nem vós mesmo acreditais nisso.

– Estou pessimista, é verdade, porque ele é jovem e belicoso. Se o pai o tivesse associado ao trono, não teríamos chegado a isto... Mas Seti desconfiou de um filho demasiado ambicioso. E eis-nos no impasse, com dois reis que vão entrar em guerra! O Norte opor-se-á ao Sul, egípcios matarão egípcios... Chegou o tempo da desgraça e não sabemos como adiá-lo! Quanto a revoltar-me contra o Rei, não tenho essa possibilidade visto que

ele assumiu a chefia das tropas tebanas e que lhes dá directamente ordens. Eu próprio, amanhã, arrisco-me a ser despedido ou preso se manifestar a mínima reticência face às exigências reais. Mas levar-vos ao palácio como um criminoso para ouvir uma condenação absurda... Nunca teria imaginado! Poderíeis escapar à vigilância dos guardas e fugir, Néfer. O Rei mandar-vos-á procurar e as vossas hipóteses de permanecer livre serão ínfimas, mas não existe outra solução para evitar o pior. Salvai pelo menos a vossa vida a fim de transmitirdes o saber de que sois depositário. Tentai alcançar o Norte e colocai-vos sob a protecção de Seti.

Se o mestre-de-obras cedesse à tentação, Mehi concederia a si próprio o prazer de o mandar prender de imediato e entregaria a Amenmés um prisioneiro recalcitrante e perigoso.

Néfer o Silencioso permaneceu de braços cruzados.

– Sois um homem corajoso, mestre-de-obras; sabeis que vos tenho em alta estima e que tudo farei para vos ajudar. Mas desde que tivermos franqueado essa porta, não poderei demonstrar mais qualquer sinal de amizade.

– Fazei o vosso trabalho, general.

CAPÍTULO 27

Apenas a primeira entrega de água da manhã tinha sido efectuada. Em seguida, a pista que conduzia à aldeia ficara vazia. Os aldeões não receberiam nem frutos, nem legumes, nem peixe.

O chefe Sobek sentia-se desamparado.

– Quando os soldados de Amenmés se apresentarem no primeiro fortim, como devo comportar-me? – perguntou a Kenhir. – O mestre-de-obras aconselhou-me que lhes entregasse as armas mas...

– Ele teve razão – confirmou o escriba do Túmulo. – Tentar proibir-lhes o acesso à aldeia seria inútil.

– É o meu dever, Kenhir!

– Não somos capazes de resistir ao exército tebano. Para que nos tenhamos de fazer massacrar?

Obedecendo às ordens do faraó serás considerado como um polícia leal e colocado noutra posto. Aprecio a tua integridade, Sobek, mas seria uma loucura sacrificares-te.

Em passo fatigado, o escriba do Túmulo atravessou a zona dos auxiliares onde apenas Obed o ferreiro estava ainda a trabalhar.

Os outros tinham desertado da zona, preferindo permanecer em casa na expectativa da intervenção de Amenmés. Naquele período conturbado, mais valia não se mostrar perto da aldeia.

– Porque permaneces aqui? – interrogou Kenhir.

– Tenho uma picareta e cinzéis de cobre para arranjar.

– Os soldados do Rei meter-te-ão na prisão, Obed.

– Primeiro é preciso que entrem na minha forja!

– Não queiras medir forças e vai-te embora.

O ferreiro parou de carregar no fole que activava o fogo.

– Então, acabou realmente?

– Parte e esquece esta aldeia.

– Posso levar algumas ferramentas?

– Tudo o que quiseres.

– Vou-me embora, Kenhir, mas não esquecerei.

Quando o escriba do Túmulo se aproximou da grande porta, o guarda levantou-se.

– Posso partir também?

– Com certeza, e previne o teu colega: apresentem-se ambos à administração central para conseguirem uma nova colocação.

Kenhir regressou a casa, onde a jovem esposa, como de costume, preparara um excelente almoço.

– Não tenho fome.

– Fazei um esforço – recomendou Niut a Vigorosa.

– Não, prefiro dormir. E gostaria de não acordar.

– Não deveis estar tão desesperado!

– Existe um único motivo de esperança?

Casa o Cordame, Fened o Nariz e Karo o Mal-humorado talhavam um bloco de calcário de uma qualidade notável que destinavam ao pátio de entrada da Morada de Eternidade de Néfer o Silencioso. Os três talhadores de pedra empregavam toda a sua ciência naquele trabalho delicado, enquanto o seu colega Nakht o Poderoso acabava de fazer a base de uma coluna no mesmo local. A seu lado, Userhat o Leão, o mestre-escultor, e os seus dois assistentes; Ipui o Examinador e Renupé o Jovial, criavam uma estátua do mestre-de-obras em tamanho natural, de pé, com o olhar ligeiramente erguido para o céu.

Os três desenhadores, Gau o Exacto, Unesh o Chacal e Pai o Bom pão, decoravam as paredes daquele pátio de entrada sob a direcção de Ched o Salvador, que examinava cada pormenor com uma atenção minuciosa. Didia o Generoso talhava num tronco de acácia uma correspondente com a effígie de Néfer para que ele continuasse a trabalhar sem fadiga no outro mundo, enquanto Tuti o Sábio adornava com folha de ouro outra figurinha do mesmo género.

Quanto a Paneb, fechara-se de novo no interior do túmulo com os seus pincéis, trinchas e pães de cor.

Sob a direcção de Hai, a equipa da esquerda procedia a restauros no templo de Maet e de Hathor para tornar

o edifício tão perfeito quanto possível.

– O mestre-de-obras há-de safar-se – predisse Userhat o Leão.

– Estás a sonhar – objectou Fened o Nariz. – Amenmés não hesitará um instante a infligir-lhe o castigo supremo.

– Nem sequer tenho a certeza que nos entreguem o corpo – lamentou Unesh o Chacal em voz sombria.

Como a maior parte das donas de casa, Uabet a Pura fazia arrumações. Quando os soldados viessem expulsá-los, encontrariam uma casa de onde toda a desordem fora excluída. Lavadas e dobradas, as peças de roupa tinham sido empilhadas com arte em cofres de madeira; nas prateleiras, alinhavam-se cestos contendo os objectos vulgares. Não havia um grão de poeira nas cadeiras e tamboretas, as esteiras estavam enroladas e as camas feitas e perfumadas. Quanto à cozinha, arrumada por Aperti, apresentava-se imaculada. Não faltava um único utensílio. Quando os habitantes do Lugar de Verdade fossem expulsos pelo exército, deixariam atrás deles uma aldeia acolhedora e confortável, com lindas casas brancas que escarneceriam dos ladrões antes destes começarem o seu saque. Turquesa limpava os vasos de unguentos, as conchas de maquilagem, os chifres de óleo, e guardara as suas jóias nos estojos respectivos. A soberba ruiva nada levaria consigo. Ali conhecera todas as suas alegrias; partiria sem qualquer ornamento, sem maquilagem e envergando o vestido mais simples, sabendo que a tristeza seria a partir de agora o seu único destino. Nenhum lugar, por muito bom que fosse, suportaria a comparação com aquela aldeia onde o sagrado e o profano se tinham aliado com felicidade.

Clara não tivera oportunidade de se ocupar do interior da sua casa, pois diversos doentes tinham exigido os seus cuidados, de um garoto constipado a um artesão da equipa da esquerda que sofria de uma dor de dentes; para esquecer a angústia que lhe corroia o coração, a Mulher Sábia concentrara-se nos seus pacientes, que conseguira aliviar. E depois a sala de consultas esvaziara-se e a solidão saltara-lhe ao pescoço.

Como era encantador o instante em que ela reencontrava Néfer depois de um longo dia de trabalho, como era doce a sua cumplicidade amorosa que os anos não tinham cessado de consolidar! Não estar ao lado do marido quando um perigo mortal o ameaçava provocava em Clara uma dor insuportável.

A porta entreabriu-se e o focinho de Trigueiro apareceu. O cão negro não estava autorizado a penetrar naquele compartimento e não se atreveu a franquear o limiar.

– Anda, Trigueiro, anda...

Demasiado feliz por transgredir uma proibição com a autorização inesperada da dona, o cão negro veio deitar-se a seus pés.

– Trouxe-vos o mestre-de-obras Néfer o Silencioso – disse o general Mehi, inclinando-se diante do Faraó Amenmés, que consultava um mapa do Delta.

– O que sabemos exactamente do exército do meu pai?

– Conta muitos soldados experientes, Majestade, e receio as guarnições da fronteira de nordeste.

– Por outras palavras, não recomendais um ataque brutal contra Per-Ramsés.

Mehi foi apanhado desprevenido. Não esperava perguntas tão directas e perguntava a si mesmo se Amenmés não lhe preparava uma cilada.

– Ramsés o Grande fez da sua capital uma cidade difícil de tomar de assalto; se é essa a vossa intenção, Majestade, seria indispensável uma longa preparação.

– É exactamente a minha opinião, general; apercebo-me que as vossas competências são bem reais e felicito-me por isso. Continuai a utilizá-las correctamente e permanecereis um dos membros influentes da minha corte.

– Ordenai e eu obedecerei.

O general constatou que Amenmés tinha muito prazer em humilhá-lo e comportar-se como um monarca de autoridade incontestável. Outros como ele se tinham também enganado e tinham pago caro; ninguém tratava Mehi como um vulgar cão rafeiro.

– Terá esse Néfer ousado contestar a minha decisão?

– Recusa-se a destruir o túmulo de Seti.

– Deu-vos razões válidas para justificar a sua recusa?

– Nenhuma, Majestade; Néfer o Silencioso permanece ligado ao vosso pai, que considera como o senhor do Lugar de Verdade e o futuro vencedor da luta que vos vai opor.

– Acredita que Seti chegará a tempo para o salvar? Que insensato!

Mehi só esperava a sanção. Ou o Rei fazia Néfer comparecer perante um tribunal excepcional, que o condenaria por crime de lesa-majestade, ou mandá-lo-ia para um dos degredos de onde ninguém saía com vida.

– Mostra-me esse rebelde – exigiu Amenmés.

O general foi buscar o mestre-de-obras, que encontrou com uma calma surpreendente.

– O faraó deseja ver-vos.

Néfer penetrou na sala de audiências e saudou respeitosamente Amenmés.

– Então sois vós... vós, o mestre-de-obras do Lugar de Verdade, vós que deveríeis executar as minhas ordens sem discutir!

– Posso perguntar a Vossa Majestade se se considera superior à confraria?

– Mas... com certeza! Ainda não haveis compreendido que Seti não passa de um usurpador e que eu assumo todas as prerrogativas reais.

– Nesse caso, não podeis ordenar-me que destrua uma Morada de Eternidade.

– Exerço o poder supremo, Néfer, e pretendo ser obedecido pelo conjunto dos meus súbditos, vós incluído.

Ou vos submeteis, mestre-de-obras, ou sereis castigado da forma mais severa.

Mehi rejubilava, mas o silêncio prolongado de Néfer inquietava-o: fá-lo-ia o medo mudar de opinião no último momento?

– Nenhum mestre-de-obras do Lugar de Verdade pode tornar-se um destruidor, Majestade. Sou o único responsável perante vós e peço-vos que poupeis a aldeia dos artesãos e o Vale dos Reis. É lá que repousam os corpos de ressurreição dos vossos antepassados e nenhuma presença profana deve conspurcá-lo. Nenhum Faraó digno desse nome violará esse local sagrado entre todos.

A audácia de Néfer espantou o general; com aquelas palavras, pronunciava ele mesmo a sua condenação à morte.

– Estais consciente do alcance das vossas afirmações?

– Devíeis dar-lhes ouvidos, Majestade. Possais vós preservar a herança dos vossos predecessores.

– É essa realmente a minha intenção, Néfer.

Mehi julgou ter ouvido mal.

– Tinha que pôr-vos à prova – continuou Amenmés – porque não podia confiar a construção da minha própria Morada de Eternidade a um covarde e a um perjuro que tivesse aceitado devastar a do meu pai. Sois realmente o homem que eu imaginava, Néfer, e sinto-me feliz pelo nosso país. Como senhor supremo do Lugar de Verdade, visitarei o túmulo de Seti no qual ele talvez seja inumado, se os deuses assim decidirem. E depois falaremos da localização que me será reservada.

E Para sair daquele mau sonho, o general mordeu os lábios. Mas a dor não apagou a incrível cena que contemplava, boquiaberto: o Faraó Amenmés abraçava Néfer o Silencioso.

CAPÍTULO 28

– Burros muito carregados, chefe – anunciou um polícia a Sobek.

– Quantos soldados?

– Não vêm soldados, só os burros.

– O que estás tu a dizer! Não vem ninguém com eles?

– O próximo relatório do vigia vai confirmar o que eu digo.

Só havia um homem e sem arma. Um homem vestido com os trajes de festa do mestre-de-obras do Lugar de Verdade.

– O que fazemos, chefe?

– Vou ao seu encontro.. – Desconfiai... Deve ser uma armadilha!

– Os burros não me fazem medo.

O chefe Sobek saiu do primeiro fortim.

Como a caravana avançava a bom passo, a ilusão dissipar-se-ia e aquela esperança esfumar-se-ia. Um jumento experiente vinha à cabeça, sem hesitar no caminho a seguir.

E o homem parecia-se cada vez mais com Néfer o Silencioso.

– O que pensais da minha maneira de sondar as almas, general? – interrogou o Faraó Amenmés.

Mehi tentou mostrar boa cara.

– É surpreendente mas notável, Majestade.

– Um Rei não deve surpreender constantemente? Tinham-me falado tanto da probidade e do rigor desse mestre-de-obras que eu já nem acreditava. Estava convencido que se curvaria à minha vontade como qualquer cortesão desejoso de agradar e ele surpreendeu-me. Se não tivesse a minha Morada de Eternidade a construir, de boa vontade o teria chamado para o governo. Não seria uma boa solução?

– A sua inexperiência na gestão dos assuntos públicos seria uma limitação – protestou Mehi frouxamente.

– Exacto, general, e devo tomar cuidado para não utilizar mal as competências. Mas tendes um ar fatigado...

– Não, Majestade, apenas preocupado.

– Por que razão?

– A reacção de Seti pode ser violenta e receio que Tebas não esteja ainda preparada para conter um assalto.

– É esse também o meu principal tema de preocupação e ides trabalhar sem descanso na consolidação do nosso sistema de defesa, tanto por terra como pelo rio.

– O vosso pai colocou-se sob a protecção do deus Seth – lembrou Mehi. – Deveria abater-se sobre a região como um raio, jogando com o efeito de surpresa e a violência do assalto.

– Eu, general, coloquei-me sob a dupla protecção dos deuses Ré e Amon, face aos quais Seth será impotente, desde que saibamos quebrar o seu impulso devastador. Temos que deixar o meu pai atacar primeiro, a fim de que o povo saiba quem é o agressor, o Rei Seti condenado ao fracasso. Encarrego-vos portanto, general, de transformar Tebas numa fortaleza inatacável.

– Podeis contar comigo, Majestade.

– Confirmo-vos igualmente no vosso papel de protector do Lugar de Verdade. O seu trabalho é essencial para a grandeza do meu reinado e nada de aborrecido deve afectar a serenidade da confraria.

Roído de despeito, o general inclinou-se diante do Rei.

Mal ouvindo a algazarra que animava a aldeia onde se celebrava uma festa na qual todos participavam com uma alegria comunicativa, Clara e Néfer tinham-se amado como banidos exilados em países tão longínquos que nunca mais deveriam ter regressado.

Enlaçados, viviam a sua união como uma oferenda concedida pelos deuses e saboreavam o seu extraordinário gosto, sabendo simultaneamente que a sua felicidade devia, por sua vez, ser oferecida à confraria.

– Parece-me que é Paneb que canta mais alto – murmurou.

– Não duvides... Foi ele que descarregou as jarras de vinho velho provenientes das caves do palácio real e assinalou imediatamente as inscrições.

– Que homenagem da parte de Amenmés!

– Não é a única... As peças de carne são provenientes do matadouro de Karnak e os bolos da sua pastelaria.

O Rei deseja fazer esquecer a provação que nos impôs e que considerava necessária.

– Achas que é sincero?

– Sincero e inquieto... Toma consciência que a sua coroação, aprovada pelo Sumo Sacerdote de Karnak, que deseja reafirmar a força de Amon, faz dele outro homem, repentinamente sobrecarregado de responsabilidades cujo peso exacto não

imaginava. A mais pesada é a guerra que tenciona travar contra o pai e os seus compatriotas. E depois... Mas não me dás um pouco de descanso nesta noite de festa?

Ela sorriu e a luz do seu rosto tornou Néfer ainda mais apaixonado.

– Estou pronta a satisfazer os teus desejos, mas não te esqueças que devemos presidir ao banquete que reunirá todos os aldeões.

– Vá, o tempo urge!

Fora, a voz grave e potente entoava uma canção de amor desenfreada que mesmo as mais reservadas das esposas de artesãos entoaram em coro.

– O meu melhor banquete desde que entrei nesta confraria – constatou Pai o Bom pão agarrando numa enorme fatia de vaca grelhada. – Este Amenmés não pode ser um mau Rei.

– Saibamos aproveitar a sua generosidade – recomendou Gau o Exacto. – Talvez não dure muito tempo.

– Porque és tão céptico? – perguntou Fened o Nariz.

– Achas que o nosso mestre-de-obras foi libertado sem contrapartidas? Comamos e bebamos antes que ele nos informe com que molho seremos devorados!

– Eu tenho confiança! – proclamou Renupé o Jovial, com uma taça na mão. – Depois de um grande vinho como este, o único problema será voltarmos à nossa cerveja quotidiana.

– Silêncio, Néfer vai falar! – avisou Nakht o Poderoso.

As conversas cessaram e o mestre-de-obras levantou-se.

– O Rei Amenmés declarou-se superior da confraria, de acordo com a tradição, e devemos-lhe portanto obediência.

– Isso significa que destruiremos o túmulo de Seti II? – inquietou-se Paneb.

– Reinar sobre o Lugar de Verdade implica que se respeitem a sua natureza e vocação. Conversei longamente com o Faraó e não subsiste nenhuma ambiguidade. Somos construtores e artesãos e assim continuaremos. Nenhum profano franqueará a porta da aldeia, o chefe Sobek é mantido no seu posto e o general Mehi permanece o nosso protector. Nada mudou e não renunciaremos a nenhuma faceta da nossa obra. Enquanto Seti II em pessoa não vier consagrar magicamente a sua Morada de Eternidade, os trabalhos serão interrompidos. Eu próprio selarei a porta na presença da Mulher Sábia e do escriba do Túmulo.

– Os soldados serão autorizados a penetrar no Vale dos Reis? – perguntou Karo o Mal-humorado.

– Continua a ser um território sagrado onde apenas os artesãos do Lugar de Verdade são admitidos a trabalhar.

– Mas então – espantou-se Tuti o Sábio -, Amenmés cedeu em tudo!

– O Rei ouviu a voz dos antepassados e percebeu a amplitude das tarefas da nossa confraria. Respeitará as suas leis, expressão de Maet, desde que nós próprios as respeitemos. Como é evidente, as entregas quotidianas de produtos destinados a garantir o nosso bem-estar continuarão.

– E os auxiliares? – perguntou Casa o Cordame.

– Regressarão a partir de amanhã de manhã e o seu número não será alterado. Em caso de necessidade, e por intervenção do escriba do Túmulo, poderá mesmo ser aumentado.

– Seremos livres para celebrar as nossas festas locais?

– Completamente livres.

– Portanto, nada mudou – constatou Userhat o Leão.

– Se estivesses menos bêbedo e tivesses ouvido o mestre-de-obras – observou Didia o Generoso – já o saberias.

Karo o Mal-humorado tinha adormecido com a cabeça no ombro de Casa o Cordame e os artesãos da equipa da esquerda, que tinham rivalizado em entusiasmo erguendo as taças em honra de Néfer o Silencioso, não estavam muito melhores. Nakht o Poderoso já nem sequer tinha vontade de se bater com Paneb e Unesh o

Chacal exibia um sorriso sereno olhando o vazio.

– Estes jovens suportam mal este vinho velho – fez notar Kenhir que, apesar dos olhares carregados de Niut a Vigorosa, esquecera o seu regime.

– Há um ponto capital que não esclareceste, Néfer: Amenmés confia-nos a construção do seu túmulo no Vale dos Reis?

– É essa a primeira tarefa que nos é atribuída.

O escriba do Túmulo descontraíu-se finalmente.

– Até este instante, não tinha a certeza que tivesses conseguido... Dá-me mais vinho.

– Esperemos que não se trate de uma armadilha – avançou Ched o Salvador, espantosamente sóbrio.

– O que receias? – resmungou Kenhir.

– Para mim, a palavra de Amenmés continua sujeita a caução. Veremos se não faz intervir a tropa a quando do encerramento do túmulo de Seti e se aceita a localização que lhe proporá o mestre-de-obras.

– Enganas-te, Ched; esquece os teus receios e sacia-te com as maravilhas que nos são oferecidas!

– Se o escriba do Túmulo em pessoa me autoriza, por que hei-de recusar?

Sentindo que a assembleia começava a dormir, Paneb iniciou uma canção de beber das mais envolventes; mesmo se as curiosas harmonias que subiam ao céu não respeitavam as regras da música das esferas, revelavam uma grande alegria de viver reencontrada.

Néfer o Silencioso, a Mulher Sábia e o escriba do Túmulo avançavam lentamente em direcção ao túmulo de Seti II depois de terem passado pelo posto de guarda instalado à entrada do Vale dos Reis. Os polícias núbios não tinham qualquer incidente a assinalar e nenhum soldado se apresentara para os substituir.

– Ched é demasiado pessimista – considerou Kenhir, que uma dor de cabeça afligia. – Mas poderemos ter confiança em Amenmés?

– Apenas os factos contam – respondeu Néfer.

Deserto e recolhido, o Vale estava já sobreaquecido pelo sol triunfante. Naquele outro mundo, unicamente preocupado com a eternidade, a pedra reinava como soberana absoluta.

Néfer o Silencioso correu o ferrolho que fechava a porta de madeira dourada do túmulo de Seti II e Kenhir colocou um selo de argila em nome do Lugar de Verdade.

– Reabri-lo-emos um dia? – interrogou Kenhir.

– Desejemos que sim, por Seti II – respondeu a Mulher Sábia. – É aqui que as fórmulas de ressurreição o esperam para lhe permitirem viajar para o além.

O trio afastou-se em silêncio, sempre impressionado pela majestade do local.

– Seja qual for o futuro – predisse Clara – nenhum vândalo conseguirá destruir o espírito deste lugar.

Quando saíram do Vale, os polícias núbios saudaram-nos.

– Eis uma etapa capital – concluiu o escriba do Túmulo. – Ched enganou-se, o Rei Amenmés manteve a sua palavra.

CAPÍTULO 29

O chanceler Bai estava aterrado. Há três dias que tentava em vão falar com o Faraó Seti II a propósito do decreto redigido por Amenmés, que acabava de se proclamar Rei do Alto e Baixo Egito. Os correios do novo monarca não tinham ultrapassado a cidade de Hermópolis, no coração do Médio Egito, mas a informação não tardaria a espalhar-se e o espectro de uma horrível guerra civil tomava cada vez mais consistência.

Se Seti II queria salvar o país de um desastre, devia intervir depressa e de maneira enérgica a fim de provar que seu filho Amenmés não tinha qualquer envergadura. Mas o Faraó não abandonava os aposentos da Rainha, onde os médicos se sucediam à cabeceira da criança que Tausert pusera no mundo; cheio de febre, o bebé respirava mal e o seu estado de saúde inspirava as maiores inquietações.

O chanceler resolvia o melhor possível os assuntos correntes, mas não se arriscava o golpe de força de Amenmés a pôr as Duas Terras a ferro-e-fogo, no caso de Seti se encerrar no seu mutismo?

O parto da Rainha tinha sido longo e doloroso, apesar das drogas, e Tausert recompunha-se lentamente. Privada do seu dinamismo habitual, não podia aconselhar o esposo.

Só, à frente do Estado num período tão perigoso, o chanceler recusava-se a desesperar. Redobrava portanto de esforços e atenção a fim de não cometer erros. Bai adquirira pelo menos uma certeza: nunca procuraria tornar-se Faraó! Pilotar um navio tão grande como o Egito era uma carga sobre-humana. Poucos seres eram capazes de a assumir e o chanceler não fazia parte deles; mas seria fiel ao seu Rei.

Durante o dia, as entrevistas com os notáveis sucediam-se aos encontros com os ministros; à noite, Bai estudava as pastas. Não tinha um minuto sequer para dedicar a Siptah, um jovem órfão que sofria de pé boto; filho de um sacerdote do deus Ptah, o adolescente demonstrara uma inteligência excepcional durante os estudos de escriba e o chanceler tomara-o sob a sua asa para fazer dele um homem de Estado. O caminho ainda seria longo, mas o jovem Siptah, incapaz de participar nos jogos dos rapazes da sua idade, não saía da biblioteca do templo, onde estudava astronomia e matemática. Feliz por aprender, não parecia sofrer com a sua enfermidade.

Curvado, de olhar cansado, o Rei penetrou no gabinete do chanceler que se levantou de imediato.

– Majestade! Como está o vosso filho?

– Um pouco melhor... Dorme serenamente e a Rainha também.

– Estais esgotado, Majestade; não desejais repousar um pouco?

– Desejavas ver-me, Bai?

– Verificaram-se acontecimentos graves: Amenmés fez-se coroar Faraó em Karnak e reina no Sul.

– Promulgou um decreto?

– Infelizmente sim e tentou difundir-lo em todo o país, mas os nossos serviços de segurança interceptaram os mensageiros.

– O que fizeram desses homens?

– Foram presos e serão julgados por traição.

– Liberta-os.

– Majestade...

– É uma ordem, Bai; prepara cartas nas quais porei o selo real. Esses infelizes foram obrigados a obedecer ao seu chefe e não são culpados de qualquer delito.

– A vossa clemência será apreciada, Majestade; mas deve estender-se à pessoa do vosso filho, que ousa revoltar-se contra vós?

– Deveria tê-lo associado ao trono e nomeá-lo co-regente... Agora é demasiado tarde. Amenmés provou um poder que julga absoluto e exigirá a minha abdicação. A guerra, o sangue, a morte... Eis o futuro que nos está reservado. Que triste reinado, Bai! Amenmés cometeu o erro de não me suprimir; teria sucedido a Merenptah e o país não estaria dividido.

– Atravessamos momentos penosos, Majestade, mas devemos pensar apenas no Egito! Embora seja vosso filho, Amenmés deve ser considerado como um rebelde e combatido como tal.

– Amenmés, o meu filho... Muitos pensam que ele deixou de o ser, mas eu não. Afinal, a sua ambição não é legítima?

O chanceler estava acabrunhado.

– Mesmo se se anuncia doloroso, o confronto não é inevitável? Devemos reagir, Majestade, e não deixar Amenmés ganhar terreno.

– Que importância tem isso, Bai? Se ele é o mais forte, sairá vencedor. Apenas o destino dita a sua lei.

– Não podeis reinar sem Tebas! E não esqueçais que a vossa Morada de Eternidade se encontra no Vale dos Reis.

– A grande planície... Agora inacessível.

– É necessário reconquistá-la, Majestade, e fazer construir o vosso Templo dos Milhões de Anos na margem oeste de Tebas; ele vos dará a energia necessária para triunfar.

– Triunfar... Essa palavra tornou-se vazia de sentido, Bai.

– Majestade... Não tencionais curvar-vos perante Amenmés!

– Pensei nisso.

– Posso implorar-vos que respeiteis o vosso nome, Majestade?

– Seti, o homem do deus Seth... Deveria comportar-me como um raio de guerra e lançar o meu exército à reconquista do Sul! Mas amo demasiado a Rainha, o meu filho tão frágil e este povo Egípcio que deseja viver em paz. Escolhi muito mal o meu nome, porque não sou digno dele. E esta fraqueza corrói-me a alma.

– Quereis dizer... que não ireis intervir?

– Não tenho intenção de atacar, com efeito; o que defende a violência não se revolta contra Maet? A minha estratégia consistirá tanto em esperar.

– Defenderemos pelo menos Hermópolis e o Médio Egito?

– Porque não?

– Majestade, não sou um cortesão cujas palavras sejam inspiradas pela lisonja. Mesmo se me mandardes embora, não posso ocultar-vos que desaprovo essa política.

– Talvez tenhas razão, Bai, mas sou eu que reino e será esta a política a ser aplicada. E não tenho intenção de te mandar embora porque és um homem honesto, competente e fiel. Não creio que exista outro como tu na corte.

– Permitis que reúna tropas em Hermópolis para impedir um eventual avanço do exército de Amenmés?

– Desde que o seu comandante-chefe não desencadeie qualquer ofensiva.

O secretário do chanceler avisou-o que um médico desejava conferenciar com o Rei.

– Põe em andamento a minha vontade, Bai, e não tomes nenhuma iniciativa que a contrarie.

– Não podemos permanecer sem informações sobre o que se passa em Tebas, Majestade, e tenciono criar um serviço de espionagem.

– À tua vontade, mas não esqueças que compete ao meu filho Amenmés tomar a iniciativa. Gere o Estado, chanceler; eu regresso para junto dos seres que me são queridos.

Desamparado, Bai esteve prestes a poisar os pincéis e sair daquele gabinete onde seria obrigado a aplicar directivas que desaprovava. Mas não iria aquela deserção agravar a situação? O Rei estava deprimido e não era certamente o momento de o abandonar em plena tempestade.

Visto que Seti II não se dirigiria pessoalmente aos generais do seu exército, era a ele, Bai, que competia desempenhar essa tarefa tão delicada para a qual não estava preparado. Escriba emérito, apaixonado pelos textos antigos, o chanceler não frequentara o meio militar com o qual não sentia qualquer afinidade.

Os quatro generais olhavam com desdém o civil de origem estrangeira que os convocara para o palácio onde, em geral, o Rei os recebia para lhes dar as suas directivas. Tinham decidido que o general do exército de Amon seria o seu porta-voz e que poria imediatamente ao corrente de tudo o chanceler Bai.

– Onde está o Faraó, chanceler?

– Junto da esposa e do filho.

– Alguns cortesãos afirmam que o Rei está doente... Qual é a verdade?

– Sua Majestade está fatigada, por isso me confiou a tarefa de deter a nossa estratégia para fazer face ao perigo representado pelo rebelde Amenmés.

– Só há uma estratégia, chanceler: atacar o mais depressa possível.

– O exército tebano será de desprezar?

A pergunta embaraçou o general.

– De desprezar certamente que não é...

– O vosso colega, o general Mehi, não realizou uma profunda reforma que tornou as suas tropas mais eficazes? Sabe-se lá se não estarão equipadas com um armamento superior ao nosso!

– Não passam de boatos, chanceler, e estamos certos que são absurdos.

– Não conviria verificar?

– Seria perder um tempo precioso!

– Não é essa a opinião do Rei, general.

O oficial superior pareceu chocado.

– Troçais de nós, chanceler... Seti não pode hesitar em atacar Amenmés! É preciso quebrar sem demora a espinha a esse rebelde.

– O Rei está desconfiado e aprovo a sua prudência. Os relatórios dos nossos espiões em Tebas convenceram-nos que o adversário é de peso e que convém não o avaliar levemente.

– Mas, então...

Os quatro militares entreolharam-se.

– Estamos surpreendidos – confessou o porta-voz -, mas se é essa a vontade do Faraó...

– Não duvideis e tomai as disposições necessárias para que ela seja aplicada rapidamente no terreno; daí depende a nossa segurança. E gostaria de propor-vos uma tática que não deverá desagradar-vos.

Com efeito, os seus interlocutores aprovaram-na sem reservas e passaram a considerar o chanceler Bai com outros olhos; afinal, o Rei não errara ao conceder-lhe a sua confiança.

Quanto a Bai, estava satisfeito por ter conseguido justificar a posição do monarca e esperava que a sua iniciativa se traduzisse por um êxito.

CAPÍTULO 30

O mestre-de-obras e o escriba do Túmulo foram introduzidos na grande sala de audiências do palácio situado junto do imenso templo de Karnak onde Amenmés celebrara os rituais da madrugada. Graças às cores vibrantes que animavam paredes e colunas, o local era alegre; mas os dois convidados do monarca não estavam com disposição para apreciar a delicadeza das pinturas representando maciços de papiros onde esvoaçavam aves porque receavam o resultado daquela entrevista e se lembravam dos avisos de Ched o Salvador.

Curvando-se à vontade do Faraó, vinham mostrar-lhe um documento secreto entre todos, um mapa do Vale dos Reis no qual figurava a localização das Moradas de Eternidade. Até ao presente, o jovem soberano mantivera os seus compromissos; mas não se trataria de uma hábil estratégia para se apoderar daquele tesouro?

Amenmés estava rodeado por ministros e cortesãos que tinham vindo assegurar-lhe a sua perfeita lealdade e solicitar a manutenção dos seus privilégios; os proprietários dos grandes domínios tinham necessidade de ser tranquilizados e o Rei não pensava em suprimir os benefícios adquiridos. Quando o seu trono estivesse consolidado, as coisas seriam de outra maneira.

– Ah, Néfer! – exclamou o Rei. – Aproximai-vos... Essa idosa personagem é sem dúvida o ilustre Kenhir, o inamovível escriba do Túmulo!

– Para vos servir, Majestade.

– Sois o representante do Estado no interior da confraria, Kenhir, e felicito-vos pela vossa gestão da aldeia. Tive tempo para consultar o relatório que me haveis remetido e apreciei a sua clareza e precisão. Da vossa parte, estais satisfeito com a qualidade e a quantidade dos produtos que vos são entregues?

– Não temos qualquer crítica a formular, Majestade.

– O trabalho dos auxiliares parece-vos satisfatório?

– Não temos razão de queixa.

– Desejais que aumente o seu número?

– Não será necessário, Majestade.

– Haveis trazido o documento que desejo consultar?

– Devemos falar a sós convosco, Majestade – declarou o mestre-de-obras.

– Exigis que mande retirar o meu governo?

– Se Vossa Majestade assim o desejar.

– Não falareis diante deles, não é verdade?

– Seria contrário aos imperativos do Lugar de Verdade.

– Não mudais, mestre-de-obras, e tanto melhor! Deixem-nos portanto sós.

Ministros e cortesãos saíram da sala de audiências cuja porta foi fechada.

– Então, esse documento?

De um estojo de cabedal, Kenhir retirou um rolo de papiros de cor ocre que poisou sobre uma mesa baixa de pórfiro.

– Eis um dos mais preciosos segredos da confraria e do Egipto, Majestade.

Amenmés ocultava com dificuldade a sua impaciência, mas Kenhir desenrolou o papiro muito lentamente.

A mão do primeiro desenhador traçara os contornos do Vale e depois cada mestre-de-obras indicara a localização do túmulo que escavara.

– Os Tutmés, os Amen-hotep, Ramsés o Grande – murmurou o Rei... – Estão todos aqui, reunidos no além. E eu viverei perto deles, com eles, nesta grande planície... Que localização me ides propor?

Com o indicador, Néfer o Silencioso designou um ponto exacto, mais ou menos a meia distância entre os túmulos de Ramsés I e de Horemheb, a sul do de Ramsés II.

– É um lugar novo no Vale – constatou Amenmés -, e bem afastado da Morada de Eternidade do meu pai.

Nem o mestre-de-obras nem o escriba do Túmulo reagiram, conscientes de atingirem o momento da verdade: ou Amenmés mandava escavar a sua própria Morada de Eternidade pela confraria, ou se apoderava do documento para pilhar as riquezas dos seus predecessores.

– Como haveis escolhido esta localização?

– Por experiência e intuição – respondeu Néfer. – É preciso ter o sentido da rocha e a aprovação da Mulher

Sábia.

- E se eu preferisse outro lugar, ainda mais isolado ou, pelo contrário, mais próximo de um Faraó ilustre?
- Fazei a vossa proposta, Majestade, e provaremos que estais errado.

Kenhir reteve a respiração.

- Começai a escavar a minha Morada de Eternidade – ordenou Amenmés -, e que nada lhe falte.

A fim de esquecer as suas recentes decepções, o general Mehi trabalhava afincadamente. Rodear Tebas de muralhas impossíveis de franquear teria demorado demasiado tempo; adoptara portanto outras medidas defensivas, mais leves mas de uma eficácia certa, multiplicando os postos de vigia ao longo do Nilo e preparando barragens formadas por pesados barcos de carga que impediriam a marinha de Seti de avançar para Sul e bloqueariam momentaneamente o transporte das tropas adversárias.

Os arqueiros, os soldados de infantaria e os condutores de carros eram alvo de um treino específico, porque cada corpo do exército atacaria na sua hora, utilizando ao máximo o perfeito conhecimento do terreno. Quando estivesse pronto, aquele dispositivo colocaria Tebas ao abrigo de uma invasão, mesmo que o exército de Seti fosse superior em número. E não contaria com a qualidade do novo armamento dos soldados tebanos.

Que Amenmés tivesse assumido o comando do exército não impressionava nenhum oficial; o seu verdadeiro chefe, o homem do terreno, aquele que lhes garantia boas condições de existência e prémios substanciais, era o general Mehi. Alguns oficiais superiores, que haviam tentado subtrair-se à sua influência apostando no Rei, em breve se tinham apercebido do seu erro.

A acção apagava um pouco a amargura, mas Mehi nunca perdoaria a Amenmés tê-lo iludido e humilhado. Era evidente que aquele jovem nobre e ambicioso não tinha o estofado de um grande Rei mas antes o de um arrivista que se considerava mais hábil do que qualquer outra pessoa.

O general demonstrar-lhe-ia o contrário.

De momento, Mehi esperava informações exactas sobre os projectos de Seti II e os movimentos do seu exército. Graças aos seus espiões, de que não falara a Amenmés, estaria mais bem informado do que o Rei e prepararia um confronto no decurso do qual o pai e o filho seriam eliminados. E era evidente que apenas restaria um homem capaz de dirigir o país, refazendo a sua unidade: o general Mehi. Era ainda necessário não empenhar os seus melhores homens na batalha e guardar de reserva um regimento de elite que só por ele se bateria.

– General – avisou-o o ajudante-de-campo – um mensageiro vindo do Norte.

– Ele que entre.

Mehi acolheu o espião na sua tenda. Conhecia bem aquele oficial por já ter utilizado os seus serviços.

– Será a minha última missão em território inimigo, general; não poderei passar a barragem de Hermópolis para regressar à capital.

– Uma barragem... De que género?

– Uma enorme concentração de soldados.

– Estranho... Seti não terá intenção de atacar Tebas?

– O Rei está doente. É o chanceler Bai que governa.

– Um civil... Um civil morto de medo! E a Rainha?

– Recompõe-se lentamente de um parto muito difícil. Quando o filho estiver melhor, a situação arrisca-se a mudar radicalmente.

– Essa barragem de Hermópolis não pode passar de uma cilada.

– Não, general. O chanceler Bai considera que o agressor será o vencido; espera que as tropas tebanas verão o seu impulso quebrado e ficarão com a responsabilidade da guerra civil. Além disso, Hermópolis, quando for atacada, fará apelo a importantes reforços.

– As guarnições da fronteira de nordeste?

– Exactamente.

– Esse chanceler é menos estúpido do que parece... Mas terá Seti II esquecido que se colocou sob a protecção do deus Seth e que deveria ser-lhe fiel, atacando como um raio?

– Exprimis em voz alta o que o seu exército murmura. Ninguém compreende a atitude do Rei. Sem a inteligência de Bai, que conseguiu justificá-la por razões estratégicas, já teriam surgido graves fissuras.

Deixar o regime de Seti II apodrecer por si em Per-Ramsés e colher sem dificuldade os frutos da vitória...

Infelizmente, naquele triste caso, o único vencedor seria Amenmés!

Para se apoderar do poder, Mehi tinha necessidade de uma guerra entre os dois Reis. Visto que os tesouros do Lugar de Verdade pareciam de novo inacessíveis, deveria utilizar as suas próprias armas obrigando o pai e o filho a desferirem um ao outro golpes tão severos que nem um nem outro se recomporiam.

Viria o dia em que, pelo caminho que conduzia à aldeia, Mehi avançaria à frente de um batalhão que os polícias de Sobek não teriam o direito de interceptar.

A grande porta abrir-se-ia e Néfer o Silencioso prosternar-se-ia diante do seu novo senhor, que se mostraria magnânimo antes de devastar tudo e se apoderar da Pedra de Luz.

– Será cada vez mais difícil obter informações fiáveis, general, mas não impossível... Alguns graduados hesitam em servir Seti. Podeis esperar a adesão de oficiais que vos fornecerão informações de fundamental importância.

– Descansa na caserna principal de Tebas. Depois, ocuparás um posto elevado no regimento dos carros.

– Obrigado, general.

Mehi almoçou sofregamente, como era habitual; comia e bebia depressa e com abundância, apressado em regressar para dirigir as manobras.

– Um correio especial – anunciou o ajudante-de-campo.

– De onde vem?

– Per-Ramsés.

Mehi engasgou-se.

– Repete!

– Per-Ramsés... Com o selo de Seti II. O mensageiro estava só e sem arma e entregou este correio ao nosso primeiro posto avançado, a norte de Tebas.

Impaciente, o general quebrou o selo que parecia autêntico. O papiro era de primeira qualidade e a escrita elegante e requintada.

Era evidente que não se tratava de uma falsificação.

No entanto, quando Mehi leu o texto, pensou primeiro numa brincadeira.

A assinatura Por Seti, Rei do Alto e do Baixo Egito, o chanceler Bai fê-lo compreender que não se tratava disso.

O general saltou para o seu carro e galopou até ao palácio.

CAPÍTULO 31

O Faraó Amenmés leu a missiva que Mehi lhe trouxera.

– Não é completamente insensato, Majestade?

– Em nome de Seti II, o chanceler Bai convoca-vos a Per-Ramsés para ouvir da vossa boca um relatório sobre o estado das tropas tebanas... O que tem isto de surpreendente, general? Nem o meu pai nem eu declarámos ainda guerra oficialmente. Ele pretende ignorar a minha coroação, eu não o reconheci como Faraó, mas o país está em paz e permanecemos cada um no nosso território respectivo. Quanto a vós, meu caro Mehi, não haveis sido promovido com o consentimento de Seti?

– É verdade, Majestade, mas a situação...

– O chanceler Bai quer saber em que campo combateis.

– Mas é evidente!

– Quem sabe, general? Talvez a vossa obediência não passe de uma fachada. Fingis ser-me fiel, continuando persuadido que o meu pai vencerá.

Mehi estava lívido.

– Na luta pelo poder, a traição é uma arma como as outras, não é verdade?.

– Não para um general do vosso exército, Majestade!

Amenmés esboçou um estranho sorriso.

– Não tenho qualquer razão de queixa contra vós, Mehi, mas considero que convém aproveitar a situação.

– Não vejo como.

– Ireis a Per-Ramsés, encontrar-vos-eis com o chanceler Bai e talvez com o meu pai, respondereis às suas perguntas fazendo-lhes crer que sou um fantoche que oprime a população e só pensa em enriquecer-se pilhando as ricas cidades do Sul. Dizei que o meu exército está prestes a revoltar-se contra mim e que bastaria uma ofensiva de Seti para eu ser derrubado.

– Ninguém acreditará em mim!

– Mostrai-vos persuasivo, general. Se vencerdes esta missão, ganharemos a guerra.

– Se conseguir convencer os meus interlocutores, deixar-me-ão partir?

– Penso que sim, pois vos tornareis o seu correspondente privilegiado em Tebas, simultaneamente informador e aquele que eles informarão. Imaginais a vantagem de que disporemos? A aventura é perigosa para vós, admito, mas vale a pena ser tentada. Parti imediatamente, general.

Envergando um avental de ouro, Néfer o Silencioso deu uma pancada com o malho no cinzel de ouro que se enterrou na rocha que Paneb atacou imediatamente com a grande picareta sobre a qual o fogo do céu desenhara o focinho e as duas orelhas de Seth. Nakht o Poderoso não tardou a imitá-lo, sempre animado do desejo de bater mais forte e durante mais tempo do que o colosso. Os outros talhadores de pedra adoptaram um ritmo mais lento, depois de Fened o Nariz ter constatado a boa qualidade do calcário.

– Que plano seguiremos? – perguntou Gau o Salvador.

– O que propus ao Rei e que ele adoptou: uma enfiada de quatro corredores, seguidos dos compartimentos simbólicos habituais.

– A sua Morada de Eternidade não será então muito diferente da do pai.

– Amenmés não deseja afastar-se da tradição, com efeito.

– Fez algumas exigências especiais no que se refere à decoração?

– Deseja ver representada a mãe fazendo oferendas às entidades divinas. Quanto ao resto, concede-nos a sua confiança.

– Surpreendente... Não esperava tanto classicismo. Este Rei parece ter desejo de reinar e se compreende a importância deste Vale talvez o consiga. Escolherei portanto os textos e as figurações com a minha equipa.

Aos escultores, Néfer o Silencioso pediu que preparassem estátuas reais e representassem Amenmés em alto-relevo sobre as paredes do túmulo; quanto a Didia o carpinteiro e a Tuti o ourives, ocupavam-se já do mobiliário funerário, desde as estatuetas de respondentes até às capelas de madeira dourada. Iriam certamente ser obrigados a requerer a ajuda dos seus colegas da equipa da esquerda, apesar destes estarem sobrecarregados de trabalho. Desde que o novo Faraó confirmara as missões do Lugar de Verdade, os nobres

tinham retomado as encomendas momentaneamente interrompidas para não desagradarem ao novo poder.

O canto das picaretas e dos cinzeiros, a sucessão dos esboços, o estudo dos modelos, o amor pela matéria a transformar em beleza... O entusiasmo estava de regresso, depois de um sombrio período durante o qual os artesãos tinham julgado perder tudo. Lançar-se na criação de uma Morada de Eternidade tornava mais firme ainda a coesão da equipa.

Uma coesão que o traidor sentia como um verdadeiro sofrimento... Apesar dos seus discretos esforços, não conseguira criar desentendimentos sérios na aldeia, onde ninguém contestava a autoridade do mestre-de-obras. E todas as tentativas para descobrir o esconderijo da Pedra de Luz tinham fracassado.

No entanto, não desencorajava. Naquele período angustioso que antecedia a inevitável guerra civil, talvez beneficiasse de oportunidades para revistar os locais de difícil acesso. E quando o conflito estalasse, as perturbações não poupariam o Lugar de Verdade. Competia-lhe a ele saber aproveitá-las.

De Hermópolis a Per-Ramsés, Mehi e a sua escolta tinham sido colocados sob alta vigilância, mas com as atenções devidas ao general que se servira da carta oficial do chanceler Bai como salvo-conduto para franquear os postos militares encarregados de vigiar a circulação dos barcos no Nilo.

Roído de inquietação, Mehi vira florescer uma centena de cabecinhas vermelhas e dolorosas na sua coxa esquerda. Várias vezes por dia, aplicava uma pomada que acalmava um pouco a comichão.

Impossível desobedecer a Amenmés, que o enviava para a garganta do chacal... A menos que Seti II, na posse das mensagens cifradas do general garantindo-lhe a sua fidelidade, lhe pedisse para lutar a seu lado contra o filho. Mas o Rei não concederia certamente uma posição proeminente a um trãnsfuga.

Rever Per-Ramsés, a magnífica capital criada por Ramsés o Grande, não proporcionara qualquer prazer a Mehi. Não apreciava nem o encanto dos canais, nem o dos jardins e pomares, e sentia-se sem defesa quando o privaram da sua escolta para lhe pedirem que se dirigisse só ao palácio e fazerem-no esperar numa antecâmara antes de um escriba idoso o introduzir no vasto gabinete do chanceler Bai onde imperava uma estátua em granito de Seti II.

- Obrigado por terdes respondido ao meu convite, general. Espero que a vossa viagem tenha corrido bem.
- Os controlos foram numerosos, mas o barco era confortável.
- Sentai-vos, peço-vos... O Egipto atravessa um período delicado e considero que todos os responsáveis deveriam conjugar esforços a fim de evitar o pior. Não sentis o mesmo?
- Com certeza, mas não passo de um militar que deve obedecer às ordens. E actualmente...
- Não minimizeis o vosso papel, general! O Rei Seti e eu próprio sabemos que haveis reorganizado as tropas tebanas de forma notável e interrogamo-nos sobre a qualidade do seu equipamento.
- Espero que tereis recebido as minhas mensagens cifradas.
- Descansai, chegaram até nós e apreciamos a vossa fidelidade ao Rei legítimo, que saberá recompensar-vos dos vossos méritos. Amenmés deixou-vos partir sem dificuldade?
- Mostrei-lhe a vossa carta e não se opôs à minha viagem porque considera que o Egipto continua em paz.
- É uma visão optimista da realidade, general; mas não me haveis ainda respondido a propósito do equipamento das tropas tebanas.
- Como não tinha previsto o drama que despedaça o nosso país, fiz o melhor que pude para dotá-las de armas sólidas e de carros em bom estado.

O chanceler tomava notas.

- Amenmés chamou as guarnições da Núbia?
- Ainda não.
- Quando tenciona lançar a ofensiva?
- Hesita.
- Porque razões?
- Amenmés não tem a certeza de vencer e receia tornar-se o agressor que o povo condenará.
- Pensa verdadeiramente reinar sobre todo o Egipto?
- Na minha opinião, em breve tomará consciência que é impossível e a sua posição enfraquecerá. Entretanto, ordenou ao mestre-de-obras do Lugar de Verdade que escavasse a sua Morada de Eternidade no Vale dos Reis.
- Que sorte foi reservada à de Seti?

– Os trabalhos foram interrompidos e Néfer o Silencioso selou a porta.

– Estava convencido que Amenmés teria mandado destruir esse monumento dedicado a seu pai... Tanta moderação espanta-me. Não será um sinal de fraqueza?

– Amenmés apenas reina realmente sobre Tebas, graças à aprovação do Sumo Sacerdote de Karnak, que aprecia a devoção do Rei ao deus Amon. Mas esta aliança é frágil, porque uma intervenção rigorosa de Seti acabará com ela.

– Por outras palavras, aconselharias ao Faraó que lançasse uma grande ofensiva contra o filho.

– Se deseja restaurar a unidade do país, haverá outra solução? É trágica, eu sei, e muitos soldados perderão a vida, mas esta dolorosa provação é inevitável.

– Poderia ser evitada, general.

– De que forma?

– Quando atacarmos, as vossas tropas deverão desertar e deixar as nossas avançar até ao coração de Tebas para prender o rebelde.

Face ao seu temível interlocutor, Mehi não devia pronunciar uma palavra a mais. E a solução que Bai lhe propunha era a pior, que evitava um conflito.

– Hesitais, general?

– De maneira nenhuma... Felicito-vos por terdes pensado nessa estratégia que apresenta no entanto um ponto fraco: a obediência absoluta dos meus homens.

– Duvidais dela?

– Alguns oficiais superiores acreditam no futuro de Amenmés.

– Conseguireis fazer-lhes compreender que estão enganados?

– Tentarei, mas vou precisar de muita habilidade.

– Tenho algo melhor a propor-vos: podeis prometer-lhes que Seti não será ingrato e que a sua fidelidade ao Faraó legítimo será recompensada.

– Com semelhante caução, não terei qualquer dificuldade em convencê-los. Resta um ponto capital, chanceler: em que data lançareis a ofensiva?

– Logo que Sua Majestade ficar convencida da sua necessidade. Recebereis uma mensagem cifrada que vos dará os pormenores da operação.

CAPÍTULO 32

À saída do conselho, durante o qual os ministros não tinham cessado de tecer-lhe louvores, Amenmés soubera que o general Mehi, de regresso de Per-Ramsés, acabava de chegar a Tebas. Recebera-o imediatamente numa pequena sala do palácio onde não receava ouvidos indiscretos.

– Então o meu pai não vos reteve a seu lado... Haveis tido muita sorte, general!

– Não se trata de sorte, Majestade, mas de um plano concebido pelo adversário e do qual eu sou o elemento principal.

– Explicai-vos.

Consciente de que jogava um jogo perigoso, Mehi não devia cometer nenhum erro para manter a confiança dos dois inimigos, conseguindo ao mesmo tempo lançar um contra o outro.

– Seti acumula um exército impressionante em Hermópolis, que transformou na fronteira do seu reino.

– Podemos penetrar nela?

– Provavelmente, mas com um esforço considerável; e teríamos de enfrentar os reforços vindos do Norte e, muito especialmente, as temíveis guarnições do nordeste.

– Por outras palavras, agiríamos como o meu pai deseja!

– Exactamente, Majestade; ele espera que sereis o agressor e vos destruireis de encontro a Hermópolis.

– Dizei-me, general... Como haveis sido tratado pelo inimigo?

Mehi sentia que o Rei Amenmés desconfiava que ele fizesse jogo duplo; vê-lo regressar de Per-Ramsés espantara-o inevitavelmente e era necessário que o general dissipasse as suas dúvidas.

– Com uma assinalável frieza, Majestade, mas respeitaram o meu posto e não deixaram de ter atenções comigo, graças à carta do chanceler Bai. Mas esperavam de mim que pendesse para o campo de Seti.

O olhar de Amenmés tornou-se penetrante.

– E não o haveis feito, general?

– Não, Majestade, porque acredito na vossa vitória; acreditar é aliás uma palavra muito fraca.

– Porquê?

– Porque sei como arrasar o adversário.

A força de convicção de Mehi abalou o Rei.

– Haveis visto Seti?

– Não, unicamente o chanceler Bai; e não tenho qualquer informação exacta sobre o estado de saúde de vosso pai. Murmura-se que o parto da Rainha terá sido difícil e que o seu filho não estará bem, mas podem tratar-se de mentiras destinadas a fazer-nos pensar que Seti e Tausert têm outras preocupações do que guerrear contra vós.

– E se fosse verdade?

– A verdade, Majestade, soube-a da boca do chanceler Bai.

– Esse famoso plano! E em que consiste?

– A ideia é simples, mas de uma temível eficácia. Bai considera-me como um fiel de Seti, obrigado a obedecer-vos mas que apenas sonha em trair-vos. Quando o exército do Norte atacar, ordenarei aos meus homens que não combatam. Os soldados reconciliar-se-ão e vós ficareis só e sem defesa.

– É... é monstruoso! E haveis aceitado?

– Se tivesse recusado, não teria saído vivo do gabinete do chanceler Bai. E acrescento que me pediu para subornar os oficiais reticentes. É evidente que serei avisado do dia do ataque a fim de evitar qualquer impasse.

Amenmés parecia perdido.

– Esse Bai é um demónio!

– Não, Majestade, é um estratega persuadido de ter encontrado a melhor solução para conseguir uma vitória rápida e definitiva.

– Se me revelais o seu plano em pormenor – concluiu o Rei com voz pouco firme -, é porque... não me traireis?

– Certamente que não, Majestade! – garantiu Mehi com um franco sorriso. – E vamos voltar esse plano contra o seu autor: quando o exército de Seti chegar à altura de Tebas, com a certeza de ser acolhido de braços

abertos, apanhá-lo-emos numa ratoeira. O efeito de surpresa jogará a nosso favor, desencadarei várias vagas de assalto e o inimigo será obrigado a capitular, sob pena de ser aniquilado. À cabeça do vosso exército, obtereis uma vitória memorável.

Mehi omitiu precisar que não empenharia os seus melhores homens na confusão em que Amenmés e Seti se matariam um ao outro. Quando chegasse o momento, seria ele a obter a verdadeira vitória. Uma operação delicada, é verdade, mas que se sentia capaz de conduzir a bom termo.

– Há uma pergunta que me atormenta, general: porque deverei conceder-vos a minha confiança?

– Afirmar-vos que acredito mais na vossa capacidade para reinar do que na do vosso pai não vos bastaria certamente e não estareis errado. A verdadeira razão é muito simples, Majestade, mas determinante para mim: sou um tebano e nunca admiti que a cidade de Amon tivesse sido suplantada por uma capital nova instalada no delta. Viestes instalar-vos aqui e haveis aprendido a amar esta cidade e esta região pelas quais o vosso pai apenas sente desprezo. Será Tebas que vos tornará vitorioso e sereis vós que lhe devolvereis o Lugar que nunca deveria ter perdido. Só vós sois capaz de realizar o meu sonho e o da maior parte dos oficiais superiores do nosso exército; eis porque razão exterminarei os vossos inimigos.

Pelo olhar tranquilizado de Amenmés, Mehi soube que o seu discurso resultara. Bem entendido, tinha outros argumentos de reserva, mas já que o primeiro bastara para convencer aquele monarca sensível e crédulo, não era necessário acrescentar mais nenhum.

O chanceler Bai examinara em pormenor a pasta consagrada ao general Mehi; continha múltiplas informações, desde postos de serviço até aos mexericos recolhidos pelos seus subordinados. Depois de ter falado com ele, o chanceler formara uma opinião definitiva: Mehi era precisamente o homem de que precisava.

Competente, trabalhador, enérgico, o general tinha o respeito dos seus homens e sabia fazer-se obedecer. Suficientemente lúcido para perceber que Amenmés não tinha qualquer futuro, serviria Seti II por interesse, mesmo que não fosse por simpatia, e permitir-lhe-ia reinar de novo sobre a totalidade do país.

Quando entraram no gabinete de Bai, os quatro generais do Faraó estavam muito tensos. O seu porta-voz não se deteve com fórmulas de delicadeza.

– Então, chanceler, o que haveis conseguido?

– Algumas informações sobre as tropas tebanas.

– Estão tão bem equipadas como receáveis?

– Infelizmente estão, se interpreto bem as confidências do general Mehi.

– Ele aceita colaborar?

– Tal como vós, apenas sonha com a grandeza do seu país e a restauração da unidade perdida.

– Mas mesmo assim permanece no outro campo – lembrou o general do exército de Amon.

– A situação é muito mais complexa e não deveríamos queixar-nos por isso.

– Aceitará Amenmés reconhecer os seus erros?

– É-me difícil dizer-vos mais antes de obter o acordo de Sua Majestade sobre a estratégia que me parece mais eficaz. Que as vossas tropas se mantenham no entanto em pé de guerra e que a frota esteja pronta a partir.

Os generais estavam encantados: as afirmações do chanceler significavam que a ofensiva geral estava iminente.

– Tenho que ver o Rei com a maior urgência – disse Bai ao intendente principal.

– É impossível, chanceler; Sua Majestade está à cabeceira do filho e exigiu que ninguém o incomode, nem mesmo vós.

– A Rainha aceitaria receber-me?

– Vou informar-me.

Bai estava abatido; ele, que tinha o poder de devolver a Seti a totalidade do Egipto, não conseguia sequer falar com o Rei para obter a sua autorização de desencadear o ataque vitorioso! Era impossível, no entanto, tomar uma iniciativa daquelas sem o acordo do monarca.

Um médico veio ao seu encontro.

– A Rainha aceita receber-vos, chanceler. Sua Majestade não segue infelizmente os meus conselhos, pois considero que está demasiado fraca para se preocupar com assuntos de Estado. Sobretudo, sede breve e não a fatigueis.

– Contai comigo, médico.

Uma criada de quarto introduziu Bai num compartimento luminoso, com paredes pintadas de um azul-pálido e decoradas com frisos de lótus.

Tausert estava estendida numa cama de madeira de ébano e a cabeça repousava em almofadas bordadas.

A boa distância, o chanceler inclinou-se.

– Majestade, a vossa saúde... – articulou com dificuldade, em voz alterada pela emoção.

– Estou muito melhor, Chanceler; vinde sentar-vos perto de mim.

– Não, prefiro ficar de pé.

Aproximando-se, constatou que a rainha Tausert continuava bela e sedutora. Maquilada e penteada, encarnava a distinção e o olhar directo nada perdera da sua força.

– Perdoai que vos importune assim, Majestade, mas creio ter encontrado um meio para sair do impasse, desde que obtenha o consentimento do Faraó.

O chanceler expôs o seu plano a Tausert.

– Se conseguires, Bai, terás salvo o Egipto.

– Quanto mais depressa lançarmos a ofensiva, Majestade, mais hipóteses teremos de vencer. Se a decisão tardar, o general Mehi perderá confiança. Não podereis intervir junto do Rei?

– Seti só se preocupa com a saúde do filho. Coloca todas as esperanças nessa criança como se o sentisse capaz de realizar o que ele próprio não tem força para empreender.

– Insisto na urgência da decisão a tomar, Majestade; as nossas tropas estão prontas para atacar, embora eu não tenha revelado aos generais que a sua verdadeira missão consistirá em deter Amenmés e celebrar a paz.

A Rainha teve um olhar admirativo.

– És um notável servidor do Estado, Bai, e um amigo único... O Egipto lembrar-se-á da tua dedicação. Ajuda-me a levantar, vou tentar convencer o Rei a deixar-te agir.

A porta do quarto abriu-se.

Com os braços pendentes e o olhar vazio, Seti II estacou no limiar.

– O meu filho morreu – murmurou.

CAPÍTULO 33

Graças às aulas particulares que Gau o Exacto Lhe dava, Aperti, o filho de Paneb, era um pouco menos mau em matemática mas continuava a ser o último na escola de onde Kenhir e o seu assistente Imuni só pensavam em excluí-lo.

Devido à sua idade, Kenhir já só ensinava literatura. Graças a ele, os melhores alunos estudavam as subtilezas do ensinamento do sábio Ptah-hotep e dos discursos do natural do oásis sobre o necessário respeito a Maet e a luta contra a injustiça. Era o rabugento Imuni que o substituíra no ensino da leitura, da escrita, do cálculo e das outras matérias de base que ensinava às crianças da aldeia, rapazes e raparigas em conjunto; uns permaneceriam na confraria, outros aproveitariam o seu saber para fazerem carreira no exterior.

– O teu filho perturba as minhas aulas – queixou-se Imuni a Paneb. – Fala, distrai os camaradas e responde-me de forma insolente.

– Porque não lhe aplicas severas punições?

– Já o ameacei... mas ele ri-me na cara.

– Tens medo dele, é isso?

– Não, claro que não... Mas ele é grande e forte para a sua idade.

– Ouve, Imuni: eu e tu não gostamos um do outro, mas o meu filho deve respeitar o seu professor e trabalhar correctamente. Eu próprio me encarregarei de o meter no caminho direito e exijo que me previnas à mínima asneira da sua parte; caso contrário, considerar-te-ei responsável. Fiz-me entender bem?

– Perfeitamente – respondeu Imuni com voz fraca.

Uma dezena de garotos brincava a percorrer ao pé-coxinho uma espiral traçada no chão e marcada por casas; umas continham vantagens e permitiam prosseguir o caminho, outros infligiam penalidades e obrigavam a voltar para trás.

– Fizeste batota, Aperti! – exclamou o filho de Ipui o Examinador, um rapaz estudioso e reservado.

– Tu não pensas senão em agradar ao professor!

– Fizeste batota, portanto sais do jogo.

Os outros aprovaram.

– Vocês são todos uns linguareiros tramados... Ia ganhar uma vez mais e isso irrita-vos!

– Pois, quando tu fazes batota.

Aperti fingiu afastar-se e depois voltou bruscamente para trás e, com uma varinha de salgueiro, bateu nas costas do filho de Ipui.

– Hás-de lembrar-te disto, palhaço!

Ultrapassando o seu adversário em bem uma cabeça de altura e pesando vinte quilos a mais do que ele, Aperti derrubou-o e preparava-se para lhe lacerar as carnes quando um formidável pontapé no traseiro o fez descolar do solo para ir esbarrar com a fachada de uma casa.

Furioso, o garoto voltou-se para atacar o seu agressor.

– Tens intenção de bater no teu pai? – perguntou-lhe Paneb com calma.

Aperti não podia recuar mais. E não evitou as bofetadas que lhe incendiaram as faces.

– Fui um rapaz irrequieto – confessou Paneb – mas sempre tive vontade de aprender e nunca fiz batota. Ou tu mudas de atitude, ou expulso-te imediatamente da aldeia. Irás trabalhar nos campos com os auxiliares e mostrar-te-ás finalmente útil.

– Não faças isso!

– Então dá-me razões válidas para te manter aqui. Viver no Lugar de Verdade é uma sorte incomparável. Receberás aqui um ensino superior ao ministrado na maior parte das escolas de templos. Se fores demasiado estúpido para não o compreender, procura a tua sorte noutro lado.

– Não gosto de Imuni, prefiro Gau... É feio e severo mas compreendo o que ele diz.

– Estou-me a borrar para as tuas preferências, meu rapaz; o essencial é obedecer e aprender.

– O Rei Amenmés tem sorte – considerou Nakht o Poderoso. – Viverá para a eternidade na mais bela parte do Vale.

– Eu – disse Karo o Mal-humorado poisando a picareta -, prefiro a localização do túmulo de Seti II.

– Os cantos isolados nunca convieram muito a Seti – fez notar Fened o Nariz, que começava finalmente a aumentar de peso depois do longo período de depressão que se seguira ao seu divórcio.

– Achas que convêm a Amenmés? Em vez de atacar, espera pelo adversário! Não é um comportamento de chefe.

– Julgas-te talvez muito competente em matéria militar, não? – ironizou Casa o Cordame.

– Não escavaremos a rocha durante muito tempo, sou eu que vos digo, e este túmulo não irá longe!

– Muito me espantaria, ao ritmo que o mestre-de-obras nos impõe.

Paneb parou por sua vez de trabalhar.

– Tens alguma queixa a fazer, Casa?

– Não vejo porque razão Néfer nos pediu que avançássemos sem demora, suprimindo mesmo os dois dias de repouso no mês passado.

– Tratavam-se apenas de festas facultativas – lembrou Paneb. – Em caso de sobrecarga de trabalho, o mestre-de-obras tem o direito de as utilizar.

– Sobrecarga é a palavra certa! – No entanto, é fácil de compreender – afirmou Karo, massajando os bíceps.

– O mestre-de-obras está convencido que o reinado de Amenmés será breve e faz questão de lhe construir uma verdadeira Morada de Eternidade.

Nakht bebeu um grande copo de água fresca e passou o odre.

– Esperemos que se engane... Se Seti entrar em Tebas como vencedor, não dou muito pela nossa pele.

– Fazes mal em ser tão pessimista – objectou Fened. – Esqueces a forma como Néfer acaba de defender e salvar a confraria?

– Não lhe censuro nada, mas o que poderia ele fazer face ao exército de um Faraó ávido de vingança?

– Em primeiro lugar – precisou Paneb – ainda não chegámos a isso; depois, a pausa terminou.

Per-Ramsés inteira estava de luto. No palácio, cortesãos e empregados domésticos não se barbeavam; quanto às mulheres, não usavam perucas e deixavam os cabelos soltos.

A mumificação, confiada aos melhores peritos, começara já.

O chanceler Bai não saía do seu gabinete onde reconfortava um a um os grandes dignitários, preocupados em saber se o reino ainda era governado; apesar dos seus esforços, não conseguira convencê-los e apoderara-se da capital um clima desmoralizante.

Enquanto o chanceler se empenhava em lutar contra o desânimo demonstrando, com o seu trabalho e o dos seus colaboradores, que o Estado não se demitia, verificou-se uma espécie de milagre: a Rainha Tausert convocou a corte.

De imediato o desespero deu lugar à curiosidade e as pessoas empurravam-se para penetrar na grande sala de audiências inaugurada por Ramsés o Grande.

Envergando um longo vestido verde-claro, coroada com um diadema de ouro, o pescoço adornado com um colar de turquesas e os pulsos com finas pulseiras de ouro, a Rainha sentou-se no trono do Faraó. Na ausência de Seti, competia à Grande Esposa Real governar o país.

Os cortesãos mais próximos da soberana procuraram em vão as marcas de cansaço no seu rosto; com o aprumo intacto, Tausert fazia a sua primeira aparição solitária no topo do Estado e muitos espreitavam um passo em falso.

– O Rei está doente – afirmou ela. – A morte do nosso filho afectou-o profundamente e os médicos pensam que terá necessidade de um longo repouso e de cuidados intensivos antes de empunhar novamente os ceptros. Compete-me garantir o interregno e podeis contar com a minha firmeza e com a do chanceler Bai, que gere os assuntos de Estado com uma competência apreciada por todos.

– Quando será Tebas atacada pelo nosso exército? – perguntou um cortesão com agressividade.

– O Faraó decidiu que não seríamos os agressores, mas garantiremos a segurança das regiões que controlamos. É evidente que responderíamos de maneira enérgica a um ataque do príncipe Amenmés.

– Isso significa que lhe entregamos Tebas e o Sul?

– Isso significa que não seremos os primeiros a derramar o sangue de milhares de egípcios e que o Faraó, de momento, prefere o estado em que se encontram as coisas a uma carnificina. Mas estamos conscientes que as Duas Terras devem ser unidas. Tomaremos portanto outros caminhos para o conseguir.

– Quais, Majestade?

– Um medíocre cortesão de língua acerada não tem que conhecer os segredos de Estado de tal importância – precisou a Rainha com calma. – Que se contente em obedecer e servir o seu país, se for capaz.

Tausert levantou-se, significando que a grande audiência terminara.

Deslumbrado e reconfortado, o chanceler Bai notou de imediato que a corte estava subjugada.

– Permite que vos felicite pela vossa intervenção, Majestade – disse o chanceler à Rainha. – Estou convencido que fará calar as más-línguas e tranquilizará os espíritos inquietos. Mas é realmente impossível convencer o Rei a atacar Tebas seguindo o meu plano?

– Seti colocara todas as suas esperanças no nosso filho, Bai; a sua morte quase lhe tirou a vontade de viver e receia ficar submetido à influência de Seth. É por isso que procura evitar um conflito com Amenmés e não quer de forma alguma desencadear a guerra.

– Sabeis bem, Majestade, que o confronto é inevitável!

– Há mais, chanceler.

A gravidade da Rainha inquietou Bai.

– Seti exige que o filho, que deveria suceder-lhe, seja inumado numa Morada de Eternidade do Vale dos Reis.

– Esquece que a região tebana está sob o controlo de Amenmés?

– Como o Rei está incapacitado de cumprir essa tarefa, é a mim que ela incumbe.

– Não deveis ceder a essa loucura, Majestade, suplico-vos! O príncipe Amenmés detesta-vos, recusará o vosso pedido e tomar-vos-á como refém! O país precisa demasiado de vós para que possais lançar-vos assim na goela de um leão sanguinário.

– Mandai preparar um barco, chanceler; partirei amanhã de manhã.

– Um único barco? Mas é necessária uma escolta numerosa, militares experientes e...

– Um único barco, com uma capela funerária para o meu filho defunto e nenhum soldado.

CAPÍTULO 34

– Continua a não chegar nada? – perguntou Mehi, furioso, ao seu ajudante-de-campo.

– Nenhuma mensagem hoje.

O general voltou a dirigir o treino dos arqueiros. Equipados com novas flechas, eliminariam o adversário num tempo recorde. Graças ao trabalho intensivo imposto ao conjunto das tropas, dispunha actualmente de um exército temível, muito móvel e capaz de obedecer às suas ordens sem perder um segundo.

O general podia estar orgulhoso de si. Longos anos de um obscuro labor tinham-lhe servido para criar uma força de choque inigualável que lhe abriria o caminho do poder supremo, na condição de a utilizar correctamente. Na velha terra dos faraós, uma ditadura militar não tinha qualquer hipótese de durar; contrária à Lei de Maet, não obteria o acordo dos escribas nem o dos sacerdotes, ainda menos o do povo. Mehi devia portanto aparecer como um salvador e o seu êxito passava pela luta de morte entre Seti II e o seu filho Amenmés. Enquanto regulava as rédeas do seu carro de combate, um pensamento divertido atravessou o espírito do general: não devia a sua ascensão, pelo menos em parte, ao Lugar de Verdade? O ódio que alimentava contra a confraria, desde que o tribunal de admissão recusara a sua candidatura, levava-o a criar meios de a combater e portanto a tornar-se cada dia mais forte e mais influente. Arrasar a aldeia depois de se ter apoderado dos seus tesouros dar-lhe-ia tanto prazer, se não mais, do que uma coroação.

Mas porque demorava a chegar a mensagem cifrada do chanceler Bai? Mehi tinha a certeza de o ter convencido da sua boa-fé e era evidente que o chanceler acreditava no sucesso do seu plano; parecia mesmo impaciente para o pôr em acção e reconquistar o Sul.

Seti devia hesitar ainda, mas a estratégia de Bai era tão elaborada que acabaria por conseguir a adesão do Rei, convencido de uma vitória fácil e sem vítimas.

Aproximou-se o ajudante-de-campo.

– General, foi assinalado um barco suspeito vindo do Norte!

– Queres dizer: uma flotilha?

– Segundo os vigias, é um único barco.

Intrigado, Mehi não quis correr qualquer risco.

– Interceptem-no e façam-no acostar ao desembarcadouro principal da margem oeste. Se os soldados que o ocupam recusarem render-se, abatam-nos e guardem um ou dois prisioneiros para interrogatório.

Toda a aldeia estava quase afogada num nevoeiro odorífero onde dominavam os aromas de incenso fresco. Era o dia da fumigação das casas e dos locais de reunião da confraria e cada dona de casa lançara grãos de goma-resina sobre as brasas contidas nos defumadores. Os insectos e os germes de doença seriam destruídos por aquela medida de higiene, que era acompanhada por risos e corridas das crianças, encantadas com a distração colectiva.

O traidor aproximou-se do local de reunião da equipa da direita. Depois de madura reflexão, estava convencido que a Pedra de Luz se encontrava forçosamente escondida ali, provavelmente sob o naos. Se aproveitasse a ocasião, obteria pelo menos uma certeza.

Infelizmente para ele, o mestre-de-obras já designara Karo o Mal-humorado para se encarregar daquilo que o talhador de pedra de braços curtos e potentes considerava uma maçada. Na próxima grande fumigação, o traidor procuraria substituí-lo sem para tanto se apresentar como voluntário, a fim de não atrair a atenção.

A mão que poisou sobre o seu ombro gelou-lhe o sangue.

– Também tu – disse Paneb – escapaste de casa?

– Confesso que sim... Não aprecio estes odores inebriantes.

– Eu também não! E como Uabet reforça a dose para exterminar até mesmo os animais invisíveis, é completamente irrespirável.

Quando o colosso se afastou, o traidor estava alagado em suor. Foi com a cabeça vazia e pernas cambaleantes que se dirigiu para casa.

Uma dezena de mulheres estava em grande discussão com a esposa.

– O chefe Sobek pede para ver Kenhir. Devíamos ir à porta grande.

O nevoeiro odorífero dissipava-se, a aldeia fora purificada, mas ninguém pensava no banquete que devia

coroar aquela medida de higiene porque se reuniam para ouvir as declarações do escriba do Túmulo que acabava de entrar.

– A flotilha do Norte ataca Tebas – revelou.

– A guerra – exclamou a esposa de Pai, assustada – é a guerra!

– Que ninguém saia da aldeia – ordenou o mestre-de-obras. – Sobek manter-nos-á informados dos acontecimentos.

O barco suspeito acostou lentamente ao desembarcadouro principal da margem oeste, sob o olhar de trezentos arqueiros prontos a disparar logo que o general Mehi levantasse a mão. Mas este último, tal como os seus soldados, observava com espanto a estranha embarcação.

Não era um navio de guerra mas sim uma grande barca funerária, cujo centro estava ocupado por uma capela enquadada por várias estátuas representando Isís e Néftis ajoelhadas, com as mãos estendidas para o catafalco a fim de o proteger, magnetizando-o. Os vinte remadores não estavam armados e o capitão também não. Todos retiveram a respiração quando Tausert, envergando um longo vestido branco de luto e com a coroa vermelha do Norte pisou a passarela.

Mehi inclinou-se diante da soberana.

– Sois o general Mehi?

– Sim, Majestade.

– Esta barca funerária transporta a múmia do meu filho que o Faraó e eu própria desejamos ver inumado no Vale dos Reis.

Mehi não queria acreditar no que ouvia.

– Vós... Vós não sois acompanhada por barcos de escolta?

– Vim só, general, e estes marinheiros não são soldados.

– Majestade, como hei-de dizer...

– Não sois o administrador-principal da margem oeste de Tebas?

– Certamente, Majestade, mas...

– Mas estamos quase em guerra e deveis obedecer às ordens do príncipe Amenmés.

– O príncipe tornou-se Faraó e...

– Há só um Faraó, general, e é em seu nome que ajo.

Mehi não esperava um assalto daquele género, mas talvez houvesse alguma vantagem a tirar da diligência insensata da Rainha.

– Compreendeis, Majestade, que sou obrigado a consultar o Rei Amenmés. Posso solicitar-vos que me sigais até ao palácio do Ramesseum onde ficareis alojada?

– Podíeis ter feito uma escolha pior, general.

– Não é a guerra – afirmou o escriba do Túmulo aos aldeões.

– Não era uma flotilha vinda do Norte? – perguntou Ipui o Examinador.

– Não, apenas uma grande barca funerária transportando a Rainha Tausert e a múmia do filho.

– A Rainha Tausert! – espantou-se Nakht o Poderoso. – Terá enlouquecido?

– Segundo os rumores, exige para o filho uma sepultura no Vale dos Reis.

– Amenmés nunca aceitará – considerou Didia o Generoso. – Prenderá Tausert e Seti ordenará às suas tropas que carreguem sobre Tebas.

– Não se atreverá – objectou Karo o Mal-humorado -, com medo que Amenmés execute a Rainha.

– Em todo o caso – concluiu Renupé o Jovial -, essa história não nos diz respeito.

– Tens a certeza? – interrogou Paneb. – Quem escavará este túmulo senão a nossa confraria?

– O Rei Amenmés tem certamente outros projectos e o destino oferece-lhe um presente inestimável.

– Parem de considerar a Rainha como uma demente – recomendou Ched o Salvador – Ela sabe perfeitamente o que faz. Dirigindo-se assim ao adversário de Seti, impede qualquer confronto violento entre o pai e o filho.

– Mesmo assim, corre um risco enorme!

– As rainhas do Egipto demonstram geralmente uma coragem extraordinária; mesmo que esta iniciativa esteja votada ao fracasso, não lhe falta grandeza. Uma grandeza que prova que o Egipto não está a dar as últimas.

Como se entreviasse outra realidade, o mestre-de-obras permanecia silencioso.

- Tausert troçou de vós, general! – encolerizou-se Amenmés.
- Não, Majestade; na capela estava realmente o sarcófago do seu filho.
- Não passa de uma provocação!
- Sem dúvida, mas qual é a intenção?
- Fazei-a falar, general.
- Majestade... Tausert é a Rainha!
- Divagais, Mehi: há apenas uma Rainha do Egito e é a minha esposa!
- Perdoai-me, Majestade, mas não posso tratar Tausert como uma vulgar prisioneira.

Exasperado, Amenmés bateu numa coluna com o punho fechado.

- Detesto essa intriguista... Tomou o lugar da minha mãe e perverteu o coração do meu pai.
- Suponho que ela conhece os vossos sentimentos, não?
- Sem dúvida!
- Então, Majestade, a sua presença em Tebas é ainda mais surpreendente.
- Entregou-vos uma mensagem da parte de Seti?
- Não, Majestade.
- Não falou realmente senão dos funerais do filho?
- Assim foi.

– É uma armadilha, general, não pode ser senão uma armadilha!

– Cheguei à mesma conclusão que vós, Majestade, mas sou incapaz de a descobrir.

– Tausert é uma ambiciosa e uma calculista, capaz de utilizar a morte do filho para me eliminar. Sobretudo, não vos deixeis impressionar nem enternecer! Essa mulher é a mais temível das comediantes e tentará seduzir-vos. Os vossos vigias não assinalaram a chegada de uma flotilha de guerra que tivesse aproveitado a nossa distracção?

– Está tudo calmo, Majestade.

– Quantas vezes já a haveis interrogado?

– Três vezes e Tausert deu-me sempre as mesmas respostas, com a mesma calma e formulando as mesmas exigências.

– Para que emboscada tenta essa feiticeira arrastar-nos então? A melhor solução consistiria em fazê-la condenar à morte por um tribunal de excepção.

– Desencadearíeis a fúria de vosso pai – predisse o general, que desejava vivamente essa eventualidade.

Amenmés encostou-se à coluna em que batera e ergueu os olhos para o tecto ornado com parras.

– Trazei-me Tausert, general.

CAPÍTULO 35

– A Rainha... A dama Tausert chegou, Majestade – anunciou o intendente do palácio.

– Manda-a entrar.

Amenmés decidira receber a sua inimiga na sala do trono do palácio de Karnak. Sentado na cadeira de madeira dourada que fora ocupada por Merenptah, tinha na cabeça a coroa azul.

Ninguém assistiria à entrevista.

Quando ela apareceu, o Rei perdeu o aprumo. Envergando um vestido vermelho que fazia ressaltar o ouro das jóias, Tausert assemelhava-se mais a uma deusa do que a uma simples mortal. Com a garganta seca, Amenmés não conseguiu formular a ladainha de censuras que tencionava lançar à cabeça da mulher que odiava.

– Não me ides dar uma cadeira, Amenmés?

Este deveria ter-lhe ordenado que se inclinasse diante do Faraó, mas contentou-se em balbuciar:

– Não sou vosso criado.

– Por muito poderoso que seja, um Rei deve saber como comportar-se diante de uma Rainha.

Amenmés levantou-se.

– Segui-me.

Conduziu Tausert a um pequeno compartimento onde descansava entre duas audiências. Os dois interlocutores sentaram-se ao mesmo tempo sobre bancos de pedra cobertos de almofadas.

– O que quereis, Rainha Tausert?

– O general Mehi não vos transmitiu as minhas intenções?

– Não fazem sentido!

– Sejam quais forem as vossas ambições, Amenmés, sereis tão cruel a ponto de espezinhar a dor de uma mãe e recusar-lhe o acesso aos seus legítimos desejos?

– Ignorais o que é um sentimento! Haveis desposado o meu pai não por amor mas para atingir o poder.

– Dei um filho a Seti, um filho que ele esperava associar ao trono e que a fatalidade nos arrancou. Esta morte mergulha o vosso pai no desespero e ele formulou um voto: que essa criança, que deveria ter-se tornado Faraó, fosse inumada no Vale dos Reis junto dos seus antepassados. Eis a única razão da minha viagem e tudo o que imaginardes de diferente não terá qualquer valor.

A dignidade de Tausert abalou Amenmés. Julgara que ela lhe censuraria ter-se proclamado Faraó recusando reconhecer a soberania de Seti e que a discussão em breve se agravaria; mas a Rainha exprimia-se serenamente e sem animosidade. Parecia-lhe mesmo detectar um real sofrimento no olhar daquela mulher de beleza enfeitiçante.

– Não acredito em vós, Tausert... Não haveis vindo a Tebas para me pedir que renuncie ao trono e reconheça o meu pai como único Faraó?

Tausert sorriu.

– Concordaríeis com isso?

– Nunca!

– Era portanto inútil pedir-vos. Fostes demasiado longe, Amenmés, e não voltareis atrás. Mas sabeis que Seti não deseja uma guerra civil que provocaria a morte de muitos soldados egípcios, espalharia a desgraça no nosso país e o enfraqueceria a ponto de fazer dele uma presa fácil para os invasores.

Amenmés possuía uma vantagem decisiva sobre Tausert: o plano do general Mehi. Mas teve de repente a visão de milhares de cadáveres cujo sangue avermelharia a água do Nilo e esse pesadelo acordado aterrorizou-o. Reinara não era espalhar a morte.

– Pareceis perturbado, Amenmés.

– Quando me confessareis a verdadeira razão da vossa viagem?

– Já vos disse tudo.

– Como poderei acreditar-vos, a vós que nunca actuais sem segundas intenções e sem objectivos precisos?

– O vosso pai e eu amamo-nos e amávamos o nosso filho. A sua morte perturba a nossa existência e ficaria feliz por realizar o desejo do meu marido. Repito-vos que é a única razão da minha viagem e espero que a compreendeis.

– Fostes vós, não é verdade, que impedistes o meu pai de me associar ao trono, escolhendo-me como co-regente?

– Sim, fui eu.

– Porque me detestais?

– Considero-vos incapaz de governar, Amenmés.

– Enganais-vos e dou-vos a prova! Hoje deveria mandar-vos julgar por crime de lesa-majestade.

– Agi como entenderdes, mas acedei primeiro ao pedido do vosso pai.

Amenmés hesitava.

Tausert parecia sincera e não procurava subterfúgios, mesmo estando em posição de fraqueza, como se apenas lhe interessasse a sorte do seu filho defunto.

Que armadilha lhe preparava aquela Rainha aparentemente indefesa?

– Demonstrar clemência por uma criança morta não afectará vossa autoridade – acrescentou Tausert.

– Já provei a minha magnanimidade não mandando destruir o túmulo de Seti.

– Poderia um filho mandar arrasar a Morada de Eternidade do seu pai e profanar assim a grande planície onde vivem as almas dos faraós?

Perturbado, Amenmés baixou os olhos. A mulher que odiava e tinha prisioneira no seu palácio ousava desafiar-lo!

– O vosso filho não era um Rei. A sua múmia não poderia repousar no Vale.

– Não foram aí admitidas algumas personalidades não reais, a título excepcional? Consultai o mestre-de-obras do Lugar de Verdade e ele vos confirmará isto.

– Desejais que vos acompanhe ao palácio? – perguntou o chefe Sobek a Néfer o Silencioso.

– Não será necessário.

– Mesmo assim, seria mais prudente... Mesmo se aqueles que requerem a vossa presença não passam de civis, não precisaram a razão pela qual Amenmés vos convoca.

– O que tenho a recear, Sobek?

O núbio lamentou a falta de prudência do mestre-de-obras, que partiu com cinco escribas reais e os respectivos assistentes, vindos em delegação até ao primeiro fortim do Lugar de Verdade para solicitar a intervenção de Néfer. Explicaram-lhe que o Faraó Amenmés insistira na urgência da sua missão. Os condutores dos carros forçaram os cavalos até ao desembarcadouro, onde um barco rápido os fez atravessar o Nilo.

Na porta principal do palácio, um intendente tomou conta de Néfer, conduzindo-o à sala onde se encontravam Amenmés e uma mulher de extraordinária presença cujo olhar poisou com curiosidade no mestre-de-obras. Vós, enfim! – exclamou Amenmés.

– Não perdemos um instante, Majestade.

– Explicai à Rainha Tausert que é impossível inumar o seu filho no Vale dos Reis porque não foi coroado.

Colocando aquela questão, era evidente que o Rei lhe ditava a resposta. Mas o que Amenmés desejava ouvir não correspondia à realidade e o mestre-de-obras não podia nem queria mentir.

– De facto, Majestade, existem excepções. Amenmés enrubesceu.

– Quais?

– Por exemplo, a imensa Morada de Eternidade, com as suas numerosas capelas, que Ramsés mandou escavar para os seus fiéis que usavam o título de filho real.

– É uma excepção digna de Ramsés o Grande! E esses filhos estavam, pelo menos simbolicamente, associados ao trono! Não é o caso do filho da Rainha Tausert. O assunto está portanto resolvido.

– Não penso assim, Majestade, porque é preciso mencionar o caso de personalidades notáveis às quais os vossos predecessores concederam uma honra sem igual acolhendo-os no Vale. Penso na ama da rainha Hatchepsut (1), no vizir de Amen-hotep II (2), no porta-flebífero de Tutmés III (3) ou ainda nos pais da rainha Tié, a Grande Esposa Real de Amen-hotep III (4). E já não falo das sepulturas concedidas a outros fiéis companheiros, cães, gatos, macacos e íbis.

A Rainha triunfava discretamente. Contentou-se com um olhar demorado na direcção de Amenmés ao qual o mestre-de-obras acabava de informar que era livre para acolher no Vale um ser que desejasse honrar de forma excepcional. Mas aquele ser era o filho destinado a suplantá-lo, a criança que ele odiava tanto como odiava

Tausert! Restava a Amenmés um argumento decisivo que deixaria o mestre-de-obras mudo.

– O Lugar de Verdade está ocupado a escavar a minha própria Morada de Eternidade – lembrou o Rei -, e não dispõe nem de tempo nem dos homens necessários para a construção e decoração de um monumento semelhante. É impossível, portanto, satisfazer a Rainha Tausert.

– Não vos enganeis, Majestade – rectificou Néfer. – Os túmulos das personalidades não reais são sepulturas muito simples que não têm qualquer decoração. Esculturas, pinturas e textos são reservados aos faraós. Se assim decidirdes, pedirei a dois talhadores de pedra que escavem um poço e um só compartimento, onde será depositado o sarcófago.

– Mas faltará o mobiliário funerário!

– Trouxe o necessário – informou a Rainha.

Amenmés não podia ceder assim às exigências da sua prisioneira! E aquele insuportável mestre-de-obras que, em vez de o ajudar, dava armas a Tausert! A Rainha levantou-se.

– Em nome de vosso pai e em meu nome pessoal – declarou com uma solenidade que fez estremecer Amenmés – agradeço-vos pela vossa generosidade. Graças a vós, este pequeno ser, que é vosso meio-irmão, conhecerá uma eternidade feliz.

CAPÍTULO 36

– Estou extremamente descontente, Néfer – declarou Amenmés com animosidade. – Não haveis compreendido o que eu esperava de vós?

– Sim, Majestade.

– Nesse caso, porque revelastes tudo à Rainha Tausert?

– Porque vós forçosamente me pedíeis a verdade, Majestade.

Amenmés deveria despedir aquele mestre-de-obras insolente, mas onde encontraria um homem com semelhante carácter, suficientemente corajoso para não esconder nada dos seus sentimentos, mesmo perante o seu Rei?

– A vossa proposta era a sério?

– Certamente, Majestade.

– Quero uma sepultura modesta, como haveis referido, sem nenhuma decoração.

– É essa a Regra num caso desses e respeitá-la-emos.

– Que localização imaginais?

– Tendes à disposição um pedaço de papiro?

Néfer desenhou um plano esquemático do Vale.

– Aqui, Majestade, não distante do túmulo de Horemheb.

– Mas... fica perto da minha própria Morada de Eternidade!

– Por um lado, isso facilitar-nos-á a tarefa, evitando que dispersemos esforços; por outro lado, teríeis recusado que essa sepultura ficasse ao lado do túmulo de Seti II. Não sois o protector oficial dessa criança?

Uns sentados, os outros em pé com os braços cruzados, os artesãos da equipa da direita tinham escutado atentamente o mestre-de-obras.

– Escavar rapidamente uma sepultura – repetiu Karo o Mal-humorado -, o que significa isso?

– Renunciarmos aos nossos dias de descanso até que o trabalho esteja terminado – respondeu Fened o Nariz.

– Trata-se de uma brincadeira estúpida?

Néfer permaneceu silencioso.

– Então é verdade? Já nos esfalfamos no túmulo de Amenmés e vai ser preciso arranjar forças suplementares para escavar um novo túmulo!

– O mestre-de-obras falou de uma simples sepultura – lembrou Casa o Cordame.

– Ocuparmo-nos assim do filho de Tausert não nos trará aborrecimentos? – inquietou-se Ipui o Examinador.

– Consegui persuadir Amenmés a satisfazer o pedido da Rainha – explicou Néfer -, mas ele pode mudar de opinião se demormos demasiado. É por isso que preciso de dois talhadores de pedra para realizar esta tarefa no mais curto espaço de tempo.

– Tenho a sorte disso não me dizer respeito de maneira nenhuma – congratulou-se Ched o Salvador -, visto que não é costume decorar esse género de sepulturas.

– Já que os talhadores de pedra só pensam nos seus dias de descanso, sou voluntário – declarou Paneb. – Graças à minha picareta de pedra não precisarei de nenhuma ajuda.

– A dois avançaremos mais depressa! – interveio Nakht o Poderoso. – E eu sou um verdadeiro especialista.

Nakht dava mais importância ao seu duelo com Paneb do que aos seus repousos e não queria perder uma ocasião tão boa para lhe provar a sua superioridade.

– Quando os nossos companheiros regressarem à aldeia, dormiremos no desfiladeiro e trabalharei convosco no Vale – anunciou o mestre-de-obras.

Serketa divertia-se a esmagar bagos de uva entre os dedos e a deixar escorrer o sumo pelo torso nu de Mehi, que se deitara de costas à sombra de um caramanchão sobre o qual se estendia vinha. O general sofria de insónias e suportava cada vez pior o calor; uma curta sesta depois do almoço permitir-lhe-ia recuperar forças.

– Não sentes desejo de me acariciar, meu doce querido?

O sumo açucarado colava os pêlos do peito do general, que despertou de mau humor.

– Basta, Serketa! Preciso de pelo menos uma hora de sono.

– Conheço meios mais agradáveis de te descontrair – sussurrou ela, esfregando-se contra ele. – E tu tens um ar suficientemente acordado...

Embora não tivesse qualquer sensação, a esposa do general apreciou uma vez mais a brutalidade do marido, que talvez um dia acabasse por satisfazê-la.

Enquanto se penteava, chamou a criada e ordenou que lhe servisse vinho branco fresco.

– Porque paraste com o treino intensivo das tropas?

– Porque Seti não atacará.

– Tens a certeza?

– A morte do filho deprimiu o Rei e não quer tomar a posição de agressor.

– Não dá ouvidos ao chanceler Bai?

– Infelizmente, não!

– A situação poderia evoluir.

– Não acredito... Seti quer evitar uma guerra civil e Amenmés receia por sua vez ser o instigador. O pai e o filho olham-se como duas feras sentadas que esperam um sinal de fraqueza do adversário. E talvez esse sinal nunca surja.

– Poderíamos provocá-lo – propôs Serketa, passando o indicador pelo rebordo da sua taça.

– O que imaginaste?

– Enquanto os artesãos do Lugar de Verdade escavam a sepultura do filho, a Rainha Tausert reside em Tebas... Se lhe acontecesse qualquer desgraça e se Amenmés fosse considerado responsável pela sua morte, Seti seria obrigado a reagir e a desencadear a ofensiva.

Mehi ergueu-se e agarrou a mulher pelos ombros.

– Proíbo-te que a suprimas, Serketa! Tausert está com residência fixa no palácio do Ramesseum e este está colocado sob a minha responsabilidade. Se acontecesse qualquer coisa a Tausert, seria eu o acusado!

– Que pena... Aperfeiçoei muito os meus conhecimentos em matéria de venenos e gostaria tanto de experimentá-los numa rainha!

– Não desesperemos, minha terna gazela; continua a trabalhar com o nosso amigo Daktair, mas não cedas à precipitação.

– Será impossível mandar transferir Tausert para a margem Este?

– Amenmés desconfiaria e que razão válida lhe poderia dar? Deve reflectir constantemente na sorte que reserva à Rainha e espero ainda um erro de avaliação da sua parte.

– Influencia-o no bom sentido.

– Se insistir demasiado na necessidade de eliminar Tausert, o Rei adoptará a solução contrária... Amenmés é um espírito estranho, ora firme, ora indeciso. Nunca teria suposto que a Rainha atingisse os seus fins, mas conseguiu enfeitiçar o seu pior inimigo!

– Pelo que dizes, é uma mulher temível...

– Se ninguém se atravessar no seu caminho, Tausert acabará por tomar o poder.

Como uma garotinha encantada por ter pregado uma boa partida a uma amiga, Serketa saltitou no mesmo lugar, batendo as mãos.

– Tu desejas que ela regresse livremente a Per-Ramsés, que se desembarace do seu velho marido e que declare guerra a Amenmés!

Com uma pomada com essência de lírio, Mehi empastou os cabelos negros sobre o crânio redondo.

– Se Tausert ouvir os conselhos do chanceler Bai, enviará o exército com a certeza que os meus soldados não combaterão e que se apoderará da pessoa de Amenmés sem desferir um golpe.

Serketa estendeu-se aos pés do marido.

– Vês longe, meu leopardo insaciável, e eu quero devorar o futuro contigo!

Quando Paneb trabalhava com a picareta, Nakht tirava o entulho; depois, invertiam os papéis enquanto Néfer polia grosseiramente as paredes. Graças ao ardor evidenciado pelos dois rivais, fora aberto um poço de bom tamanho. Sem abrandar o esforço, o Ardente e o Poderoso tinham preparado uma sala de cerca de seis metros por nove; era muito mais vasta do que as sepulturas em geral preparadas para as personalidades não reais.

– Amenmés não ficará descontente? – interrogou-se Nakht.

– Ele provavelmente não assistirá aos funerais e não virá a saber de nada – tranquilizou-o Néfer.

– Em todo o caso – constatou Paneb -, dei duas vezes mais pancadas com a picareta do que tu; tens falta de energia, Nakht. Se continuares a declinar, vais ter de mudar de profissão.

– É falso, trabalhei ao mesmo ritmo que tu! O mestre-de-obras é testemunha.

– O essencial é o resultado – concluiu Néfer, que retirava da sepultura os últimos cestos cheios de terra e lascas de calcário.

– Deixa-me fazer isso – exigiu Paneb. – Não é o teu trabalho.

– Não formamos uma equipa? Espero que a Rainha Tausert fique satisfeita.

– Continua fechada no Ramesseum? – perguntou Nakht.

– De acordo com as informações que Kenhir obteve, conquistou a simpatia de todo o pessoal do templo e até mesmo a dos soldados encarregados de a vigiar.

– Tausert está condenada – considerou Nakht. – Depois de ter manifestado a sua clemência por essa criança que já não o ameaça, Amenmés deverá infligir ao seu inimigo um castigo exemplar. E a guerra desencadear-se-á sobre nós, com o seu cortejo de monstruosidades.

Paneb poisou a picareta e sentou-se ao lado de Néfer para contemplar o topo das falésias que rodeavam o Vale dos Reis e o isolavam do mundo exterior.

– Que felicidade temos por trabalhar aqui – murmurou o mestre-de-obras -, por sentirmos as mínimas pulsações da rocha e compreender a sua linguagem. Acreditamos que a transformaremos, mas é ela que nos dita a sua lei. Nesta grande planície onde não cresce nada de mortal, os deuses pronunciam palavras de pedra, palavras que temos o dever de desenhar, de esculpir e de pintar. E é a nossa maneira de lutar contra a guerra e a loucura dos homens.

CAPÍTULO 37

Paneb o Ardente e Nakht o Poderoso desceram o pequeno sarcófago para a sepultura e depois o mestre-de-obras depositou lá o tesouro que a Rainha Tausert trouxera de Per-Ramsés e que era composto por anéis, pulseiras e colares com o nome de Seti II e da Grande Esposa Real; havia também sandálias e luvas de prata (5).

Néfer pronunciou as palavras de ressurreição extraídas do Livro do que se encontra na matriz das estrelas antes do poço ser obstruído com pedras e o túmulo coberto de areia.

– O Rei ficará em paz – disse Tausert. – O nosso filho repousa longe do tumulto que vai marcar os próximos anos. Obrigada pela vossa ajuda, mestre-de-obras; devo confessar-vos que não sentia qualquer simpatia pelo Lugar de Verdade e que tinha exigido a partida de Kenhir, o vosso escriba do Túmulo, para o substituir por um funcionário de Per-Ramsés. Foi a vossa firmeza que fez fracassar esse projecto.

– A experiência de Kenhir é-nos indispensável e lutarei sempre contra a injustiça.

– O túmulo de Seti está realmente intacto?

– Amenmés não ordenou qualquer degradação, Majestade. Criámos três corredores, a sala do poço e uma sala de quatro colunas e eu próprio selei a porta da Morada de Eternidade do Faraó Seti II.

– A vossa obra não está terminada e reabrirei essa porta quando o soberano legítimo reinar de novo sobre Tebas. Procurai situar-vos no campo certo, mestre-de-obras.

– Apenas tenho um: o Lugar de Verdade.

– Não depende directamente do Faraó?

– É verdade, Majestade, mas como deve a confraria comportar-se perante dois monarcas a não ser escavando duas Moradas de eternidade?

– Não será fácil submeter-vos.

– Não estamos submetidos à lei de Maet que reina sobre a nossa aldeia? Se nos afastarmos dela, a desgraça ocorrerá.

– Estareis a tentar dar-me uma lição de política, mestre-de-obras?

– Neste vale onde reina a eternidade, as preocupações profanas não têm lugar.

A Rainha Tausert descobria um homem que teria sido capaz de governar um país. Nenhum acontecimento, feliz ou infeliz, abalaria a sua determinação ou o faria desviar-se do caminho que os deuses lhe tinham traçado. Mas não era a aldeia dos artesãos um Estado miniatura cuja obra era essencial à sobrevivência do Egipto?

– Pretende a lenda que o Lugar de Verdade possui tesouros fabulosos... Não se trata de um exagero devido aos que contam?

– Visto que Vossa Majestade é a Grande Esposa Real, conhece o papel e os deveres da Morada do Ouro. Sabe que, sem a Pedra de Luz, as moradas de ressurreição não passariam de túmulos.

– Amenmés também sabe?

– Ignoro. Ainda não honrou a aldeia com a sua presença.

– Assim como Seti II... É a razão pela qual não reconheceis nem um nem outro como Faraó?

– Não tenho esse poder, Majestade. Compete-me simplesmente preservar a confraria e fazer viver o Lugar de Verdade para que a obra seja realizada.

– Teríeis a audácia de desobedecer a um Rei?

– Quando Amenmés me deu ordens contrárias à prática de Maet, recusei executá-las.

– Ele teria podido demitir-vos das vossas funções!

– É verdade, Majestade, mas um monarca que advoga a destruição não se condena a ser destruído?

– Face a Seti, aconselho-vos a evitar esse género de afirmações.

– Silenciar o meu pensamento para não contrariar o senhor das Duas Terras seria um erro imperdoável.

Tausert tinha experimentado suficientemente Néfer o Silencioso. O homem era tão sólido como a pedra que trabalhava.

– Gostaria de dar alguns passos no Vale – pretendeu a Rainha.

Tausert saboreou esse momento de paz e solidão, com o desejo de compreender a força luminosa daqueles locais incomparáveis onde as lutas pelo poder temporal se tornavam incongruentes, quase ridículas. Ambição e

vaidade não tinham lugar aqui, onde apenas se pensava na prova suprema da morte e na transmutação da existência em vida eterna.

E o segredo daquela transmutação eram o Lugar de Verdade e o seu mestre-de-obras que o possuíam. Alimentados por tanta força, estariam aptos a resistir aos piores tormentos.

Quando o poente começou a dourar as pedras, a Rainha apercebeu-se que o seu vaguear por aquele oásis do Além durara várias horas, no decurso das quais esquecera até a dissidência de Amenmés; arrancando-se com dificuldade à magia da grande planície de onde a alma do seu filho voaria para os paraísos celestes, dirigiu-se ao mestre-de-obras.

– Perdi a noção do tempo.

– O Vale não é feito para os humanos, Majestade, porque trazem demasiada morte em si; de cada vez que aqui penetro, pergunto a mim mesmo se aceitará a presença dos artesãos.

– Que as entidades divinas vos protejam, mestre-de-obras.

– Haveis pensado na vossa própria salvaguarda, Majestade?

– Não enquanto percorria o Vale... Mas, infelizmente, a realidade não desapareceu. Preciso de regressar à minha prisão dourada do Ramesseum antes de ser transferida para a margem este, onde Amenmés me fará desaparecer.

– Acreditais que é assim tão cruel?

– O meu filho foi inumado, passou o tempo da generosidade e Amenmés sabe que é impossível qualquer reconciliação entre nós. Oficialmente, morrerei de doença ou vítima de um acidente.

– Se estáveis persuadida que o vosso adversário vos reservava um destino tão atroz, porque haveis vindo a Tebas?

– Porque amo Seti e queria realizar o seu desejo. Não apenas não o lamento, como ainda agradeço ao destino ter-me permitido conhecer o Vale da Eternidade.

– Renunciar à luta não parece vosso, Majestade.

– Estou à mercê de Amenmés e não tenho qualquer ilusão sobre as suas intenções.

– Talvez haja uma solução...

– Fugir? É uma utopia.

– Penso noutra possibilidade.

Todos os relatórios confidenciais confirmavam: Mehi era um general de grande valor, muito apreciado pelos oficiais superiores e estruturara um exército simultaneamente profissional e bem equipado.

Desconfiado, Amenmés duvidara da lealdade do homem ao qual confiara o comando chefe das tropas tebanas e, por intermédio delas, o seu trono. Pedira portanto a diversos cortesãos para espiarem o general a fim de verificar se as suas actividades correspondiam realmente às suas declarações.

O resultado não tinha qualquer ambiguidade: Mehi ocupava-se do treino dos seus soldados, não poupava esforços no terreno e geria a margem oeste com um rigor que preservava as suas riquezas. Nenhuma falta lhe podia ser apontada, nenhuma das suas atitudes era suspeita.

Amenmés estava portanto em condições de contar com o general que o convidara a descobrir Tebas, sem supor que lhe abria assim as portas da realeza. E seria graças aos seus conselhos que conseguiria impor-se como o único senhor do Egipto.

– O general Mehi chegou – preveniu o seu intendente.

– Que entre.

Amenmés estudava o mapa do Médio Egipto que mostrava claramente que Hermópolis formava um ferrolho eficaz que seria preciso suprimir para avançar para o Norte.

Vendo o jovem Rei absorto, o general receou que tivesse tomado a decisão de atacar e arruinasse assim o seu plano.

– A fronteira de Hermópolis... Ainda zombará de nós por muito tempo, general?

– Precisamos de um máximo de informações antes de assaltarmos essa cidade fortificada; qualquer precipitação seria perigosa.

– Há coisas mais urgentes, tendes razão: resolver o caso da Rainha Tausert.

– A vossa clemência em relação ao seu filho foi muito apreciada, Majestade.

– Mas a minha bondade não é inesgotável e a Rainha já não é uma criança! O nosso principal inimigo é ela; a morte do filho parece ter quebrado Seti e apenas esta mulher saberá devolver-lhe coragem. Ora Tausert está nas nossas mãos! Se nos desembaraçássemos dela, não desferiríamos um golpe fatal no meu pai? No auge do desespero, sentir-se-ia esmagado pelo destino e acabaria por abdicar em meu favor. O que pensais, general?

Colocando a Mehi uma pergunta de tal gravidade, o Rei fazia dele o seu conselheiro particular e o general não tinha o direito de o desiludir.

– Tendes certamente razão, Majestade, mas posso recomendar-vos para agirdes com delicadeza?

– De que maneira?

– Se desejais evitar qualquer acusação, é preciso que a Rainha não desapareça em solo tebano.

– Mas se a deixar partir para Per-Ramsés, Tausert ficará fora do meu alcance!

– Não no barco.

Amenmés estava perplexo.

– Introduzamos na tripulação um homem de confiança que suprimirá a Rainha e fugirá depois de ter realizado a sua missão. De acordo com a versão oficial, será um dos próprios marinheiros de Tausert que terá cometido esse crime abominável.

– Magnífico, general... Não quero saber mais nada e já esqueci tudo.

Mehi saía do gabinete do Rei quando esbarrou com o oficial encarregado de velar por Tausert.

– O que fazes aqui?

– Um problema, general, um grave problema...

– Fala!

– A Rainha Tausert desapareceu.

– Estás a troçar de mim?

– Escapou à minha vigilância, general, mas não podia supor que se comportaria assim!

– Se não a encontrares imediatamente, a tua carreira terminou.

– Segundo um primeiro testemunho, creio saber onde se refugiou a Rainha Tausert: na aldeia dos artesãos do Lugar de Verdade.

CAPÍTULO 38

– Desta vez, chefe, é mesmo o exército! – exclamou um polícia núbio, assustado, irrompendo no gabinete de Sobek.

– Quantos homens?

– Mais de cem.

Sobek correu até ao primeiro fortim do qual a tropa se aproximava.

– Toda a gente a postos – ordenou.

À cabeça do destacamento, o general Mehi. Deteve-se a cerca de cinquenta metros do fortim. Sobek avançou.

– Venho buscar a Rainha Tausert – declarou Mehi.

– O vosso pedido ultrapassa as minhas competências, general.

– Quero ver imediatamente o mestre-de-obras.

– Vou preveni-lo.

Para surpresa de Mehi, não foi Néfer o Silencioso que saiu da zona protegida para explicar as suas acções, mas a Mulher Sábia, envergando um vestido branco muito simples e com uma curta peruca negra, como era usada no tempo das pirâmides.

– O vosso marido receia comparecer à minha frente?

– Como superiora das sacerdotisas de Hathor do Lugar de Verdade, respondi favoravelmente ao pedido da Rainha Tausert que solicitou asilo no templo da deusa.

– O Faraó Amenmés ordenou-me que a levasse de volta ao palácio – afirmou o general com voz menos segura.

– Não sois o protector oficial da aldeia?

– Também sou um soldado e tenho que obedecer às ordens do Rei.

– Sabeis bem que o território do Lugar de Verdade é interdito aos profanos, sejam militares ou não.

– Mas Tausert não pertence à vossa confraria!

– Como Rainha e superiora das sacerdotisas de Hathor do país inteiro, pertence-lhe de pleno direito. Quem ousaria violar o direito de asilo concedido por um templo?

A Mulher Sábia tinha razão. Se o general cometesse semelhante sacrilégio, Amenmés desaprová-lo-ia; não lhe restava senão uma solução.

– Aceitais seguir-me e expor a situação ao Rei?

– Com certeza.

Néfer o Silencioso ignorava que a esposa decidira correr um tal risco, ao qual se teria oposto firmemente; mas Clara sabia que Amenmés não aceitaria ser assim desafiado e que teria que negociar.

A Mulher Sábia subiu para o carro de Mehi, que lhe prendeu o pulso com uma correia e lhe pediu que se mantivesse na caixa do carro; impressionado pela serenidade de Clara, que olhava a direito, em frente, o general adoptou uma atitude tranquila.

Ele, que sempre desprezara as mulheres, sentia uma curiosa sensação; emanava da sua passageira uma luz cuja doçura o deixava pouco à-vontade. Durante o trajecto, não lhe dirigiu a palavra, como se fossem totalmente estranhos um ao outro e não falassem a mesma língua. Compreendeu que a esposa do mestre-de-obras nunca confiaria nele e que devia considerá-la como uma irredutível adversária.

O Rei Amenmés evitava o olhar da Mulher Sábia.

– O direito de asilo concedido pelo templo é sagrado, ninguém o contesta! – enfureceu-se. – Mas o caso presente é um assunto de Estado e a aldeia não tem o direito de se erguer contra o seu senhor supremo, o Faraó do Egipto!

– Nem o mestre-de-obras nem a aldeia estão em causa, Majestade – precisou Clara com calma – e não têm qualquer intenção de se erguer contra vós. A Rainha Tausert beneficia de uma protecção sagrada.

– Devia mandar-vos prender por traição!

– Sois o Rei.

Amenmés continuava a fugir ao olhar daquela mulher que não se assemelhava a nenhuma outra e parecia

ignorar o medo.

– Tausert justificou o seu pedido?

– A Rainha receia não poder regressar livremente a Per-Ramsés.

– De que sombrias intenções me acusa ela?

– Como poderei eu saber, Majestade?

– Tausert mereceria acabar os seus dias reclusa no vosso templo, mas estou persuadido que o meu pai me consideraria responsável e desencadearia uma guerra para a libertar! Vós, a quem chamam a Mulher Sábia, como agiríeis no meu lugar?

– A fim de evitar um conflito destruidor, deixaria a Rainha regressar à capital.

– A clemência, sempre a clemência! Já lhe permiti fazer inumar o seu filho no Vale dos Reis e deverei ainda conceder-lhe a liberdade, quando ela só pensa em me destruir!

– Não tenho tanto a certeza, Majestade.

– Tausert ter-vos-á feito confidências?

– A sua principal preocupação não é evitar uma guerra civil que arruinaria o Egipto?

Amenmés pareceu reflectir.

– Devo estar a cometer um erro, mas admito conceder a Tausert a liberdade que reclama. Ela que abandone Tebas imediatamente.

– Tenho a vossa palavra que não tentareis nada contra ela?

– Exigis muito!

– Não há nada mais sólido e mais precioso do que a palavra de um Rei, Majestade.

– Prometo-vos que Tausert poderá regressar ao barco e partir para Per-Ramsés tranquilamente. Mas que não volte nunca mais a provocar-me... Caso contrário, serei implacável.

Cabeça Quadrada era remador na marinha mercante há já vinte anos. O trabalho agradava-lhe e não era muito mal pago. Para além disso, o sólido rapagão gostava de ver o país e encontrar-se com raparigas enquanto o barco permanecia no cais para a descarga. Posta ao corrente das suas infidelidades, a esposa conseguira levar os seus colegas a testemunhar perante um tribunal e obtivera uma pensão alimentar que o sangrava a fundo. Quando uma mulher, com uma pesada peruca cujas madeixas ocultavam o rosto, o abordara enquanto ele mastigava a sua cebola na margem, Cabeça Quadrada pensara primeiro que aquela mulher fosse atraída pela sua virilidade; tentara mesmo acariciar-lhe os seios, mas a ponta de uma lâmina picara-lhe o umbigo.

– Nada de tocar, amigo! Queres ficar muito rico?

– Eu?

– É mesmo contigo que estou a falar.

Cabeça Quadrada desatou a rir.

– O papel de um remador é remar, não ficar rico!

– E se a sorte te sorrisse?

Cabeça Quadrada cuspiu um bocado de cebola.

– Vai dizer isso a outro, minha linda... Se me queres pagar para ir para a cama contigo, estou de acordo. Mas guarda as tuas histórias para os imbecis.

– A tua pensão alimentar paga uma mansão no campo, um campo de trigo, cinco vacas leiteiras, dois burros e um sacerdote funerário para tratar do teu túmulo na margem oeste: eis a minha oferta.

Convencido que estava a sonhar, o remador esfregou os olhos. A mulher continuava ali.

– Não é bonito troçar de um homem honesto!

– A minha proposta é muito séria.

– Tu divertes-me... E o que exiges em troca?

– A morte de uma mulher que tem numerosos crimes na consciência.

– Um assassinato... De quem se trata exactamente?

– A Rainha Tausert – respondeu Serketa.

– Uma Rainha, nada menos! Não me apetece arriscar a pele.

– Enganas-te, serás contratado para a tripulação de remadores que a leva de volta a Per-Ramsés. Na quinta noite da viagem, o capitão chamar-te-á e far-te-á entrar na cabina da Rainha. Mata-la e foges.

– E se o capitão me denunciar?

– É um dos nossos amigos.

– Porque não o faz ele mesmo?

– Porque irá até Per-Ramsés, onde continuará a servir-nos. Explicará que um remador do qual nem sequer sabe o nome iludiu a sua vigilância.

Se a vítima designada tivesse sido a sua esposa, Cabeça Quadrada não teria hesitado um instante. Mas assim...

– Nem sequer sei quem sois!

– Nem nunca o saberás, para tua própria segurança.

– Quem me prova que serei pago?

Serketa poisou um lingote de ouro nos joelhos do remador.

– Aqui tens um adiantamento.

Durante um longo minuto, Cabeça Quadrada ficou paralisado. Tinha sido apagada qualquer marca do lingote, que não passava do resultado de uma liga sem grande valor, preparada por Daktair.

– Eis-te rico, amigo... Mas não passa de um princípio, se fizeres correctamente o teu trabalho.

– Gostava também de ter um barco. Um barco só para mim, com uma vela quadrada e remadores sempre à minha disposição.

– Ficas muito caro... De acordo, mas nada mais.

– Não me dou muito bem com o punhal... Uma tira de cabedal serve? Apertarei com tanta força que nem sequer terá tempo de gritar.

– Utiliza o método que preferires, mas livra-te de falhar.

– Onde nos encontramos depois?

– Aqui mesmo e levar-te-ei à tua propriedade, nos campos tebanos.

Cabeça Quadrada apalpou o lingote que enterraria no chão da cabana que ocupava na margem do Nilo.

– Está bem, aceito.

– Apresentar-te-ás amanhã no barco da Rainha e o capitão contratar-te-á. Sobretudo, lembra-te bem: na quinta noite.

– Entendido...

– Tens realmente muita sorte, Cabeça Quadrada.

CAPÍTULO 39

A Rainha Tausert tinha esquecido que estava reclusa para escapar à vingança de Amenmés, de tal forma a vida da aldeia a cativava. Longe das preocupações e intrigas da corte, realizara os rituais de abertura do naos no templo de Hathor e de Maet a fim de que a presença divina, surgindo das trevas, iluminasse o Lugar de Verdade, depois, fora a cada casa, em companhia de Turquesa, para aí depositar oferendas florais e alimentares nos altares dos antepassados antes de celebrar, com as sacerdotisas, o culto da deusa de ouro, origem do doce vento do norte, soberana da colina do Ocidente, senhora do céu, sol feminino e fonte de alegria.

Tinham tocado música e dançado em honra de Hathor e sete delas, entre as quais a Rainha, tinham manejado os sistros para afastar as energias negativas e atrair a generosidade da deusa sobre a confraria. Instalada no pequeno palácio de Ramsés o Grande, Tausert prestara igualmente homenagem aos fundadores da aldeia, o Faraó Amen-hotep e a mãe, Ahmés-Néfertari, antes de participar nos rituais de apaziguamento da terrível cobra fêmea que o amor de Hathor transformava em protectora das ceifas.

Todos ficaram espantados com a simplicidade da soberana, que se interessava pelos aspectos mais modestos da existência da aldeia, quer se tratasse das entregas de água fresca, da conservação dos cereais nos silos ou da escola dirigida pelo escriba do Túmulo.

Encantadas por poderem aproximar-se da Rainha do Egipto, as crianças redobram de esforços para lhe mostrarem que escreviam e liam os hieróglifos com facilidade. Até o insuportável Aperti se manteve sossegado, enquanto Trigueiro vigiava de perto o macaco verde, com medo que importunasse Sua Majestade.

Horas maravilhosas que se escoaram demasiado depressa, felicidade inestimável repentinamente quebrada quando a Rainha soubera que soldados tinham levado a Mulher Sábia para Tebas.

Tausert recebera de imediato Néfer o Silencioso na sala abobadada do palácio de Ramsés o Grande.

– Era a mim que competia enfrentar Amenmés – deplorou o mestre-de-obras, visivelmente angustiado. – Clara não deveria ter corrido semelhante risco.

– Se Amenmés a tomar como refém, libertá-la-ei tomando o seu lugar. Não vos inquieteis pela vossa esposa; é a mim que o meu enteado procura atingir e utilizará todos os meios à sua disposição para me fazer sair da aldeia, sabendo que lhe é impossível violar o asilo sagrado do templo de Maet e Hathor.

– Ignoro se Clara conseguirá sozinha sair daquele vespeiro, mas não vos abandonarei à vingança de Amenmés, Majestade.

– Se ele ameaçar a Mulher Sábia, vai ser preciso fazê-lo.

– Um Faraó comportar-se-ia como o último dos cobardes?

– Considera-me como o seu principal adversário e não aceitará perder tão boa ocasião para me reduzir ao silêncio.

– Que perigo representais, residindo aqui?

Tausert sorriu com tristeza.

– Vivi algumas horas de sonho, Néfer, mas não podia durar. Permanecer entre vós seria de tal forma insultuoso para Amenmés que a sua raiva se transformaria em loucura e ameaçaria a própria existência da aldeia. E, pelo meu lado, tenho um combate a travar para restaurar a plena e inteira autoridade de Seti.

Néfer não confessou à Rainha que considerava as suas esperanças utópicas; preservar a sua existência seria já um resultado apreciável.

– O Lugar de Verdade não pode continuar a viver sem a Mulher Sábia – precisou o mestre-de-obras. – É por isso que amanhã irei ao palácio.

– É muito imprudente, Néfer!

– Não tenho outra opção, Majestade.

Tausert sentiu que não conseguiria vergar o mestre-de-obras. Se Clara não estivesse de volta antes da noite, abandonaria a aldeia a fim de não atrair a desgraça sobre ela.

– Não vamos ficar assim, à espera! – insurgiu-se Paneb. – E está fora de questão que tu vás também meter-te na goela do chacal!

– Trarei Clara! – afirmou Néfer.

– Permite-me que agarre na minha picareta e diga àquele tirano o que penso dele!

– Achas realmente que seja a melhor maneira de libertar a Mulher Sábia?

O colosso teve vontade de rebentar as paredes.

– Não temos nada que nos imiscuir nessas querelas pelo poder... Livremo-nos dessa Rainha!

– O direito de asilo é sagrado, Paneb; entregar Tausert ao seu inimigo mortal seria uma cobardia inqualificável.

– Não a devíamos ter acolhido, Néfer!

– Não lamento ter concedido à Rainha a protecção do Lugar de Verdade; actualmente, ela ama esta aldeia que queria destruir.

Corriam pessoas na rua.

– Vou à porta grande! – exclamou Paneb.

Já se ouviam gritos. O colosso julgou distinguir neles entusiasmo, mas preferiu verificar por si mesmo.

Ela ali estava, rodeada de crianças e de sacerdotisas de Hathor.

Calma, deslumbrante, Clara parecia regressar de um simples passeio ao exterior. Comovido, Paneb beijou-a nas faces, tendo o cuidado de não a sufocar.

Depois dele, Néfer abraçou longamente a esposa.

– Amenmés deu-me a sua palavra – revelou ela. – Deixa partir a Rainha livremente. Mas mostrar-se-á implacável se ela ousar regressar a Tebas.

Em algumas horas, Pai o Bom pão conseguira organizar um banquete conveniente em honra de Tausert, que lamentava deixar aquele lugar, simultaneamente fora do mundo e tão vivo, onde conhecera momentos inesquecíveis.

Reunidos naquela festa improvisada, os aldeões tinham evocado Hathor para que ela protegesse a paz, aniquilando o espectro da guerra civil.

A Rainha apreciara os talentos culinários de Pai o Bom pão e de Renupé o Jovial, assistidos por algumas das melhores cozinheiras da aldeia. O pato assado estava tão delicioso como no palácio de Per-Ramsés e o gratinado de legumes teria merecido figurar na mesa real.

– Amenmés pareceu-vos sincero? – perguntou Tausert a Clara.

– Deu-me a sua palavra, Majestade. Se a não respeitasse, eu daria disso testemunho e o reinado do perjuro chegaria ao fim.

Se um juramento solene era feito em nome do Faraó, a palavra dada por este tinha um valor sagrado.

– Sois boa diplomata, Clara.

– Acredito que Amenmés sinta respeito pela vossa pessoa e que tenha a inteligência de não ceder a uma violência cega. No entanto...

– No entanto, continuais preocupada.

– Não é inútil recomendar-vos a mais extrema prudência, Majestade; eu própria vos acompanharei até ao vosso barco.

– Receais que Amenmés seja suficientemente abjecto para ter mentido?

– Não, mas sois o principal obstáculo à extensão da sua soberania e a sua bondade parece-me bastante surpreendente.

– Haveis obtido a melhor das garantias, Clara, e devo deixar a aldeia esperando que esta não seja vítima de represálias. Ignoro o que me reserva o futuro, mas posso garantir-vos que o Faraó Seti e eu própria vos apoiaremos.

– O Lugar de Verdade está actualmente sob a jurisdição de Amenmés, Majestade.

– Construis a sua Morada de Eternidade e ele tem necessidade de vós. Se regressar sã e salva a Per-Ramsés, não ficarei inactiva... Mas quem seria suficientemente louco para desencadear uma guerra civil? Que Hathor venha em nosso auxílio, porque sem ela mergulharemos nas trevas.

Terminados os rituais da madrugada e honrados os antepassados, Tausert olhou com nostalgia a aldeia dos artesãos que talvez nunca mais visse. Ao abrigo dos seus altos muros, gozara de uma serenidade que julgava inacessível e que se desvaneceria uma vez franqueada a porta.

O Sol nascente fazia reviver as cores do deserto e brilhar as fachadas brancas das casas; como teria sido agradável permanecer ali, em companhia das sacerdotisas de Hathor e esquecer as exigências do poder! Mas a

presença da Mulher Sábia significava que chegara o momento da partida.

– Apenas aflorei os segredos do Lugar de Verdade – considerou a Rainha – e tomei consciência que é necessário viver e trabalhar convosco para os conhecer verdadeiramente; mas aceitais dizer-me se a Pedra de Luz é uma lenda ou uma realidade?

– Sem ela, Majestade, o Vale dos Reis não teria surgido e não estaria ancorado na eternidade.

– Nesse caso, preservai-a, aconteça o que acontecer.

– Contai com o mestre-de-obras e comigo, Majestade.

Acompanhadas pelas sacerdotisas de Hathor, as duas mulheres saíram da aldeia.

Esperava-as o chefe Sobek e Paneb, com a grande picareta ao ombro.

– Nem pensar deixar sem defesa a Rainha do Egito e a mãe da comunidade – decretou o Ardente, que se colocou à cabeça do pequeno cortejo, seguido por Tausert e Clara, com o polícia núbio a fechar a marcha. Por altura do Ramesseum, na fronteira com o mundo exterior, cerca de cinquenta soldados substituíam os guardas habituais.

– Tenho a impressão que Amenmés não manteve a sua palavra – murmurou Paneb.

CAPÍTULO 40

A Mulher Sábia destacou-se do pequeno grupo para parlamentar. Um oficial veio ao seu encontro.

- Não permitis que passemos?
- Recebi ordens rigorosas. A Rainha está convosco?
- Acompanhamo-la até ao barco.
- Vou mandar prevenir o meu superior. Esperai aqui.

A espera foi de curta duração. Lançado a galope, um carro deteve-se no meio de uma nuvem de poeira. O general Mehi saltou em terra e interpelou a Mulher Sábia.

- Tenho ordem para levar a Rainha Tausert ao embarcadouro.
- Ficarei com ela até à partida.
- Não estava previsto...
- Exijo-o, general; caso contrário, a rainha refugiar-se-á na aldeia.
- O Rei Amenmés ficaria furioso!
- Evitai então aborrecê-lo e aceitai o meu pedido.

Mehi parecia embaraçado.

- Se a Rainha Tausert nada tem a recear, nem eu, porque hesitais?
- Está bem... Mas só vós acompanhareis a Rainha Tausert.

Clara teve que parlamentar com o chefe Sobek e Paneb para os convencer a aceitar as condições do general, que se responsabilizava pela segurança das duas mulheres.

– Se te acontecer qualquer coisa – prometeu o Ardente – espeto-lhe a minha picareta na cabeça. E não saio daqui até ao teu regresso.

Quando o carro se afastou, ainda a raiva do colosso não se acalmara.

Nenhum incidente marcou o percurso.

O barco de Tausert estava no cais e os marinheiros prontos para partir. Não sem apreensão, a Rainha dirigiu-se para a passarela. Não ia a franquear o último espaço em que se podia desencadear a agressão? Mas nada aconteceu e a Rainha voltou-se para beijar a Mulher Sábia.

– Depois desta demasiado breve estadia no Lugar de Verdade, não sou a mesma – confessou. – Graças vos sejam dadas, Clara.

– Que a vossa viagem seja feliz, Majestade.

Tausert percorreu a passarela e subiu a bordo. A âncora foi imediatamente levantada e os remadores manobraram para colocar o navio numa corrente favorável. Se o vento acesse a soprar do Sul, utilizariam parte das velas.

Um possante indivíduo barbudo inclinou-se diante de Tausert.

– Sou o capitão deste barco, Majestade, e velarei pelo vosso conforto. – O general Mehi ordenou-me que vos servisse o melhor que pudesse e espero satisfazer-vos.

– O que aconteceu ao capitão que me trouxe?

– É muito delicado, Majestade...

– Quero a verdade.

– Preferiu ficar em Tebas e alistar-se na marinha de guerra de Amenmés.

A Rainha entrou na sua cabina, luxuosamente decorada. A frescura da manhã dissipara-se rapidamente, mas Tausert estava gelada. No entanto, Amenmés cumprira a sua palavra: ninguém agredira a sua inimiga em território tebano e partia livre de regresso a Per-Ramsés. O atentado verificar-se-ia a bordo e seria provavelmente disfarçado de acidente. Sem defesa, Tausert não teria qualquer possibilidade de fugir. Amenmés condenava-a à angústia que precederia a execução, e se verificaria inevitavelmente antes de Hermópolis, sob o controlo de Seti. Trezentos e setenta quilómetros a percorrer, seis a oito dias de navegação se as condições da viagem fossem favoráveis e a tripulação hábil.

Em que momento exacto atacaria o assassino? Seria, a partir de agora, a única pergunta que obcecava a Rainha.

Paneb não largara a picareta.

O posto de guarda do Ramesseum já só era ocupado por uma dezena de soldados. Os outros tinham seguido Mehi, cujo carro regressava em andamento moderado.

Clara libertou-se da correia de segurança, desceu do veículo e franqueou a fronteira do Lugar de Verdade.

– A Rainha já partiu? – perguntou Paneb.

– O seu barco voga para o Norte.

– Não estou completamente tranquilo. Um barco pode ir ao fundo!

– É escoltado por dois navios de guerra tebanos.

– Acreditas então que Tausert vai escapar a Amenmés?

– Gostaria de pensar assim.

– Viste... algum sinal?

– Quando o barco deixou o cais, pairava sobre o mastro uma sombra negra. Talvez fosse apenas um génio mau da água, que nasce na bruma e se dissipa com a luz da manhã...

Sob o efeito de sedativos, o Rei Seti fez uma cura de sono numa das salas de tratamentos do templo de Hathor. Era ali que os especialistas tratavam as doenças rebeldes, começando por adormecê-los, sobretudo quando o paciente sofria de depressão. Como os médicos do palácio não tinham conseguido aliviar os seus sofrimentos, Bai tentara esta última solução para devolver a saúde ao monarca, encerrado no seu mutismo.

Apesar da sua inquietação, o chanceler reunia todos os dias os ministros e trabalhava em estreito contacto com o vizir, que lhe fornecia notícias bastante tranquilizadoras sobre a evolução da economia; graças ao bom nível da última cheia, as colheitas eram excelentes. Quanto aos templos, garantiam sem falhas a redistribuição das riquezas.

O homem que Bai esperava com impaciência entrou finalmente no seu gabinete. Tenente de infantaria, apresentara-se como voluntário para ir ao Sul e colher informações sobre a sorte que Amenmés reservara à Rainha Tausert. Até àquele instante, o chanceler receara que o seu espião fosse detido; mas receava ainda mais o que ele talvez tivesse para lhe dizer.

– A Rainha está viva?.

– Sim, chanceler.

– Onde se encontra?

– Se tudo tiver corrido bem, deve navegar em direcção a Hermópolis, onde será acolhida pelo nosso exército.

– Amenmés tê-la-á libertado?

– Segundo um cortesão que se gaba de estar bem informado, a Rainha conseguiu plena e completa satisfação: o filho foi inumado no Vale dos Reis e ela escapou às garras de Amenmés depois de ter beneficiado do direito de asilo no Lugar de Verdade.

– Os artesãos arriscam-se a pagar caro a sua coragem – considerou Bai. – Mas como poderemos defendê-los?

– Amenmés não lhes dirigiu nenhuma censura e Néfer o Silencioso continua a dirigir a confraria, que está oficialmente encarregada de escavar e decorar a Morada de Eternidade do Rei.

– Amenmés um Rei... Não passa de um fantoche ébrio de vaidade! Porque regressaste a Per-Ramsés antes da partida da Rainha?

– Depois de ter feito perguntas a mais em meu redor, começava a tornar-me suspeito. Os soldados do general Mehi são bastante desconfiados.

– Podem esperar-se deserções?

– Os tebanos estão muito orgulhosos do seu exército e têm confiança nele; mas é possível comprar informadores.

– Detectaste um clima de guerra?

– Para ser franco, não. A região é rica, os habitantes apenas aspiram à felicidade e à paz e todos esperam que o conflito actual se resolva sem danos para a população.

Se o chanceler Bai tivesse dado ouvidos apenas aos seus sentimentos, teria abandonado imediatamente a capital para ir ao encontro da rainha e salvá-la dos seus inimigos; mas a sua ausência, nas circunstâncias actuais, teria causado tais perturbações que era obrigado a permanecer à cabeça da administração.

Bai contentou-se portanto em dirigir-se ao templo de Hathor para se informar junto do médico-chefe da saúde

do Rei.

– O estado de Sua Majestade está a melhorar – considerou o especialista.

– Será capaz de manter uma conversa?

– Ainda não, chanceler; os períodos de sono profundo são cada vez menos prolongados, mas Sua Majestade permanece muito esgotado. No entanto, estou bastante otimista, desde que seja evitada qualquer forma de fadiga antes da cura completa.

– Podeis dizer-lhe que o filho repousa no Vale dos Reis como ele desejava?

– Essa notícia será um excelente remédio. E... quanto à Rainha?

– Espero o seu regresso em breve, mas ainda é muito cedo para ter a certeza.

Ao sair do hospital do templo, o chanceler estava convencido que nunca mais reveria Tausert. Se tinha conseguido embarcar, o seu barco não atingiria Hermópolis.

Por muito grande que fosse a inexperiência de Amenmés, agiria como um homem de Estado e não deixaria escapar a sua principal adversária.

CAPÍTULO 41

Cabeça Quadrada tinha contado bem as noites. Depois de uma viagem tranquila e mais lenta do que estava previsto, devido à fraqueza da corrente, a quinta noite não tardaria a começar.

Dentro de algumas horas, o remador seria um homem rico. Assassinar uma rainha impressionava-o um pouco, mas não deixaria passar a hipótese de obter tão facilmente uma existência desafogada com a qual nem sequer ousara algum dia sonhar. Durante a viagem, discutira com os colegas, resignados ao seu trabalho, e mordera a língua para não evocar a sua boa sorte. Mas Cabeça Quadrada sabia que o silêncio fazia parte do seu contrato e da sua própria segurança.

O capitão parava o barco ao pôr do Sol, porque a navegação nocturna teria apresentado demasiados perigos. Os remadores aproveitavam para ir a terra, acender uma fogueira na margem e grelhar peixes frescos. Já nem pensavam naquela rainha invisível que só saía da sua cabina uma vez por dia e não falava com ninguém.

Naquela noite, Cabeça Quadrada não se juntou aos seus camaradas porque o capitão o mandara ficar a bordo para vigiar o barco. Contentava-se com cerveja, um bocado de pão, peixe seco e um molho de cebolas, mas seria autorizado a dormir toda a manhã do dia seguinte.

O dia seguinte... Cabeça Quadrada já estaria longe! Sentado na Ponte, verificou a solidez da tira de cabedal com a qual estrangularia a sua vítima. A morte seria dolorosa, mas rápida.

O pão não era famoso, as cebolas também não... Um jantar medíocre, o último daquele género. O remador prometia a si mesmo refeições dignas de nobres tebanos, que lhe fariam dilatar a pança. Em cada ementa haveria a melhor carne e molhos bem temperados. Um cozinheiro... Sim, contrataria um cozinheiro de grande talento!

Tinha caído a noite.

O capitão abandonou a proa para se dirigir ao remador que se levantou lentamente.

– Estás pronto!

– É quando quiserdes.

– Que arma escolheste?

– Uma boa tira de cabedal.

– Estás seguro de ti?

– Tende confiança em mim, capitão.

– Tens a certeza que não hesitarás?

– Ah, isso sim!

O capitão deu uma machadinha ao remador.

– Vais precisar dela para quebrar o ferrolho que a Rainha terá provavelmente corrido. Bate com força e precipita-te para o interior da cabina. Ela não tem qualquer hipótese de escapar.

– Posso ir?

O capitão observou a margem. A maior parte dos marinheiros dormia, nenhum se preocupava com o que se passava no barco.

– Vai.

A Rainha adormecida acordou brutalmente.

Estavam a forçar a porta da sua cabina, iluminada por três lâmpadas de óleo.

Não serviria de nada gritar por socorro e ela não possuía arma para se defender.

Quantos seriam... Três, quatro, mais? A quinta noite...

Amenmés esperara que o barco se aproximasse de Hermópolis para fazer crer a Tausert, até ao último momento, que lhe restava uma pequena hipótese de lhe escapar.

A Rainha não gritou e manteve-se de pé em frente da porta cujo ferrolho de madeira acabava de ser quebrado a golpes de machadinha.

Um homem avançou.

Era corpulento, mal barbeado e tinha uma cabeça quadrada.

– Quem és tu?

O remador, que esperava precipitar-se sobre uma mulher adormecida, ficou desnordeado por se encontrar em

frente de uma Rainha cuja dignidade lhe cortava as pernas.

– Não deveis resistir... Se não, vai demorar mais tempo.

– Responde à minha pergunta: quem és tu?

– O homem encarregado de vos suprimir, Majestade... Não me compliqueis a tarefa.

Cabeça Quadrada brandiu a sua tira de cabedal.

Tausert não recuou.

– Diz-me pelo menos quem te paga.

– Pouco importa... Voltai-me as costas, será menos difícil.

– Sai da minha cabina.

O remador aproximou-se.

– Lamento, Majestade.

Com um gesto brusco, Cabeça Quadrada esticou a tira. Ia saltar sobre a Rainha quando o capitão entrou por sua vez na cabina e lhe cravou um punhal nos rins.

Com os olhos desorbitados, a boca aberta para soltar um grito de dor que se transformou em estertor, o remador estendeu os braços para Tausert, como se procurasse ainda cumprir o seu contrato. O capitão apunhalou-o várias vezes e Cabeça Quadrada caiu, agonizante.

– Vi a porta aberta, Majestade – explicou o capitão -, e fiquei inquieto. O general Mehi pedira-me para estar vigilante porque receava uma agressão.

Um último espasmo sacudiu Cabeça Quadrada, que morreu sem ter largado a sua tira de cabedal.

– Quem era este miserável?

– Um dos remadores contratados em Tebas, Majestade.

Tausert voltou-se.

– Retirai esse cadáver, capitão.

– Vou ficar de guarda diante da vossa porta até Hermópolis, Majestade. Podeis dormir tranquila.

– Vinde depressa, chanceler! – exclamou o secretário de Bai.

– O que há de tão urgente?

– O barco da Rainha acaba de entrar no grande canal!

Bai abandonou uma pasta consagrada ao soldo dos jovens recrutas para correr na direcção de uma das janelas do palácio de onde se via o desembarcadouro.

Com as velas dobradas, o barco deslizava docemente sobre a água graças aos marinheiros que remavam em cadência e com elegância.

Com risco de partir o pescoço, Bai desceu quatro a quatro a escadaria monumental e empurrou os notáveis que começavam a agrupar-se no cais, alertados pelo rumor que se propagava na capital à velocidade do vento do sul: Tausert escapara ao rebelde Amenmés!

O chanceler receava sempre o pior.

Era realmente o barco da Rainha, mas não transportaria um cadáver? Irritado com a lentidão da manobra de acostagem, Bai batia os pés.

E ela surgiu à proa, usando a coroa vermelha caracterizada pela presença de uma espiral que simbolizava a permanente regeneração da vida e a sua formação na matriz estelar.

No cais, a agitação cessou e fez-se silêncio.

Terminada a ancoragem, os marinheiros ajoelharam para venerar a água e o vento que lhes tinham permitido chegar a bom porto. A Rainha queimou incenso num altar instalado junto do mastro e cantou um hino a Hathor, deusa das estrelas e protectora dos navegadores.

Depois, avançou pela passarela e o chanceler Bai foi o primeiro a prostrar-se diante dela.

– Majestade...

– Não esperavas voltar a ver-me viva, chanceler, e os teus receios não eram infundados. Antes da chegada a Hermópolis, um remador tentou estrangular-me. Foi o capitão, um soldado de Mehi, que me salvou.

À imensa satisfação de reencontrar Tausert sã e salva, juntava-se a de constatar a fidelidade do general Mehi, que se afirmava como o aliado indispensável do legítimo Faraó. O plano concebido por Bai e o general talvez não fosse letra-morta.

– A saúde de Seti melhorou?

– Saber que o filho repousava no Vale fez o Rei sair do seu torpor, Majestade; a cura de sono terminou e acaba de voltar ao palácio. Estou convencido que o vosso regresso marcará a sua cura completa.

Ao respeito que o chanceler sentia pela soberana juntava-se uma intensa emoção de cada vez que admirava a sua beleza, que nenhum poeta teria sabido descrever. Ele próprio o tentara por diversas vezes, mas destruíra os seus pobres versos.

– Aprendi muito durante a minha estadia em Tebas – confiou-lhe ela.

– Haveis encontrado o príncipe Amenmés, Majestade?

– Enfrentámo-nos, com efeito; não possui a envergadura de um monarca, mas não devemos subestimar as suas ambições.

– Amenmés ignora que não possui nenhum meio de acção.

– Assim espero, chanceler... Mas reina sobre a margem oeste de Tebas e sobre uma instituição primordial: o Lugar de Verdade. Se conseguir apoderar-se dos seus tesouros ocultos, a nossa derrota será inevitável.

CAPÍTULO 42

Néfer o Silencioso ficou espantado por encontrar a casa-forte fechada quando Kenhir deveria ter procedido à distribuição de novos cinzéis de cobre antes da partida da equipa da direita para o Vale dos Reis, onde continuava a construir o túmulo de Amenmés.

O mestre-de-obras dirigiu-se a casa do escriba do Túmulo, onde foi recebido por Niut a Vigorosa armada com uma vassoura nova.

– Kenhir está doente?

– Não, espera-vos. Lavai os pés antes de entrar.

A casa cheirava agradavelmente a limpa e nunca estivera tão bem arranjada. Sentado à maneira de escriba, Kenhir redigia a página do dia do Diário do Túmulo.

– Haveis esquecido que devemos partir para o Vale?

– Há uma mudança de programa, Néfer.

– Já não serei o mestre-de-obras?

– Oh, sim, pelo contrário! E não esperes que os teus deveres sejam aliviados, sobretudo depois do que se passa na aldeia.

A inquietação sucedeu à surpresa.

– Podeis ser mais explícito?

– Descansa, a Mulher Sábia está ao corrente.

Kenhir enrolou o papiro, levantou-se com dificuldade e pegou na bengala.

– Não temos muito caminho a percorrer, mas é preciso subir.

Quando saíram, Niut a Vigorosa apostrofou o seu idoso marido.

– Não voltes demasiado tarde. O meu assado de vaca deve ser consumido na hora certa!

Kenhir meteu pelo carreiro que conduzia à necrópole de oeste e Néfer notou que o conduzia à sua própria Morada de Eternidade.

O túmulo reservado ao mestre-de-obras dominava toda a zona e os artesãos tinham preparado uma longa rampa que ia dar a um pátio de entrada; depois dele, era franqueado o limiar que dava acesso a um pátio a céu aberto. Todos os membros da equipa da direita, com excepção de Paneb, estavam ali reunidos. Afastaram-se para permitir a Néfer descobrir duas estátuas que o representavam eternamente jovem e enquadravam a porta da capela.

– A oferenda dos escultores e dos talhadores de pedra ao teu ka – explicou Kenhir.

– Mas... Não me disseram nada!

– Surpreendeste-os de tal forma com as tuas decisões, por vezes, que estão encantados por te surpreenderem por sua vez.

Userhat o Leão destacou-se do grupo.

– Concluimos a construção da Morada de Eternidade do nosso mestre-de-obras – afirmou em voz grave onde transparecia a emoção. – É o mais belo e o maior dos túmulos da nossa planície do além. O poço é largo, a câmara de ressurreição abobadada e escavada na rocha. Quando chegar o dia da última viagem, colocaremos as estelas, as estátuas e as mesas de oferendas que preparámos nas nossas oficinas. Tu, o Silencioso, contemplarás para sempre a tua aldeia e alimentar-te-ás da tua força.

Néfer estava impressionado.

– Trataram-me como se fosse um Rei!

– És o piloto do nosso navio, o que faz vogar a confraria no oceano de energia onde vai beber as suas forças – lembrou Ched o Salvador. – A esse título, esta morada era-te devida; mas o que seria ela sem o trabalho de um pintor?

Paneb o Ardente surgiu no limiar da capela de quatro pilares onde, depois do desaparecimento de Néfer, os artesãos celebravam banquetes em sua honra.

– Mestre-de-obras, peço autorização para te apresentar o que creio ser a minha obra-prima.

Era a primeira vez que Néfer via Paneb tão-pouco seguro de si.

– Está concedida.

Paneb penetrou na capela onde acendeu dez lâmpadas de três mechas que o escriba do Túmulo Ihe tinha permitido utilizar. O mestre-de-obras seguiu-o e foi o primeiro a descobrir as representações de Ramsés o Grande em companhia de Néfer diante da barca de Amon, a tríade de Tebas compreendendo Amon o Pai, Mut a Mãe e Khonsu o Filho, a procissão de sacerdotes transportando as estátuas reais, Néfer e a esposa acompanhados por sacerdotisas fazendo-lhes oferendas, ritualistas venerando as forças divinas da primeira catarata onde o Nilo celeste se transformava em rio terrestre, uma cena de banquete e Clara venerando a luz divina a seu lado.

O mestre-de-obras demorou em cada pormenor antes de chamar os outros membros da equipa, com Ched o Salvador à cabeça.

– O que o pequeno nos fez... – murmurou o pintor, estupefacto.

Deixando a naturalidade e o sentido do trabalho vir ao de cima, Ched procurou o traço corrigido ou o erro de composição; mas a sua busca permaneceu estéril.

Deslumbrados pela profusão de formas e de cores fixadas por um verniz que as tornava brilhantes e inalteráveis, os artesãos permaneceram mudos de admiração.

Paneb e Néfer penetraram na segunda capela, terminada por um nicho. O Ardente tinha representado os pais adoptivos sentados, a sua viagem a Abidos para ali viverem a imortalidade de Osíris, e o momento de graça em que bebiam a água da eternidade num lago escavado junto de uma palmeira. Era numa das representações daquela capela que figurava Kenhir, o escriba do Túmulo, assim associado à sobrevivência de Néfer.

A qualidade do desenho e da pintura continuava a ser excepcional, mas Paneb ultrapassara-se criando uma vaca Hathor a sair da montanha do Ocidente e protegendo Amen-hotep I, o fundador do Lugar de Verdade a quem Clara e o esposo prestavam homenagem. Uma procissão funerária conduzindo ao túmulo encimado por uma pirâmide reunia os membros da equipa, encarregados de transportar o sarcófago com o auxílio de vários bois e de levar os objectos que compunham o tesouro do mestre-de-obras.

– Paneb não esqueceu nada – constatou Gau o Exacto, que conhecia de cor o repertório das cenas simbólicas.

– Foi a confraria de ontem, de hoje e de amanhã que ele evocou – considerou Didia o Generoso. – Estamos todos junto de Néfer e continuaremos a trabalhar com ele no Além.

Paneb tinha consagrado o nicho terminal a Hórus o celeste, a Hathor a dama de ouro, a Anúbis o guia do Além, a Osíris o vencedor da morte e a Min o fornecedor de energia; mas a cena mais extraordinária mostrava Isis e Néftis magnetizando um escaravelho, símbolo de ressurreição, colocado sobre o pilar "estabilidade", encarnação de Osíris erguido e vivo.

No tecto, a deusa Céu batia as asas para animar as pinturas.

– Também terminaste a câmara do sarcófago?

– Apliquei o verniz a noite passada.

Os dois homens desceram até lá. Paneb representara os pais adoptivos numa barca onde veneravam o disco solar, em companhia dos babuínos que o fazia surgir todas as manhãs gritando de alegria, bem como de um falcão, um gato que dilacerava com a sua garra a serpente das trevas e até mesmo o ganso sagrado de Amon, cujo primeiro grito tinha acompanhado o nascimento do mundo.

Graças às fórmulas de conhecimento, o mestre-de-obras franqueava as portas vigiadas por guardas armados de facas e recebia a energia que emanava das mãos das deusas do Ocidente e do Oriente; finalmente, Clara e Néfer bebiam a água celeste oferecida pela deusa Céu.

O mestre-de-obras recolheu-se longamente e depois apagou as lâmpadas antes de regressar à primeira capela.

– Como conseguiu Paneb fazer isto tudo sozinho? – interrogava-se Pai o Bom pão.

– É incrível– reforçou Casa o Cordame.

– Uma obra-prima é uma obra-prima – afirmou gravemente Nakht o Poderoso – e deve ir além do possível.

– Tirem daí a lição devida – recomendou Unesh o Chacal.

– Cada um tem os seus talentos – objectou Fened o Nariz. – Isto não torna Paneb capaz de descobrir o filão bom num leito de pedra nem de saber onde abrir a entrada de um túmulo na falésia.

Um visitante inesperado surgiu no pátio de entrada.

– Olhai! – avisou Karo o Mal-humorado que foi o primeiro a notar o enorme escaravelho com reflexos dourados.

O coleóptero avançava em direcção às capelas e os artesãos viram-no avançar. A presença do insecto no qual encarnava Khepri, o deus do Sol nascente e das metamorfoses, era o melhor dos presságios.

No entanto, não bastou para descontrair Paneb, que aguardava o julgamento do mestre-de-obras cujo rosto permanecia indecifrável.

– Estás contente contigo mesmo, Paneb?

– Não coloquei essa questão a mim mesmo e não tenho que responder.

– Consideras que cometeste algum erro?

– No domínio técnico, tentei ser irrepreensível; quanto à escolha dos temas, tentei traçar um caminho de símbolos e fazer reinar nele o amor pela obra.

Os artesãos tinham-se afastado e o mestre-de-obras e o pintor encontravam-se frente-a-frente.

– Que matéria-primordial utilizaste, Paneb?

– A minha pintura e o meu desejo de criar.

– É insuficiente.

Paneb serrou os punhos.

– Fracassei portanto...

– Nada tenho a censurar à tua obra. Nada lhe falta, excepto a matéria-primordial.

– No entanto, fui até ao limite de mim mesmo!

– Não era suficientemente longe.

– Devo apagar tudo?

– Certamente que não.

– Mas este túmulo será abandonado, não é verdade?

– Devo consultar a Mulher Sábia. Fica aqui até ao pôr do Sol.

CAPÍTULO 43

Os artesãos da equipa da direita tinham compreendido que a obra-prima de Paneb não era reconhecida como tal e ficaram no grande pátio para tentarem consolá-lo.

- Não faças disso um drama – recomendou Renupé o Jovial.
- O teu talento não está em causa.
- Eu, renunciei – confessou Karo o Mal-humorado.
- Porque havemos de fixar objectivos impossíveis de atingir?

Vendo que os seus comentários exasperavam Paneb, o escultor e o talhador de pedra preferiram sentar-se, enquanto os seus colegas continuavam a admirar as pinturas.

- Não fiques amargo – murmurou Ched o Salvador.
- Porque não hei-de ficar? Pus toda a minha energia neste trabalho e estava persuadido de ter conseguido.
- Hás-de descobrir outra via.
- Não creio, Ched.

– Renunciar não faz parte da tua maneira de ser... Ultrapassa o teu rancor e continua. É um simples instante de desencorajamento que vai extinguir o fogo do Ardente? A tua vaidade está ferida e não há-de ser a última vez. Graças a esta prova, vai mais longe, sem esquecer que um ser desiludido desilude muitas vezes.

Paneb teria preferido receber os golpes de um lutador enfurecido do que os de Ched, mas não mereceria ele o seu sobrenome de Salvador quando lhe tocava nos pontos fracos e espezinhava a pieguice?

– Estou a envelhecer e já não tenho a força de pintar túmulos inteiros – deplorou Ched. – Foi por isso que escolhi o menos medíocre dos meus desenhadores para me suceder. Se reentrares na fila contentando-te com os teus dons, serei obrigado a formar outro. Evita-me essa maçada, Paneb; não tenho o mínimo gosto pelo ensino.

– Mostra-me os meus erros.

– Quem te disse que tinhas cometido erros? Não teria permitido a um incapaz que decorasse um túmulo de mestre-de-obras. Não aprecio a intensidade das tuas cores, mas há uma tal harmonia entre elas que me curvo diante da chama que as habita.

– Mas isso não basta para criar uma obra-prima!

– Não será melhor esperar pelo fim do dia para saber mais?

Os raios do Sol poente douravam o pátio e as capelas da Morada de Eternidade de Néfer com uma luz quente. Mais doce do que o habitual, era tão tranquilizadora que os artesãos fizeram silêncio para saborear esse momento de graça.

Paneb foi o primeiro a ver Néfer, Hai, a Mulher Sábia e Kenhir subir a rampa. Clara avançava à cabeça e o mestre-de-obras transportava um objecto coberto com um tecido espesso que, no entanto, não impedia uma certa claridade.

A Pedra! – pensou o traidor, bruscamente arrancado à sua meditação. – Mas porque a foram buscar. E dizer que não consegui ver de onde a tiraram. Quando tornarem a partir, segui-los-ei.

Semelhantes a duas estátuas, Kenhir e o chefe da equipa da esquerda imobilizaram-se no limiar que separava o pátio de entrada do pátio interior enquanto a Mulher Sábia e o mestre-de-obras penetravam na primeira capela.

– Vem, Paneb – exigiu Néfer o Silencioso.

O trio avançou e o mestre-de-obras depositou a Pedra no nicho terminal.

– Ched o Salvador apontou-te graves defeitos?

– Não detectou nenhum.

– No entanto, a tua obra-prima não está terminada – interveio a Mulher Sábia -, porque ninguém poderia descobrir só a matéria-primordial. Bebeste em ti mesmo a energia necessária para levar o teu trabalho a bom termo, mas apenas esta Pedra o transformará numa verdadeira obra, impregnada de luz. À tua própria matéria-primordial unir-se-á a do Lugar de Verdade, que anima os seus estaleiros de geração em geração; e é nesta comunhão entre o indivíduo e a confraria que nasce a oferenda da obra-prima.

Néfer retirou o tecido e a luz da Pedra fecundou cada figura pintada, cada cor, cada hieróglifo.

– A tua obra-prima é aceite – concluiu Néfer. – Desejas ir mais longe nesse caminho?

– É o meu mais ardente desejo.

O homem era jovem e vigoroso, mas entregara-se sem oferecer resistência a uma patrulha tebana que o conduziu imediatamente ao quartel general onde Mehi organizava as manobras dos seus diversos corpos do exército.

Este mandou sair da tenda os oficiais aos quais distribuía ordens a executar de imediato.

Finalmente, o mensageiro do chanceler Bai, finalmente o desencadeou da guerra civil que lhe abriria o caminho do poder!

À primeira vista, Mehi viu que o homem era um militar.

– O teu nome?

– Mecha, capitão dos arqueiros no exército de Seth.

– A mensagem.

– Eu... eu não compreendo.

– Descansa, estás realmente em presença do general Mehi. Então, essa mensagem?

– Não tenho nenhuma, general.

– Nesse caso, o que fazes aqui?

– Abandonei um exército que se recusa a combater e desejo ligar-me ao Faraó Amenmés, servindo nas tropas tebanas. Acrescento que sou sem dúvida o primeiro oficial a abandonar Per-Ramsés, mas certamente não serei o último.

– O exército de Seth... O principal corpo de elite, não é verdade?

– Já não por muito tempo, general, porque já não merece o seu nome, como o Faraó Seti que traiu Seth, o seu deus protector. Este não tardará a voltar-se contra ele e é por essa razão que desejo pertencer ao campo dos vencedores.

– As forças de Seti são muito mais numerosas do que as de Amenmés e não falo das guarnições da fronteira nordeste... Não receias ter-te enganado?

– Um soldado sabe que a vitória não depende do número mas da qualidade dos chefes. Seti não é um chefe. O Faraó Amenmés e vós próprio sabereis esmagar o adversário.

– Em Per-Ramsés, quem governa?

– Seti fez uma longa cura de sono e repousa no seu palácio, incapaz de tomar decisões. A gestão dos assuntos correntes é assegurada pelo chanceler Bai, um dignitário sem envergadura. Resta a Rainha Tausert, cujo regresso surgiu como uma espécie de milagre. Salvo o devido respeito, general, deveríeis tê-la eliminado.

– O Rei Amenmés preferiu a clemência; não se trata de um sinal de grandeza?

– Essa Rainha é perigosa.

– O alto comando dá-lhe ouvidos.

– Ainda não. Alguns generais esperam o restabelecimento de Seti, porque não gostariam de obedecer a uma mulher, mas é uma utopia: esse monarca está definitivamente acabado e a capital mergulha cada vez mais na inércia.

– Negligências a barragem de Hermópolis, que impedirá as nossas tropas de avançar para o Norte.

– Um ataque massivo, simultaneamente pelo Nilo e pelo deserto, quebraria esse ferrolho que é mais impressionante do que eficaz. Estou convencido que numerosos soldados alinharão sob a vossa autoridade; porque haviam eles de morrer por um Seti que parece uma lebre assustada? Até mesmo os meus superiores começam a fazer críticas pouco veladas... Se a Rainha não tivesse regressado, vários generais teriam reconhecido a soberania de Amenmés.

Tausert pode mostrar-se enérgica, mas não equilibrará as fraquezas de um Faraó inapto para combater.

Abria-se um outro caminho perante Mehi: a deliquescência rápida de Per-Ramsés e o apagamento de Seti II. Mas era ter demasiada confiança no futuro e esquecer que um homem forte, vindo do exército do Norte, poderia impor uma ditadura militar com a intenção de reconquistar o Sul.

Era o plano aceite pelo chanceler Bai que devia ser executado e nenhum outro.

Quanto a Mecha, não seria um espião cuja missão consistia em fazer-se alistar no exército tebano para informar Tausert?

– Gostarias de ver a forma como treino as minhas tropas de elite?

– Seria uma grande honra, general.

Mehi fez o convidado subir para o seu carro. Como Mecha não estava armado e se prendera para não cair, o general não receava nenhuma agressão.

Quando passou a grande velocidade entre duas filas de soldados de infantaria que aperfeiçoavam a sua técnica do corpo-a-corpo, muitos pensaram que o general tinha escolhido um novo ajudante-de-campo. Surpreendidos por não identificarem o feliz eleito, os condutores de carros que exercitavam os seus cavalos em resistência tiveram o mesmo pensamento.

– A velocidade dos vossos carros é impressionante, general!

– Os meus técnicos aperfeiçoaram rodas mais leves e mais sólidas do que aquelas de que dispõe Seti.

– Essa invenção proporciona-vos uma enorme superioridade.

– As nossas espadas curtas, as nossas lâminas e os nossos escudos são igualmente de melhor qualidade, sem falar dos nossos arcos e das nossas flechas, de que os exércitos do Norte não possuem equivalente.

– Não me enganei, portanto... A vitória não pode escapar-vos!

– Existem no entanto alguns problemas a resolver, como o que vos vou apresentar.

E Mehi deteve-se na proximidade do campo de tiro dos arqueiros, chamou o instrutor.

– Observa bem este homem, Mecha: é um imundo traidor.

O instrutor ficou petrificado.

– Também ele vem do Norte – continuou Mehi. – Descobri que era sobrinho de um oficial superior do exército de Ptah e que a sua missão consistia em informar o inimigo sobre o número dos nossos arqueiros e sobre a estratégia que adoptariam durante uma batalha. Toma a minha espada e mata-o.

Mécha contemplou com horror a arma que o general lhe estendia.

O instrutor não se atrevia a falar nem a mexer-se.

– General...

– O que esperas? Se foste sincero, suprimir um traidor deveria alegrar-te.

– Sou um soldado, não um assassino!

– Recusas executar o teu cúmplice, não é verdade?

– Prendam-no e julguem-no!

– Não se julgam os espiões – declarou Mehi cortando a garganta de Mecha com um golpe de punhal.

Sob o olhar frio do general, o infeliz agonizou num jorro de sangue.

O instrutor tremia por todos os lados.

– General, sabeis que não sou um traidor!

– Certamente.

– Mas então...

– Preparei uma cilada àquela serpente que se preparava para me morder.

– Ele... ele poderia ter-me matado!

– São os riscos da profissão, instrutor. Desembaraça-me desse cadáver e retoma o teu trabalho.

CAPÍTULO 44

Tal como os seus confrades, o traidor vira a Pedra de Luz animar a decoração pintada por Paneb antes de o mestre-de-obras voltar a cobri-la com um tecido espesso para a levar de volta ao seu esconderijo.

Enquanto os outros membros da equipa da direita rodeavam o Ardente, o traidor tinha oportunidade de seguir Néfer e a Mulher Sábia ou, pelo menos, descobrir a direcção que eles tomavam.

Mas surgiram de improviso dois guardas no cimo da rampa que o impediram de avançar: Besta Terrível e Trigueiro. O cão mostrava os dentes e a gansa abria o bico repetidamente, com ar ameaçador. O traidor foi portanto obrigado a juntar-se de novo ao grupo que dava os parabéns a Paneb.

Ao ver a Pedra, todos tinham compreendido que o colosso acabava de passar a prova da obra-prima e que lhe seria aberta uma nova porta. Pai o Bom pão pensava já em preparar um pequeno banquete antes de organizar outro, mais copioso, quando um novo grau fosse oficialmente concedido ao Ardente.

O último a felicitá-lo foi Ched o Salvador.

– Já conhecias a decisão do mestre-de-obras, não é verdade.

– Só tinha dado a minha opinião de técnico; quanto ao resto era a ele que competia julgar. Pelo menos, contigo, não terei perdido o meu tempo. Mas não imagines sobretudo que atingiste o fim do caminho... Estou mesmo convencido que o mais difícil vai começar.

O trabalho no túmulo de Amenmés continuava em ritmo acelerado e os escultores tinham começado a criar as estátuas do Faraó. Num bloco monolítico, Userhat o Leão traçara a tinta vermelha os contornos da obra que nasceria da pedra; Ipui o Examinador estava encarregado do primeiro esboço, obtido por percussão, antes que Renupé o Jovial se dedicasse ao primeiro polimento com uma pasta abrasiva à base de quartzo. Seria com uma serra com lâmina de cobre que Userhat retiraria as partes consideradas inúteis, a fim de libertar a estátua da sua ganga.

– Verificaste o tubo oco de cobre? – perguntou a Ipui.

– Gira-me perfeitamente entre os dedos e retirarei a pedra entre as pernas da estátua exactamente como tu desejas.

– E a broca de sílex, Renupé?

– Far-te-ei perfeitos orifícios para as narinas e modelarei as comissuras dos lábios como tu nunca viste; afinal, Amenmés tem sorte! Vamos fazer-lhe um dos mais belos retratos da dinastia.

O Jovial não se gabava. O mestre-de-obras viu nascer um rosto de Faraó habitado por uma nobreza digna de um Tutmés III ou de um Amen-hotep III; Userhat tinha conseguido um último polimento perfeito, apesar deste ser muito delicado. E Néfer sentiu uma admiração sem limites pelos seus três irmãos, o potente Userhat, o franzino Ipui e o barrigudo Renupé, cujas mãos possuíam o mesmo génio das dos seus antepassados.

Como os pintores, não faziam cálculos e utilizavam as relações e proporções inscritas nos seus gestos à força de trabalho sobre as grelhas de harmónicos estudadas durante longos anos no segredo das oficinas. Desta forma, os princípios conjuntos de dinâmica e de equilíbrio inscreviam-se naturalmente nas estátuas, fosse qual fosse o seu tamanho.

No seu domínio respectivo, Didia o carpinteiro e Tuti o ourives trabalhavam da mesma maneira e já tinham fabricado uma boa parte do material funerário que seria depositado no túmulo. As jóias de ouro destinadas à múmia eram de uma qualidade notável e as estatuetas de madeira representando os génios bons, como a rã das metamorfoses, não lhes ficavam atrás em nada.

Paneb esperara que o mestre-de-obras não demorasse a anunciar-lhe a data da sua nova iniciação; mas Néfer limitava-se a falar-lhe da decoração do túmulo de Amenmés. O Ardente conseguiu conter a impaciência e concentrar-se nas suas pinturas.

Clara e Néfer ofereciam a si mesmos um luxo inaudito: uma manhã de repouso, depois do ritual da madrugada. O mestre-de-obras não iria a nenhuma oficina e a Mulher Sábia não abriria o seu gabinete de consulta.

Estendidos em esteiras desenroladas no terraço, contemplavam o céu rememorando recordações felizes.

Mas esta felicidade roubada às exigências quotidianas da aldeia foi muito mais breve do que tinham esperado, porque a voz imperativa de Kenhir subiu da ruela.

– Gostava de te ver o mais depressa possível, Néfer!

Clara não tentou reter o marido; o dever retomava os seus direitos e ninguém, nem mesmo ela podia opor-se a isso.

Quando Néfer abriu a porta, descobriu um escriba do Túmulo trémulo de indignação.

– Uma ordem de requisição – articulou com cólera. – O nosso mestre-escultor deve dirigir-se imediatamente ao palácio e o documento tem o selo real de Amenmés! Na história do Lugar de Verdade não há nenhum precedente.

O mestre-de-obras notou que Kenhir envergara os seus mais belos trajés, tendo em vista uma audiência real. Não tinha outro remédio senão imitá-lo.

Amenmés tinha envelhecido. A sua juventude desaparecia com uma surpreendente rapidez, como se não resistisse ao peso das preocupações que o dominavam.

– O vosso protesto espanta-me – disse a Néfer e Kenhir. – Não sou o senhor supremo do Lugar de Verdade, ao qual deveis obedecer sem discussão?

– A lei é precisa, Majestade – lembrou Kenhir, que não disfarçava a sua irritação. – Nenhum artesão pertencente ao Lugar de Verdade pode ser requisitado, seja sob que pretexto for.

– Ousareis pretender que as minhas ordens são contrárias à lei?

– São, Majestade. E ninguém neste país pode colocar-se acima de Maet.

– Não me importuneis com grandes frases!

– Porque haveis requisitado o nosso mestre-escultor? – perguntou o mestre-de-obras.

– Porque vários altos dignitários desejam adquirir a sua estátua que colocarão no templo de Karnak para que o seu ka viva em companhia dos deuses. Decidi conceder-lhes esse favor e preciso de um escultor excepcional para não perder tempo. Como o melhor está convosco, apelei para ele.

– É completamente impossível – cortou Kenhir. – O mestre-de-obras é o único habilitado a distribuir as tarefas no âmbito da confraria. Em contrapartida, é-lhe possível mandar esculpir estátuas para o exterior na condição de que esse trabalho não afecte o estaleiro em curso.

– E ides informar-me que esse estaleiro em curso é a minha própria Morada de Eternidade!

– Exactamente, Majestade.

– Estratégia irrisória, escriba do Túmulo! Tenho pressa e preciso do vosso mestre-escultor.

– Repito-vos que é impossível.

– Se continuardes a resistir-me, Kenhir, transfiro-vos para a aldeia mais distante da província tebana!

– Tendes esse direito, Majestade.

Amenmés voltou-se para o mestre-de-obras.

– Sereis mais razoável do que este velho escriba irascível?

– Receio que não, Majestade.

– Tende cuidado, Néfer! O que eu quero, consigo. É o Rei do Egipto que vos fala e deveis ouvi-lo.

– Um Faraó ainda é digno da sua função quando comete um abuso de poder? É a voz de Maet que devemos ouvir, a todo o momento e em todas as circunstâncias. E é porque somos incapazes disso que é necessário construir permanentemente o templo e lutar contra a nossa tendência natural para a injustiça e a cobiça.

– Também vós pretendeis dar uma lição de moral ao vosso soberano! Aceitais obedecer à minha ordem, sim ou não?

– Não, Majestade.

– Ignorais a sorte reservada aos que se rebelam contra o Faraó?

– Representámo-los nas paredes das Moradas de Eternidade do Vale dos Reis: têm a cabeça cortada, estão de cabeça para baixo ou ardem em caldeirões. Quanto ao mais temível, o dragão Apopi, está atado e pregado ao solo por facas a fim de que não ataque a barca solar.

A serenidade do mestre-de-obras impressionava Amenmés.

– Que solução me deixais, Néfer?

– Não somos rebeldes, Majestade; e se cedêssemos à injustiça, o Lugar de Verdade não se recomporia disso.

– Governar implica escolhas.

– Não escolheis o capricho dos cortesãos em detrimento da nossa confraria, Majestade. Hoje conseguiríeis uma pequena vitória; amanhã, a derrota seria severa. Os que vos lisonjeiam trair-vos-ão; faz parte da sua natureza, como faz da de uma fera devorar a sua presa.

– Nenhuma ameaça conseguirá fazer-vos vergar, não é verdade?

– Nenhum membro da confraria trabalhará obrigado.

– Dais-vos conta da situação, Néfer? Tomei uma decisão e vós pedis que renuncie a ela!

– Sois vós que reinais, Majestade, não os cortesãos.

– Até que ponto deverei tolerar a independência do Lugar de Verdade?

– Nasceu para servir a alma dos faraós, domesticar a matéria e vencer o tempo; se o enfraquecerdes, estareis a enfraquecer-vos a vós próprios.

Amenmés afastou-se dos seus visitantes para reflectir. Depois, regressou para junto deles, falando em voz arrogante.

– Regressai à aldeia e terminai a minha Morada de Eternidade.

O escriba do Túmulo e o mestre-de-obras dirigiram-se para a porta da sala de audiências.

– Um instante, Néfer... Gostaria de falar-vos a sós.

Kenhir eclipsou-se.

O Rei fitou o mestre-de-obras a direito nos olhos.

– Preciso de um primeiro-ministro da vossa têmpera, Néfer, e sei que seria vão nomear-vos pela autoridade.

Aceitais desempenhar essa função?

– Não, Majestade.

– É uma resposta definitiva?

– Com efeito.

– O Lugar de Verdade é assim tão importante?

– Assim é, Majestade.

CAPÍTULO 45

Uma garotinha gravemente queimada nas pernas com água quente, dois rapazitos que tinham feito um ao outro feridas profundas num confronto violento durante um combate com paus, Karo o Mal-humorado que sofria do estômago, a esposa de Gau o Exacto afectada por uma fadiga alarmante e, para fechar a série de catástrofes da manhã, Aperti que quebrara o antebraço tentando provar que era capaz de partir um bloco de calcário com uma só pancada!

Era a primeira vez que a Mulher Sábia tinha de fazer face a tantos incidentes sérios num tão curto período de tempo e tivera que utilizar quase todas as suas reservas de mel. O precioso produto servia para tratar e cicatrizar as feridas, acalmava as inflamações externas e internas sem provocar perturbações e dava vigor. Conservado em potes cuidadosamente selados e devidamente inventariados, o ouro das abelhas era considerado como um remédio de primeira necessidade e de grande valor e só era utilizado em pastelaria com parcimónia. No decurso de séculos de experimentação, os médicos egípcios tinham também notado a sua acção benéfica no domínio dos cuidados oculares e mesmo em ginecologia.

Terminadas as consultas, a Mulher Sábia dirigiu-se ao gabinete de Imuni, responsável pelos stocks de todos os produtos que o Lugar de Verdade possuía. Ocupado a copiar o inventário dos cinzeiros de cobre, o pequeno escriba levantou-se precipitadamente e permaneceu muito rígido, como um soldado pronto a ouvir as recriminações do seu superior.

Imuni sempre tinha tido medo da Mulher Sábia, receando que ela fosse capaz de ler os seus pensamentos e detectar as suas ambições, no entanto legítimas: ocupar o lugar do velho Kenhir e vingarse de uma maneira ou de outra de Paneb o Ardente, que não cessava de o ridicularizar.

- Preciso de potes de mel o mais depressa possível, Imuni.
- Quantos desejais?
- Um hoje e vários na próxima semana... esperando que a tempestade acalme!
- Vou tratar disso imediatamente.

O escriba-assistente fez a diligência que lhe era pedida, mas regressou de mãos vazias.

– Houve um erro de escrita... Possuímos uma abundante reserva de unguentos mas nem um único pote de mel!

– Um erro dramático, Imuni... Resta-me uma quantidade que mal será suficiente para tratar as urgências durante uma semana.

– Estou desolado, verdadeiramente desolado... Vamos prevenir o escriba do Túmulo que encontrará uma solução.

A cólera de Kenhir ficaria célebre na história da aldeia. Depois de ter acusado o seu subordinado de todas as taras inerentes à espécie humana e mais algumas, avisara-o que ao próximo erro o tribunal da aldeia pronunciará a sua exclusão.

– Bem entendido, nem salário nem descansos este mês! Ribombou o escriba do Túmulo. – Esqueces que és um funcionário de Estado, que além do mais estás ao serviço do Lugar de Verdade, e que deves mostrar-te mais vigilante do que a Besta Terrível.

De cabeça baixa, Imuni não invocara qualquer desculpa, de tal forma se considerava cheio de sorte por ter sobrevivido a semelhante tempestade.

– E para completar tudo, obrigas-me a ir eu próprio à administração central quando estou com dores nas costas! Havemos de tornar a falar disto, Imuni... Entretanto, verifica os stocks e corrige os outros erros.

O escriba-assistente desapareceu sem dizer uma palavra.

– Não haveis sido meigo com ele – observou Niut a Vigorosa, que interrompera os seus trabalhos domésticos durante a reprimenda.

– Não se gerem os bens de uma aldeia com gentileza! Dê-me a minha bengala e um agasalho quente.

Acompanhado por dois polícias núbios que garantiam a sua protecção, Kenhir dirigira-se até ao gabinete do general Mehi.

– O general dirige as manobras na margem este – informou o seu secretário.

– Daqui a quanto tempo poderei vê-lo? – inquiriu Kenhir.

- No melhor dos casos, nunca antes de quinze dias.
- Demasiado tarde! Em quem delegou ele as suas responsabilidades?
- Talvez eu vos possa ajudar.
- Trata-se de um assunto grave: o Lugar de Verdade tem falta de mel, precisa de uma entrega urgente.
- As coisas estão mal – deplorou o secretário. – As quantidades disponíveis foram distribuídas pelo palácio, pelo hospital principal e pelas casernas. Aqui já não disponho senão do mínimo para a enfermaria.

Semelhantes disposições não traduziriam a iminência de um conflito? Haveria numerosos soldados feridos e os médicos militares utilizariam compressas de mel.

- A aldeia é prioritária – lembrou o escriba do Túmulo.

– Preenchi um formulário que farei chegar por correio especial ao palácio. Mas tereis de armar-vos de paciência. Neste momento, os serviços administrativos estão a transbordar.

– Fiz o necessário – disse Kenhir à Mulher Sábia e ao mestre-de-obras -, mas somos vítimas da economia de guerra. Apenas Mehi estaria apto a tirar-nos de tão difícil conjuntura, mas é impossível contactá-lo neste momento. Vou redigir um relatório circunstanciado para deplorar esta inadmissível situação.

- Preciso de mel, caso contrário não poderei tratar os meus pacientes.

- Havia uma solução, mas comporta sérios riscos: ir buscar mel ao deserto, a casa do velho Boti.

- O que receais?

– Tanto os salteadores como os polícias encarregados de proteger a exploração. Além disso, Boti é um fulano estranho: é obrigado a vender a totalidade da sua colheita ao Estado mas concede por vezes a si próprio algumas falhas. Não podemos pensar em organizar uma expedição com burros, pois seria rapidamente detectada.

- Irei sozinha – decidiu Clara.

- Nem penses nisso! – insurgiu-se Néfer.

- Devo verificar por mim próprio a qualidade do mel e convencer o apicultor a vender-mo.

- Nesse caso, acompanho-te.

– Oponho-me formalmente a isso – disse o escriba do Túmulo. – Nas actuais circunstâncias, a presença do mestre-de-obras na aldeia é indispensável. Se a Mulher Sábia insiste em tentar essa aventura, peçamos a Paneb que parta com ela. Temos plena confiança nele e saberá cumprir os seus deveres de filho adoptivo.

- Confiemos-lhe armas fabricadas pelo nosso ferreiro.

Kenhir pareceu contrariado.

- Um artesão armado... Em caso de controlo de polícia, Paneb arrisca-se muito.

- Tem que poder proteger Clara!

- As armas que fabricámos permanecerão no recinto da aldeia decretou o escriba do Túmulo.

Os archeiros eram cada vez mais exactos e os carros manobravam com uma habilidade notável. O treino intensivo começava a dar frutos e os corpos de elite em breve estariam prontos para aniquilar qualquer adversário.

Quando entrou na tenda, depois de um dia arrasador, Mehi consultou o correio chegado pelo carteiro militar; entre as missivas, um relatório do seu secretário sobre a insólita diligência do escriba do Túmulo.

O general chamou imediatamente o seu ajudante-de-campo.

- Traz-me um cavalo repousado e rápido; vou à cidade e estarei de regresso amanhã de manhã.

Mehi galopou até ao centro de Tebas, onde residia Serketa durante o período das grandes manobras. A esposa do general aproveitava para receber as grandes damas da cidade do deus Amon e fazer lhes o elogio do marido, cuja coragem e a competência eram indispensáveis tanto à província como ao país. Essa propaganda subterrânea, feita de pequenos toques, fortalecia a excelente reputação de que o general gozava. Quando muitos duvidavam do futuro do Rei Amenmés, Mehi surgia cada vez mais como o homem forte que protegeria Tebas da adversidade, acontecesse o que acontecesse.

Quando entrou em casa, a mulher do governador e as suas melhores amigas felicitavam Serketa pela sua hospitalidade: ninguém deixara de saborear as delicadas pastelarias e em breve se reencontrariam com prazer. Todas aquelas damas ficaram encantadas por ver o general que lhes garantiu, com a sua habitual força de convicção, que a sua segurança estava perfeitamente garantida.

Terminadas as tarefas mundanas, Mehi arrastou a esposa para os seus aposentos privados.

– O Lugar de Verdade tem falta de mel – informou-a.

– É assim tão importante?

– Isso significa que a Mulher Sábia terá dificuldades em tratar os doentes. Como mandei bloquear as entregas desse precioso produto, o escriba do Túmulo apresentou uma reclamação. A administração será obrigada a fazer-lhe a vontade, mas com grande demora. Por isso os artesãos tentarão arranjar mel por qualquer meio. Aqueles a quem o mestre-de-obras confiar essa tarefa serão obrigados a sair da aldeia e colocar-se-ão assim em perigo.

– Quem verificará as qualidades medicinais do mel senão a Mulher Sábia? Na minha opinião, participará na expedição e entrevejo um delicioso projecto, meu querido... Bandidos poderiam surpreendê-la e suprimi-la. Sem a Mulher Sábia, a confraria ficaria consideravelmente enfraquecida e perderia o essencial da sua protecção mágica. No interior dos muros, é impossível atingi-la, mas no caminho do mel a ocasião é tentadora. O general beijou a mulher com violência.

– A tua perspicácia encanta-me, minha terna pombinha; mas não posso utilizar os meus soldados para esse género de missão.

– Tens portanto necessidade de mim para encontrar homens de mão sem qualquer ligação conosco...

– O nosso velho amigo Tran-Bel dar-nos-á uma ajuda preciosa. Com certeza vais ter de o abonar um pouco para que colabore sem segundas intenções, mas confio no teu talento.

CAPÍTULO 46

Cabelos negros colados ao crânio redondo, face lunar, o líbio Tran-Bel bebia e comia demais, mas precisava de reconstituir as forças a fim de exercer o seu negócio de comerciante de móveis e intermediário oculto em toda a espécie de transacções mais ou menos suspeitas. Durante um período fasto, Tran-Bel recorrera aos serviços de um dos artesãos do Lugar de Verdade, que fabricava para ele móveis de luxo e desenhava modelos que o líbio utilizara para produzir belos objectos vendidos a muito bom preço. Com a tensão que se instalara, o artesão deixara de sair da aldeia e Tran-Bel devia esperar dias melhores para reatar com importantes lucros a venda de mobiliário não declarado ao fisco. Por sorte, a clientela endinheirada continuara a ser-lhe fiel e o líbio prestava a uns e a outros pequenos serviços muito lucrativos.

Quando a mulher com uma pesada peruca que lhe ocultava parte da cara penetrou na sua oficina clandestina, Tran-Bel perdeu um pouco do seu optimismo. Aquela criatura temível tinha-o na mão e não se deslocava nunca até ali sem um motivo sério. No limiar da guerra civil, semelhante visita não pressagiava nada de bom.

– Estamos em segurança? – perguntou ela em voz ácida.

– Eu fecho a oficina.

Nervoso, Tran-Bel apressou-se a fazê-lo.

– Em que posso ser-vos útil, minha querida protectora?

– Preciso de uma equipa de assassinos.

– Assassinos, mas que idéia! Sou um simples comerciante e...

– Não me vou repetir, Tran-Bel. O tempo urge.

– Mas onde quereis que os arranje?

– Conheces certamente alguns líbios prontos a tudo para ganhar uma fortuna.

– Talvez, mas a minha comissão...

– Eu é que fixarei o montante. Não esqueças que estás ao serviço de um homem muito poderoso que deves servir sem discutir se fazes questão de não teres aborrecimentos com a administração.

Tran-Bel sabia que não podia lutar.

– Conheço três cadastrados que cumpriram a sua pena e estão actualmente empregados como lavadeiros no bairro do porto. Não têm muitos escrúpulos e deveriam mostrar-se cooperantes se a recompensa lhes conviesse.

– Contacta-os imediatamente e ordena-lhes que se dirijam ao lugar que te vou indicar.

Feliz por apenas ter que desempenhar um papel obscuro, Tran-Bel prometeu a Serketa desempenhar imediatamente a sua missão.

A rota do mel era um segredo bem guardado, que nem mesmo o escriba do Túmulo conseguira penetrar completamente; sabia que o velho Boti se encarregava de numerosas colmeias no deserto de oeste, mas ignorava o local exacto onde o apicultor exercia a sua arte.

– Mesmo assim temos de tentar – confirmou a Mulher Sábia, examinando com Paneb o mapa incompleto que Kenhir lhes mostrava.

– Entre o último posto de guarda da polícia, ao fundo deste ued, até às colmeias – precisou o escriba do Túmulo – deve ser pelo menos um dia de marcha; mas em que direcção?

– O deserto é meu amigo – afirmou Paneb. – Ele nos oferecerá a solução.

– Não faltam pontos de água, deve haver inevitavelmente um na propriedade do apicultor. Mas arriscam-se a ter maus encontros.

– Confiai-me uma arma – pediu Paneb.

– Lamento, mas é impossível. Se forem apanhados por um controlo da polícia, procurem parlamentar. No pior dos casos, trar-vos-ão de volta aqui. Mas se tivesses uma espada ou uma lança, serias considerado um indivíduo perigoso.

– Levo a minha picareta.

– Oponho-me a isso, Paneb! Faz parte das ferramentas do Lugar de Verdade e não sairá.

– Teremos direito a provisões?

– Concedo-vos peixe seco, cebolas, figos e jarras de água fresca. Será um bom peso, mas tens os ombros fortes.

Adafi o Grande e os seus dois irmãos, Adafi o Médio e Adafi o Pequeno, três líbios que tinham entrado clandestinamente no Egipto, cometiam pequenos furtos por conta de Tran-Bel, que lhes prometera uma sensível melhoria da sua situação logo que possível. E a oportunidade acabava de surgir: era preciso apenas suprimir pessoas incómodas.

Essa perspectiva alegrara os três líbios, cansados de trabalhar como lavadeiros e de lavar as roupas manchadas das mulheres. No seu país, tinham assassinado alguns viajantes para os roubarem e cortavam a garganta a um homem com a mesma facilidade que a um porco.

Quando uma mulher vestida de camponesa e com a cabeça coberta por um lenço se dirigiu para o pequeno bosque de espinheiros que lhes servia de abrigo desde a véspera, Adafi o Pequeno sentiu crescer nele um desejo imperioso. Sabia perfeitamente que no Egipto a violação era punida com a morte, mas o líbio atravessara um demasiado longo período de abstinência forçada e os seus dois irmãos tinham sofrido a mesma sorte, porque as raparigas que tinham encontrado eram casadas ou noivas e fiéis.

– A caminho – ordenou Serketa. – As vossas futuras vítimas acabam de passar na pista do deserto de oeste.

– Quantas são?

– Duas.

Adafi o Grande desatou a rir.

– Vai ser uma brincadeira de crianças!

– Visto que as coisas prometem ser tão fáceis – concluiu Adafi o Pequeno -, talvez pudéssemos divertir-nos um pouco contigo antes de irmos trabalhar.

– Aproxima-te.

– Estás de acordo... com os três? – estranhou ele, desiludido.

No momento em que o líbio poisava a mão na anca dela, Serketa rasgou-lhe o antebraço com um punhal curto.

Adafi o Pequeno deu um salto para trás.

– Para a próxima vez – prometeu Serketa – corto-te os testículos.

Brandiu a arma na direcção dos três irmãos.

– As vossas duas presas não serão fáceis de capturar – afirmou. – Uma delas é uma espécie de mágica que poderá detectar a vossa aproximação e a outra um colosso que ninguém até agora conseguiu vencer.

– Também ele usa a faca?

– Não sei, mas é pouco provável.

– A mágica... É velha e feia? – inquiriu Adafi o Pequeno.

– Cerca de quarenta anos agradáveis.

– Podemos violá-la antes de a matarmos?

– À vontade. Voltarei aqui dentro de três dias e espero que tenham conseguido.

– Fica descansada, minha bela – garantiu Adafi o Médio.

– Não me bastará a vossa palavra; precisarei de uma prova.

– O sexo do colosso e a cabeça da mágica servem-te?

Deliciosamente impressionada pela crueldade dos líbios, Serketa abanou afirmativamente a cabeça.

– Serás tu que nos pagarás?

– Não ficareis desiludidos. E passaremos mesmo uns momentos agradáveis juntos.

Adafi o Pequeno sentiu crescer água na boca: duas fêmeas em perspectiva, que sorte!

Serketa ainda hesitava: ou continuar a utilizar os serviços daqueles três brutamontes depois daquela primeira missão, ou mandá-los abater por archeiros em busca de três perigosos criminosos em fuga...

Discutiria isso com o general.

– Penso que as colmeias não estão muito afastadas do último posto assinalado no nosso mapa – considerou a Mulher Sábia. – Há ainda uma vegetação bastante abundante nos arredores, principalmente flores raras e acácias que permitem às abelhas fabricar um mel notável. Mais adiante no deserto já não disporiam da matéria-prima necessária à sua alquimia.

Paneb transportava um pesado saco de provisões e duas jarras que mantinham a água fresca.

– Porque se instalou Boti tão longe dos campos cultivados?

– Porque calculou a distância máxima que podiam percorrer as suas abelhas para irem sugar o pólen e porque o deserto é o lugar ideal para as colmeias. Quando o deus Ré chorou, as suas lágrimas caíram na areia e transformaram-se em abelhas que, pelo seu trabalho, nos restituem o ouro do sol de que elas necessitam para criar o mel. O fogo do deserto oferece-lhes a sua potência plena, que elas sabem controlar.

– Eis por que razão o Faraó é simultaneamente o do orvalho, e o da abelha... Une no seu ser o úmido e o seco, o humilde orvalho ligado à terra e a infatigável abelha que percorre o céu para transformar em alimento e em remédio a energia subtil das flores.

– O Faraó é o ser útil por excelência – confirmou a Mulher Sábia – e é esse o objectivo fixado à nossa confraria: preparar obras úteis e luminosas.

– E é exactamente a mesma palavra, akh, que significa "ser útil", "ser luminoso", "o antepassado luminoso que nós veneramos e a luz do espírito", que procuramos alcançar... E é essa a matéria primordial, a luz que brota da Pedra! Mas então... Esta procura do mel e este encontro com as abelhas não estariam destinados a fazerem-me verdadeiramente compreender o que já sabia?

Clara sorriu.

– A aldeia tem necessidade deste remédio insubstituível, Paneb, mas por vezes o destino também é luminoso.

Paneb já não sentia o peso do saco de alimentos e das jarras; o caminho pareceu-lhe de uma incomparável doçura e o Sol refrescante como uma brisa da tarde.

As palavras tinham adquirido carne e a luz da obra tornava-se uma realidade tão tangível como a própria pedra.

– Temos de sair da pista – indicou Clara – porque nos aproximamos de um posto de guarda.

A Mulher Sábia e o artesão escalaram uma colina salpicada de sílex e deitaram-se de barriga para baixo a fim de observarem os arredores.

– Somos seguidos – murmurou a esposa de Néfer.

CAPÍTULO 47

Paneb olhou em todas as direcções.

Lá longe, a oeste, uma cabana de adobe à sombra de uma grande palmeira.

- O posto de polícia indicado no mapa... Passaremos ao largo. Tens a certeza que somos seguidos?
- Sinto uma presença hostil atrás de nós.
- Poderá ser uma hiena ou outro predador?
- Continuemos.

A Mulher Sábia e o pintor avançavam paralelamente à pista e Paneb voltava-se frequentemente. Sob um sol violento, os dois caminhantes tinham adoptado um andamento regular e apenas bebiam raros goles de água para não serem vítimas de uma dolorosa sensação de sede.

– É bizarro – considerou Paneb. – Kenhir deveria ter-se mostrado menos intransigente e permitir-me trazer uma arma. Foi ele que nos indicou este itinerário, conhecia portanto os seus perigos.

– O nosso escriba do Túmulo é muito formalista.

– Espero que tenhas razão, Clara... E se fosse ele o traidor que se oculta na sombra e que nos envia para a morte.

– É impossível.

– Porque és tão afirmativa?

– Porque Kenhir conhece o esconderijo da Pedra de Luz. Se fosse o traidor, há muito que a teria roubado.

O argumento impressionou Paneb mas não o tranquilizou completamente. E se Kenhir fizesse um jogo muito mais subtil, que consistia primeiro em desembaraçar-se da Mulher Sábia e depois em fugir com o tesouro? Sabia também que, se tivesse nomeado outro artesão para proteger Clara, Paneb se teria oposto; impusera portanto oficiosamente o filho adoptivo da Mulher Sábia. Único inconveniente: seriam necessários vários homens para se desembaraçarem do colosso. Não haveria portanto um seguidor único.

Clara e Paneb chegaram ao fim do caminho indicado no mapa do escriba do Túmulo. O último posto de polícia encontrava-se a este, por trás de uma duna.

– Que direcção tomamos?

– Esperemos um sinal – respondeu Clara.

– Os nossos perseguidores vão aproximar-se. É a ti que eles querem suprimir, tenho a certeza; o que se tornaria a aldeia sem a sua Mulher Sábia? Caímos numa cilada.

– O sinal surgirá e chegaremos às colmeias.

– Em primeiro lugar, é preciso sobreviver! Tenho uma ideia, mas será irrisória se os agressores forem demasiado numerosos.

Paneb explicou a sua estratégia e Clara aquiesceu.

– Aproximam-se – murmurou ela de novo.

Na ausência de vento, os irmãos Adafi não tinham tido qualquer dificuldade em seguir os rastros deixados pelo homem e pela mulher. Pesadamente carregado, o primeiro tinha-se enterrado por vezes na areia antes de reencontrar um solo mais duro.

– Vão longe? – inquietou-se Adafi o Pequeno, que detestava o deserto.

– Apanhamo-los rapidamente – respondeu o mais velho -, e uma caça fatigada é menos resistente.

– Isso é verdade... Devíamos atacar já e regressar ao vale.

– Ouve o teu irmão, imbecil – retorquiu o Médio.

– Eu também sei reflectir! Quanto mais depressa os massacrarmos, mais depressa faremos fortuna.

Os três líbios imobilizaram-se.

A algumas centenas de metros, ao pé de uma duna, uma forma humana.

– Aproximamo-nos? – perguntou o Pequeno.

Adafi o Grande apertou o cabo do seu foicinheiro e os irmãos empunharam as facas de carnicheiro.

– Aproximamo-nos.

Prudentes, olharam em redor.

Nada de anormal.

- É a mulher! – exclamou o Médio, ansioso.
- Eu sou o primeiro! – protestou o Pequeno.
- Acalmem-se – exigiu o Grande. – Estamos aqui primeiro para lhe cortar a garganta.
- Ah não, divertimo-nos antes! Ela tem um ar muito apetitoso.

Clara permanecia imóvel, como se não tivesse notado os três irmãos.

A sua atitude intrigou Adafi o Grande.

- Não se esqueçam que ela tem um guarda-costas... Onde se meteu ele?

– Atrás de ti – avisou Paneb saindo da areia onde se tinha enterrado na esperança que os perseguidores, atraídos pela Mulher Sábia, permanecessem agrupados.

Adafi o Pequeno não teve tempo de compreender o que se passava porque a grande pedra lançada por Paneb lhe fracturou a têmpora.

Berrando a sua raiva, o Médio mergulhou a direita contra o colosso, que se esquivou no último momento e lhe dobrou o braço à passagem; perdendo o equilíbrio, o líbio cometeu o erro de não largar a sua arma, sobre a qual se espetou.

Mais pesado do que os dois irmãos, Adafi o Grande precipitara-se por sua vez e, golpeando o ar como foicinho, tentara cortar a garganta do adversário. Mas Paneb baixara-se rapidamente antes de atacar o estômago do líbio com uma violenta cabeçada. Sem fôlego, este não conseguira impedir o artesão de lhe quebrar os rins com um soco.

Aflito, o Grande tentou fugir, mas o punho do colosso esmagou-lhe a nuca e o último dos Adafi caiu não longe dos irmãos.

– Queria apenas fazê-los perder a consciência – confiou Paneb a Clara – mas os líbios têm os ossos frágeis. Ninguém lamentará estes e vão servir pelo menos de festim para os chacais e os abutres.

A Mulher Sábia ergueu os olhos ao céu.

- Eis o sinal!

Uma ave de ventre amarelo, dorso cinzento e longa cauda voava para sul.

– É o pesquisador de cera – explicou ela. – Indica-nos a direcção certa. Aos apicultores de sorte revela mesmo a localização de um enxame.

O velho Boti acabava de fumigar uma colmeia com velas de sebo fixas num pote quando viu o colosso e a Mulher Sábia no carreiro que conduzia às suas colmeias, fabricadas com paliçadas de juncos em forma de cilindros colocados sobre uma base. Em geral, deambulava por ali sem receio de ser picado, de tal forma amava as suas protegidas, que lhe retribuía; mas desde o meio da manhã elas estavam muito nervosas e ele considerara preferível tomar aquela precaução para retirar os favos de mel.

Compreendia agora a razão da sua excitação.

Se fosse apenas o colosso, Boti teria dirigido as suas últimas orações ao deus Amon, protector dos infelizes; a presença da mulher de rosto luminoso tranquilizou-o um pouco.

O apicultor apagou as velas. Rodeado de abelhas inquietas, colocou-se diante das suas colmeias, como um último baluarte.

- Quem sois vós?

– Sou a Mulher Sábia do Lugar de Verdade, acompanhada por um artesão.

- Vós... Vós existis realmente?

Boti recuou um passo. Não pretendiam os rumores que se tratava de uma terrível feiticeira, capaz de fazer regressar a debaixo da terra qualquer demónio?

- Não vos aproximeis mais! Caso contrário, as minhas abelhas atacar-vos-ão.

– Não temos qualquer intenção hostil.

- O colosso a vosso lado... O que traz ele ao ombro?

– Um saco de comida e jarras de água que estamos prontos a partilhar convosco.

- Tenho tudo o que preciso!

– Não é o caso do Lugar de Verdade. Tem falta de mel e necessito dele para tratar feridos e doentes.

- Toda a minha produção é reservada para o Estado e não posso ceder-vos nem um grama.

Paneb poisou no chão o saco e as jarras.

- Nunca há exceções? – interrogou.
- Quase nunca... Excepto em caso de urgência.
- Trata-se precisamente de uma urgência – precisou a Mulher Sábia com doçura.
- Não é no entanto completamente legal...

De um bolso do vestido, Clara retirou um pequeno lingote que brilhou ao Sol.

- O ouro da nossa confraria em troca do das abelhas.
- Eu... eu posso tocar?

As dúvidas de Boti dissiparam-se: era mesmo ouro.

- Dez potes grandes de mel serão convenientes?
- Doze – exigiu Paneb.

O apicultor concordou.

- Desejo verificar a qualidade – acrescentou Clara.
- Duvidareis? – indignou-se Boti.

– Preciso também de geleia real, de pólen e do própolis que cura inúmeras infecções e inflamações. Tendes à disposição todos esses produtos?

- Por quem me tomais? Ninguém conhece melhor do que eu os tesouros das abelhas!

O apicultor não se gabava; nenhuma das riquezas da colmeia lhe escapara e alinhou com orgulho diante da Mulher Sábia os produtos que conservava em potes cuidadosamente selados e etiquetados.

- Porque razão o Estado já não fornece mel ao Lugar de Verdade?
- Economia de guerra – explicou Clara. – O Rei Amenmés ocupa-se primeiro com os seus soldados.
- Esse lingote com o qual me pagais... É realmente proveniente da vossa aldeia?
- Somos obrigados ao segredo – lembrou a Mulher Sábia.

– Tenho a felicidade de recolher a poeira de ouro que me trazem as minhas queridas abelhas e vivo feliz aqui, só com elas, longe de querelas e ambições; os únicos humanos com quem convivo são os polícias que vêm buscar as minhas colheitas e trocamos apenas algumas palavras. Nunca tinha falado tanto.

Boti abriu uma antiga colmeia e tirou dela um pequeno pote de gargalo comprido.

– Eis a minha obra-prima; tinha decidido não a mostrar a ninguém, mas visto que sois a Mulher Sábia do Lugar de Verdade... Ser-vos-á útil, vereis. Com ele, curareis as doenças mais graves ou rebeldes.

- Como posso agradecer-vos tal presente?

– Haveis-me oferecido uma fortuna e tive a oportunidade de vos encontrar e de ver a luz que emana da vossa pessoa... O que posso esperar de melhor?

Por alguns instantes, o apicultor teve desejo de pertencer ao corpo dos auxiliares e de se instalar com as suas colmeias perto da aldeia; mas fora ali, na solidão ardente do deserto, que aprendera a sua profissão e a linguagem das abelhas. E era ali que as suas protegidas fabricavam o melhor mel do Egipto.

CAPÍTULO 48

Seti recuperava lentamente, mas já não sentia qualquer gosto pelos assuntos de Estado, de que se ocupavam a Rainha Tausert e o chanceler Bai. Continuava no entanto a ser o Faraó e nem a Grande Esposa Real nem o chanceler tomavam qualquer iniciativa que compromettesse o futuro do país sem o acordo formal do senhor das Duas Terras.

Da sua longa estadia no templo de Hathor, Seti mantivera o gosto pela meditação; permanecia portanto no santuário de Amon muito tempo depois da celebração do ritual da madrugada. Assistia à reversão das oferendas, quando os sacerdotes vinham buscar os alimentos sacralizados pela energia divina para consumirem uma parte e distribuírem o resto às numerosas mestranas que trabalhavam nos templos da capital.

O Rei partilhava muitas vezes a sua refeição com o Sumo Sacerdote de Ptah; juntos, evocavam a criação pelo Verbo, cuja força penetrava no coração e na mão dos artesãos para fazer nascer as moradas onde habitavam as divindades. Seti já não concedia qualquer audiência aos ministros e aos cortesãos, era a Rainha que recebia os embaixadores, confirmando-lhes que as relações comerciais continuavam como no passado.

A meio da tarde, Seti passava uma hora ou duas no seu gabinete para ali consultar os documentos preparados por Bai, o único dignitário com o qual aceitava falar de vez em quando. "O primeiro papiro era um plano pormenorizado de mobilização geral e arranque dos exércitos do Norte."

– Aceitais dar-me ouvidos, Majestade? – solicitou o chanceler.

– Vais falar-me uma vez mais da guerra?

– Não tendes o dever de reconquistar Tebas e o Alto Egipto?

– Todos os dias venero Amon na paz do seu santuário de Per-Ramsés e ele não me inspira sentimentos belicosos.

– A guerra civil também me horroriza, Majestade, e é por isso que o plano que vos proponho apresenta a imensa vantagem de a evitar, permitindo a reunificação do país à qual todos os egípcios aspiram.

– Um plano que repousa inteiramente sobre o general Mehi, parece-me.

– É verdade, Majestade, mas não duvido da sua fidelidade à nossa causa, de que deu provas por diversas vezes.

– Admitamos que tenhas razão, Bai... Esqueces no entanto que o general pode ser manipulado por Amenmés.

– De que forma, Majestade?

– Supõe que o meu filho Amenmés tenha compreendido que Mehi só aparentemente o apoiava... Deixaria o teu plano desenvolver-se, suprimiria o general e ordenaria às tropas tebanas que exterminassem os nossos exércitos, confiantes e apanhados na armadilha. Uma carnificina e um desastre... É esse o destino que desejas para o nosso país?

– Claro que não, Majestade, mas seria Amenmés tão astuto?

– Subestimar o adversário é uma falta imperdoável. Se o meu filho se lançou nesta aventura, é porque se sente com o estofado de um chefe; e se não estiver enganado, sabe como combater-nos. Seguir a tua estratégia, chanceler, não será cair numa cilada mortal?

A lucidez do monarca retirava a Bai todos os argumentos.

– Obrigado por me terdes esclarecido, Majestade; mas será então necessário renunciar a uma intervenção militar?

– Sem dúvida.

– Permitted portanto que Amenmés acredite que triunfou e que o Alto Egipto lhe pertence.

– Será quando estiver demasiado seguro de si que se tornará o agressor e atrairá sobre si a cólera dos deuses. Melhor do que eu, eles saberão castigar a sua rebelião.

Logo que chegara, a Mulher Sábia tinha examinado os doentes cujo estado, felizmente, não se agravara. Graças ao mel de Boti, conseguira prestar os cuidados necessários com a certeza de obter curas completas.

Quanto a Paneb, fora caçado pelo escriba do Túmulo.

– Incidentes?

– Isso interessa-vos?

Kenhir franziu as sobrancelhas.

- Terás esmigalhado a cabeça do infeliz Boti para obter o mel?
- Por esse lado, nada de grave a assinalar; o apicultor mostrou-se cooperante.
- Se não foi ele, quem te causou aborrecimentos?
- Não desconfiais?

O velho escriba poisou o pincel e fitou o colosso a direito nos olhos.

- Há um certo número de atitudes que me exasperam, a começar pela hipocrisia. Se tens alguma coisa a censurar-me, diz-mo cara a cara e sem disfarces.

O rosto de Paneb enrubesceu.

- Fomos atacados por três malfeitores, provavelmente líbios.
- Tinha-te avisado que a rota do mel era perigosa.
- Seguiram-nos, como se soubessem onde íamos.

O rosto do escriba do Túmulo ensombrou-se.

- Ousarias acusar-me de vos ter enviado para uma cilada, a Mulher Sábia e tu? Ousarias mesmo acusar-me de ter pensado um só instante em perpetrar semelhante crime?

A veemência que se apoderava do velho escriba rejuvenescia vinte anos.

- É verdade que desconfiei de vós e tinha as minhas razões!

– Quais, Paneb?

- Demasiados acasos e a vossa recusa em dar-me uma arma para me defender.

- Não compreendeste que era no teu interesse e no do Lugar de Verdade? Sou um homem idoso mas ainda me sinto capaz de te desancar com a minha bengala!

Ameaçador, Kenhir levantou-se.

- Se me atacardes, defender-me-ei – preveniu Paneb.

O escriba do Túmulo não ignorou o aviso.

- Se não és um covarde, Paneb, vai até ao fundo do teu raciocínio e suprime o criminoso que tens à tua frente.

O colosso cerrou os punhos.

- Bate – exigiu o escriba do Túmulo. – Visto que sou o mais abominável dos traidores, porque hesitas?

Paneb aproximou-se de Kenhir, que continuava a não baixar os olhos.

- Tudo bem, sois inocente. Mas eu precisava de verificar.

– O que te fez mudar de opinião?

- A firmeza do vosso olhar. Não é o de um homem capaz de enviar a Mulher Sábia para uma armadilha mortal. Mas se haveis conseguido enganar-me, Kenhir, voltareis a encontrar-me no vosso caminho e não vos concederei a sombra de uma hipótese.

Serketa despiu a roupa de camponesa e libertou os cabelos dissimulados por uma peruca grosseira; depois, precipitou-se para a sua sala de água onde duas criadas lhe deram duche e a perfumaram. Antes que estivesse vestida, o general Mehi irrompeu no quarto, enquanto ela escolhia um vestido coleante.

- Sai daqui – ordenou-lhe ele.

Serketa fingiu tapar o peito com um xaile.

- Infelizmente não tenho boas notícias, meu querido. É a terceira vez que vou ao lugar marcado para o encontro e nunca aparece ninguém!

- Aqueles imbecis dos líbios não virão. Uma patrulha da polícia do deserto acaba de encontrar os seus cadáveres, um pouco afastados de uma pista.

- Todos três! – espantou-se Serketa. – No entanto, eram homens fortes... Cumpriram pelo menos uma parte da sua missão?

- A Mulher Sábia e Paneb regressaram sãos e salvos à aldeia e o jovem colosso vinha pesadamente carregado.

- Ele sozinho venceu os três agressores – murmurou a esposa de Mehi em voz gulosa. – Que pena que semelhante homem não esteja ao nosso serviço! Mas talvez não devamos desesperar...

- Receio que a Mulher Sábia tenha usado a sua magia para aumentar a força de Paneb. Esses três imbecis sobrestimaram-se.

Serketa acariciou a face do general.

– Este pequeno fracasso é aborrecido, mas tens preocupações mais graves, não é verdade?

– Exacto, minha doçura.

– Amenmés desconfia de ti?

– Não, eu é que já não tenho a mínima confiança nesse inconstante.

– Tinha-te prevenido, ele não tem envergadura! Não estará prestes a implorar o perdão do pai?

– Se continuar a isolar-se assim, pode bem sucumbir à tentação. Acaba de afastar os seus últimos conselheiros e até eu devo actualmente solicitar audiência. Amenmés quer decidir só e reinar sem partilhas... Se for suficientemente louco para lançar as tropas tebanas ao assalto do Norte, como hei-de conseguir dissuadi-lo?

– Recusares obedecer ser-te-ia fatal... Mas não permitirei a ninguém, nem mesmo a Amenmés que ponha em causa a tua ascensão.

– Ousarias atacar um Faraó, minha doçura?

– Todos deverão em breve admitir que Seti é o único Faraó legítimo, meu querido.

Ao pôr do Sol, Paneb fora buscar o filho junto do grande silo de cereais onde ele organizara um concurso de luta que estava certo de ganhar.

À vista do colosso, os garotos tinham dispersado para regressarem a casa o mais depressa possível e Aperti eclipsara-se a toda a velocidade na esperança de conseguir, uma vez mais, a indulgência da mãe que o protegeria da cólera do pai.

Este estava no entanto decidido a administrar-lhe um novo correctivo quando uma estranha claridade no topo da mais alta colina de oeste atraiu a sua atenção.

Um fogo!

Paneb atravessou a necrópole e trepou em direcção ao local de onde as chamas se erguiam para o céu de lápis-lazúli. Ninguém estava autorizado a acender lume naquele lugar e o pintor deveria certamente trazer até casa dos pais pelas orelhas um ou dois mariolas.

Das trevas surgiu um barbudo, de pernas curtas, com máscara de leão marcada por espessas sobrancelhas e abundante cabeleira encaracolada.

– Sou Bes o Iniciador – revelou, deitando de fora uma enorme língua antes de desatar a rir. – És suficientemente corajoso para me seguires?

A toda a velocidade, Bes meteu pelo atalho que subia para o desfiladeiro. O colosso hesitou apenas um breve instante e seguiu-lhe os passos.

CAPÍTULO 49

Bes o Iniciador passou o desfiladeiro e desceu para o Vale dos Reis. Espantado, Paneb continuou no entanto a segui-lo e atingiu a entrada da "grande planície", guardada por um ritualista com máscara de Anúbis.

Com um gesto largo, convidou o colosso a franquear o limiar.

Com uma tocha na mão, Bes passou diante da Morada de Eternidade de Ramsés o Grande e depois dirigiu-se para a de Amenmés, mas não se deteve aí. Sem se voltar, seguiu uma vereda que serpenteava em direcção ao fundo do Vale.

Paneb julgou que o seu guia o conduzia para um beco sem saída porque as bordas da garganta se cerravam ao atingir a falésia.

Bes desapareceu, mas o pintor continuou a distinguir o clarão da sua tocha, uma dezena de metros acima dele. Ao aproximar-se da parede distinguiu uma escada de corda que lhe permitiu subir até à entrada de uma gruta diante da qual ardiam quatro archotes. De um lado e do outro, guardas com cabeça de abutre, de crocodilo, de leão e de escorpião. Quando Paneb fez menção de avançar, brandiram as suas facas.

– Sou o senhor do medo – declarou o abutre -, e tu estás diante da porta secreta da câmara oculta. Se ousares penetrar nela, descobrirás uma vida nova, desde que oiças o apelo da luz. Mas cuidado, Paneb: que o teu coração não seja surdo.

– Afastai-vos.

Nem as máscaras dos guardas nem as suas armas assustavam o colosso. Se se recusassem a ceder, forçaria a passagem.

– Tal como o Sol que morre ao fim do dia – referiu o leão -, deverás atravessar a noite, enfrentar terríveis provas e tentar renascer pela manhã. Terás força e coragem para ver a luz nas trevas?

Paneb mostrou o olho e o coração que usava como amuleto e as facas dos guardas baixaram-se.

No interior da gruta, foi acendida uma tocha e surgiu um caminho na escuridão.

Paneb passou por uma porta estreita para meter por um corredor, com o comprimento de uma dezena de metros, que descia na rocha, estreitando.

O artesão imobilizou-se no primeiro degrau de uma escada muito íngreme, conduzindo a um segundo corredor interrompido por um vasto poço iluminado por uma tocha. No tecto dessa caverna do Nun, a energia primordial, estavam pintadas estrelas.

Paneb atravessou o poço graças a um trenó de madeira colocado de través e penetrou numa pequena sala de dois pilares cujas paredes se encontravam decoradas com setecentos e setenta e cinco figuras estranhas que evocavam os múltiplos modos de acção da luz. O pintor esqueceu o tempo para se deter nessas formas ocultas na "câmara secreta da totalidade reunida" e tentar associá-las numa visão global; mas sentiu que lhe faltavam as chaves e foi atraído por um novo clarão que brilhava no canto noroeste do compartimento.

Uma nova escada descia para uma segunda sala de dois pilares rectangulares, mais vasta do que a precedente.

Quando Ched o Salvador e Turquesa acenderam as tochas, foi o deslumbramento.

Paneb encontrava-se no interior de um livro cujo texto estava inscrito nas paredes; aqui se revelava, por meio de hieróglifos e cenas simbólicas, o conteúdo integral de "o que reside na matriz de criação", o lugar onde nascem as estrelas a cada instante.

Perto do sarcófago de grés vermelho pintado, assente numa base de alabastro, encontrava-se o mestre-de-obras e a Mulher Sábia.

Ched o Salvador pegou o discípulo pela mão e fê-lo iniciar a viagem realizada todas as noites pela barca solar no mundo subterrâneo.

À primeira porta desenhada na parede, a do Ocidente, correspondia a primeira hora.

– O que vês, Paneb?

– Vejo uma serpente ameaçadora que devo evitar e a barca do Sol cuja carne não se corrompe.

– Que o teu espírito se lance nesse universo.

O colosso teve a sensação de percorrer uma vasta e serena região antes de entrar na segunda hora, onde atravessou um campo luxuriante, banhado por uma música doce. Ao sair desses campos de felicidade, penetrou

na terceira hora, que era refrescada por uma brisa agradável.

– Aqui se realiza a união de Ré, a luz do céu, e de Osíris, a do mundo subterrâneo – revelou Ched. – Graças a ela, as sombras maléficas são aprisionadas e o nada aniquilado.

Até então, Paneb gozara momentos de uma inigualável paz; mas o confronto com a quarta hora arrancou-o à sua beatitude. Na parede estavam representados a descida do sarcófago e o reboque à sirga da barca solar através de uma região desértica e privada de água; tudo se passou como se o colosso retesasse os músculos para que a navegação não fosse interrompida.

– Entra na caverna do nascimento fecundada pelo Sol da quinta hora – ordenou Ched. – É aqui que é conservado o ovo de luz que contém as múltiplas formas da vida.

Na sexta hora, o espírito de Paneb reuniu as energias esparsas para melhor enfrentar, na sétima hora, a terrível serpente Apopi, que tentava beber a água do rio a fim de impedir a barca de continuar o seu caminho. Mas havia facas que a pregavam ao solo e a impediam de fazer mal.

Surgiu então ao pintor uma outra serpente de múltiplas ondulações, encarnação da vida que atravessa todas as coisas; e depois de ter contemplado as estrelas do zodíaco, sob as suas doze formas masculinas e as suas doze formas femininas, Paneb atravessou a oitava hora e ouviu a voz dos seres do Além: o grito do falcão, O piar de um passarinho, o miar de um gato e o zumbido das abelhas.

– Na nona hora – revelou Ched a múmia ergue-se, Osíris vence as trevas e a alma-pássaro nasce.

Na décima hora, Paneb descobriu o escaravelho que rolava à sua frente a bola do novo sol em gestação; depois, nadou nas águas do oceano celeste onde teve a sensação de respirar como nunca.

E que alegria, na décima primeira hora, assistir à derrota dos inimigos da luz, com a cabeça cortada e lançados nos braseiros, ao mesmo tempo que aparecia a serpente celeste e os dois olhos completos, graças aos quais o seu olhar se amplificou.

– Na décima segunda hora – disse Ched – contempla o novo sol, consolidado à frente das estrelas, e o teu próprio nascimento. Atravessaste assim as doze regiões do espaço secreto onde navega a barca, do Ocidente ao Oriente, de uma morte a uma ressurreição.

As doze horas tinham-se escoado como um instante e Paneb, sentado diante da porta fechada do santuário onde vivera a noite luminosa da alma, admirava o disco solar brilhando num céu azul.

Actualmente, conhecia-o por dentro devido a ter participado na sua formação, etapa por etapa. A cada pôr do Sol, agora, passaria com ele a porta do Ocidente e iniciaria a perigosa viagem para o Oriente.

Paneb pensou nos momentos difíceis que sofrera quando desejava ardentemente tornar-se pintor e penetrar no Lugar de Verdade sem esperança de o conseguir; recusando ceder ao desencorajamento, seguiu o seu instinto que lhe garantia que o seu destino se cumpriria lá e em mais nenhum outro lugar.

O mestre-de-obras, a Mulher Sábia e os ritualistas tinham regressado à aldeia; apenas Ched o Salvador permanecera junto à falésia para esperar o seu discípulo.

– Ficaria aqui o resto da minha existência – confessou-lhe Paneb.

– Não chegaste ainda ao fim das tuas descobertas.

– Que mais posso esperar?

– Que a tua mão traduza o que o teu espírito captou. Achas que tais segredos te foram revelados para que te deleites num sonho de adolescente?

– Vou destruir as minhas pinturas e recomeçar.

– De maneira nenhuma, carneiro feroso! Pelo que constato, a vaidade ainda não te abandonou; como podes supor que eu te teria deixado realizar um trabalho indigno da confraria? Porque desejaste incessantemente aprender, apesar do teu carácter rebelde, a tua mão sabia o que o teu espírito ignorava. Graças a esta iniciação, tornas-te um pouco mais consciente da dimensão da nossa tarefa; mas o caminho que tens ainda que percorrer não é certamente mais fácil do que o da barca solar!

– Encontramo-nos no túmulo de Tutmés III, não é verdade?

– Foi ele que deu forma a este livro de ressurreição, cujas páginas desenhadas nas paredes deste compartimento oval em forma de escudo onde está inscrito o seu nome percorreste.

– O seu próprio sarcófago tem esta forma – acrescentou Paneb.

– Viajaste até ao interior do ser do Faraó, ele próprio identificado com o Sol. Poucos seres tiveram essa

oportunidade; procura e mostra-te digno dela.

– Porque duvidas de mim? – insurgiu-se Paneb.

– Porque a existência nos reserva fatalmente provas que nos fazem cair do alto. E para ti, a queda será ainda mais dura do que para os outros; quando a infelicidade surgir, recorda-te da tua vitória sobre o dragão das trevas.

CAPÍTULO 50

Quando Paneb franqueou o limiar de sua casa para entrar no primeiro compartimento, constatou imediatamente que tudo tinha sido limpo de cima abaixo e que reinava por todo o lado um doce perfume.

À entrada do segundo compartimento, onde imperava a estela dedicada aos antepassados, estava Uabet a Pura, maquilada, envergando o vestido branco de sacerdotisa de Hathor e adornada com o colar de cornalinas e jaspes vermelhos, presente do marido. A sua dignidade impressionou o colosso e este ficou espantado quando ela se inclinou diante dele.

– Sei que realizaste a viagem nocturna do sol – disse a frágil mulher loura – e que já não és o mesmo homem. Muito poucos habitantes da aldeia tiveram acesso a esse mistério e por isso te presto homenagem.

O colosso tomou docemente a esposa nos braços.

Ela tremia.

– O teu espírito atravessou regiões que não conheço e que nunca conhecerei, ao contrário de Turquesa, mas não sinto nem amargura nem ciúme – afirmou Uabet. – Ched o Salvador escolheu-te como discípulo, o mestre-de-obras como filho adoptivo, e é normal que prossigas o teu caminho para te tornares o pintor-chefe da confraria. Eu não passo de uma simples dona de casa mas amo-te com todo o meu ser. E tu, claro, vais partir.

Paneb ergueu-a com delicadeza e levou-a para o quarto, tão refulgente como o resto da casa. Mesmo os modestos ganchos para pendurar coisas tinham ar de novos.

Com os braços em torno do pescoço do marido e a cabeça encostada ao seu peito, Uabet a Pura mal ousava abandonar-se nos seus braços.

– Tenho medo, Paneb, tanto medo de ser indigna de ti!

Ele poisou-a na cama e sentou-se muito perto dela, segurando-lhe nas mãos.

– Ultrapassei uma etapa, é verdade, mas continuo a ser um artesão como os outros e não tenho nenhuma razão para te abandonar. Sem ti, teria vivido num pardieiro em desordem, de onde o escriba do Túmulo teria acabado por me expulsar. Quem melhor do que tu, me permitiu trabalhar sem preocupações?

– Então... Fui útil para ti?

– Como podes duvidar disso um segundo sequer.

– Aceitas-me tal como eu sou?

– Sobretudo, não mudes!

– Tu... Tu continuas aqui, comigo?

– Com uma única condição, Uabet: que nunca mais te prosternes diante de mim! Dessa homenagem, apenas os deuses, o Faraó, o mestre-de-obras e a Mulher Sábia são dignos.

Lentamente, Paneb tirou o colar da jovem e fez deslizar as alças do vestido branco.

– Amo-te à minha maneira – confessou ele – e não é certamente a melhor... Competir-te-ia certamente a ti partir em busca de um marido melhor.

Nua e abandonada, Uabet sorriu.

– Tenho uma ideia melhor... Aceitarias um segundo filho?

– Terás forças para o ter?

– Consultei a Mulher Sábia... Ela não tem qualquer receio.

– Dá-me uma garotinha que se te assemelhe.

– Rogarei aos antepassados para que satisfaçam o nosso voto.

Uabet, tão frágil e tão determinada... O colosso amou-a com uma imensa ternura.

Fora Ched o Salvador a oferecer o banquete em honra de Paneb, que tanto os artesãos da equipa da esquerda como os da equipa da direita começavam a olhar com outros olhos. Até mesmo Nakht o Poderoso e Fened o Nariz admitiam as qualidades do pintor e compreendiam por que razão o mestre-de-obras e a Mulher Sábia o tinham adoptado; a uma técnica controlada, o colosso aliava uma visão luxuriante que se adaptava a cada tipo de obra e ao lugar a decorar. Os três desenhadores, Gau o Exacto, Unesh o Chacal e Pai o Bom pão, não contestavam o talento do seu colega, embora mais jovem do que eles, e consideravam-no já como o futuro patrão da sua oficina.

– Alguém te chama na porta principal – disse Néfer a Paneb.

- A mim, tens a certeza?
- Absoluta.
- Quem é?
- O guarda da porta não conhece.
- O que me quer?
- Só saberás quando o encontrares.
- Não vais dizer-me mais nada?
- Se o chefe Sobek o deixou passar, é porque não representa qualquer perigo.

Intrigado, Paneb saiu da aldeia.

Em frente da porta, um burro. O focinho branco tal como o ventre, a pelagem cinzenta, os grandes olhos negros tão móveis como as longas orelhas finamente desenhadas, as narinas largas, era um verdadeiro atleta que não devia pesar menos de trezentos quilos.

Sobre o dorso, um assento vazio preso por uma cilha.

– Havia alguém aí sentado? – perguntou Paneb.

– Um dos cinco camponeses que trabalham para mim – explicou Néfer. – No entanto, eu tinha-o prevenido quando comprámos este burro excepcional: Vento do Norte não tolera ninguém no dorso. Como podes constatar, ele já conhece o caminho do Lugar de Verdade.

Orgulhoso, desconfiado, o quadrúpede fixava Paneb.

– Eis o meu presente pela tua elevação – precisou o mestre-de-obras. – Vento do Norte pertence a uma linhagem de burros ilustres cuja robustez e inteligência nunca é demais louvar. O seu carácter não é melhor do que o teu, mas espero que se entenderão.

– É magnífico...

– Um pai de família deve sonhar em possuir alguns bens, sobretudo quando a esposa espera um segundo filho.

– Uabet contou-te?

– Clara vigiá-la-á de perto e a gravidez vai decorrer bem. Vento do Norte irá até à minha propriedade e trará os produtos de que tiveres necessidade, além das rações fornecidas pelo Estado. Bastará que lhe expliques bem o que esperas dele.

Com o focinho úmido, Vento do Norte tocou nas mãos do colosso, cheirou-o longamente e depois começou a zurrar com tal força que grande número de aldeões acorreram para ver o que se passava.

– Achas que ele me aceita?

– Acaricia-lhe a cabeça.

A tentativa foi coroada de êxito. Muito satisfeito com essa demonstração de afecto, Vento do Norte esfregou-se vigorosamente contra o seu novo dono.

Depois de uma longa espera, o general Mehi foi finalmente autorizado a penetrar na grande sala de audiências do palácio de Karnak onde o Rei Amenmés, sentado num trono de madeira dourada, contemplava as colunas com um olhar vazio.

Há mais de dois meses que não convocava nenhum conselho. O seu vizir, um alto funcionário indiferente, tratava dos assuntos correntes recolhendo as queixas dos dignitários a quem a atitude do monarca irritava tanto como os angustiava.

Curvando-se, Mehi constatou que Amenmés tinha emagrecido e que os traços do seu rosto se tinham cavado de forma espectacular. Nada restava do jovem conquistador que gostava de fazer longas cavalgadas no deserto e sonhava tornar-se um grande Faraó.

– Sede breve, general; tenho muito pouco tempo para vos conceder.

– Tenho o dever de vos informar das minhas inquietações, Majestade.

– A guerra e o sangue... Só pensais nisso, general, e fazeis mal! A violência não conduz a nenhum lado. O meu pai não atacou o Sul, eu não atacarei o Norte, mesmo que a minha decisão desagrade a militares ávidos de chacinas!

– O meu único objectivo é garantir a vossa segurança.

– Deixai de me tomar por um parvo, Mehi! Isolando-me neste palácio, não perdi um só segundo, bem pelo

contrário. Consegui finalmente sair do turbilhão em que me agito estupidamente há vários anos e obtive o distanciamento necessário. Em meu redor voam os abutres que só pensam em despojar-me para serem detentores de uma porção de poder e vós sois um deles, general!

– Não, Majestade, e não mereço tão dura acusação. Sou um soldado e um administrador e não me compete tomar iniciativas. Que ordeneis que coloque as tropas tebanas ao serviço da paz enche-me de alegria, mas devo referir-vos que a sua moral fraqueja porque o pagamento do soldo foi atrasado vários dias. Este incidente não se verificava há muito tempo e os homens receiam não vir a ser pagos.

A cólera de Amenmés abateu.

– Qual a razão dessa alteração, general?

– Dirigi uma reclamação ao vizir, que me explicou que a economia de guerra custava muito caro e que o equilíbrio das finanças tebanas estava ameaçado. Se desejais evitar uma crise grave, conviria devolver aos campos a maior parte dos camponeses mobilizados.

– Sois favorável a essa medida?

– A nossa capacidade defensiva ficaria consideravelmente reduzida. Em caso de ataque dos exércitos do Norte, não tenho a certeza de aguentar o choque com os efectivos reduzidos.

Amenmés levantou-se para ir apoiar-se de encontro a uma coluna como se o contacto com a pedra lhe desse um pouco de energia.

– Talvez o meu pai se decida a preparar uma grande ofensiva... Se souber que Tebas enfraquece e que o nosso sistema de defesa se desfaz, não hesitará.

– Porque não haveis de requisitar riquezas onde elas existem, Majestade?

O Rei ficou intrigado.

– Explicai-vos, general.

– Não passa possivelmente de uma lenda, mas afirmam que o mestre-de-obras do Lugar de Verdade é capaz de fabricar ouro. Ser-nos-ia útil para resolver os problemas actuais.

Amenmés fechou os olhos alguns instantes.

– Encarregar-vos-eis pessoalmente dessa diligência, general?

– Por direito, compete ao vizir, Majestade.

CAPÍTULO 51

- Chefe, cerca de cem soldados à vista!
- Todos aos seus postos – ordenou Sobek.

Com uma rapidez impressionante, os polícias núbios executaram uma manobra muitas vezes repetida, enquanto o seu chefe saía do quinto fortim para se colocar diante da tropa.

Esta deteve-se a uma dezena de metros do atleta negro. Do carro da frente desceu um jovem oficial que saudou Sobek.

- Comando a escolta do vizir.
- O acesso ao Lugar de Verdade é-vos interdito.
- A mim sim, mas não ao vizir mandatado pelo Faraó.

O oficial mostrou ao chefe Sobek o papiro no qual Amenmés colocara o seu selo.

- Esperai aqui... Devo consultar o escriba do Túmulo.
- O vizir não é muito paciente.

– E os meus homens são bastante nervosos – retorquiu Sobek. – Se avançardes, dispararão.

Kenhir ainda não terminara o pequeno-almoço que lhe servira Niut a Vigorosa e divagava antes de redigir o Diário do Túmulo. Desde o seu casamento, ela obrigava-o a consumir cereais torrados e figos doces como mel, sem esquecer um bolo redondo recheado de tâmaras.

Graças a esse regime, completado por refeições de notável qualidade, o velho escriba reencontrava uma nova juventude. Tinha no entanto que lutar para que lhe dessem uma quantidade razoável de cerveja leve e uma taça de vinho no mínimo uma vez de três em três dias, sob o olhar atento de Niut, que não tolerava a embriaguez.

- Um sério aborrecimento em perspectiva – anunciou Sobek. – O vizir exige a abertura das portas.
- O que vem esse cá fazer?... Até hoje, era menos do que um fantasma!
- Faz-se acompanhar por uma centena de soldados e parece apressado. Posso mandá-lo embora?
- Infelizmente não, porque vem mandatado pelo Rei.

Sem pressa e apoiando-se na bengala, Kenhir avançou até ao quinto fortim. Tão idoso como ele, o vizir permanecia ao abrigo de um grande guarda-sol seguro por um soldado.

- Sois o escriba do Túmulo?
- Por que razão não fui avisado da vossa vinda?
- É um caso de urgência, segundo o Faraó Amenmés.
- Em que consiste a vossa missão?
- Falar com o mestre-de-obras.
- Está prestes a partir para o Vale dos Reis a fim de trabalhar a Morada de Eternidade do Faraó. Regressai daqui a oito dias.

– Amenmés quer uma resposta imediata. Se opuserdes a menor resistência, ordeno à tropa que force a passagem e capture a pessoa do mestre-de-obras.

Afirmar que Seti II era o único monarca legítimo e que o documento assinado por Amenmés não tinha qualquer valor provocaria um confronto sangrento; Kenhir tentou portanto ganhar tempo.

- O que esperais do mestre-de-obras?
- A minha missão é estritamente confidencial.
- Sou o escriba do Túmulo e o representante do Estado nesta aldeia. Sob esse título, devo ser informado de

tudo o que aqui se passa.

- Só falarei com o mestre-de-obras.

Kenhir sentiu que não conseguiria nada.

- Estais autorizado a entrar, mas não permitirei que nenhum soldado vos acompanhe.
- Entendido.

Os dois homens dirigiram-se para a grande porta da aldeia.

O guarda levantou-se, inquieto por ver um estranho ao lado do escriba do Túmulo.

- Podes abrir – disse-Lhe Kenhir.

Ao penetrar no interior da aldeia interdita, o vizir sentiu uma curiosa emoção. O que iria ele descobrir naquele

mundo misterioso onde se elaborava a eternidade dos Faraós?

Um colosso armado com uma picareta ergueu-se diante dele, ao mesmo tempo que um cão negro lhe mostrava os dentes e uma volumosa gansa ameaçava bicar-lhe as barrigas das pernas.

– Esperai aqui – recomendou-lhe Kenhir. – Vou prevenir o mestre-de-obras.

Niut a Vigorosa tinha avisado os aldeões da chegada de um intruso e todos tinham voltado para casa e fechado as portas.

Silencioso, o Lugar de Verdade parecia abandonado.

O vizir não se atrevia a mexer-se.

– Quem és tu? – perguntou a Paneb.

– Somos obrigados ao segredo e não gostamos de gente faladora.

O vizir não insistiu e esperou pelo regresso do escriba do Túmulo.

– Segui-me – disse Kenhir.

Paneb, o cão e a gansa escoltaram o enviado de Amenmés até ao pequeno palácio de Ramsés o Grande cuja porta, dando para uma passagem lajeada, estava aberta.

– Entrai só.

O vizir descobriu uma sala cujas pinturas representavam o Rei fazendo oferenda a Hathor, no meio de uma decoração de parreiras e cachos de uva. Depois, penetrou num compartimento abobadado onde Néfer o Silencioso estava sentado à maneira de escriba.

– Sois... o mestre-de-obras da confraria?

– É o Rei que vos envia?

– Assim é, e a minha missão é particularmente delicada, mas reveste-se de um carácter oficial. É em nome de Amenmés que me exprimo e lembro-vos que lhe deveis obediência.

– Não esqueci que o Faraó é o senhor supremo da confraria e que, portanto, é o primeiro a estar conforme com a Lei de Maet de que ele e o seu vizir são os garantes.

– Com certeza, com certeza... É exacto que possuis uma grande quantidade de ouro?

– É destinado aos edifícios sagrados.

– Mas existe realmente uma Morada do Ouro na qual o fabricais?

– Um vizir prestará ouvidos a lendas?

– O Faraó Amenmés reclama as riquezas que lhe pertencem.

– Supondo que esse ouro exista, é impossível fazê-lo sair do Lugar de Verdade.

– Repito-vos: esse ouro pertence ao Rei.

– Ele que venha contemplá-lo aqui – propôs Néfer -, no segredo da obra que se realiza.

– Essa proposta é inaceitável! Retirai o metal precioso das vossas reservas e trazei-o ao quinto fortim.

– Não conteis com isso.

– Lembro-vos que sou o vizir e que vos transmito uma ordem do Rei!

– Trata-se apenas de uma decisão aberrante que ignora a natureza e os deveres do Lugar de Verdade.

– Estais consciente do alcance das vossas palavras?

– Os tesouros da confraria não são destinados ao exterior, onde seriam dilapidados. Se vós, o vizir, não o compreendeis desembocareis num desastre.

– Para o bem do Estado, aceito esquecer o que acabo de ouvir, mas sabeis que a minha paciência está a chegar ao limite. Ou me obedeceis imediatamente ou então...

– Ou então?

Dominado pela força tranquila que emanava da pessoa do Silencioso, o vizir escolheu as palavras.

– Aconselharei o Rei a adoptar sanções severas contra vós. Semelhante insubordinação não pode ser tolerada.

– O que assim qualificais não é mais do que o respeito pela Regra da confraria estabelecida pelo próprio Faraó quando da sua criação. E compete-me fazê-la respeitar.

– Arriscais a cabeça!

– Mais vale morrer do que trair a palavra dada.

– É a vossa última palavra?

– Regressai para junto do vosso Rei e procurai convencê-lo do seu erro.

– Sois vós que cometeis um erro fatal, mestre-de-obras.

O vizir saiu do palácio e esbarrou de novo com Paneb, enquadrado pela gansa e o cão.

– Não ataqueis a confraria – avisou o colosso – ou arrepender-vos-eis!

– Ousarias ameaçar-me?

– Salvo o devido respeito, não me inspirais nenhuma confiança e estou convencido que não haveis compreendido nada do espírito que anima esta aldeia. Sabei simplesmente que é um lugar sagrado e não atenteis de forma nenhuma contra a sua existência.

Exasperado, o vizir fez um relatório pormenorizado ao Rei Amenmés, insistindo na insubordinação do mestre-de-obras, na insolência de um jovem colosso e na falta de cooperação do escriba do Túmulo.

– Devido ao comportamento escandaloso de Néfer o Silencioso e às injúrias proferidas a vosso respeito, Majestade, preconizo a sua detenção imediata e a sua comparência perante um tribunal.

– Tens a certeza que a aldeia possui realmente ouro?

– Absolutamente, Majestade; o mestre-de-obras confessou, mas recusa-se obstinadamente a vo-lo enviar.

Convocado para aquele conselho restrito, o general Mehi deliciava-se com as afirmações do vizir. Néfer o Silencioso reagira como ele esperava e desta forma condenara-se a si mesmo. Privada do seu chefe, a confraria desmembrar-se-ia e tornar-se-ia uma presa fácil.

– A vossa opinião, general?

– Sem duvidar das declarações do vizir, estou surpreendido com a atitude do mestre-de-obras; quando me encontrei com ele, pareceu-me um homem responsável e ponderado. E lembro-vos que sou o protector oficial do Lugar de Verdade, cuja causa desejo defender.

– Não será um pouco tarde?

– Creio nas virtudes da negociação, Majestade, e estou persuadido que poderíamos conduzir Néfer o Silencioso à razão.

– Deveis conhecê-lo mal – interveio o vizir. – É um teimoso que recusa reconhecer a autoridade do nosso soberano!

– Essa atitude é incompreensível.

– Ide à aldeia, general – ordenou Amenmés – e trazei-me Néfer o Silencioso.

CAPÍTULO 52

Kenhir fazia uma curta sesta junto do túmulo de Amenmés, no qual trabalhavam o mestre-de-obras e a equipa da direita, quando Penbu, o polícia núbio encarregado de guardar o depósito de material do Vale dos Reis, lhe bateu no ombro.

– Lamento despertar-vos, mas o general Mehi está à porta do vale e deseja ver-vos com urgência.

O velho escriba levantou-se com dificuldade e caminhou lentamente sob o Sol do meio-dia.

O general viera só; o seu soberbo cavalo negro, com o pêlo luzidio de suor, parecia esgotado pelo esforço que lhe fora imposto.

– O mestre-de-obras está aqui? – perguntou a Kenhir em voz inquieta.

– Não tenho que vos responder.

– O Rei Amenmés deu-me ordem para o deter e levar ao palácio.

– Não podeis penetrar nem no Vale dos Reis nem na aldeia dos artesãos.

– Tendes que acreditar, Kenhir, que estou consternado, eu que sou encarregado de vos proteger e que tenho uma admiração sem limites por Néfer o Silencioso. O vizir que Amenmés escolheu é um intriguista perigoso porque os seus conselhos orientam o monarca em más direcções, mas não tenho a capacidade de contrariar a sua acção.

– De que é acusado o mestre-de-obras?

– De insubordinação e de injúria à pessoa real.

Kenhir estremeceu.

– O vizir decidiu fazê-lo comparecer perante o seu tribunal?

– Infelizmente, sim.

– Néfer arrisca-se portanto a ser condenado à pena capital?

O silêncio de Mehi foi eloquente.

– Recuso-me a entregar-vos o mestre-de-obras.

– No vosso lugar, Kenhir, reagiria da mesma maneira, mas essa resistência é inútil. Num caso como este, Amenmés fará intervir o exército de forma brutal.

– Como poderia um Faraó violar assim a Lei de Maet?

– Amenmés só reina sobre Tebas... E procura por todos os meios afirmar a sua autoridade titubeante. Fazendo de Néfer o Silencioso um exemplo, julga impor-se aos dignitários que criticam a sua forma de exercer o poder. Amanhã, serei obrigado a forçar a porta da aldeia com um batalhão do exército.

– Como representante do Estado, considero esta intervenção ilegal e escreverei ao vizir para lhe pedir que a impeça!

– Nem sequer vos responderá – lamentou o general. – A única solução que me resta consiste em demitir-me, mas o Rei nomeará para o meu lugar um militar brutal, pronto a tudo para lhe agradar.

Kenhir pareceu abatido

– Tenho que falar com Néfer.

– Devemos resistir – considerou Kenhir. – Se fores com o general Mehi não voltarás.

– Devemos sobretudo pensar na sobrevivência da aldeia – retorquiu Néfer. – Se Amenmés perdeu a cabeça, de que loucura será capaz?

– És o mestre-de-obras do Lugar de Verdade! Sem ti, o que se tornará ele?

– A Mulher Sábia, o chefe da equipa da esquerda e tu próprio designarão um outro que será reconhecido como tal pela totalidade da confraria.

– Estás consciente que os temas de acusação enunciados pelo vizir provocarão a tua condenação à morte?

– É o Lugar de Verdade que é necessário preservar.

– Julgas que Amenmés poupará o teu sucessor?

– Depois de ter cometido tal injustiça, o seu nome ficará para sempre manchado e ele hesitará em comportar-se como um tirano.

– Acompanho-te, Néfer.

– Não, Kenhir. A confraria vai ter necessidade da tua presença.

– Vou redigir um relatório sobre este caso e fá-lo-ei chegar a todos os dignitários tebanos e a Seti II. Se Amenmés é suficientemente louco para atacar o mestre-de-obras do Lugar de Verdade, não conseguirá safar-se.

– Pede a Clara que me ajude e diz-lhe que não deixarei de pensar nela.

Os dois homens abraçaram-se.

No momento em que Néfer abandonava o local, Paneb saiu do túmulo de Amenmés.

– Sinto que se passa qualquer coisa de anormal.

– Kenhir explicar-te-á – disse o Silencioso.

– Os meus homens esperam-me um pouco mais longe com os carros – disse o general Mehi a Néfer. –

Suponho que o escriba do Túmulo não vos escondeu nada da gravidade da situação.

– Detenção, tribunal do vizir e condenação à morte... É essa a sorte que me está reservada, não é verdade?

Mehi assumiu um ar incomodado.

– Teria preferido voltar a ver-vos noutras circunstâncias, mas nada poderia opor-se à vontade de Amenmés.

Ele só dá ouvidos ao seu vizir e este jurou a vossa perda.

– Qual a razão?

– Ignoro-o, mas é um alto funcionário intratável que não suporta a vossa independência e não compreende a importância da vossa tarefa.

O general segurava o cavalo pela arreata e os dois homens seguiam pela pista que passava entre colinas pedregosas.

– Quando tiverdes franqueado a porta do palácio, o vosso destino estará selado, Néfer; não é uma saída muito honrosa, poderíeis fugir. Aqui onde estamos, os meus soldados não nos vêem.

O general voltou as costas ao mestre-de-obras.

Se Néfer cedesse à tentação, Mehi tiraria a adaga da bainha e cravar-lha-ia nas costas.

Quem lhe censuraria ter suprimido um criminoso que tenta fugir?

– Prefiro seguir-vos, general. Se eu desaparecesse, a cólera do Rei desencadear-se-ia contra a aldeia.

Mehi não ficou desiludido. Não tinha imaginado o mestre-de-obras como um poltrão e, embora o seu braço não tivesse tremido preferia abater o seu adversário com todas as aparências de legalidade.

– Admiro a vossa coragem, Néfer; aconteça o que acontecer, prometo-vos velar o melhor que puder pela aldeia. E se for chamado como testemunha no vosso processo, falarei em vosso favor.

Néfer o Silencioso entrou livre no Palácio real de Tebas porque o general recusara prender-lhe os pulsos com as algemas de madeira.

A calma do mestre-de-obras espantava Mehi embora não lhe restasse qualquer esperança, não manifestava o mínimo receio e comportava-se como um visitante feliz por ser recebido pelo Rei.

Foi o Vizir que acolheu Néfer à entrada da sala de audiências.

– A vossa atitude é intolerável, mas concedo-vos uma última oportunidade: aceitais responder favoravelmente às exigências que formulei em nome do Rei?

– Não mudei de opinião.

– Mereceis a vossa sorte, Néfer! A justiça será implacável.

– Tendes a certeza de utilizar esse termo no seu sentido correcto?

Irritado, o vizir conduziu o mestre-de-obras até Amenmés. Sentado no rebordo de uma ampla janela de pedra, o Faraó contemplava a cidade santa de Karnak.

– Eis o prisioneiro, Majestade.

– Deixai-nos.

– Devo recordar-vos os temas de acusação, Majestade, e...

– Deixai-nos, vizir.

O alto funcionário saiu de má vontade.

– Os meus predecessores fizeram de Karnak uma admirável cidade sagrada onde as divindades têm prazer em residir – lembrou o Rei. – Tal como eles, gostaria de a embelezar, construir novos templos, erguer obeliscos, cobrir de prata os solos e de ouro as portas monumentais. Mas antes de iniciar semelhante estaleiro tenho de consolidar o meu poder gozando da obediência de todos os meus súbditos. Compreendeis, Néfer?

O Silencioso concordou com a cabeça.

– Estou rodeado apenas por cobardes e hipócritas... Só Mehi ousou dizer-me a verdade. Tebas começa a rosar, os militares batem os pés de impaciência, o seu soldo será pago com atraso e as deserções não tardarão a multiplicar-se. Para salvar o meu trono, preciso de convencer os indecisos, tranquilizar os medrosos e provar que sou capaz de aumentar as riquezas da cidade de Amon, o deus das vitórias. Compreendeis isto também?

– É a vossa tarefa de Rei.

– O Lugar de Verdade possui muito ouro, não é verdade?

– Exactamente o suficiente para que o nosso ourives trabalhe como convém. Esse ouro é-nos fornecido pelo palácio e o escriba do Túmulo anota escrupulosamente as quantidades recebidas.

Amenmés voltou-se para o mestre-de-obras.

– Mas vós sabeis fazer ouro, Néfer!

O chefe da confraria permaneceu silencioso.

– Não sou o senhor do Lugar de Verdade? Preciso desse segredo!

– O ouro que fabricaríamos não teria qualquer valor fora dos seus muros.

– Sois o meu mestre-de-obras e deveis obedecer-me, Néfer.

– Não quando a ordem é contrária à Lei de Maet que rege a aldeia. Sois o seu primeiro servidor e é graças a vós que o fraco é protegido do forte.

– Basta de discursos! Exijo que utilizeis os vossos poderes e que me entregueis as riquezas de que tenho necessidade.

– A Morada do Ouro fica situada no interior do Lugar de Verdade, Majestade, e a obra que aí se realiza não é deste mundo.

– Tende cuidado, mestre-de-obras! Desta vez, a minha paciência chegou ao fim. Se vos obstinardes, entrego-vos às mãos do vizir.

– Sabeis muito bem que nenhuma acusação séria pode ser apresentada contra mim.

– Não passais de um rebelde que recusa obedecer ao seu Rei!

– Pelo contrário, sou-lhe fiel e tenho meios de o provar.

– Provar – repetiu Amenmés, espantado. – Como?

– Consultando o oráculo do Lugar de Verdade.

CAPÍTULO 53

Enquanto Néfer, colocado sob apertada vigilância, esperava numa sala do palácio, o general Mehi e o vizir estavam de má cara depois de ter ouvido Amenmés.

– O mestre-de-obras está perfeitamente no seu direito, Majestade.

– Em que consiste esse oráculo?

– Em fazer uma ou várias perguntas ao fundador do Lugar de Verdade, Amen-hotep I. Os artesãos transportarão a sua estátua e será ela a responder.

– Uma resposta inevitavelmente manipulada – irritou-se Amenmés. – Deve ser-lhe recusado esse recurso.

– Impossível – afirmou o vizir – sob pena de ofender gravemente os vossos antepassados e de vos desconsiderar definitivamente aos olhos da população tebana.

– Eis porque Néfer estava tão seguro de si... Com o apoio de um Rei defunto de imenso prestígio, tem a certeza de triunfar! Podemos pelo menos escolher as perguntas?

– Compete à acusação formulá-las, com efeito.

– Haverá apenas uma: Néfer o Silencioso é fiel ao Faraó, o senhor supremo do Lugar de Verdade? Mas de que servirá isso, se os artesãos deslocarão a estátua para a frente a fim de a fazer responder "sim"!

– Tenho uma ideia que deverá evitar-nos esse transtorno – anunciou o general Mehi com um sorriso entendido.

– Chefe, é o vizir com a sua pele de pantera sobre o vestido branco e doze sacerdotes com o crânio rapado!

– Nenhum soldado? – perguntou Sobek.

– Nenhum... Ah, vem também o mestre-de-obras!

– Livre?

– Segue no meio do cortejo.

Sobek saiu do quinto fortim. Ignorando o vizir, o atleta negro afastou dois sacerdotes para abrir caminho até ao mestre-de-obras.

– Bem-vindo – disse com emoção. – Espero que ninguém procurará reter-vos.

– Néfer o Silencioso continua acusado – precisou o vizir. – Estou aqui para consultar o oráculo que confirmará a sua culpabilidade.

O cortejo imobilizou-se diante da grande porta. Clara saiu da aldeia e ela e Néfer abraçaram-se demoradamente.

– As sacerdotisas de Hathor não cessaram de te proteger – murmurou ela.

O vizir apostrofou-os.

– Mandai vir as estátuas de Amen-hotep I e da mãe, Ahmés-Néfertari. Desejo interrogar imediatamente o venerado protector do Lugar de Verdade.

Seis membros da equipa da direita e seis da equipa da esquerda trouxeram as estátuas do par real, assentes sobre uma padiola de madeira sustida por duas longas travessas de cedro do Líbano.

Toda aldeia se agrupara em torno deles, aguardando o julgamento que a alma real pronunciaria.

– Que o acusador faça a sua pergunta – disse a Mulher Sábia ao vizir.

– Não antes de ter mudado os transportadores.

Paneb o Ardente interveio imediatamente.

– Apenas os artesãos do Lugar de Verdade são autorizados a transportar esta padiola.

– A fim de garantir a objectividade desta consulta, serão os sacerdotes de Amon a substituí-los. Assim, ninguém contestará a resposta.

– É contrário à tradição! – berrou o colosso.

– Que o vizir aja como entender – decretou a Mulher Sábia.

Os artesãos poisaram a padiola que levantaram os sacerdotes de Amon, interinos que passavam no templo apenas uns dias cada ano e a quem o vizir prometera uma forte recompensa para darem a resposta certa.

O alto funcionário olhou Amen-hotep I, cuja estátua de calcário, sentada num trono colorido, possuía olhos de uma extraordinária intensidade.

– Venerável antepassado, estamos aqui reunidos para conhecer a verdade. Néfer o Silencioso, o chefe da tua confraria, é acusado de rebelião contra o Rei Amenmés. Se for reconhecido culpado, sofrerá o castigo supremo.

Para assistir ao julgamento, os artesãos tinham interrompido o trabalho e todos se espantavam por a Mulher Sábia ter cedido às exigências do vizir. Furioso, Paneb recusaria a fraude dos sacerdotes de Amon e imporia, se necessário pela força, uma nova consulta do oráculo.

– Venerável antepassado – repetiu o alto funcionário – responde a esta questão: Néfer o Silencioso, o mestre-de-obras do Lugar de Verdade, é fiel ao Faraó?

Durante um longo momento, a padiola permaneceu imóvel. Os transportadores tentavam no entanto recuar a fim de fazer a estátua responder pela negativa; mas uma força misteriosa pregava-os ao chão e, pouco a pouco, forçava-os a avançar.

– O oráculo é formal – constatou Paneb em voz tonitruante: – o nosso mestre-de-obras foi fiel ao Faraó, nada lhe é censurado!

– Glória a Amen-hotep I! – clamou Nakht o Poderoso, cuja aclamação foi repetida pelos outros aldeões.

Petrificado, o vizir pensava nas consequências do seu fracasso e o olhar irónico de Paneb aumentava ainda mais a sua perturbação.

Quando o entusiasmo acalmou, tentou uma última manobra.

– A questão é tão grave que solicito igualmente a opinião da Rainha Ahmés-Néfertari; se ela aprova a atitude do mestre-de-obras, que se manifeste!

Paneb estava pronto para expulsar aquela medíocre personagem, mas o rosto da estátua de pele pintada de negro iluminou-se com um largo sorriso que deixou estupefacto o enviado de Amenmés.

O vizir não pudera impedir Kenhir de o acompanhar até ao palácio real, onde o Rei Amenmés os recebeu de imediato.

– Porque não haveis trazido de volta Néfer o Silencioso?

– O oráculo respondeu em seu favor, Majestade, mas...

– Não apenas o venerado Amen-hotep I reconheceu a rectidão do mestre-de-obras – precisou o escriba do Túmulo – mas a sua mãe confirmou também esse julgamento por meio de uma intervenção excepcional!

O rosto de Amenmés cavara-se ainda mais, como se se sentisse mal.

– É preciso deter esse Néfer – insistiu o vizir – tolerar semelhante insubmissão!

– Não podeis. Tenho outra proposta – declarou Kenhir, com as mãos apoiadas na bengala.

O vizir foi dominado por uma inesperada esperança: e se o velho escriba lhe fornecesse argumentos para pôr fim à carreira daquele mestre-de-obras que ele não fora capaz de abater? Em troca dessa pequena traição, obteria um posto honorífico e seria generosamente pago.

– Durante o procedimento aplicado – continuou Kenhir – verificaram-se duas irregularidades inadmissíveis, tanto uma como outra imputáveis ao vizir.

– O que ousais inventar! – protestou este.

– Em primeiro lugar, haveis imposto sacerdotes de Amon, estranhos ao Lugar de Verdade, para transportarem a padiola do oráculo quando apenas os artesãos estão habilitados a desempenhar essa função; depois, recusais admitir o julgamento sagrado que foi feito para perpetrar a vossa vingança contra um inocente. Esse comportamento é indigno de um vizir encarregado de aplicar a Lei de Maet em todas as circunstâncias. É por isso que solicito ao rei a vossa destituição imediata. Se esta me for recusada, apresentarei queixa perante o tribunal de Amon e obterei uma decisão favorável. Quanto mais elevada é a função, mais exige impecabilidade; foi assim que o Egipto foi construído, é assim que sobreviverá.

O vizir voltou-se para o Rei.

– Majestade, não deis ouvidos a esse velho escriba vingativo!

– Por seguir os teus conselhos cometi uma grave falta. Abandona o palácio e nunca mais aqui voltas.

De regresso da caça nas ervas altas onde faziam ninho miríades de aves, o general Mehi continuava a sentir-se nervoso. É verdade que trazia muitas peças de caça mortas com prazer pelo pau de arremesso, mas essa descarga de energia não acalmara as suas inquietações.

Na margem, Serketa recostava-se à sombra de um grande guarda-sol instalado pelas suas criadas que tinham sobreposto várias esteiras cobertas de tecido para que a sua ama dispusesse do máximo de conforto.

– Este sumo de uva não está suficientemente fresco – censurou. – Ide imediatamente buscar-me outro.

Mehi sentou-se ao lado da esposa.

– Estás magnífico, meu querido, mas tens um ar tão preocupado!

– Amenmés acaba de despedir o vizir, um velho imbecil que se deixou ridicularizar pelo mestre-de-obras e o escriba do Túmulo. No entanto, eu indicara-lhe como utilizar o oráculo em seu favor, mas ele não soube resolver as coisas.

– Por quem o substituiu o Rei?

– Por outro incapaz que não gosta nada de mim.

– Se te atacar – previu Serketa em voz adocicada – durará ainda menos do que o seu predecessor.

Com o pé nu, acariciou a coxa do general.

– O chanceler Bai não conseguirá convencer Seti a atacar Tebas – continuou Mehi -, e, por seu lado, Amenmés não lançará qualquer ofensiva contra o Norte. Tanto um como o outro só falam de paz e tenho quase a certeza que o filho não tardará a jurar fidelidade ao pai.

– É assim tão grave?

– Para mim, é catastrófico! Não faltarão más-línguas para me acusarem de ter feito um jogo muito sujo. Esta reconciliação arruinará todos os nossos esforços.

– Já não exerces nenhuma influência sobre esse reizinho volúvel?

– Amenmés mudou muito. O fracasso do seu vizir tornou-o de tal forma desconfiado que se fecha cada dia mais na sua solidão. É necessário rendermo-nos à evidência: o filho de Seti tornou-se imprevisível. Talvez tenha mesmo decidido demitir-me das minhas funções e nomear um comandante-chefe das tropas tebanas. Fingindo assumir a defesa do Lugar de Verdade, desagradei-lhe certamente. Seja como for, já não posso considerá-lo como um aliado seguro.

Serketa deitou-se sobre a barriga do general.

– Repito-te, meu terno amor, que ninguém te fará mal.

– Proíbo-te que actues sem eu saber, Serketa!

– Se Amenmés for suficientemente estúpido para te atacar de frente, não deverei intervir? Eliminado esse perturbador, ficarás a ser o senhor de Tebas, reafirmando a tua fidelidade a Seti II que nunca duvidou dela. Quem se não tu manteve a paz, evitando uma guerra civil?

CAPÍTULO 54

Néfer acariciava os cabelos de Clara, que saboreava o Sol do começo da manhã no terraço da sua casa, onde tinham passado uma noite deliciosa sob as estrelas. Cada dia se reforçava mais a magia amorosa que os unia desde o primeiro encontro e, tanto um como o outro, agradeciam aos deuses por lhes proporcionarem tal felicidade.

– Não receavas a manobra do vizir e dos sacerdotes de Amon?

– No território da aldeia e sob a protecção dos nossos antepassados fundadores, não.

– Para a equipa da direita, era um dia de repouso, mas não para o mestre-de-obras. Devia supervisionar a instalação de um novo silo desenhado por Gau o Exacto e construído por Didia o Generoso com o auxílio de Karo o Mal-humorado e de Renupé o Jovial. Em seguida, verificaria as ânforas para grãos que acabavam de ser entregues, antes de ouvir as queixas de Kenhir.

– Estais aí em cima? – interrogou a voz potente de Paneb.

O mestre-de-obras debruçou-se a fim de olhar para a ruela.

– Há um visitante interessante – anunciou o colosso.

– É já o novo vizir?

– Muito melhor: o Rei Amenmés em pessoa. O chefe Sobek receia que se trate de um impostor e apelou ao escriba do Túmulo para que o identificasse. Se for realmente ele, talvez devesse descer.

A animação que reinava próximo da grande porta da aldeia confirmava que acabava de verificar-se um acontecimento excepcional.

O Silencioso vestiu o seu saiote, apertou o avental de escultor e desceu à rua.

Unesh o Chacal interpelou-o.

– É Amenmés!

– Quem o acompanha?

– Apenas um condutor de carro.

Com a bengala, Kenhir afastava os aldeões para permitir ao Rei avançar pela artéria principal e chegar até ao mestre-de-obras.

Quando os dois homens se olharam frente a frente instalou-se um silêncio pesado.

– Feliz por vos acolher na vossa aldeia, Majestade – disse Néfer, inclinando-se.

Emagrecido, muito pálido, Amenmés parecia desnorteado.

– Quero seguir o caminho que seguis para vos dirigirdes ao Vale dos Reis e ver a minha Morada de Eternidade.

– Imediatamente?

– O tempo urge, mestre-de-obras.

Néfer pediu a Paneb que o acompanhasse.

A meio caminho do desfiladeiro, o colosso teve de amparar Amenmés, a quem faltava o fôlego; traído pelas pernas o monarca jovem parecia no limite das suas forças.

– Desejais regressar à aldeia? – inquiriu Néfer.

– Prossigamos.

Paneb abrandou o passo. No acampamento do desfiladeiro Amenmés concedeu a si próprio um longo momento de repouso durante o qual deixou o olhar perder-se nas colinas queimadas pelo sol e sobrevoadas por falcões peregrinos.

– O pássaro Hórus, protector da realeza – murmurou. – Pensará ainda em mim? Em vez de me elevar para o céu, atolei-me num pântano. Vós, mestre-de-obras, haveis seguido o caminho da rectidão que conduz à outra vida e lamento ter compreendido tão tarde a importância do vosso papel. Mas tenho hoje a oportunidade de percorrer esse domínio de que deveria ter-me tornado o senhor.

Amenmés visitou as cabanas de pedra onde residiam os artesãos quando dormiam no desfiladeiro e decifrou divertido as inscrições gravadas por Kenhir, preocupado em preservar o seu conforto depois de ter escolhido a melhor localização.

– Desçamos para o Vale – decidiu.

O passo era hesitante e Paneb vigiava constantemente o soberano, com medo que fosse vítima de uma má queda.

Mas o final do percurso efectuou-se sem incidentes e o trio penetrou na "grande planície" cujo silêncio era habitado pela recordação de ilustres reinados.

– Estes lugares são mais vivos do que o meu palácio – considerou Amenmés. – Lá, só há intrigas e ambições; aqui, encontro finalmente a paz que sempre me fugiu.

Quando Amenmés penetrou no seu túmulo, ficou deslumbrado pela qualidade da escultura e a beleza das cenas que o representavam em companhia das divindades. Avançou muito lentamente pelos corredores, leu os textos que revelavam as mutações da luz e imobilizou-se diante da figura da mãe fazendo oferenda ao criador e a Isis.

– Devia ter vindo aqui há muito mais tempo, mas receava encontrar a minha morte... Que erro cometi! Nada nestas paredes fala do falecimento. Haveis-me oferecido muito mais do que os que se pretendem meus amigos e meus aliados, vós que eu desprezei e combati.

Néfer e Paneb deixaram Amenmés só.

Quando saiu da sua Morada de Eternidade, o Sol começava a declinar.

– É tarde – disse ao mestre-de-obras -, tão tarde... Mas vivi o suficiente para conhecer as maravilhas que haveis criado para mim.

Pequeno, gordo e barbudo, orgulhoso por ser filho de um matemático grego e de uma química persa, Daktair quase adormecera no conforto do laboratório de que se tornara o director graças a Mehi. Há muito tempo que o sábio já não acreditava na possibilidade de uma revolução que fizesse sair o Egipto das suas tradições para o projectar numa era nova onde dominassem a ciência e o progresso técnico. O general tentara sacudir o velho país dos faraós, mas as circunstâncias não lhe tinham permitido vencer.

Daktair só bebia água, mas comia cada vez mais e vingava-se no seu aumento de peso mostrando-se odioso com os empregados. Nenhuma egípcia quisera saber dele e ele caía de tempos a tempos sobre as líbias que vendiam os seus encantos numa casa de cerveja dos arredores de Tebas.

No entanto, como ele era um génio! Sentia-se ainda capaz de inventar novas máquinas e utilizar produtos como o petróleo para modificar dos pés à cabeça a economia do país. Mas o Egipto, mergulhado no respeito pela Lei de Maet, ilusória harmonia, não conseguia compreender que o êxito material, fosse qual fosse o preço, era preferível à rectidão!

– Preparaste o que te pedi, Daktair?

Brutalmente arrancado à sua sesta, o sábio sobressaltou-se.

– Serketa! Perdoa... estava a descansar um pouco.

Daktair tinha medo daquela mulher de curvas acentuadas que brincava de adolescente com a voz adocicada, os olhares e os trejeitos.

– Tenho pressa.

– Nestes últimos tempos tenho tido muito trabalho e...

– Graças a ti – reconheceu Serketa – efectuei muitos progressos na preparação de venenos, mas o teu conhecimento dos narcóticos à base de flores de lótus é insubstituível e não tenho o direito de me enganar. A situação está a tornar-se perigosa para o meu marido, que é também o teu protector, e devo agir sem demora.

– Não quero saber nada!

– Pelo contrário, um aliado como tu não ignorará nada dos meus projectos. Logo que me entregares o narcótico, adormecerei os soldados encarregados de guardar o quarto do Rei Amenmés. Em seguida, entrarei e fá-lo-ei absorver um veneno de minha composição.

– Calai-vos, peço-vos!

– Testei o produto num boi: a morte foi fulminante. Dessa forma, desembaraçar-nos-emos desse rezinho estúpido que sonha nomear um novo comandante-chefe dos exércitos tebanos. Que ideia aberrante... Não merece uma severa sanção?

– Amenmés é um Faraó!

– O único Faraó legítimo é Seti II e nós nunca deixámos de lhe ser fiéis. Lembra-te, meu bravo Daktair, e arranja-me bem esse narcótico.

Amenmés passara a noite no palácio de Ramsés o Grande, no interior do Lugar de Verdade. Tal como os habitantes da aldeia prestara homenagem aos antepassados antes de tomar o pequeno-almoço em companhia do mestre-de-obras e da Mulher Sábia. As feições do monarca estavam menos cavadas e reencontrara um pouco de apetite.

– O que vos falta, mestre-de-obras?

– Nada, Majestade, desde que o Estado cumpra os seus compromissos.

– Não desejais aumentar a aldeia?

– De maneira nenhuma! Funciona como um barco, com a tripulação de bombordo e a de estibordo e cada um tende para a excelência na sua especialidade, integrando-se na obra comunitária. Aumentar o número dos artesãos seria inútil, mesmo prejudicial, porque apenas interessa a coerência da confraria. Precisamos de muitos anos para formar um verdadeiro servidor do Lugar de Verdade, a fim de que possa exercer a sua arte sem fraquejar e transmitir o que captou e experimentou.

– O meu vizir mentiu-me a vosso respeito e apenas o general Mehi vos defendeu. Desconfiai, Néfer; a vossa posição e os segredos de que sois detentor desencadearão temíveis ciúmes.

– Enquanto o Faraó velar pelo Lugar de Verdade, o que terá ele a recear?

– Torná-lo-ei intocável – prometeu Amenmés.

– Não deveríeis preocupar-vos mais com a vossa saúde? – sugeriu Clara.

– Acabo de assinar um decreto nomeando médico-chefe do palácio um certo Daktair, cujas competências me gabaram... Mas aceitaria a Mulher Sábia tratar de mim como dos outros membros da confraria?

– Estou à vossa disposição, Majestade.

– Perdi a energia da juventude e esgotei-me tendo em vista um absurdo que nem sequer se realizou. Depois de ter visto a minha Morada de Eternidade e participado, por pouco que fosse, da vida desta aldeia, quero pôr fim à anarquia pela qual sou responsável. A partir de amanhã, iniciarei negociações com o meu pai, legítimo Faraó, e pedir-lhe-ei que me perdoe. O único favor que desejo obter é repousar no Vale dos Reis. Quando a harmonia for estabelecida, voltarei para vos ver, Clara, e devolver-me-eis a saúde.

CAPÍTULO 55

– É demasiado arriscado, Serketa! O teu plano não tem qualquer hipótese de resultar – considerou o general Mehi.

– Sabes bem que sim, meu amor querido, pois bastar-te-á substituir alguns guardas do palácio por homens teus. Quanto aos outros, será uma criada a levar-lhes os alimentos drogados. Logo que adormeçam, penetrarei no quarto de Amenmés e fá-lo-ei beber uma delícia fabricada por mim. Uma delícia mortal... Não sofrerá e partirá para um mundo melhor.

– Corres o risco de ser presa!

– Não é o meu género – ronronou ela. – Deixas-me fazer isso, deixas?

– Não, Serketa.

O intendente atreveu-se a incomodar o casal instalado sob uma pérgola.

– O vosso ajudante-de-campo deseja ver-vos, general; afirma que é muito urgente.

O oficial estava dominado por uma intensa emoção.

– Notícias alarmantes provenientes do palácio, general! Correm rumores que me parecem fundamentados de que Amenmés estaria decidido a reconhecer Seti II como único senhor das Duas Terras. Para demonstrar bem a sua fidelidade, dismantalaria o exército tebano e nomearia em vosso lugar um administrador encarregado da desmobilização. Acrescento que o novo vizir, um escriba dos celeiros, vos é hostil. No processo de paz, iríeis servir de bode expiatório. E acrescento ainda que os nossos homens estão muito inquietos pelo seu futuro.

– Eles que se tranquilizem porque defenderei a sua causa perante o Rei.

Quando o ajudante-de-campo se afastou, Serketa beijou os joelhos do general.

– Deixas-me actuar, amor querido?

O olhar de roedor de Imuni, o assistente do escriba do Túmulo, tornou-se ainda mais acerado do que era habitual.

– Trinta e seis, trinta e sete... Falta uma bilha de cerveja!

– Torna a contar – ordenou Kenhir.

– Já contei! Entregaram-nos trinta e oito bilhas de cerveja esta manhã e só arrumei trinta e sete na arrecadação. Conclusão: alguém roubou uma!

– Não te enfureças assim, Imuni; um bom escriba deve saber manter a cabeça fria.

– Há que identificar o culpado!

– Tens suspeitas?

– Já fiz uma investigação. Esta manhã, durante a descarga, só estavam presentes três artesãos da equipa da direita: Pai o Bom Pão, Didia o Generoso e Paneb o Ardente.

– É evidente que acusas Paneb!

– Segundo o testemunho de duas donas de casa, foi o último a ser visto no local do delito. A sua força física permite-lhe transportar mais bilhas do que os outros dois e certamente não hesitou em subtrair uma.

– Tens alguma prova?

– Os indícios são concordantes e tendes a obrigação de alertar o mestre-de-obras.

Imuni tinha razão, mas a sua voz de falsete irritava os nervos de Kenhir.

– Vou preveni-lo.

– Como acusador – insistiu Imuni – assistirei à conversa.

– Vamos – resmungou Kenhir.

Néfer trabalhava na oficina dos escultores, onde terminava uma estátua sentada de Amenmés cujo rosto, tranquilo, era o de um jovem Rei de grande vigor.

Imuni ia abrir a boca quando Kenhir lhe pôs a mão sobre os lábios.

– Silêncio!

Deslumbrado pela perfeição do gesto, Imuni esqueceu por instantes a guerra que travava contra Paneb; o seu olhar seguiu a mão do mestre-de-obras que traçava o sorriso do Faraó onde o divino e o humano se combinavam numa impossível harmonia. O fino cinzel dançava sobre a pedra sem a ferir e transformava a matéria de aparência inerte em suporte de vida.

Néfer poisou o instrumento e limpou a testa com um lenço de linho. Saindo de um mundo à parte onde dialogava com a estátua, notou o escriba do Túmulo e o assistente.

- Há um ladrão na confraria – declarou Imuni.
- De quem se trata e que falta cometeu?
- Paneb roubou uma bilha de cerveja. Peço a convocação do tribunal e uma revista à sua casa.
- Interrogaste-o?
- Pode reagir com violência!
- Se eu estiver presente, não.

Néfer o Silencioso saiu da oficina em companhia dos dois homens e o trio dirigiu-se a casa de Paneb, que caíava a fachada da casa a pedido da esposa.

– Impressionante delegação! – constatou o colosso. – Aposto que o escriba-assistente tem mais uma queixa contra mim.

- Desta vez é grave! – atacou Imuni – E devias confessar imediatamente!
- Confesso sobretudo que te suporto cada vez menos e que o meu pincel poderia bem perder-se na tua cara.
- Roubaste uma bilha de cerveja da entrega desta manhã? – perguntou Kenhir.

Os olhos de Paneb tornaram-se ameaçadores.

- Aposto que foi esse aborto do Imuni que inventou essa história.
- Foi roubada uma bilha e tu estavas lá!

– Não estava só, que eu saiba; e se tivesses sido tu que tivesses escondido essa bilha para me causar aborrecimentos?

Sentindo que o colosso ia dar cabo do seu assistente, Kenhir impôs-se.

- O caso parece sério, Paneb; aceitas ser confrontado com Pai e Didia?
- Antes, inspeccionem a minha cave!
- Façamos como ele diz – propôs Imuni.

O Ardente abriu a porta de casa.

- Entrem e verifiquem.
- Não o faço com o coração alegre – confessou o escriba do Túmulo – e agradeço a tua cooperação.

O mestre-de-obras permaneceu no exterior.

– Um dia – prometeu Paneb – hei-de esmagar a cabeça daquele percevejo do Imuni entre dois blocos de pedra.

- Resiste à tentação, pois serias excluído da confraria!
- Tu, pelo menos, tens a certeza da minha inocência?
- É necessário fazeres-me essa pergunta?

Imuni saiu de má catadura de casa de Paneb, enquanto Kenhir arvorava um ar satisfeito.

- Não há nenhuma bilha suspeita – anunciou o escriba do Túmulo.
- O problema permanece – lembrou o assistente com acrimónia. – Confrontemos Paneb com os outros dois suspeitos.

– Apressemos-nos – exigiu o pintor. – Detesto perder o meu tempo.

Didia o Generoso estava precisamente em casa de Pai o Bom pão, que preparara rins segundo uma receita cujo segredo guardava.

– Paneb é acusado de ter roubado uma bilha de cerveja – insistiu Imuni. – Haveis sido testemunhas desse delito?

– Não digas disparates – cortou o grande Didia. – Fui eu que tirei uma bilha do carregamento desta manhã para a beber lá mesmo, de tal forma tinha sede. Descontem-na no meu salário e pronto.

- Mas, de qualquer maneira...
- Volta para o teu gabinete – ordenou Kenhir ao seu assistente.

Conquistado pelo aroma, Paneb levantou a tampa da panela.

- Porque roubaste essa bilha? – perguntou ao ouvido de Pai.
- Precisava dela para o molho dos rins... E a minha mulher ter-me-ia censurado essa despesa.
- Não voltes a fazer isso... E agradece ao Didia.

– Entre colegas, seguram-se as pontas – precisou o carpinteiro. – Mas acho que o Pai nos devia convidar para almoçar.

A corte de Tebas estava em ebulição. O rumor crescia constantemente e cada um julgava saber que o Rei Amenmés estava prestes a renunciar à coroa. Alguns sentiam-se aliviados, outros receavam perder todos ou parte dos seus privilégios. E cada um se interrogava sobre a sorte reservada ao general Mehi, cujo silêncio se tornava ensurdecedor.

Ao crepúsculo, Serketa apresentou-se no palácio ao mesmo tempo que os criados encarregados do serviço nocturno. Vestida de forma modesta, passou os dois primeiros controlos sem dificuldade. Mas ao terceiro, um guarda mostrou-se mais minucioso.

– Não te conheço.

– Substituo uma roupeira. Está doente.

– Apresenta-te à criada de quarto e ela indicar-te-á o teu trabalho.

Serketa meteu pelo corredor que conduzia à rouparia, mas mudou de itinerário para enveredar pela passagem que levava aos apartamentos reais. Tinha perfeitamente na cabeça o mapa desenhado por Mehi e não se arriscava a perder-se.

No bolso interior do vestido grosseiro, um punhal e um frasquinho de veneno. O primeiro servir-lhe-ia para eliminar um eventual empecilho e o segundo para matar Amenmés.

O render da guarda acabava de ser efectuado. Daí a menos de meia hora, os narcóticos teriam mergulhado no sono a guarda próxima de Amenmés e a via estaria livre. Ninguém a impediria de penetrar no quarto do monarca.

A esposa do general dissimulou-se num pequeno compartimento onde guardavam vasos; esperaria ali que reinasse no palácio uma calma absoluta.

Quando o ruído de passos precipitados ressoou nas lajes, Serketa soube que tivera razão em desconfiar. Alguém a tinha traído: procuravam-na.

Se se tivesse apressado, teria caído numa armadilha.

Como sair daquele lugar sem ser notada? Havia uma pequena janela que dava para o jardim, mas estava obstruída por grades de pedra. Não tinha nenhuma saída nem nenhum lugar onde se esconder.

Se abrissem a porta, Serketa não teria possibilidade de fugir.

Cravaria o punhal no ventre do primeiro guarda que tentasse agarrá-la e depois tentaria esgueirar-se entre os outros, arranhando-lhes os olhos ao passar.

Vozes de homens aflitas.

Depois vozes de mulheres, lamentos e choros.

Intrigada, Serketa entreabriu a porta.

Soldados, dignitários e criados corriam pelo corredor. A mulher de Mehi agarrou um pelo pulso.

– O que se passa?

– O Rei Amenmés acaba de morrer!

CAPÍTULO 56

Banhado em suor, Kenhir despertou sobressaltado e deu um grito de susto que alertou a sua jovem esposa. Niut a Vigorosa levantou-se e bateu à porta do quarto do escriba do Túmulo.

– Posso entrar?

Respondeu-lhe um ataque de tosse; ela abriu.

Kenhir estava sentado na cama, tentando recuperar o fôlego.

– Um pesadelo atroz – explicou ele. – Vi a chegada de um seguidor de Seth, violento, desordeiro e batalhador, mais forte do que qualquer atleta, com o branco dos olhos tingido de vermelho, tão forte que nem mesmo o deserto o assusta!

– Na vossa idade, ficar nesse estado! Ide lavar-vos, enquanto eu mudo os lençóis e limpo este quarto a fundo.

Niut iniciava o trabalho quando uma agitação fora do habitual se apoderou da rua principal apesar de ainda ser noite.

Com um archote na mão, Unesh o Chacal despertava a aldeia.

– Todos de pé! O Rei Amenmés morreu!

Néfer o Silencioso conseguiu acalmá-lo.

– Logo que soube a notícia, o carteiro Uputi fez questão de vos informar.

Enquanto a Mulher Sábia acalmava os aldeões, o mestre-de-obras falava com o chefe Sobek, que colocara os seus polícias em estado de alerta.

– Agora – considerou o núbio – tudo dependerá da atitude do general Mehi, o único homem forte da região. Ou se submete a Seti, que castigará Tebas por se ter revoltado contra ele, ou reivindica a sucessão de Amenmés e será a guerra civil.

O vizir, os ministros, os altos funcionários e os dignitários ao serviço de Amenmés tinham sido conduzidos ao grande pátio da caserna principal de Tebas, onde o general Mehi dava as suas ordens aos oficiais superiores.

Decidira sem dúvida nenhuma tomar o poder de forma brutal e nomear militares para postos chave.

– O príncipe Amenmés morreu esta noite – lembrou Mehi -, e ordenei aos especialistas que começassem o processo de mumificação. Partiram mensageiros para Per-Ramsés a fim de prevenir o mais depressa possível o Faraó legítimo, Seti II, que sempre servi fielmente.

A estupefacção estampou-se nos rostos. Muitos pensavam que ele não hesitaria em seguir o exemplo do filho de Seti, mas ignoravam que Mehi tinha o conhecimento exacto da correlação de forças entre o Norte e o Sul, correlação que não estava a seu favor. Em caso de choque frontal, a superioridade do seu armamento não bastaria para compensar essa desvantagem; apenas a manha e o efeito de surpresa teriam podido dar a vitória a Mehi, mas já não valia a pena pensar nisso.

– Também somos fiéis servidores de Seti – pretendeu o ministro das finanças nomeado por Amenmés – mas o usurpador não nos deixou opção! Provaremos no entanto ao Faraó que agimos da melhor maneira para preservar Tebas.

– Acima de tudo, não decretemos luto oficial – recomendou o governador – porque seria uma ofensa a Seti; pensando bem, tratou-se apenas da morte de um príncipe de sangue real. Esqueçamos os títulos que Amenmés nos concedeu e retomemos as nossas anteriores funções. Quando o Rei entrar em Tebas, será aclamado por uma cidade leal e submissa.

– Com a condição de termos verdadeiramente apagado qualquer vestígio da usurpação – precisou o ex-ministro da agricultura. – Amenmés não mandou escavar uma Morada de Eternidade no Vale dos Reis? Imaginai o furor de Seti II quando a descobrir. Visto que o general Mehi é o administrador-principal da margem oeste, ele que ordene aos artesãos do Lugar de Verdade que façam desaparecer esse infame monumento. Caso contrário, a confraria será duramente castigada e a vingança de Seti abater-se-á igualmente sobre nós.

– Segundo este documento assinado pelo general Mehi, Majestade, o vosso filho morreu – anunciou o chanceler Bai.

– Em que circunstâncias? – interrogou Seti.

– Segundo os médicos do palácio, o seu organismo era o de um velho; magro, esgotado, extinguiu-se durante o sono. O general mandou-o mumificar e está a desenvolver os esforços necessários para evitar um motim na

região tebana.

– Esse texto não será uma simulação destinada a enganar o Rei sobre a realidade da situação no Sul? – questionou a Rainha Tausert.

– É o selo do general e a escrita corresponde à das mensagens precedentes.

– E se ele tivesse redigido esse texto obrigado? Visto que Amenmés não consegue impor-se pela força, talvez tenha decidido utilizar as manhas mais vis!

– Acredito que o meu filho esteja realmente morto – declarou Seti em voz triste -, e que pagou cara a sua insubmissão.

– Enviemos observadores à região para que nos forneçam informações fiáveis – preconizou a Rainha. – Se as nossas tropas se aventurassem levemente, arriscar-nos-íamos a pesadas perdas.

– Há coisas muito mais urgentes – considerou o monarca, que expôs as suas vontades à Grande Esposa Real e ao chanceler Bai.

– Nem sequer tive que envenenar Amenmés – deplorou Serketa. – Esse pobre rapaz morreu por si só. Trinta e três anos e três anos de um reinado incompleto... Triste balanço! Infelizmente, esse incapaz nem sequer nos serviu para derrotar Seti.

Serketa enroscou-se aos pés de Mehi, preso ao leito por uma urticária gigante e uma má febre. O médico mostrara-se tranquilizador, mas o doente devia ficar no quarto cerca de oito dias a fim de evitar qualquer sequela e esse contratempo exasperava o general, que desconfiava dos cortesãos tebanos.

Oficialmente, Mehi estudava as pastas; todos os dias, o seu ajudante-de-campo transmitia as suas ordens ao exército impaciente, tal como os outros corpos sociais, por conhecer as reacções de Seti II. Uns confiavam na sua clemência, outros receavam que ele quebrasse a espinha da orgulhosa Tebas.

– Nenhum correio de Per-Ramsés esta manhã?

– Nada, amor querido.

– Sinto-me muito melhor e já perdi bastante tempo! Amanhã vou ocupar-me do Lugar de Verdade.

– Esqueces que o mestre-de-obras recusou destruir o túmulo de Seti?

– A situação mudou. Néfer não é estúpido e sabe que apagar qualquer vestígio do efémero Amenmés lhe valerá o reconhecimento do legítimo Faraó.

– E se recusar?

– É a minha secreta esperança, minha rola... Nesse caso, mandá-lo-ei prender.

A comunidade inteira reunira-se no pátio a céu aberto do templo de Hathor e de Maet.

– A mumificação de Amenmés está em curso – revelou o escriba do Túmulo -, mas o luto oficial não foi decretado. É a prova de que Tebas se inclina perante Seti II, Rei do Alto e do Baixo Egipto. A unidade do país está restabelecida e congratulamo-nos com isso. Mas é certo que o nome de Amenmés será apagado das listas reais.

– O que acontecerá à sua Morada de Eternidade? – perguntou Paneb.

– É precisamente a razão pela qual solicito a opinião de todos, porque tem a ver com o futuro da aldeia.

– Felizmente – exclamou Renupé o Jovial – o mestre-de-obras preservou o túmulo de Seti II!

– Para lhe provar a nossa absoluta fidelidade, seria necessário destruir o do seu filho – propôs Ched o Salvador.

– É também a minha opinião – aprovou Kenhir. – Não deveis ter dúvidas que o general Mehi, comandado pelo conjunto dos dignitários tebanos, exigirá que expulsemos o usurpador do Vale dos Reis.

Os olhares convergiram para o mestre-de-obras.

– O escriba do Túmulo tem razão em pôr-nos de sobreaviso. Qual é a opinião do chefe da equipa da esquerda?

– Será a do mestre-de-obras – respondeu Hai, taciturno.

– E a da Mulher Sábia?

– Em qualquer circunstância, não devemos preocupar-nos senão com o respeito de Maet.

– Então é simples! – exclamou Paneb. – Como poderíamos destruir uma Morada de Eternidade, pinturas e esculturas que criámos com amor? Amenmés não foi um grande Rei, mas não prejudicou a confraria. Em nome de que baixa política nos comportaríamos como bárbaros? O tempo apagará os acontecimentos menores, a

eternidade preservará apenas as cenas rituais onde Amenés surge como um Faraó que conhece as fórmulas de ressurreição. Do homem, tudo será esquecido; mas serão recordados os símbolos que traçámos para um Rei.

– Nós vivemos hoje! – objectou Casa o Cordame. – As tuas belas palavras não terão qualquer efeito sobre o general e Seti arrasará a aldeia se esta manifestar a mínima fidelidade a Amenmés.

– Preservando a obra realizada, será a nós mesmos e ao Lugar de Verdade que nos mostraremos fiéis.

– Eu – interveio Karo o Mal-humorado – estou de acordo com Casa; mas não me peçam para demolir seja o que for.

– Algum de vós está pronto para destruir o túmulo de Amenmés? – perguntou o mestre-de-obras.

Alguns levantaram os olhos ao céu, outros observaram os pés, outros ainda olharam as sacerdotisas de Hathor.

– Sede plenamente conscientes da vossa atitude – recomendou Kenhir. – Seti não vos perdoará.

– A Morada de Eternidade de Amenmés está quase terminada – precisou Paneb -, e sinto-me feliz por ninguém, nesta confraria, ter o desejo de a danificar! Se o Faraó ficar descontente connosco, mande outros terminarem o seu túmulo.

Kenhir reconheceu que o argumento não deixava de ser pertinente, mas que peso teria realmente a confraria face a um monarca decidido a suprimir qualquer vestígio de um filho rebelde?

– Temos trabalho – disse Paneb. – Em vez de ficarmos para aqui a falar, preparemos a câmara funerária de Amenmés para que esteja em estado de acolher a múmia real.

– O príncipe nunca será inumado no Vale! – objectou Nakht o Poderoso.

– É um problema dos homens do poder, nós não temos que nos preocupar com isso. Respeitemos o plano do mestre-de-obras e tudo correrá bem.

O entusiasmo comunicativo do Ardente afastou as últimas dúvidas e os artesãos prepararam-se para partir para o Vale dos Reis.

Néfer o Silencioso nem sequer tivera que formular a decisão que a confraria tomara na unanimidade dos corações.

CAPÍTULO 57

Completamente restabelecido, Mehi preparava-se para partir em direcção ao Lugar de Verdade à frente de cerca de cinquenta soldados quando o seu ajudante-de-campo lhe trouxe uma mensagem urgente.

- Uma flotilha proveniente do Norte, general!
- Quantos barcos?
- Cinco, entre os quais um navio real.
- Seti em pessoa, já! A sua posição?
- Quase à vista de Tebas.

Mehi amontoou um grande número de soldados na margem este a fim de aclamarem o Rei e este apreciar a indefectível fidelidade do exército tebano. Relegados para segundo plano, os cortesãos ficariam diluídos na multidão.

A notícia já circulava pela grande cidade, onde o receio se misturava com a curiosidade: contra quem se desencadearia a cólera do monarca?

Para surpresa do general, foi para o desembarcadouro da margem oeste que se dirigiu a flotilha! Tomou imediatamente um barco ligeiro e rápido para atravessar o Nilo e acolher o soberano.

Não foi Seti II que desceu a passarela mas sim o chanceler Bai, com pés hesitantes.

Franzino, nervoso, olhos negros extremamente móveis, barbicha bem aparada, Bai desceu com prudência.

– Sinto-me feliz por reencontrar terra firme – confiou a Mehi. – Estive doente durante toda a viagem.

– Sua Majestade não vos acompanhou?

– O Rei confiou-me duas missões. A primeira consiste em saber se o príncipe Amenmés morreu realmente e se reina a calma na boa cidade de Tebas.

– Tebas está finalmente livre do jugo que suportava cada vez pior e sinto-me orgulhoso por ter podido evitar perturbações que receava.

– A segurança está verdadeiramente garantida?

– Os últimos partidários de Amenmés são pouco numerosos e só pensam em esconder-se. Julgo no entanto necessário esperar algum tempo antes de vos responder sem hesitação.

– Obrigado pela vossa franqueza, general, será apreciada ao mais alto nível.

– E a vossa segunda missão, general?

– Devo dirigir-me o mais depressa possível ao Lugar de Verdade.

– Não é fácil lidar com os polícias do chefe Sobek; se quiserdes, acompanho-vos com alguns soldados.

– Da melhor vontade, general.

Mehi estava encantado. A sua intervenção revestir-se-ia assim de um carácter oficial e o chanceler testemunharia que o comandante-chefe das tropas tebanas era o primeiro a querer apagar qualquer recordação de Amenmés.

Bai examinou desconfiado o carro.

– Sobretudo, nada de ir muito depressa; sinto-me mal com facilidade.

– Cuidarei de vós, chanceler.

O carro arrancou.

– Este terrível período deve ter-vos parecido doloroso, general.

– Apenas tive uma obsessão: convencer o príncipe Amenmés a não lançar uma ofensiva contra o Norte.

– Por meu lado, não consegui persuadir Seti a pôr o meu plano em execução, porque o Rei esperava o regresso da harmonia apesar das minhas previsões pessimistas.

– Na sua sabedoria, o Faraó viu mais longe do que nós...

– É verdade, general, mas é necessário encerrar este penoso CAPÍTULO da nossa história.

– O mestre-de-obras do Lugar de Verdade não é nada diplomata e tem tendência para ver apenas o mundo pelos olhos da sua confraria. Não gostaria que arranjasse graves aborrecimentos.

– Disponho de plenos poderes, general, e as exigências de Seti serão satisfeitas.

Mehi conteve a alegria: desta vez, a sorte de Néfer estava lançada. Opondo-se ao Rei, sofreria a sua cólera e deixaria a confraria sem defesa, com excepção de Paneb, o colosso cujo ardor assustava mais do que um. Mas

Serketa elaborara um plano para se desembaraçar dele e o futuro anunciava-se finalmente desimpedido.

O chefe Sobek mantinha-se no meio do caminho, em frente do quinto fortim. O carro de Mehi imobilizou-se a menos de um metro do núbio.

– Vai buscar o escriba do Túmulo e o mestre-de-obras – ordenou o general. – O chanceler Bai, delegado do Rei Seti II, quer vê-los imediatamente.

Pelo tom de Mehi, Sobek compreendeu que o assunto era sério e não se demorou; no regresso, apenas a Mulher Sábia o acompanhava.

– Devo compreender que o mestre-de-obras trabalha no túmulo de Amenmés no Vale dos Reis? – perguntou Bai.

– Assim é – respondeu Clara.

O carro deu meia volta e tomou a direcção do Vale. A estrada austera que ali conduzia impunha silêncio à tropa. Receando serem agredidos pelos espíritos que vagueavam na montanha, os soldados, apertados uns contra os outros, lançavam sem cessar olhares para os cumes.

Chegaram ilesos à entrada do Vale, mas com os nervos em franja.

Perante uma tal exibição de força, os polícias núbios de serviço baixaram as armas.

– Estamos autorizados a franquear essa porta de pedra? – inquietou-se Bai.

– Não tendes plenos poderes, chanceler?

Os dois homens aventuraram-se pelo território sagrado que deixou Bai sem voz. Mehi estava impaciente em apanhar o mestre-de-obras em flagrante, a trabalhar no túmulo de Amenmés, e provar assim a sua traição.

Encarregado de guardar o depósito de material dos artesãos, o núbio Penbu interpôs-se, brandindo uma espada curta.

– Acompanho o chanceler Bai, que actua em nome do Faraó – declarou o general. – Néfer o Silencioso está aqui?

Penbu abanou a cabeça afirmativamente.

– Conduz-nos.

– Não tenho o direito de ir mais longe.

– Então chama-o!

Penbu imitou o grito da coruja, que ressoou de forma incongruente no silêncio mineral do Vale dos Reis.

Alguns minutos mais tarde apareceu Paneb, cabelos desgrenhados, corpo coberto de poeira de pedra e uma grande picareta na mão.

– Abandonai imediatamente este lugar – exigiu, com o olhar furioso.

– Sou o chanceler Bai. O Rei Seti confiou-me uma missão urgente com plenos poderes para a realizar.

– Acompanha-nos uma tropa numerosa – precisou Mehi.

– O que quereis?

– Ver o mestre-de-obras – respondeu Bai.

– Dirige um estaleiro. Vê-lo-eis esta noite, na aldeia.

– Lamento, é extremamente urgente.

– Que estaleiro? – interrogou Mehi.

– Não tenho que vos responder.

– Vai buscá-lo, Paneb.

O colosso apertou o cabo da picareta, de que de boa vontade se teria servido para eliminar aqueles intrusos, mas pareceu-lhe preferível consultar primeiro o mestre-de-obras.

A calma de Néfer o Silencioso fascinava o general. A presença de Bai mostrava-lhe no entanto que Seti retomara as rédeas do poder e que o Lugar de Verdade devia submeter-se, assumindo o peso dos seus erros, mas o chefe da confraria conservava uma pose real, como se continuasse a ser o senhor do jogo.

– Haveis feito boa viagem, chanceler?

– Para ser franco, continuo a não ser capaz de me habituar aos movimentos tão característicos de um barco e prefiro-lhes a nossa velha terra do Egipto. Logo que o Faraó soube da morte do filho, ordenou-me que viesse a Tebas a fim de pôr termo ao penoso período que fragilizou o nosso país. Suponho que haveis reaberto a Morada de Eternidade de Seti II para continuar a sua construção?

- Ainda não, chanceler.
- Mas então... Que tarefa haveis confiado aos vossos artesãos?
- Terminar a câmara funerária de Amenmés.
- É representado... como Faraó?
- A tradição foi respeitada.

O general Mehi rejubilava interiormente. Fiel aos seus hábitos, o mestre-de-obras era incapaz de dissimulação.

– Depois da morte de Amenmés – precisou o chanceler -, deveríeis ter destruído o seu túmulo a fim de apagar os vestígios da sua usurpação.

– Conheceis mal o Lugar de Verdade, chanceler. Por unanimidade, os habitantes da aldeia recusaram essa solução e não encontrareis um único artesão para erguer a mão contra a obra realizada.

Mehi não esperava tanto! Não apenas Néfer se condenava a si mesmo, como igualmente toda a sua comunidade. O que havia de mais estúpido do que aquela rectidão, incapaz de se adaptar às circunstâncias e de tirar proveito de qualquer situação?

O general imaginava já o Silencioso e os seus confrades presos, julgados e deportados para uma mina de cobre onde acabariam os seus dias, e a aldeia aberta, abandonada, com a Pedra de Luz e os outros segredos do Lugar de Verdade.

Faltaria cumprir os seus compromissos para com o traidor cuja eficácia, no entanto, tinha sido das mais mediócras... Mehi confiaria esse pequeno problema a Serketa.

– Deveríeis ter compreendido que Seti não deixaria assim a situação – continuou o chanceler.

– Transmíti-vos a posição da confraria e ela não variará. Visto que o Faraó é o nosso senhor supremo, ele que faça de nós o que quiser.

– Seti conhecia-vos tão mal como eu próprio, confesso; receava que para lhe agradardes e salvar a vossa cabeça tivésseis destruído a Morada de Eternidade do filho. É tempo de regressar à harmonia e à unidade das Duas Terras e esquecer o reinado de Amenmés. O Faraó deseja que termineis o seu túmulo o mais depressa possível. Graças ao general Mehi, que respeitou um príncipe defunto, a mumificação está em curso e os rituais serão celebrados sobre o seu corpo osírico. Em seguida, mestre-de-obras, retomareis os trabalhos na Morada de Eternidade de Seti II.

CAPÍTULO 58

Antes de se deixar cair sobre a cama, Mehi dera largas ao seu furor em todo o quarto: mobiliário esventrado, tecidos rasgados, espelhos quebrados... O espectáculo era desolador, mas Serketa pensava sobretudo em acalmar o marido aplicando-lhe toalhas frescas na testa.

– Esse maldito chanceler Bai... Fez-me acreditar que Seti se comportaria finalmente como um Rei. Em vez disso, pratica o perdão e a tolerância!

– No seu discurso aos notáveis tebanos, o chanceler não fez qualquer crítica contra ti.

– Mas não me confirmou nas minhas funções! Vai fazer o seu relatório ao Rei e ninguém pode prever o que Seti decidirá.

Mehi atirou para longe a toalha e ergueu-se.

– A situação podia ser pior, tens razão... Mas esse chanceler nunca será um aliado. Está visceralmente ligado ao casal real e só a eles servirá.

– Continuas a ser o homem forte de Tebas, é o essencial.

– Por quanto tempo, Serketa? Se Bai conseguir separar-me do meu exército, ficarei sem forças.

– Não aceitaremos essa decisão e os teus homens também não.

O general levantou-se, entrou na sala de banhos e aspergiu-se com água perfumada, como para se lavar dos seus fracassos.

– O verdadeiro obstáculo que se ergue desde sempre no meu caminho é o Lugar de Verdade. Não cessa de me humilhar e impede-me de atingir o meu objectivo. Preciso da Pedra de Luz, Serketa, preciso dessa arma suprema!

– Visto que o Egipto está reunificado, a vida da aldeia voltará a ser normal e o nosso informador ficará com os movimentos muito mais livres.

– Até agora, mostrou-se incapaz de descobrir o esconderijo da pedra!

– Não sejamos pessimistas, meu amor querido... Mas é verdade que temos de nos mostrar menos passivos...

– O que queres dizer?

– A alma da confraria é o seu chefe. Enquanto Néfer o Silencioso dirigir o Lugar de Verdade, parecerá indestrutível. Das provações que atravessa, esse mestre-de-obras extrai energia; e quanto mais temíveis elas são, mais ele se reforça. É com a sua presença que o edifício se consolida dia após dia.

Mehi acalmou-se e meditou longamente nas palavras da mulher.

– Sublinhas uma espécie de evidência mas ainda não o tinha detectado com tanta clareza, como se essa simples verdade fosse demasiado fulgurante! Como hei-de continuar a combater Néfer?

– Privando-o dos seus apoios mais próximos e mais eficazes – avançou Serketa. – Mas essa manobra, mesmo sendo coroada de êxito, não bastará, porque o espírito da confraria vive no coração do mestre-de-obras.

– O que propões?

– Não presentes, meu doce querido?

Mehi teria morto muitos homens sem hesitação mas perante aquele, que era no entanto o seu pior inimigo, hesitava.

– Terás medo de Néfer o Silencioso?

– Suprimi-lo não será assim tão fácil!

– É indispensável, terno amor – sussurrou Serketa – e será particularmente difícil, com efeito, porque ele beneficia de uma rede de protecções mágicas que parecem torná-lo invulnerável. Felizmente, essa tarefa excita-me ao máximo e hei-de encontrar a falha!

– Terás... uma estratégia?

– Uma ideia, uma simples ideia... mas muito mais eficaz do que milhares de soldados.

– Qual, Serketa?

Ela poisou os lábios grossos sobre os do general.

– O interior... Matá-lo-ei do interior.

Um raio de sol iluminou os corpos nus de Turquesa e Paneb que tinham feito amor com uma espontaneidade de adolescentes.

As carícias subtis do colosso continuavam a deixá-la ébria de desejo e ele continuava enfeitiçado pelo esplendor de uma mulher cujo corpo ágil e sensual era a expressão perfeita da beleza.

Bastava a Turquesa poisar docemente a mão sobre a pele do amante para desencadear uma torrente a que ela não tinha vontade de resistir; cada um dos seus amplexos era uma nova felicidade e nunca se sentiam saciados um do outro.

Estendida sobre ele, via brilhar no fundo dos seus olhos o próximo fogo que os incendiaria.

– Tenho de partir – murmurou Turquesa. – A Mulher Sábia espera-me no templo para fazer o inventário dos objectos de culto da deusa Hathor. Essa tarefa era atribuída a Uabet, mas devido à sua gravidez está dispensada.

Embora morresse de desejo de o fazer, Paneb não tentou retê-la. Pelo menos, ela não o impedia de a admirar enquanto se penteava.

– Quando recomeças o trabalho no túmulo de Seti?

– Na próxima semana.

Dirigidos pelo Sumo Sacerdote de Amon e pelo mestre-de-obras do Lugar de Verdade, os funerais de Amenmés tinham decorrido de acordo com o ritual faraónico e com toda a solenidade pretendida. No final da cerimónia, Néfer colocara sobre a porta fechada do túmulo o selo da confraria.

Assim terminara a breve aventura do filho de Seti, segundo do seu nome, cujo reinado continuava como se nenhum incidente grave se tivesse verificado. Uma vez mais, a função faraónica se impusera sobre os conflitos individuais.

– Pareces preocupado, Paneb.

– Tinha adoptado um estilo particular e pergunto a mim mesmo se o Rei me pedirá que o modifique... Talvez seja necessário recomeçar tudo.

– Receias um aumento de trabalho?

– Pelo contrário, mas não gostaria de renunciar a estas pinturas, sobretudo às que evocam os objectos rituais transportados durante os funerais, porque me ensinaram a simplicidade do Traço.

– Toda a aldeia falou desta inovação.

– Mas Seti ainda não a aprovou!

Turquesa vestiu um longo vestido vermelho que lhe valorizava as formas.

– Tem confiança no teu talento, Paneb; ele nunca te enganou.

Como de costume, ela escapou-lhe.

Vento do Norte trotava a bom passo em direcção à pequena propriedade de Néfer o Silencioso, na qual trabalhavam os cinco operários agrícolas que o Estado lhe atribuía. Bastava a Paneb seguir o burro, que conhecia o caminho melhor do que ele.

Uabet a Pura tivera um súbito desejo de aboborinhas frescas e não podia esperar; assim, o seu colossal marido esforçava-se para lhe fazer a vontade, com a concordância do escriba do Túmulo.

Quando o burro se imobilizou, Paneb julgou que ele se enganara porque não havia ninguém no campo. Mas detectou vultos adormecidos, estendidos à sombra de uma velha tamargueira com ramagens generosas. Um deles ressonava mesmo, com grande entusiasmo.

Um pontapé no rabo carnudo despertou o seu possuidor, que deu um grito próximo do da Besta Terrível. Os camaradas abriram os olhos.

– É assim que vocês se ocupam das terras de Néfer o Silencioso?

– Tu quem és?

– O que vos vai devolver o gosto pelo trabalho.

Um magricela mal barbeado levantou-se.

– Nós somos cinco... Julgas que nos impressionas?

– Claro que sim – confessou o gordo baixinho.

– Tu és razoável – reconheceu Paneb. – Vou-te partir a cabeça por último se recusardes realizar a tarefa para a qual são pagos.

Constatando que os outros não o apoiavam, o magricela tentou fugir. Mas Vento do Norte deu-lhe uma cabeçada que o fez cair nos cardos.

O burro compreendeu mal por que razão as suas guloseimas provocavam tais relinchos naquele humano.

– Sou Paneb o Ardente e preciso de aboborinhas. Vendo o abandono deste campo e do pomar vizinho, receio voltar com as mãos a abanar. Esse género de decepção torna-me de um mau humor terrível. Digo bem: terrível.

– Sei onde as há – afirmou o gordo baixinho com voz trémula – e vou buscar-tas imediatamente.

– Em seguida, vão voltar ao trabalho. Se este terreno não for correctamente cultivado, explicar-nos-emos entre homens antes que Néfer apresente queixa.

– Tu e ele ficarão satisfeitos – prometeu o gordo baixinho.

– Tenho confiança em vós, mas vou verificar. Todos os dias e em momentos diferentes, o Vento do Norte fará um giro de inspecção.

– É tão duro como tu?

– O meu burro é parecido comigo, é um facto. Relatar-me-á o que vir e não contem com a sua indulgência.

O enorme burro oferecia a si próprio um festim de cardos.

– Queres dizer que... ele fala?

– Na minha aldeia verificam-se acontecimentos extraordinários. Ignorais que a Mulher Sábia possui poderes mágicos comparáveis aos da Rainha do Egipto?

Os cinco camponeses apertaram-se uns de encontro aos outros. Nem mesmo o magricela se fazia já valentão.

– Ela não nos lançou nenhum feitiço, pois não? – inquietou-se o gordo baixinho.

– Ainda não, mas não provoquem a sua cólera.

Para Vento do Norte, os dois cestos de aboborinhas representavam um peso sem importância. Era ele que seguia à frente, enquanto Paneb assobiava uma área popular.

– É bonito – murmurou uma pequena moreninha de vinte anos que caminhava perto dele.

– Como te chamas, beleza?

– Iema... Por aqui, todos sabem que tenho mãos verdes. Se quiseres, forneço-te bons legumes.

– Porque não?

– De onde és tu?

– Da aldeia dos artesãos.

– Então conheces muitos segredos! Quando voltas?

– Daqui a alguns dias.

– Vais ver que te vou mostrar maravilhas.

CAPÍTULO 59

Entusiasta da genealogia, o escriba-assistente Imuni acabava de fazer uma descoberta apaixonante pesquisando nos arquivos da aldeia: por meio de complexas redes familiares, podia pretender ter laços de parentesco com Néfer o Silencioso e, portanto, reivindicar uma adoção que seria muito mais legítima do que a de Paneb o Ardente. Faltavam-lhe infelizmente alguns elos, mas tinha esperanças de reconstituir uma cadeia credível se pudesse ter acesso aos documentos mais antigos que o escriba do Túmulo conservava ciosamente no seu gabinete.

Como se arranjava Kenhir, na sua idade, para manter o mesmo ritmo de trabalho e continuar a ocupar-se dos mínimos pormenores com a mesma intransigência? Alguns murmuravam que o vigor de Niut não era estranho a esse dinamismo inesgotável, mas a jovem permanecia indiferente às maledicências e todos lhe reconheciam uma qualidade excepcional: conseguir suportar o carácter impossível do velho escriba.

Cada dia a casa do estranho casal se tornava mais bonita graças ao trabalho de Niut, ao seu gosto pelos lindos móveis, os tecidos preciosos e as cores vivas. Embora esse luxo desenfreado custasse muito caro a Kenhir, este tinha renunciado a lutar.

– Terminei o inventário dos cinzéis de cobre e das mechas para iluminação – declarou Imuni.

– Verificaste as tuas contas?

– Não falta nada.

– Não há nenhuma acusação contra Paneb desta vez?

– Graças a vós, a aldeia é perfeitamente gerida.

– Tenho horror aos cumprimentos, Imuni, porque ocultam sempre intenções pérfidas. As tuas conheço eu: sonhas tomar o meu lugar, e lamentas que a minha velha carcaça ainda se agunte. Preocupa-te um pouco menos com o teu futuro e mais com o presente, que ainda tens muita coisa para aprender antes de te tornares escriba do Túmulo.

– Garanto-vos que...

– É inútil mentir.

– Depois do meu trabalho gostaria de me debruçar sobre a história da aldeia para a conhecer melhor.

Kenhir ficou espantado.

– Não é má ideia.

– Já consultei alguns documentos, mas os mais preciosos são conservados em vossa casa. Concedeis-me o acesso a eles?

– Não tenho qualquer razão para to recusar.

O patifório mudava finalmente de atitude! Em lugar de perseguir Paneb e se encarniçar sobre o comportamento dos artesãos, Imuni interessava-se pelo próprio Lugar de Verdade.

A gravidez de Uabet corria da melhor maneira, mas os seus desejos de legumes frescos não paravam. Paneb fora diversas vezes à propriedade agrícola de Néfer, valorizada pelos cinco camponeses que tinham reencontrado o sentido do esforço, recompensado por substanciais prémios.

Paneb acabava de encher os cestos que Vento do Norte transportava quando uma mão muito doce poisou no seu antebraço.

– Tenho magníficos espargos para te propor – disse a linda lema, cujos olhos negros brilhavam com intensidade.

– Os teus preços são razoáveis?

– Vamos discutir... Vais com certeza saber convencer-me a baixá-los.

– Entendido, mas estou com pressa.

A rapariga envergava apenas uma túnica curta que não ocultava quase nada de um corpo delicado que ela utilizava com uma arte consumada. Mais a dançar do que a andar, conduziu Paneb até uma pequena cabana de juncos.

– Cuidado, a porta é baixa.

Mal o colosso penetrara no modesto lugar, lema tirou a túnica.

Nua, esfregava-se de encontro a ele.

– És tão forte... Faz amor comigo!

Ele ergueu-a com uma mão.

– Em geral sou eu que tomo a iniciativa, menina, e tenho a sorte de ser um homem satisfeito. És muito bonita mas não te desejo. Guarda os teus espargos e veste-te.

O pintor poisou no chão uma garota amuada.

Saiu da cabana e lema seguiu-o. Nua, trepou ao cimo de uma elevação de terra.

– Socorro! – gritou. – Fui violada!

Os cinco camponeses voltaram a cabeça.

Paneb deu meia volta e esbofeteou a mentirosa.

– Agora, basta!

lema deixou-se cair no chão, chorando.

– Despacha-te a vestir-te e não me importunes nunca mais.

Graças ao apoio de Serketa, o general Mehi tornara-se de novo o homem mais poderoso e o mais respeitado da província tebana. Na expectativa da chegada de Seti II, o palácio real permanecia interdito a todos e os seus acessos eram guardados por soldados.

Sob uma calma aparente, a população permanecia angustiada. O chanceler Bai voltara para o Norte sem revelar os seus projectos e ninguém conhecia as reais intenções de um Faraó estranhamente silencioso. Essa espera não significaria que o monarca estava a reflectir nas sanções que infligiria à cidade culpada de ter curvado a cabeça perante Amenmés?

– Uma carta de Bai – anunciou Serketa, nervosa.

Os dedos de Mehi tremiam ao tocar na tabuinha de madeira. Se fosse destituído, como se refaria daquele fracasso?

Os seus olhos poisaram sobre o texto escrito em hieróglifos cursivos.

O general soltou um profundo suspiro de alívio.

– Sou confirmado em todas as minhas funções com, como brinde, as felicitações do Rei por ter sabido preservar a paz em condições dramáticas. O chanceler pede-me para garantir a prosperidade da região protegendo sem esmorecer o Lugar de Verdade.

– Seti precisa a data da sua vinda?

– Silêncio completo sobre esse ponto.

– Qual a razão desse silêncio – interrogou Serketa.

– O Rei está sem dúvida muito afectado pela morte do filho... Talvez tenha dificuldades em Per-Ramsés e hesite em abandonar a capital.

– A sorte continua do nosso lado – sussurrou Serketa.

De regresso do Vale dos Reis, a equipa da direita estava satisfeita por repousar. Devido às incertezas que pesavam sobre o futuro de Tebas, alguns artesãos, como Karo o Mal-humorado ou Tuti o Sábio, não ocultavam o seu pessimismo. Um defeito na rocha atrasara o trabalho e o mestre-de-obras tivera de tomar precauções para evitar que as pinturas fossem afectadas.

– Kenhir teve um sonho mau – afirmou Karo. – Com um Rei que ousou retomar o nome de Seti pode sempre esperar-se o pior.

– Constataste que não era uma tempestade de guerra – objectou Fened o Nariz.

– Não desencadeou a guerra civil – recordou Casa o Cordame – mas não perdoará a Tebas ter-se submetido a Amenmés.

– Não havia outra solução – considerou Gau o Exacto – e Seti compreenderá isso.

A temperatura tinha refrescado bruscamente. Um vento mau anunciava a vinda do Inverno que se arriscava a ser mais duro do que os precedentes.

– Amanhã – decretou o escriba do Túmulo – fumigação geral! Terminaram os calores, é preciso purificar as casas e os locais comunitários. Quem aceita encarregar-se da nossa sala de reuniões?

O traidor aproveitou a ocasião. Como a tarefa não entusiasmava ninguém, os colegas ficaram-lhe gratos pela dedicação. Em vão.

A aldeia inteira fumegava, afogada numa bruma odorífera que exterminava miasmas e insectos indesejáveis.

Trigueiro, Besta Terrível e os outros animais domésticos tinham-se refugiado em casa dos auxiliares, onde brincavam com as crianças vigiadas por Obed o ferreiro. Só no local da confraria que tinha fumigado abundantemente, o traidor examinava os assentos de pedra sobre os quais se instalavam os artefatos.

Nenhum apresentava qualquer anomalia.

No momento de franquear o limiar do santuário que lhe era interdito, o traidor hesitou. Até então, nunca se tornara culpado senão de pequenas baixezas, mas ainda não cometera o irremediável. Violando o espaço sagrado, executando gestos reservados ao mestre-de-obras, espezinharia definitivamente o seu juramento e excluir-se-ia do espírito da confraria. Não deveria renunciar à miragem do lucro que o guiava há já tantos anos, abrir o coração a Néfer o Silencioso e implorar o seu perdão?

Mas o traidor apercebeu-se que a voz do seu coração já não lhe dizia nada. No fundo, nunca tinha amado o Lugar de Verdade. O fio da existência conduziu-o ali porque procurava um saber e uma técnica que lhe permitissem brilhar e mostrar-se superior aos outros. Agora, precisava além disso da fortuna que apenas a traição lhe podia proporcionar. Puxou o ferrolho de madeira dourada e abriu as portas do naos onde imperava uma estatueta de ouro, com a altura de um côvado real e representando a deusa Maet, aquela que ele deveria ter servido durante toda a sua vida.

Com um punho raivoso, tirou a estatueta e passou a mão na base para detectar uma ranhura ou uma saliência que teria revelado a presença de um sistema de fecho. Mas sentia sob os seus dedos apenas o granito polido.

Irritado, o traidor examinou cada recanto do pequeno compartimento na esperança de descobrir por fim o esconderijo da Pedra de Luz.

– Há aí alguém? – Interrogou a voz grave do chefe da equipa da esquerda.

Dominado pelo pânico, o traidor tornou a colocar Maet no seu lugar, fechou as portas do naos, aferrolhou-as e voltou para a sala de reuniões cheia de fumo.

– Sim, estou aqui!

– Receava que te tivesses sentido mal.

– Não, não, vai tudo bem!

– Deixa então o fumo actuar – recomendou Hai -, e vem juntar-te a nós para festejarmos um feliz acontecimento: Uabet a Pura acaba de dar à luz uma menina.

CAPÍTULO 60

Esquecendo a sua doença, o jovem Siptah continuava a estudar com assiduidade na biblioteca do templo de Amon de Per-Ramsés, sob o olhar benevolente dos sacerdotes.

Quando conseguia arranjar um pouco de tempo, o chanceler Bai gostava de conversar com o adolescente sobre os seus progressos em ciência e em literatura. Indiferente ao mundo exterior, este só sentia gosto pelas suas pesquisas.

Siptah só falava com o chanceler que, aos poucos, o iniciava no funcionamento da administração central e na gestão das Duas Terras. Atento, o aluno dispunha de uma memória notável e fazia sempre as perguntas certas.

Esses encontros eram os únicos instantes de alegria que o chanceler saboreava numa atmosfera muito sombria. A morte de Amenmés afectara profundamente Seti e a Rainha Tausert desesperava de ver o Rei retomar gosto pela vida. Com consciência e talento, ela cumpria os seus deveres de Grande Esposa Real e Bai secundava-a sem se poupar; mas era o Faraó que continuava a pôr o seu selo nos decretos principais, quando acedia a sair do torpor em que estava mergulhado.

Ao penetrar no gabinete que o monarca só muito raramente ocupava, o chanceler pensava nas angústias dos habitantes de Tebas, que deviam interrogar-se sobre a sorte que Seti lhes reservava. É verdade que Bai escrevera ao general Mehi que era confirmado em todas as suas funções e essa estabilidade do homem forte da região, servidor do Rei e garante da paz, tinha um carácter tranquilizador; mas o próprio chanceler ignorava as verdadeiras intenções do Faraó.

– Trabalhaste com o jovem Siptah hoje? – interrogou Seti.

– Infelizmente não, Majestade. Tinha problemas de arranjos no bairro oeste da cidade a resolver.

– Ocupa-te mais desse rapaz de quem os sacerdotes de Amon me disseram muito bem. Há demasiados cortesãos a girar em redor do trono e poucas pessoas rigorosas que pensem apenas nos seus deveres. Siptah faz parte dessas e só tu és capaz de o educar.

– Nenhuma directiva poderia dar-me maior prazer, Majestade.

– Encarrego-te igualmente de preparar a minha viagem.

Bai foi apanhado de surpresa.

– Onde desejais ir, Majestade?

– A Hermópolis. Não é na cidade do deus Tot que irei beber a sabedoria indispensável à continuação do meu reinado? Deslocar-me-ei lá em companhia de Tausert e pediremos ao senhor do conhecimento essa serenidade que tanta falta nos faz desde que o poder supremo pesa sobre os meus ombros.

Aquela decisão encantava o chanceler porque demonstrava a inteligência política de Seti, que as provações não tinham portanto afectado. Em Hermópolis estava ainda aquartelado um numeroso exército que acolheria o Rei com entusiasmo; instalando-se durante algum tempo naquela cidade fortificada, fronteira meridional do seu reino durante o domínio de Amenmés sobre o Alto Egipto, o Faraó dirigiria uma clara mensagem aos tebanos e a todos os governadores de província do Sul: ao menor sinal de insurreiçã, ele próprio interviria com prontidão.

– Posso conhecer os vossos projectos a mais longo prazo, Majestade?

– Desejo que Tot me dite a minha conduta, chanceler. Sem a precisão de um bico de íbis e a envergadura do seu vô, não está o exercício do poder condenado à mediocridade?

Parecia tão frágil nos braços do colosso que Paneb não ousava mexer-se.

– A nossa filha é magnífica – disse ele a Uabet a Pura, ébria de felicidade por ter dado satisfação ao marido.

– Será gentil e delicada como tu.

– Terá também a tua força, tenho a certeza.

– Escolheste-lhe o nome?

– Como nasceu quando a lua cheia estava reconstituída, chamar-lhe-emos Selena.

Delicados cabelos cor de mogno, olhos verdes, orelhas e lábios desenhados na perfeição... Selena era um bebé de uma rara beleza.

Aperti aproximou-se.

– Eu acho-a feia... E depois, é uma rapariga. Vai ser incapaz de andar à luta.

– É por essa razão que deverás protegê-la.

– Com certeza que não! Ela que se desembarace sozinha.

O garoto saiu de casa a correr.

– Está cada vez mais insuportável – afirmou Paneb.

– Não te zangues com ele – implorou a esposa. – Até hoje era filho único; o nascimento da irmã provoca um ataque de ciúme que precisamos compreender e perdoar. Em breve adorará Selena.

– Esperemos que não te enganes.

Enviadas pela mulher Sábia, duas sacerdotisas de Hathor vieram ajudar Uabet a Pura, esgotada pelo parto. Como exigia a Regra de entreajuda entre as mulheres da aldeia, nenhuma era abandonada a si própria quando atravessava um período difícil. A jovem mamã repousaria durante mais ou menos dez dias antes de retomar as suas actividades domésticas. Devido à sua frágil constituição, Uabet não amamentaria a filha apenas uma semana antes de a confiar a uma ama paga pelo Estado.

– Paneb, vem cá imediatamente! – exigiu a voz angustiada de Pai o Bom pão.

– Aperti fez algum disparate outra vez?

– Não, é o escriba do Túmulo que te manda chamar com urgência.

Kenhir tinha a cara dos maus dias.

– Não tens nada a confessar-me, Paneb?

– À parte o facto de ser pai de uma maravilhosa garotinha, não estou a ver.

– Não é altura para brincar, podes crer. Conheces uma tal lema?

– Não, não me parece.

– Reflecte bem: é uma mercadora de legumes que trabalha perto do terreno de Néfer. Não foste lá várias vezes nestes últimos tempos?

– Com efeito... Deve tratar-se daquela moreninha que tenta seduzir todos os machos que passam ao seu alcance.

– Acusa-te de a teres violado.

– Essa pequena peste quer fazer troça de quem? Atirou-se a mim, é verdade, mas afastei-a de forma bastante brutal e até a esbofeteei!

– lema tem testemunhas.

– Quais?

– Os cinco camponeses que trabalham para Néfer.

– Que mentirosos! Vou partir-lhes a cabeça!

– Proíbo-te de o fazeres, pois agravarás o teu caso.

– Não se passou nada, Kenhir, juro pela vida da minha filha!

– lema apresentou queixa por violação e foi declarada digna de ser recebida por um juiz da margem oeste.

– É completamente insensato, estou inocente!

– Conhecendo-te como te conheço, não duvido nem um instante; mas esta queixa existe realmente e a lei preconiza a condenação à morte dos violadores.

– Deixai-me tratar dessa lema e desses cinco camponeses... Vão dizer a verdade verdadeira, podeis crer!

– Se levantares a mão para os teus acusadores, a tua culpabilidade será reconhecida.

– Não vão deixar triunfar a mentira, pois não?

– Devemos permitir que o processo siga os seus trâmites, começando por reunir o tribunal da aldeia que decidirá ou não expulsar-te.

– Expulsar-me... Mas não cometi qualquer falta!

– Tens alguma testemunha de defesa?

– Porque havia de precisar dela?

– Estou inquieto por ti, Paneb.

Serketa deixava que uma criada, cujas mãos achava muito ásperas, lhe massajasse a parte de baixo das costas.

– Põe mais óleo – ordenou a esposa de Mehi -, e sê mais suave. Não vês que tenho a pele delicada?

O general irrompeu na sala de massagens onde flutuava um perfume de flor-de-lis.

– Seti acaba de chegar a Hermópolis – revelou. – Oficialmente, inspecciona as tropas encarregadas de

impedir os tebanos de avançarem para Norte.

– A paz não foi restabelecida? – inquiriu Serketa, despedindo a criada com um gesto desdenhoso.

– O Rei procede a uma demonstração de força para provar que governa e que qualquer tentativa de insubmissão seria imediatamente reprimida. Na minha opinião, excelente iniciativa! Ninguém mais duvidará da determinação e das capacidades de Seti.

– Ameaças contra Tebas?

– Segundo os meus informadores, o monarca não deixou transparecer nada das suas intenções.

– Quanto a mim, tenho excelentes notícias – sussurrou Serketa. – Um dos obstáculos no nosso caminho em breve será afastado.

O general agarrou nas pernas da esposa.

– Que manigâncias fizeste, terna rola?

– Graças ao meu amigo Tran-Bel, uma deliciosa pestezinha, muito bem paga, armou uma ratoeira a Paneb. Ele subornou igualmente algumas testemunhas para apoiar uma grave acusação de violação que destruirá o colosso. Um aliado menos para o mestre-de-obras!

Composto pelo escriba do Túmulo, o mestre-de-obras, a Mulher Sábia, o chefe da equipa da esquerda e duas sacerdotisas de Hathor, o tribunal do Lugar de Verdade ouvira as explicações de Paneb o Ardente que, à custa de imenso esforço, mantivera uma aparência de calma.

Depois de prestar juramento sobre uma efígie da deusa Maet que a Mulher Sábia lhe apresentara, o colosso acabara por convencer os juízes de que não escondia nada.

– Algum de vós exige a expulsão de Paneb o Ardente? – perguntou Kenhir.

– Todos sabemos que está inocente e é vítima de uma difamação – declarou Néfer. – Em consequência disso, o nosso papel, e o meu em particular, consiste em defendê-lo.

– Tendo em vista a gravidade da situação e a apresentação de uma queixa – precisou o escriba do Túmulo – será difícil manter Paneb fora do alcance da justiça exterior.

– Enquanto permanecer no interior dos muros – lembrou Pai -, o Ardente estará protegido.

– Que o exterior me julgue! – exigiu Paneb. – Quero que a minha inocência seja reconhecida por toda a parte, tanto aqui como lá fora.

CAPÍTULO 61

O escriba do Túmulo exigira que o tribunal que julgaria Paneb realizasse a audiência diante do templo de Maet, no interior de um dos recintos de Karnak. O júri, composto por sacerdotes, artesãos e escribas, era presidido pelo segundo sacerdote de Amon, que Kenhir considerava um magistrado justo mas severo. O presidente do tribunal, com o crânio rapado, os ombros largos, o busto rígido, não parecia inclinado à indulgência.

De pé, a queixosa e o acusado estavam na sua frente. A linda lema não concedera nem um olhar a Paneb, que prometera manter a calma fossem quais fossem os ataques de que viesse a ser alvo.

– Menina lema – interrogou o presidente – manténs que Paneb o Ardente, artesão do Lugar de Verdade, te violou?

– Mantenho.

– Juras por Maet e pelo nome do Faraó?

– Juro.

– E tu, Paneb, juras que és inocente do crime de que és acusado?

– Juro.

– Um de vocês, portanto, é um mentiroso e um perjuro – concluiu o magistrado. – Lembrem-se que se trata de um delito muito grave que merece uma severa condenação, tanto aqui como no Além. Persistem, mesmo assim?

Nem lema nem Paneb se retractaram.

– Relata os factos, menina lema.

– Estava na cabana onde guardo os meus cestos quando Paneb se atirou a mim como um touro furioso. Despiu-me e violou-me. Logo que consegui fugir, gritei por socorro. Os cinco camponeses do campo vizinho foram testemunhas desta odiosa agressão.

– Apresentem-se à minha frente – ordenou o presidente aos operários agrícolas. – Confirmam as declarações da menina lema?

Assustados pela solenidade do lugar e a severidade do juiz, três dos camponeses recuaram para mostrar que não tinham nada a declarar.

– Eu vi tudo – afirmou o magricela, aprovado com um abanar de cabeça pelo gordo baixinho.

– Têm a certeza? – interrogou a Mulher Sábia, que envergava um elegante vestido vermelho.

Adornada com brincos de jaspe vermelho orlados de fio de ouro, Clara fixava os dois camponeses. Não havia qualquer animosidade no seu olhar, mas uma tal acuidade que o baixote gorducho não resistiu muito tempo.

– Vi o colosso e a rapariga – reconheceu -, mas nada mais.

– E o teu camarada?

– Ele, não sei!

– Eu mantenho... – começou o magricela cuja voz tremeu quando sentiu a garganta apertada, como se uma potente mão o estrangulasse.

– Não te quero qualquer mal – disse-lhe a Mulher Sábia -, mas aviso-te que te vai faltar o ar se continuares a mentir.

– Eu... eu confirmo...

Sem fazer o mínimo gesto, a Mulher Sábia continuava a fitar o magricela cuja respiração se tornava arquejante.

Quando um ardor intolerável ameaçou sufocá-lo, cedeu.

– Não vi nada mais do que os meus camaradas – admitiu.

– Foste ou não testemunha de uma violação? – interrogou o juiz.

– Não... não!

Decepcionada, lema permaneceu imperturbável.

– Eu afirmo ter sido violada por Paneb.

– É a tua palavra contra a minha, miserável! – exclamou o colosso, cuja intervenção irritou o magistrado.

– Podes apresentar uma testemunha de defesa? – perguntou a Paneb.

– Juro-vos que estou inocente!

– E lema jura que és culpado! Olhando para ela, tão frágil e indefesa, como imaginar que pudesse resistir-te?

O escriba do Túmulo interveio vigorosamente.

– Comportais-vos como um acusador e ultrapassais o vosso papel de juiz! Os membros do tribunal não devem ter em conta a vossa intervenção. E se tomardes de novo partido de forma tão flagrante, exigirei que sejais substituído.

– Entendido, entendido... Mas Paneb não se pode defender sem ser com invectivas?

– Pode – afirmou a Mulher Sábia.

– Explicai-vos!

O colosso olhou Clara atentamente e invadiu-o uma energia estranha. A Mulher Sábia comunicava com ele sem falar, directamente de pensamento para pensamento, e um vulto impôs-se.

– Façam comparecer Vento do Norte – exigiu Paneb.

– É um dos teus parentes?

– É o meu burro. Ele que venha e indique o mentiroso.

O juiz hesitou.

– Esse procedimento não é habitual!

– Um animal nunca dissimula a verdade – precisou a Mulher Sábia. – Nele encarna uma força divina que não é capaz de mentir.

– A queixosa aceita?

«O burro dirigir-se-á para o dono», pensou lema. O artesão ingénuo julgara impressionar o tribunal utilizando aquele artifício que se voltaria contra ele. Lema deu portanto a sua aprovação.

Ao lado da Mulher Sábia, o burro percorreu a álea que conduzia ao templo de Maet.

Imobilizou-se em frente do presidente do tribunal.

– Vento do Norte, és ouvido como testemunha num caso de violação. Compreendes a gravidade da situação e tens capacidade para designar a pessoa que mentiu no decurso desta audiência?

Com a pata dianteira esquerda, o burro raspou uma laje de pedra.

Elevaram-se murmúrios entre os jurados, reconhecendo a validade do testemunho do animal.

– Vento do Norte, designa o mentiroso.

O potente jumento voltou a cabeça na direcção de Paneb. A menina lema esboçou um sorriso satisfeito.

Mas o burro girou sobre si mesmo e dirigiu-se para a jovem, cujo ombro tocou com o focinho.

Como se fosse picada por uma serpente, ela saltou para trás.

– Não vão dar crédito a este animal!

– Porque mentiste, lema? – perguntou o presidente do tribunal com olhos furibundos.

– Eu disse a verdade!

Vento do Norte precipitou-se para a mentirosa, derrubou-a com uma cabeçada e poisou-lhe as patas da frente sobre o peito.

– Ele vai-me matar! – gemeu ela, assustada.

Ninguém a socorreu.

Prestes a sufocar, lema falou atabalhoadamente.

– Menti, confesso... Fiz avanços a Paneb e ele repeliu-me... Estava tão vexada que decidi vingar-me... Acusando-o de violação, tinha a certeza que seria condenado... E tê-lo-ia escarnecido no fundo da sua prisão! Era mal-feito, mas têm que me compreender e perdoar... Paneb não me deveria ter tratado de forma tão altaneira.

– A tua mentira poderia ter tido terríveis consequências – considerou o presidente do tribunal. – Que os membros do júri não o esqueçam ao pronunciarem a sua sentença.

– Solicito a sua indulgência – declarou Paneb. – Lema é muito nova e o medo que acaba de sentir servir-lhe-á de lição.

Condenada a cultivar legumes e a trazê-los ao Lugar de Verdade durante um ano em troca de um salário mínimo, lema considerava que se safara da melhor forma. Os jurados tinham acreditado nas suas declarações inflamadas de jovem sedutora repelida e o juiz não avançara mais nas investigações.

Não tivera assim que falar de Tran-Bel e da recompensa prometida que, apesar do seu imprevisível fracasso, continuava a ser-lhe devida. Foi por isso que, logo que saiu do tribunal, se dirigiu ao estabelecimento do líbio.

Mal vira lema, o comerciante arrastara-a para o pequeno compartimento onde conservava os seus arquivos.

– O que vens aqui fazer, idiota?

– Paneb foi absolvido.

Tran-Bel passou a mão pelos cabelos negros empastados sobre o crânio redondo.

– Absolvido... O que dizes tu?

– Foi por causa do burro dele, Vento do Norte! A Mulher Sábia enfeitiçou o júri, as falsas testemunhas retractaram-se e o burro indicou-me como culpada.

– És completamente louca, lema!

– Foi assim que as coisas se passaram, garanto-vos, e Paneb saiu livre do tribunal.

– Falaste de mim?

– Não, claro que não!

– Tanto melhor para ti, pequena. Não estás a mentir-me, pois não?

– Condenaram-me a servir o Lugar de Verdade durante um ano... Foi tudo o que eu ganhei! Agora, quero a minha recompensa.

– Vais apanhar o primeiro barco de carga que partir para o Norte, deixar o Egipto e ir para a Palestina, onde trabalharás como criada em casa de um dos meus amigos agricultores. Lá, mudarás de nome e escaparás à justiça egípcia.

– Mas... Prefiro ficar aqui!

– Falhaste, idiota, e não tens opção. Acima de mim há pessoas que não aceitarão o teu erro.

– Isso quer dizer que...

– Isso quer dizer que deves partir o mais depressa possível e calar-te para sempre se tens amor à vida! E pede aos demónios que te poupem.

Aterrorizada, a rapariga curvou-se.

Tran-Bel esquecera-se de precisar que o seu amigo agricultor utilizaria lema como escrava submetida a todos os caprichos dos seus camponeses. Preocupava-se com as explicações que teria de prestar aos seus chefes para sair daquela aventura branco como o linho de primeira qualidade.

CAPÍTULO 62

Naquele quarto ano do reinado de Seti II, o Inverno era duro. Um vento glacial varria a margem oeste de Tebas, habituada a temperaturas mais clementes, mesmo durante a estação má, e alguns evocavam a sanção infligida ao país pelos temíveis emissários da deusa Sekhmet, irritada com a fraqueza de um Rei irresoluto.

Quando o cortejo de burros chegou, o escriba do Túmulo já estava levantado. Envolvido num grosso casacão, apostrofou o responsável pelo comboio.

– Trouxeste madeira para aquecimento?

– Nem um saco.

– Mas eu tinha afirmado que era urgente!

– A administração não me deu nada... Há que dizer que neste momento, todos têm falta dela.

Kenhir preveniu logo o mestre-de-obras.

– É preciso arranjar madeira imediatamente – afirmou Néfer.

– As casas estão geladas e vários doentes sofrem de bronquite. Sem calor, os seus casos agravar-se-ão, especialmente o da filha de Paneb.

– A nossa reserva parecia mais do que suficiente, mas quem podia prever este interminável período de mau tempo?

Foi um Paneb furioso que interrompeu os dois homens.

– Admito queimar a minha cama e os meus móveis, mas o que me restará depois? Gostava bem de conhecer o responsável por esta escassez!

– Sou eu – declarou Néfer.

– O mestre-de-obras assume os erros dos outros... Mas isso não nos arranja madeira para aquecimento!

– Assumir não basta, tens razão; é por isso que vou à procura dela.

– Tu, correres esse risco? Está fora de questão!

– Eu cá me arranjarei. O escriba do Túmulo passar-me-á uma autorização oficial?

– É impossível, Paneb. Desconfia das patrulhas.

– Porque não insistis com o administrador-principal?

– Porque esperava que a entrega desta manhã fosse boa! – protestou Kenhir.

Uma rajada de vento fez vacilar o velho, indignado com a insolência de Paneb. Não teve no entanto oportunidade para lhe dirigir censuras, porque o colosso se precipitou para casa de Imuni.

– Abre a porta da reserva e dá-me a melhor acha – ordenou ao escriba-assistente.

– Porquê?

– Despacha-te, Imuni, não estou com disposição para ouvir os teus disparates.

– Cortar madeira sem autorização é proibido e...

O colosso ergueu o escriba segurando-o pelas axilas.

– Se não me entregares essa acha nos segundos seguintes, levo toda a madeira que possuis, incluindo as tuas tabuinhas de escriba.

Os três polícias observaram demoradamente o colosso que abatia um velho sicômoro de tronco esbranquiçado com a maior parte dos ramos já mortos.

Apesar do vento frio, o homem trabalhava de torso nu e manejava um pesado machado com um ritmo rápido que não abrandava.

– Está em infracção – fez notar o polícia mais velho – mas é muito forte.

– A acreditar em certos rumores – observou o colega barbudo – pode tratar-se de um artesão do Lugar de Verdade, Paneb o Ardente, capaz de sozinho vencer nove homens.

– Como havemos de ter a certeza?

– Repara no burro... É um gigante, como o dono! E todos sabem que Paneb possui um jerico monstruoso.

– Nove homens, a sério.

– Só somos três... E viste o tamanho do seu machado? Se o atacarmos, defender-se-á. Não seria melhor esperarmos um pouco antes de o interpelarmos?

– Tens razão, avaliemos os riscos.

Paneb vira os três polícias há já muito tempo mas não estava preocupado com eles; depois de ter enchido com madeira seca os cestos transportados por Vento do Norte e de ele próprio estar pesadamente carregado, tomou a direcção da aldeia e passou em frente dos três homens.

– Bom dia, amigos; haveis feito bem ficando sossegados.

– Esta penúria de madeira de aquecimento é inadmissível – bramiu Kenhir. – Sabeis tão bem como eu que o Lugar de Verdade é prioritário!

Com a cabeça enterrada nos ombros, o general Mehi sentia dificuldade em mostrar-se tão amável como era habitual. Por um lado, o fracasso do plano de Tran-Bel para eliminar Paneb tinha-o afectado; por outro, tanto os soldados das casernas da margem oeste como os da margem este se queixavam do frio, mas ninguém ousava abater árvores com medo de infringir um privilégio real e desencadear assim a cólera de Seti II.

– Não esqueci isso, Kenhir, mas os meus poderes são limitados! Escrevi ao Rei para que ele me autorize a mandar abater as árvores velhas e nos envie madeira do Líbano, mas não chegou qualquer resposta. Ignoro mesmo se Seti está ainda em Hermópolis.

– Não vos restam alguns sacos de carvão de madeira?

– Nem um único, senão já vos teria mandado entregar.

Kenhir ficou convencido da boa-fé do general.

– Nesse caso, temos de nos desembaraçar sozinhos e tendes de garantir imunidade ao artesão que nos trouxe madeira para queimar.

– Paneb, suponho?

O escriba do Túmulo não respondeu.

– Admito ignorar os relatórios de polícia que receber a seu respeito... Mas ele que seja discreto.

– Obrigado, general; sois realmente o protector do Lugar de Verdade.

Graças a Paneb, a aldeia reencontrara um pouco de calor e os doentes já não estavam em perigo. Logo que regressava a casa, o colosso embalava a filha, cada vez mais bonita, sob o olhar enternecido de Uabet a Pura.

– São quase horas de jantar... Onde está Aperti?

– Na escola, de castigo; ontem insultou o escriba-assistente que corrigia o seu trabalho de matemática.

– Mas esse Imuni nunca nos deixará em paz!

Paneb beijou ternamente o delicioso bebé e confiou-o à mãe antes de se dirigir ao gabinete de Imuni onde o escriba-assistente, muito enervado, se dirigia ao mestre-de-obras e ao escriba do Túmulo.

– Tenho irregularidades graves a denunciar e solicito a convocação do tribunal para que este pronuncie condenações exemplares!

– Tentas atacar-me por intermédio do meu filho? – perguntou Paneb.

Imuni pareceu surpreso.

– A tí? Não, de maneira nenhuma!

– Formula as tuas queixas – exigiu Néfer o Silencioso.

– Em primeiro lugar, Userhat o Leão utilizou muito mais alabastro do que lhe era permitido; trabalha por sua conta própria sem me declarar a quem tenciona entregar as estátuas.

– A ninguém – respondeu o mestre-de-obras. – É por minha ordem que está a preparar mesas de oferendas em alabastro destinadas ao Faraó Seti II.

O escriba-assistente corou.

– Eu... eu não fui prevenido!

– Antes de acusar, informa-te. E depois?

– Depois, Gau o Exacto estraga uma quantidade excessiva de papiros!

– Incorrecto – interveio Paneb. – Está a fazer os esboços finais que me servem para as pinturas e não lhe deve ser imposta qualquer restrição.

O escriba do Túmulo aprovou.

– Renuncia a esse género de ataques – aconselhou Kenhir ao seu assistente. – Não tens capacidade para eles.

Imuni engoliu o rancor; por sorte, avançavam as suas investigações genealógicas: em breve teria a sua desforra.

Como o serviço de correio recomeçara normalmente depois dos funerais de Amenmés, o traidor correspondia-se de novo com os seus comanditários. Acabava de receber uma mensagem em código dando-lhe ordem para ir à colina dos antepassados situada não longe da aldeia. Durante os descansos, os artesãos prestavam lá com frequência homenagem aos deuses primordiais que, antes de deixar desenvolver-se a criação, tinham decidido estabelecer ali a sua morada terrestre.

Desde que se desvanecera o espectro da guerra civil, as autorizações de saída da aldeia tinham sido restabelecidas, mas o traidor sabia que a vigilância do chefe Sobek não esmoreceria. Portanto, não figurara entre os primeiros a atravessar o Nilo para visitar os membros da família ou tratar de assuntos privados.

Quando aproveitava uma manhã de descanso para ir até à colina dos antepassados, fora seguido por um polícia núbio que, tranquilizado, voltara para o quinto fortim.

No meio de um bosquezinho de acácias, um pequeno santuário abrigava o túmulo dos deuses. A paz que reinava naquele local era a de um outro mundo ao qual o traidor já há muito tempo não era sensível.

– Ninguém nos observa – afirmou Serketa, envergando um vestido branco de sacerdotisa que tivesse vindo depositar uma oferenda no altar dos antepassados. – Descobriste finalmente a localização da Pedra de Luz?

– Infelizmente, não, mas não desespere.

– Só tu és capaz de o conseguir, desde que afastes o principal obstáculo.

– Qual é?

– O mestre-de-obras em pessoa.

– Onde quereis chegar? – perguntou o traidor em voz alterada.

– É preciso suprimir Néfer o Silencioso. Uma vez desaparecido, a aldeia ficará sem força e o caminho que conduz à Pedra revelar-se-á.

– Ordenais-me que cometa um crime!

– Reflecte, não há melhor solução. Bem entendido, arranjarás forma de fazer acusar o artesão que mais detestares.

– É impossível.

– A morte de Néfer arrastará o desaparecimento da confraria e a tua recompensa será enorme, podes crer.

– É demasiado arriscado.

– Previne-me logo que tiveres elaborado um plano. Multiplicaremos por dez a fortuna que te espera no exterior.

CAPÍTULO 63

Quando a gente de casa adormeceu, Aperti aproximou-se da pequena cama de madeira onde dormia a irmã, essa irmã sempre sorridente que os pais adoravam e que ele detestava cada dia mais. Severamente castigado pelos professores, Aperti passava mais tempo a executar diversas tarefas em proveito da aldeia do que a divertir-se com os camaradas; ele, que apenas pensava em lutar e provar a sua força, aborrecia-se naquele mundo de artesãos e de sacerdotisas.

Selena seria a perfeição encarnada! Obediente, a garotinha daria completa satisfação aos pais e relegaria Aperti para as trevas.

O adolescente decidira portanto agir antes que fosse demasiado tarde. Se sufocasse a irmã com uma fralda, desembaraçar-se-ia daquela perigosa rival.

No momento em que poisava a mão na cama, o forte punho de Paneb agarrou-o pelos cabelos.

– Quais eram as tuas intenções, Aperti?

Sem chorar apesar da dor, o rapazito debatia-se em vão.

– Queria ver se estava a dormir!

– Mentiroso! Tencionavas fazer-lhe mal, não é verdade?

Paneb atirou o filho para o chão como um embrulho de roupa suja.

– Se tivesses conseguido, Aperti, ter-te-ia quebrado os ossos. Doravante, serás responsável pela segurança da tua pequena irmã. E não cometas um único erro.

– Aceitou? – perguntou Mehi à esposa.

– Ainda não.

– Se lhe restar um pouco de juízo não se lançará nessa aventura insensata!

– Eu creio que sim. Prometi-lhe uma fortuna fenomenal e não vai resistir à tentação.

– Um artesão do Lugar de Verdade assassinar o seu mestre-de-obras... Impensável!

– O nosso aliado não é como os outros. Nunca fez outra coisa senão trair ao longo de toda a sua existência, com um tal talento que ninguém conseguiu identificá-lo. Só lhe falta franquear um degrau e franqueá-lo-á.

– Por causa dessa maldita confraria sofremos já vários fracassos! O teu projecto é demasiado insensato para vingar.

– Conheço bem aquele traidor agora. A ambição e a cobiça devoraram-lhe o coração a ponto de o transformar num demónio das trevas que nada fará recuar.

– Pareces tão segura de ti, Serketa...

– O mestre-de-obras não é o único a beber energia nas provações que sofre. Essa confraria resiste-nos há demasiado tempo e detesto fracassar.

– Matar um homem não é assim tão fácil... O nosso aliado não é um covarde?

– Claro que sim e matará como um covarde, fazendo acusar um inocente! Ignora que já tomou a decisão de agir porque lhe falta encontrar o método correcto para atingir os seus fins sem ser incomodado; mas descansa que há-de saber mostrar-se inventivo.

O Faraó passara um dia inteiro só no templo de Tot, criado por Ramsés o Grande e terminado pelo filho Merenptah. Ele próprio mandara executar por escultores da oficina real um programa de cenas de oferendas e esperara que estivesse terminado para dialogar com o deus do conhecimento.

Nem uma única vez, durante a sua estadia em Hermópolis, a Rainha Tausert censurara ao Rei o seu silêncio, como se admitisse a necessidade daquela longa meditação que talvez permitisse ao monarca sair do seu interminável período de sofrimento, no decurso do qual a sua energia se esgotara.

Enquanto Seti consultava as sacerdotisas de Tot, herdeiras de um saber milenar, a Rainha ocupava-se dos assuntos de Estado. Em contacto permanente com o chanceler Bai, que permanecera na capital, dava as directivas e respondia às múltiplas questões que não deixavam de surgir.

Simultaneamente firme e doce, a Grande Esposa Real soubera seduzir os dignitários da cidade do Egipto Médio e o Sumo Sacerdote de Tot em pessoa não poupava elogios àquela Rainha que lhe surgia como o pedestal da deusa Maet sobre o qual assentava todo o país.

Tausert escrevia a Bai para resolver um problema de taxas das mercadorias importadas de Creta quando Seti

entrou no seu amplo gabinete, cujas janelas se abriam para o templo de Tot. O soberano tinha o rosto sereno de um homem cujo fardo era menos pesado.

– A falta de madeira para aquecimento continua? – perguntou Seti.

– Não, Majestade; mandei vir quantidades suficientes da Síria e do Líbano. Todas as nossas províncias foram abastecidas.

– Admiro-te, Tausert; raramente a Grande Esposa Real terá assumido as suas funções com tanta eficácia.

Sem ti, o Egito teria soçobrado.

– Nunca deixaste de ser o Faraó, e o Faraó nunca cessou de velar pelo bem-estar do seu povo.

Seti contemplou os doces raios do poente que douravam as paredes do templo.

– Esta cidade não é maravilhosa? Respira paz, os seus sacerdotes seguem o caminho de Tot e nada deveria perturbar a sua serenidade. Ora eu o que fiz? Instalei aqui numerosos soldados e o sopro ardente da guerra quase incendiou o vale das tamargueiras onde está situado o grande templo.

– Os teus escultores não embelezaram a obra dos teus antecessores?

– Pobre compensação... Chegou a hora de abandonar Hermópolis e libertá-la das minhas tropas.

– Para onde vamos, Majestade?

– Para Tebas.

– Um pouco mais curto no pescoço – pediu Ched o Salvador a Renupé o Jovial que exercia o ofício de barbeiro e de cabeleireiro com um talento apreciado pelos aldeões.

– O escriba do Túmulo anunciou-nos que Seti se dirigia para Tebas à frente do seu exército.

– Isso tinha que acabar por acontecer.

– Murmura-se que a cólera do deus Seth anima o Rei, e que se vingará com ferocidade desta cidade que o desafiou.

– Não tenhas medo, Renupé, e aceita o teu destino.

– Imagina que os soldados de Seti não poupam a aldeia!

– O mestre-de-obras ordenar-nos-á talvez que peguemos nas armas que fabricámos e nos defendamos até à morte. O que podemos esperar de melhor?

– Mas eu quero viver!

– Existem muitas maneiras de viver, amigo, mas nenhuma pode substituir a liberdade. Sobretudo, não falhes o teu corte de cabelo: nos momentos graves devemos estar supremamente elegantes.

Já não era um rumor: Seti estava a chegar. O general Mehi instalara-se no seu quartel-general da margem este, de onde não transpirava qualquer informação. As aves de mau agouro multiplicavam-se, predizendo que o furor do deus Seth destruiria a cidade de Amon e a ansiedade da população aumentava constantemente.

Na aldeia, os escultores Userhat o Leão, Ipui o Examinador e Renupé o Jovial tinham talhado várias estelas nas quais estavam gravadas serpentes protectoras em número de sete, de dez, de doze ou de dezoito; colocadas junto das duas portas, proibiriam o acesso às forças maléficas.

Hora a hora, a atmosfera tornava-se mais pesada. Os artesãos já não iam ao Vale dos Reis e ocupavam-se quer das suas casas quer das suas Moradas de Eternidade, como se nada nem ninguém ameaçasse a sua existência.

Com o estímulo da Mulher Sábia, as sacerdotisas evocavam Hathor na esperança que o amor triunfasse do ódio.

– Os nossos antepassados tiveram mais sorte do que nós – disse Paneb a Néfer o Silencioso. – Os tempos eram menos conturbados e a integridade da confraria menos comprometida.

– Viveram outros perigos e nós temos de enfrentar os nossos com a vontade única de preservar a obra da Pedra de Luz. Vem comigo, meu filho.

A solenidade do tom impressionou o colosso, que seguiu o mestre-de-obras até ao templo. Depois de terem atravessado o pátio a céu aberto, penetraram na primeira sala de onde uma escada de degraus estreitos subia para o tecto.

O Sol estava a pôr-se e nenhuma nuvem obscurecia o céu.

Néfer apresentou a Paneb um pequeno objecto em madeira de ébano de vinte e cinco centímetros de largura pelo mesmo comprimento, atravessado por um orifício num dos cantos. Do lado oposto a esse orifício, um traço

gravado indicava a colocação do fio de prumo.

– Olhando pelo buraco – indicou o mestre-de-obras -, observarás a culminação dos astros por trás de um fio suspenso no plano do meridiano; e vou ensinar-te a servires-te daquilo a que chamamos o instrumento de conhecimento, um astrolábio fabricado com a nervura central de uma folha de palmeira. Permitir-te-á alinhar pelos pontos cardeais os ângulos de qualquer edifício.

Paneb mostrou-se particularmente dotado; brincar com o céu proporcionava-lhe um grande prazer.

– Foste iniciado nos mistérios das doze horas da noite – lembrou-lhe Néfer -, mas precisas de conhecer também a mensagem dos trinta e seis decanos, esses grupos de estrelas que dão ritmo ao ano, te oferecem o segredo do tempo e indicam as horas rituais.

Cada decano é escolhido como estrela horária, durante dez dias, e consultarás o relógio estelar de trinta e seis colunas elaborado por Tuti o Sábio. O modelo dos decanos é Sírius, cujo despertar helíaco marca o início do nosso ano de trezentos e sessenta e cinco dias. Durante setenta dias, que correspondem ao tempo de mumificação de um Faraó, Sírius encontra-se demasiado próximo do sol para ser observado. Tal como os outros decanos, entra na oficina de embalsamamento para ali ser purificado e recomposto e ressuscita.

– Qual a razão destas revelações?

– Para te fazer compreender que a vida do Lugar de Verdade é à imagem da das estrelas e porque talvez sejas encarregado, num futuro mais ou menos longínquo, de construir um templo. O que vou ensinar-te durante esta noite ser-te-á indispensável.

– És tu o mestre-de-obras!

– As gerações passam e apenas permanece a palavra dos deuses, quer ela encarne na luz ou na pedra.

A Mulher Sábia apareceu no topo da escada. Com a mão esquerda, segurava o ceptro que simbolizava a força de Seth, o seu fogo celeste capaz de atravessar os materiais mais sólidos.

– Com ele – disse Clara a Paneb – calcularás a sombra e obterás uma orientação exacta baseada nos movimentos do sol; guarda esta luz na mão e serve-te dela unicamente para construir.

O ceptro estava incandescente, mas a palma da mão do colosso permaneceu intacta. Teve a sensação de empunhar um objecto tão pesado que mal o podia levantar; no entanto, a Mulher Sábia manejara-o com desconcertante facilidade.

– Continuemos a observar o céu – recomendou o mestre-de-obras. – Falta-te ainda descobrir muita coisa, Paneb.

A aldeia adormecia, ansiosa. Néfer, Clara e Paneb passariam a noite no telhado do templo, como se o futuro lhes pertencesse.

CAPÍTULO 64

– As últimas novidades dos nossos informadores? – perguntou Mehi ao seu ajudante-de-campo.

– O Faraó deteve-se em Dendera para prestar homenagem à Deusa Hathor. Avança muito lentamente em direcção a Tebas porque visita todos os santuários, grandes ou pequenos, a fim de se fazer reconhecer pelas divindades, como exige a tradição.

– Seti precisou as suas intenções?

– Não, general.

– A moral das nossas tropas?

– Não é famosa. Esperam ordens claras.

– Eis uma: que as armas sejam depostas nas casernas e que todos os soldados tebanos se preparem para festejar a chegada de Seti II.

O ajudante-de-campo sentiu-se tranquilizado. Como muitos, receava que Mehi, inspirando-se no exemplo de Amenmés, se erguesse contra o Faraó legítimo e provocasse assim um sangrento confronto. Mas o general mostrava-se razoável e aceitava a soberania do senhor das Duas Terras.

Se Mehi se tivesse comportado de forma insensata, o ajudante-de-campo ter-se-ia calado; mas visto que fazia passar Tebas e a sua população à frente do seu próprio interesse, falou.

– Arriscais-vos a ter sérios aborrecimentos por causa de um dos vossos oficiais.

– O que me censura ele?

– Terdes sido o mais firme apoio de Amenmés e terdes mentido ao pai para salvaguardar a vossa posição, aconteça o que acontecer.

Mehi manteve a calma.

– Quem ousou proferir essa lamentável acusação?

– O capitão dos archeiros.

O general estava consternado.

– Ele, um homem saído do nada e cuja carreira assegurei... Como é possível imaginar semelhante ingratidão?

– Acusando-vos, o capitão espera salvar a cabeça ou mesmo conseguir uma promoção.

– Com quem desabafou?

– Unicamente comigo, a fim de me conquistar para a sua causa. Como lhe prestei atenção, está convencido que passei para o seu campo e que convencerei outros oficiais a juntarem-se a nós.

– Porque me permaneces fiel?

– Porque sois um fiel servidor do Estado e só pensais na felicidade do país.

– Concordas em continuar a fazer crer ao capitão dos archeiros que te tornaste seu aliado e que estás a organizar uma conspiração contra mim? Quero saber se ele insistirá em prejudicar-me ou se renunciará ao seu sólido projecto.

– Não seria melhor prendê-lo e levá-lo diante de um tribunal militar?

– É preciso primeiro saber se tem cúmplices.

– Não gosto nada dessa missão, general, mas desempenhá-la-ei.

– Não esquecerei a tua dedicação – prometeu Mehi.

– As últimas notícias são alarmantes – revelou o mestre-de-obras aos artesãos. – O chefe Sobek não consegue distinguir o que é verdade do que é falso, mas parece que Seti pretende vingar-se de Tebas e que o general Mehi renuncia a pegar em armas contra ele.

– O que vai ser de nós? – angustiou-se Pai o Bom pão.

– As entregas quotidianas continuam a ser asseguradas. Se se interrompessem, teríamos com que sobreviver durante várias semanas graças às reservas de alimento pacientemente armazenadas pelo escriba do Túmulo.

– E a água? – interrogou Gau o Exacto.

– É prudente racioná-la. Em caso de escassez, Kenhir intervinha junto da administração e o chefe da equipa da esquerda organizaria uma expedição de socorro para nos arranjar alguma.

– Quando retomamos o trabalho no Vale dos Reis? – interrogou Fened o Nariz.

– Tudo dependerá da atitude do Rei. De momento, temos uma tarefa urgente: colocar o Lugar de Verdade a

salvo.

– Como?

– Realizando uma obra que será útil ao templo de Karnak para celebrar a próxima festa em honra do deus Amon. O chefe Sobek, Paneb e eu iremos ao estaleiro naval da margem oeste a fim de trazermos a madeira necessária à construção de uma nova barca de procissão para o senhor do conhecimento.

– Neste período conturbado, é perigoso! – observou Tuti o Sábio. – Não é melhor esperar?

– A Mulher Sábia considera que nos resta pouco tempo. Logo que tivermos trazido a madeira, a equipa de operários trabalhará dia e noite.

Em geral fervilhante como uma colmeia, o estaleiro naval estava em repouso. Na ausência de ordens exactas, marceneiros e carpinteiros tinham arrumado as ferramentas e guardado as longas tábuas de acácia e de sicômoro protegidas por um alpendre.

Quando o trio se apresentou à entrada, um guarda barrou-lhes a passagem.

– Quem sois vós?

– O mestre-de-obras do Lugar de Verdade, acompanhado pelo chefe da polícia e por um artesão.

– Néfer o Silencioso em pessoa?

– Ele mesmo – aprovou Paneb.

– Vou prevenir o contramestre.

Quinquagenário de ombros largos e torso volumoso, este não tinha um ar muito simpático.

– A vossa visita surpreende-me... O que desejais?

– Madeira necessária para fabricar uma barca ritual – respondeu Néfer.

– Trazeis uma ordem de requisição?

– Apenas o Faraó poderia dar-me uma.

– Não sou portanto obrigado a satisfazer-vos.

– Aceitais ajudar-nos, no entanto?

Muitos artesãos do estaleiro naval tinham ciúmes dos do Lugar de Verdade, que possuíam segredos aos quais eles não tinham acesso.

Para o contramestre, era uma bela ocasião de obter uma magnífica vingança!

– E se eu recusar?

– Mergulhar-nos-eis num grande embaraço, pois só vós possuis as tábuas de primeira qualidade que nos são indispensáveis para realizar uma obra digna do deus Amon.

– As vossas palavras têm o mérito da franqueza, Néfer!

– Sei que considerais a nossa confraria orgulhosa, mas lutamos com a matéria, como vós, e tentamos torná-la luminosa sem fazer sombra a ninguém.

– O colosso e o polícia que vos acompanham... Estão prontos a apoderar-se da madeira pela força?

– De maneira nenhuma – respondeu o mestre-de-obras com um sorriso. – Têm simplesmente intenção de ajudar os burros a transportá-la. A decisão pertence-vos, a vós e a mais ninguém.

– Em troca das tábuas, dar-me-eis a chave das vossas técnicas de marcenaria?

– A técnica, já a possuis; o segredo, é outra coisa.

– Não obterei então nenhuma vantagem com a minha generosidade?

– Nenhuma, com excepção da própria generosidade.

No lugar de Néfer, Paneb teria atirado ao chão aquele insuportável fulaninho e ter-se-ia apoderado do número de tábuas necessário. Um medíocre daquela índole não merecia outro tratamento!

– Levai o que vos for necessário – cedeu o contramestre -, mas passai um recibo. Não quero nenhum aborrecimento com a administração.

– O escriba do Túmulo proteger-vos-á.

Vento do Norte dirigiu o grupo de burros que transportou a maior parte do precioso fardo, depois de Néfer ter verificado que o peso estivesse adaptado a cada animal; ele próprio, Sobek e Paneb encarregaram-se do resto.

Com a enxada de cabo curto, os artesãos retiraram as asperezas da casca, talharam a amurada, modelaram a roda da proa e o cadaste, a peça que suportava o leme; com a enxada de cabo comprido, igualaram o exterior da quilha.

Segundo os planos desenhados pelo mestre-de-obras e por Ched o Salvador; o carpinteiro Didia dirigia os trabalhos, assistido por Paneb; os escultores tinham criado um casco composto por um embutido de tábuas de pequenas dimensões, recortadas com extremo cuidado. Os talhadores de pedra tinham-se divertido a prender as tabuinhas umas por cima das outras utilizando um martelo com dois punhos para fazer penetrar as cavilhas nos entalhes.

Embora sendo especializado numa técnica particular, cada artesão da equipa era capaz de trabalhar qualquer material, sob o olhar crítico de Ched o Salvador, pronto a assinalar a mínima imperfeição.

E a barca nasceu, com a proa e a popa em forma de lótus e a capela em ouro; a acácia estava perfeitamente alisada e a beleza do conjunto cortava a respiração.

– Se ainda a não tivesses realizado, seria a tua obra-prima – confiou o mestre-de-obras ao ourives Tuti.

– Detesto apressar-me assim... Sem Paneb e Gau o Exacto não teria feito nada de jeito.

– Não julguem que o trabalho está terminado – fez notar Ched. – Ainda é necessário juntar as Cabeças de carneiro para evocar a presença do deus Amon e adornar o contorno do tecto da capela com cobras reais, cujo sopro de fogo afastará as forças nocivas.

– Não esqueçamos o véu que cobrirá os lados da capela – acrescentou Néfer. – Assim, ofereceremos ao Faraó a barca de Amon, guarda do segredo por natureza.

Tudo se iluminou para o traidor.

O mestre-de-obras dispunha de informações recentes que não transmitira à confraria e que, sem dúvida, diziam respeito à sorte do Lugar de Verdade. Este devia ser selado de forma dramática e Néfer o Silencioso encontrara o melhor meio para fazer sair de lá o seu mais precioso tesouro, a Pedra de Luz: dissimulá-la sob um véu ritual, na capela da barca de Amon.

Não teria o mestre-de-obras negociado a sua própria segurança com o Sumo Sacerdote de Karnak, oferecendo-lhe aquele inestimável presente? Ele, o chefe da confraria, não se comportava como o último dos cobardes? Talvez eliminá-lo não fosse grande crime.

Em todo o caso, oferecia-se ao traidor uma formidável oportunidade: Néfer depositaria a Pedra na cabina de ouro, convencido que nenhum artesão ousaria violar a habitação divina. O Silencioso enganava-se.

CAPÍTULO 65

O ajudante-de-campo do general Mehi marcara encontro ao capitão dos archeiros junto do lagar utilizado pela intendência do exército para fornecer vinho aos soldados nos dias de festa. O local era deserto e o oficial alegrava-se por poder contar com um aliado tão influente.

Há muito tempo que o chefe dos archeiros desconfiava que Mehi desempenhava um jogo duplo e não se importava senão com a sua própria carreira; considerava-o um predador cínico e cruel, capaz de tudo para reforçar os seus poderes. E o inquérito que ele próprio efectuara, com extremas precauções e sem confiar em ninguém, permitira-lhe concluir que o general era um criminoso. Com o apoio do seu ajudante-de-campo e de outros altos graduados, conseguiria provas.

Talvez Mehi tivesse mesmo suprimido Amenmés; e não hesitaria em organizar uma cilada em que cairia Seti, que era necessário prevenir para que este mandasse prender e condenar o general traidor.

Alguns militares corajosos bastariam para abater aquele futuro tirano, finalmente desmascarado. O ajudante-de-campo saberia recrutá-los tendo o cuidado de não chamar a atenção do general.

Um ruído de passos ainda distantes.

Depois, novamente o silêncio.

Porque se imobilizara o ajudante-de-campo? O chefe dos archeiros perscrutou as trevas e os músculos contraíram-se-lhe quando distinguiu várias silhuetas que cercavam a sua posição.

– Quem vem lá?

Apareceram Cerca de trinta archeiros que retesaram os arcos, visando-o.

– Rende-te – ordenou o general Mehi.

O capitão constatou que não podia fugir. Levou portanto a mão ao cinto do seu saiote para desprender a bainha que continha um punhal.

– Atenção! – berrou Mehi. – Ele vai atacar-nos!

Três archeiros dispararam ao mesmo tempo. A primeira flecha cravou-se no olho esquerdo do capitão, a segunda na garganta e a terceira no peito.

Caiu morto e a nuca bateu no rebordo do lagar.

Mehi foi o primeiro a inclinar-se sobre o corpo e meteu-lhe no saiote uma folha de papiro.

– Felicitações aos archeiros – disse o general. – Sem a sua intervenção, um ou vários de nós teriam sido feridos. Revistem o cadáver.

O chefe do destacamento obedeceu.

– Um documento, general!

– Lê-o.

– Nomes... Nomes de oficiais superiores!

– Lê em voz alta.

Os archeiros ficaram aterrados. Portanto, como explicara Mehi, existia realmente uma conspiração de antigos partidários de Amenmés decididos a suprimir Seti III!

– Prendamos imediatamente os conjurados – decretou Mehi, feliz por se desembaraçar de personalidades um pouco timoratas e substituí-las pelos seus fiéis incondicionais.

O ajudante-de-campo esperava na antecâmara da sumptuosa mansão de Mehi. Acompanhada pelo seu intendente, foi Serketa que veio buscá-lo.

– Como tendes um ar cansado! – notou ela. – Não vos sentis bem?

– Sinto, senhora Serketa.

A esposa do general tomou o intendente como testemunha.

– Este oficial trabalha de mais... Trazei licor de tâmaras para lhe dar sangue novo.

O intendente obedeceu prontamente e o ajudante-de-campo não se fez rogado para saborear a deliciosa bebida agradavelmente perfumada.

– Segui-me – propôs a esposa do general que introduziu o seu convidado na sala de colunas de pórfiro.

– A vossa casa é realmente maravilhosa!

– Confesso que estou contente com ela; haveis notado a delicadeza dos ornatos vermelhos e negros?

O ajudante-de-campo ergueu os olhos para o tecto, ao mesmo tempo que poisava a taça numa mesa baixa de embutidos.

– O meu marido não tardará – precisou ela. – Agradece-vos profundamente terdes organizado aquele encontro com o capitão dos archeiros. Deve ter sido o primeiro a ficar surpreendido por ver o general, quando era a vós que esperava! Mehi saberá chamá-lo à razão para que não torne a ser vítima de semelhante desvio.

– A bondade do general surpreende-me, confesso... Se o chefe dos archeiros tivesse ido a julgamento, teria sido condenado a pesada pena.

– O meu marido mostra-se muitas vezes indulgente para os seus subordinados. Não é uma bela qualidade?

– Sim, com certeza... Mas é principalmente apreciado pela sua autoridade. É por essa razão que me espanta tanta clemência.

– Na vossa opinião, esse capitão dos archeiros não tinha então nenhum cúmplice?

– Nenhum, ele próprio mo garantiu. Apenas contava comigo para constituir um pequeno grupo de oficiais superiores hostis a Mehi.

– Eliminada essa desprezível personagem, não resta portanto nenhum graduado desejoso de prejudicar o meu marido.

– Nenhum, senhora Serketa.

– Vós mesmo, querido amigo, por pouco não haveis traído o general...

Gotas de suor perlaram a testa do ajudante-de-campo, invadido por uma estranha fadiga.

– Eu? De maneira nenhuma!

– Tenho a certeza que o discurso pérfido desse archeiro vos abalou e que haveis duvidado da honestidade do meu marido.

– Não, garanto-vos que não!

– Mentis muito mal, mas não tem importância. Há demasiado tempo que sois o ajudante-de-campo do general.

– Eu... não compreendo!

O oficial tentou levantar-se mas não conseguiu. Um nevoeiro gelado perturbava-lhe a vista.

– O meu marido já não tem confiança em vós. Por isso se torna necessário que sejais eliminado, como o capitão dos archeiros.

– O que é que... O que é que eu tenho?

– Fadiga excessiva e abuso do álcool, com certeza. Num estado de esgotamento como o vosso, não deveríeis ter bebido senão água.

Uma dor fulminante impediu o ajudante-de-campo de respirar. Com a boca aberta, tetanizado, mergulhou no nada.

Depois de se ter assegurado que estava realmente morto, Serketa chamou o intendente.

– Vem depressa, o nosso convidado sentiu-se mal!

O criado curvou-se para o corpo.

– É grave, senhora Serketa.

– Manda chamar um médico militar!

– Receio que seja demasiado tarde...

– Que tragédia! Esse pobre rapaz estava tão fatigado que o seu coração fraquejou.

Para encerrar o incidente, o cadáver seria confiado a Daktair, médico-chefe do palácio, que faria uma autópsia e concluiria por um enfarte.

Serketa estava encantada com a eficácia do seu veneno, mas sentiu um ligeiro calafrio ao pensar que, sem a ingenuidade do ajudante-de-campo, a ascensão de Mehi teria sido interrompida. A sorte fora-lhe favorável, uma vez mais, e a marcha em frente continuaria.

Hábil, esguio e rápido, Ipui o Examinador, era o indicado para trepar ao cimo da alta cabina da barca e esculpir no seu contorno um friso de Urdeus (6) em madeira dourada que completariam essa nova obra-prima da confraria.

– Deixa-me ir – propôs Userhat o Leão.

– És demasiado pesado.

– Esqueces que sou o chefe-escultor?

– Isso não te confere a leveza necessária para este trabalho!

Ipui revelou-se tão ágil como um macaco para alcançar o seu objectivo, sem utilizar nem andaime nem cinto de segurança.

– Desce, é perigoso!

– Isso pensas tu!

Ipui fixou as urdeus finamente cinzeladas pelos seus colegas, retocou dois rostos de cobras e encontrou-se sem ponto de apoio no ângulo da capela no momento de dar o último golpe de cinzel. Durante um instante, permaneceu imóvel no vazio, como uma ave prestes a levantar vôo.

Mas não passava de um servidor do Lugar de Verdade e caiu pesadamente sobre a amurada da barca.

Pelos seus gritos de dor, todos compreenderam que o acidente era grave.

– Não lhe toquem! – ordenou o mestre-de-obras. – Paneb, corre a procurar a Mulher Sábia.

Clara acorreu e examinou o ferido sem se precipitar.

– Fractura da clavícula – diagnosticou. – Nakht e Paneb, deem Ipui de costas e coloquem um pano dobrado entre as suas omoplatas.

Confiante na intervenção da Mulher Sábia, o escultor deixou-se manipular.

– Puxem-no pelas espáduas de forma a colocar a clavícula para fora até a fractura ser reduzida.

Seguindo as instruções de Clara, Nakht e Paneb conseguiram executar a manobra sem fazer o Examinador sofrer muito.

A Mulher Sábia utilizou duas talas cobertas de linho, colocando a primeira no interior do braço e a segunda na sua parte inferior.

– Ficarei incapacitado? – inquietou-se Ipui.

– Claro que não – tranquilizou-o Clara. – Durante vários dias far-te-ei o curativo e tratar-te-ei com o excelente mel medicinal que possuímos. O ferimento é perfeito e bonito, se assim se pode dizer, e não ficarás com nenhuma sequela.

Ansioso, o Examinador olhou a capela de ouro.

– Consegui, pelo menos?

– A obra está terminada – respondeu Néfer.

Enquanto Nakht e Paneb transportavam Ipui numa maca, Turquesa e duas outras sacerdotisas de Hathor trouxeram um grande véu dourado que serviria para ocultar o conteúdo da capela.

Um conteúdo que o traidor tinha a certeza de ter identificado.

CAPÍTULO 66

O ritual de animação da barca teve lugar durante a noite. O mestre-de-obras e o chefe da equipa da esquerda saíram da oficina dos escultores transportando um objecto dissimulado sob um espesso véu e depositaram o seu precioso fardo dentro da capela que, quando circulasse no templo de Amon, animaria as dez entidades que formavam o mundo revelado: o Sol, a Lua, o Ar, a Água, o Fogo, o ser humano, os outros seres que caminhavam sobre a terra, os seres celestes, os seres aquáticos e os seres subterrâneos.

Ligando entre si as formas da vida, a barca apresentava-se como o símbolo mais perfeito da energia que, nas suas incessantes mutações, mantinha a coerência do universo.

Terminada a cerimónia, os artesãos regressaram a suas casas depois de terem ido saber notícias de Ipui. Acalmada a dor por meio de analgésicos, o escultor dormia serenamente junto da mulher, tranquilizada.

A barca tinha sido instalada sobre um pedestal, entre o templo principal e uma pequena capela construída por Ramsés o Grande e dedicada a Amon. Devido ao seu carácter sagrado e à força mágica que daí emanava, o mestre-de-obras tinha considerado inútil ficar alguém a guardá-la.

Todavia, quando saiu de casa, o traidor redobrou de precauções. Começou por verificar que os animais domésticos, com Besta Terrível e Trigueiro à frente, não circulavam pela aldeia. Por causa da frescura da noite, preferiam dormir ao quente numa casa. Em seguida, perscrutou os arredores para se assegurar que não se tratava de uma cilada.

O lugar parecia deserto, mas o traidor permaneceu imóvel longos minutos, a boa distância da barca. Uma coruja piou, os chacais interpelaram-se na montanha e depois o silêncio voltou a cair.

Mudou de posição, aproximando-se mais, e esperou de novo. Se houvesse um artesão dissimulado para o observar, tê-lo-ia detectado.

A via estava livre.

Agarrou-se à amurada para subir para a barca e esgueirou-se por baixo do véu que cobria as portas da capela. Estava apenas fechada com um pequeno ferrolho que fez deslizar.

Tremiam-lhe as mãos. Pensou em colocar-se de lado, fechando os olhos, com medo que a luz da Pedra o cegasse. A porta entreabriu-se, deixando-lhe livre o acesso ao tesouro supremo que cobiçava há tantos anos. Dentro de algumas horas seria um dos homens mais ricos de Tebas e vingaria-se finalmente dessa confraria que não soubera reconhecer os seus méritos.

Quando tornou a abrir os olhos, apenas reinava a luz azulada da Lua. Espantado, o traidor olhou para o interior da capela.

Não continha a Pedra de Luz mas uma pequena estátua do deus Amon sob a sua forma de Min, em pé, com o braço direito erguido e o sexo em erecção. Imagem do deus primordial que se recriava a si mesmo a cada instante pela sua própria semente, a efígie continha também a maior parte dos segredos da geometria sagrada que a confraria utilizava. Durante as procissões, organizadas de dez em dez dias, apenas a cabeça de Amon-Min permaneceria destapada, ficando oculto o resto do corpo.

E se a Pedra de Luz estivesse dissimulada por baixo da estátua, ou por trás dela? Não, não havia espaço suficiente naquele naos. Apesar de tudo, mais valia verificar, mas era preciso tocar na estátua para a deslocar e cometer assim um sacrilégio.

O traidor hesitou.

Depois de semelhante gesto, o que lhe restaria de comum com os Servidores do Lugar de Verdade? Cortaria os últimos laços com a confraria e renegaria para sempre o caminho de Maet. Mas tê-lo-ia ele seguido um segundo que fosse? Não procurara nem a sabedoria nem a realização da obra, mas apenas o seu próprio interesse, incompatível com a Regra dos artesãos.

Embora tivesse plena consciência do seu acto, o traidor não recuou.

Com mão firme, segurou na estátua pelas duas altas plumas de ouro presas na coroa e deslocou-a.

A Pedra de Luz não estava dissimulada no naos.

Ao tornar a colocar a efígie no seu lugar, o traidor sentiu uma violenta dor na palma da mão. Um ferimento profundo rasgava-lhe a pele sem que brotasse uma só gota de sangue.

À pressa, fechou as portas, puxou o ferrolho e deixou cair o véu. Esperava que uma pomada acalmaria o seu

sofrimento.

Como todas as manhãs, Kenhir lavava os cabelos com óleo de rícino que, para além das suas virtudes regeneradoras, apagava os restos de um eventual pesadelo que as ervas frescas mergulhadas em cerveja misturada com mirra nem sempre bastavam para impedir. E aquela noite tinha sido particularmente esgotante, visto que o escriba do Túmulo se vira a comer pepinos, beber cerveja quente e devorar um crocodilo! O primeiro sonho significava: encontrar dificuldades; o segundo: perder bens; o terceiro: ter razão contra um funcionário. Mas Kenhir não se lembrava da ordem em que as visões lhe tinham aparecido! E seria a última que triunfaria sobre as outras duas...

– Pequeno-almoço – anunciou Niut a Vigorosa. – Deixai-me enxugar-vos a cabeça, senão ides apanhar frio.

O velho escriba cedeu, como nas outras ocorrências domésticas. A jovem era uma perfeita dona de casa e tudo aquilo que emprendia saía-lhe bem. A casa de Kenhir tinha-se tornado um encanto e as outras aldeãs, embora um pouco ciumentas dos talentos de Niut, inspiravam-se nos seus métodos.

– Não gozas de suficiente liberdade – censurou-lhe o velho.

– Tenho muito que fazer aqui, e fazer bem as coisas exige tempo.

– És notável, Niut, mas estou a falar da tua vida sentimental... Disseram-me que Fened o Nariz te acha muito bonita.

– Esqueceis que sou uma mulher casada?

– O nosso contrato era claro, Niut: serás a minha herdeira mas tens os movimentos livres. E se Fened não te agrada, escolhe outro. Na tua idade, não se pode passar a vida ao lado de um velho jarreta como eu.

– E se fosse isso a minha liberdade?

– Os rapazes não te interessam?

– De momento, absolutamente nada. Cuidar da minha casa e viver os rituais em companhia das sacerdotisas de Hathor são tarefas exaltantes que me bastam perfeitamente. E visto que vos comportais a meu respeito como me havíeis prometido, porque iria eu buscar a outro lado não sei que ilusória felicidade?

O ar sério de Niut a Vigorosa deixou Kenhir sem reacção. Não seria portanto por causa dela que encontraria graves dificuldades, antes pelo contrário; aquele inverossímil casamento apenas lhe proporcionava satisfações.

Saboreou assim com grande apetite os bolos quentes recheados com favas até que Paneb perturbou a sua quietude.

– Um problema de fornecimento! – disse o colosso.

– A água?

– Não, a carne.

– Impossível!

– Não é essa a opinião de Des, o carneiro.

De cabelos muito curtos, envergando um saiote de cabedal, com uma faca na mão direita e uma pedra de afiar na esquerda, Des reunira todos os auxiliares.

– Não há carne de vaca, nem de carneiro, nem de porco e nem sequer de ave! Estão a fazer troça de quem? Se não trabalhar, ninguém me paga!

– Calma – exigiu Kenhir, irritado por ter sido obrigado a interromper um excelente pequeno-almoço.

– Não tenho razão nenhuma para ter calma! Há uma semana que não me fornecem nada.

– Porque não me alertaste mais cedo?

– Por causa das belas promessas dos transportadores! E agora, o que fazemos?

Confirmava-se o primeiro sonho: graves dificuldades a enfrentar.

– Eu trato disso – afirmou o escriba do Túmulo, cansado ainda antes de ter começado o dia de trabalho.

Acompanhado pelo mestre-de-obras, dirigiu-se ao Ramesseum onde os acolheu o escriba dos rebanhos, um baixote com bigode, de palavreado confuso, confortavelmente instalado à entrada dos edifícios abobadados de tijolos que continham importantes reservas de alimentos.

– O Lugar de Verdade não recebe carne há uma semana – atacou Kenhir.

– É normal, com o que se passa na margem este. A administração está bloqueada.

– Recordo-vos que, sejam quais forem as circunstâncias, o Templo dos Milhões de Anos deve prover as nossas necessidades. Não possuímos, nas terras do Ramesseum, numerosas cabeças de gado e uma capoeira?

– Perderam-se.

Pensando no seu segundo sonho, Kenhir franziu o sobrolho.

– Perderam-se como?

– Estou a falar dos documentos administrativos que autenticam os vossos direitos. Lamento, mas fui obrigado a interromper os fornecimentos.

– Não fostes vós mesmo a extraviar esses documentos? – interrogou Néfer o Silencioso.

– Talvez, mas o facto é esse.

– Estais a negligenciar outra questão, muito mais importante: enquanto Maet reinar sobre este país, a administração não será irresponsável e deverá corrigir os seus erros sem qualquer prejuízo para os seus administrados.

O escriba dos rebanhos ficou rígido.

– A administração decide e...

– Organizai um comboio excepcional que nos entregue os abastecimentos ainda esta tarde – cortou Néfer. – E que esta falha à Lei que rege o Lugar de Verdade não se repita mais, caso contrário será o Faraó em pessoa a intervir.

A atitude real do mestre-de-obras e o seu tom imperioso dissuadiram o escriba de apresentar uma série de argumentos falaciosos que lhe teriam permitido desviar uma nova quantidade de carne.

– A aldeia será abastecida – prometeu.

Kenhir ficou descansado. Felizmente, devorar o crocodilo tinha sido o terceiro e último dos seus sonhos.

Como detestava o calor do Verão e os sóis intensos, Mehi apreciava aquele período fresco, de duração pouco habitual, e saboreava a sua popularidade intacta. O exército tebano felicitara-se pela purga que tinha eliminado os últimos partidários de Amenmés e todos se haviam congratulado com o desaparecimento de um capitão dos archeiros suficientemente indigno por conspirar contra Seti II.

O general assistira aos funerais do seu ajudante-de-campo, ceifado demasiado cedo por uma crise cardíaca, e apresentara as suas condolências mais sinceras aos familiares, não esquecendo oferecer-lhes um pedaço de terra por gratidão pelos serviços que lhe prestara o querido desaparecido.

– Recebeste notícias do nosso aliado do Lugar de Verdade? – perguntou a Serketa.

– Ainda não, mas vai aceitar a nossa proposta.

– Estou cada vez menos certo disso.

O novo ajudante-de-campo cumprimentou Mehi.

– General, um relatório da polícia fluvial... A flotilha real chegou à vista de Tebas!

CAPÍTULO 67

No ar, que se tornara doce, flutuava o perfume de mil flores. O Inverno terminava por fim e o calor acariciante da Primavera saudava a chegada do barco real, aclamado por milhares de tebanos reunidos na margem. Em vez das armas habituais, os soldados de Mehi brandiam palmas e dezenas de músicos tocavam áreas alegres como se ninguém duvidasse da benevolência de Seti II para com a grande cidade do Sul.

Apenas o general permanecia angustiado porque não sabia nada das reais intenções do monarca. Quando o Faraó, acompanhado pela soberba Rainha Tausert, desceu a passarela, Mehi interrogou-se se não seria mandado para a Palestina ou para a Núbia como chefe de uma fortaleza até ao fim dos seus dias.

Seti II era um homem estranho, simultaneamente forte e sonhador; mesmo quando já estava junto dele, o general foi incapaz de adivinhar os seus pensamentos.

– Majestade, que alegria receber-vos!

– Estamos felizes por podermos finalmente permanecer em paz na cidade de Amon – disse a Grande Esposa Real, com um sorriso de inenarrável encanto. – Atrevo-me a esperar, general, que nada nem ninguém possa ameaçar a nossa segurança.

– Tebas está a vossos pés, Majestade, e podeis contar com a sua absoluta fidelidade.

– Dirigimo-nos a Karnak – anunciou Tausert. – O Rei pretende falar com o sumo sacerdote.

– O Faraó não deseja receber a homenagem das tropas tebanas?

– Quando tivermos decidido, fá-lo-emos saber, general.

Mehi curvou-se.

Sempre dominado pela incerteza, notara que o monarca apresentava um rosto cansado e que se deslocava com dificuldade, como um homem idoso.

Kenhir mandara fazer uma limpeza completa da aldeia e do bairro dos auxiliares para que o Rei encontrasse um Lugar de Verdade impecável e airoso.

– Seti continua a ficar no templo de Amon? – perguntou ao chefe Sobek.

– Saiu ontem para presidir ao conselho de notáveis e ninguém foi castigado. Tebas respira melhor.

– Nesse caso, não deveria tardar a visitar-nos...

– Há vários dias – confessou o polícia – que tenho um mau pressentimento.

– É evidente que Seti perdoou; a cidade de Amon nada tem a temer dele.

– Há qualquer coisa a pairar por aí... Talvez uma alma maléfica que procura prejudicar-nos.

– Se fosse esse o caso, eu teria tido um pesadelo.

– Desconfiai – recomendou Sobek. – O meu faro não me engana.

– Não estás a pensar nesse traidor que se ocultaria entre nós, pois não? Se existisse, há muito que o teríamos identificado. Os maus dias passaram, as Duas Terras estão reunidas e o Lugar de Verdade trabalhará de novo com perfeita serenidade.

– Possam os deuses proteger-nos – disse o núbio em voz inquieta.

Do alto da colina mais próxima, um polícia dirigia-lhe grandes sinais.

– O cortejo real aproxima-se – anunciou Sobek.

Seti já não conduzia o seu carro e o escudeiro mantinha um andamento moderado para evitar os solavancos que faziam sofrer o monarca. Com sessenta anos, parecia ter vinte anos mais, como se o ka tivesse fugido do seu corpo.

Mehi, encarregado da segurança do cortejo, estava descansado: o Rei mantinha a sua confiança nele e confirmara-o em todas as funções, incluindo a de protector do Lugar de Verdade, felicitando-o também por ter sabido preservar a paz.

Condecorando-o com um colar de ouro diante do conjunto dos dignitários, Seti elevara o general à posição de grande do Egipto.

Quando o carro do soberano se imobilizou, a porta principal da aldeia abriu-se.

– Que um respeitoso receio habite nos vossos corações – aconselhou o mestre-de-obras aos artesãos. – Não sucumbais à precipitação e colocai-vos correctamente e sem confusão para deslocar a barca, pois foi o senhor da vida que a escolheu para navegar.

A procissão arrancou. À frente, o mestre-de-obras e a Mulher Sábia; depois, as duas equipas transportando a barca de Amon assente sobre duas longas varas de cedro; fechando a marcha, o escriba do Túmulo.

Sob o Sol do fim da manhã, o naos de ouro cintilava com todo o seu brilho.

Até mesmo Mehi ficou deslumbrado com a obra-prima criada pela confraria. O desejo de possuir os seus segredos tornou-se ainda mais intenso.

– A capela da barca está gravada em vosso nome, Majestade – revelou Néfer. – Possa Amon continuar a oferecer-vos as suas bênçãos.

– Conduzi-me ao templo onde residia Ramsés o Grande quando vinha à aldeia – exigiu Seti II. – Prestar-lhe-ei homenagem e depois examinarei a minha Morada de Eternidade.

O mestre-de-obras quebrou o selo de argila com a marca do Lugar de Verdade, puxou o ferrolho e empurrou os batentes da porta de madeira dourada. Empunhando uma tocha de três mechas, levou o soberano a descobrir as representações da deusa Maet, as esculturas representando o Faraó em Osíris e as Litanias de Rá que revelavam os múltiplos nomes da luz divina.

Seti leu os textos hieroglíficos e avançou muito lentamente até à pequena sala onde Paneb pintara os objectos rituais destinados ao túmulo com ocres inimitáveis. O Rei demorou-se em cada um deles como se vivesse a cerimónia no decurso da qual aqueles símbolos contribuiriam para tornar luminoso o seu corpo mumificado.

– Nenhum outro túmulo real recebeu este tipo de decoração, não é verdade?

– Nenhum outro, Majestade.

– Quem é o seu autor?

– O pintor Paneb o Ardente. Choca-vos o estilo por ele adoptado?

– Pelo contrário, mestre-de-obras, pelo contrário... Soube traduzir com incrível precisão o que eu desejava sem o conseguir exprimir. Sobretudo, que nenhum pormenor seja modificado.

O Rei desceu para a sala de quatro pilares e comungou com cada uma das divindades pintadas por Paneb. Depois, avançou pela última parte escavada, à qual se acedia por uma porta coroada com uma representação do Faraó fazendo oferenda a Maet.

Nas paredes, Ched o Salvador e Paneb o Ardente tinham representado o triplo nascimento no céu, sobre a terra divinizada e no reino subterrâneo de Osíris. Abrigadas em capelas, várias múmias evocavam as forças criadoras que o novo sol despertava todos os dias.

– Tencionamos penetrar na rocha e escavar uma vasta câmara para o vosso sarcófago.

– É inútil, Néfer; considero que a minha Morada de Eternidade está terminada. Instalareis aqui um sarcófago de granito vermelho e fareis pintar no tecto uma deusa Céu cujo bater de asas me fará respirar para sempre o ar da vida.

A cólera de Paneb fez tremer as paredes da oficina dos desenhadores.

– Interromper os trabalhos? Mas é absurdo! Concebi um fabuloso programa de decoração para os próximos corredores e para a câmara de ressurreição!

– Devemos respeitar a vontade do Faraó – lembrou-lhe Néfer.

– Mesmo quando ela nos impede de concluir devidamente a nossa obra?

– É a sua obra que realizamos, não a nossa.

– Interroga Ched e ele descrever-te-á o que preparámos ao cabo de inúmeros desenhos! Ultrapassámos o estágio do esboço, há que passar à execução.

O Ardente fremia de indignação.

– Deves usar a tua qualidade de mestre-de-obras para convencer o Rei que está enganado!

– Deu-me as suas razões e aprovo-as.

– Por outras palavras, meses de trabalho reduzidos a nada.

– Não pintas para teu prazer, Paneb, porque és um Servidor do Lugar de Verdade. Se não compreendes a importância dessa função, não se arriscará a tua mão a tornar-se estéril?

Furioso, o Ardente saiu da oficina.

– Quando atravesssei uma crise semelhante – lembrou Ched o Salvador – reagi como ele. Haverá melhor prova da sua dedicação ao trabalho?

Sem responder, Néfer abandonou por sua vez o local.

– É o primeiro confronto grave entre o mestre-de-obras e o filho adoptivo – fez notar Unesh o Chacal. – Esperemos que não pressagie uma discórdia prejudicial à confraria.

Antes de entrar na sala de reunião para onde o Silencioso convidara os membros da equipa da direita, Paneb dirigiu-se ao mestre-de-obras que meditava junto da bacia de purificação.

– Digna-te aceitar as minhas desculpas, comportei-me como um imbecil pretensioso. Tais procedimentos não se repetirão.

– Estás realmente separado da tua própria criação?

– Certamente que não, mestre-de-obras, porque ela é a minha vida e não me sinto suficientemente idoso para renunciar a ela. Mas compreendi que servir a obra era mais importante do que qualquer realização individual. Perdoas-me?

Néfer esboçou um sorriso sereno.

– Tens ainda muitos combates a travar, Paneb, e tenho confiança em ti.

– Sem ti, mestre-de-obras, nem sequer existiria.

– Claro que sim, porque te guia uma verdadeira chama! Sobretudo, não a deixes apagar.

Quanto mais Paneb conhecia Néfer, mais tinha a sensação que o pensamento do mestre-de-obras vogava num universo situado para além das horas da noite e do dia, para além do espaço frequentado pelos humanos; o Silencioso era da mesma natureza da pedra do Vale dos Reis, alimentava-se do Invisível.

Depois da longa entrevista com Seti, todos os artesãos esperavam as suas declarações com impaciência.

– O Faraó fixa-nos três objectivos: primeiro, terminar o mais depressa possível a sua Morada de Eternidade e colocar nela o sarcófago; depois, construir a da Grande Esposa Real Tausert no Vale das Rainhas; por fim, edificar um santuário em honra da tríade tebana em Karnak.

– Karnak tem os seus construtores próprios – objectou Gau o Exacto. – Porque havemos de trabalhar na margem este?

– Esse santuário será erigido fora do recinto do grande templo de Amon e Seti exige a mão dos nossos escultores.

– Não será um primeiro passo para a nossa afectação ao exterior e o encerramento da aldeia – inquietou-se Casa o Cordame.

– De maneira nenhuma – afirmou Néfer. – Os nossos antecessores tiveram muitas vezes que realizar missões pontuais como esta.

Foram discutidos os problemas de intendência e de calendário e depois separaram-se.

– Não estás com um ar satisfeito – disse Renupe o Jovial a Paneb.

– Obedecerei ao mestre-de-obras, mas acho que ele se mostra demasiado fraco perante este Rei.

CAPÍTULO 68

Apesar da dificuldade de andamento causada pelo pé boto, o jovem Siptah penetrou sem emoção na grande sala de audiências do palácio de Per-Ramsés para onde o chanceler Bai convocara a fina-flor da administração, curiosa por pôr à prova o pequeno prodígio cuja reputação crescia constantemente.

Siptah acabava de atingir o grau de escriba real e, portanto, o cume da hierarquia do saber, e mostrara-se especialmente brilhante no campo científico. Era por isso que a maior parte dos dignitários desconfiavam, pois poucos técnicos eram capazes de gerir correctamente os negócios de Estado; assim, apesar das entusiásticas recomendações do chanceler, muitos hesitavam em confiar um posto de responsabilidade a um rapaz tão jovem.

Foi o decano que atacou.

– O que conheces da lei sobre o aluguer dos barcos?

– Diz respeito apenas aos barcos ligeiros e foi reformulada pelo Faraó Horemheb por causa de numerosos abusos. Mas não aboliu o preceito segundo o qual um homem abastado deve fazer atravessar gratuitamente o rio àquele que não tem meios para pagar o barco. Devo pormenorizar as tarifas em função do tamanho dos barcos?

– Não é necessário.

As perguntas de ordem jurídica saltaram de todos os lados. Siptah respondeu com calma e precisão, para surpresa de Bai que ignorava que os seus conhecimentos naquele complexo campo fossem tão profundos.

Quando o controlador dos canais colocou ao jovem problemas económicos difíceis, o chanceler recebeu o fracasso do seu protegido; mas esse demorou o tempo de fazer os cálculos numa tabuinha de madeira e forneceu uma análise digna de um especialista.

Ao cepticismo sucedia a admiração. Observando a assembleia subjugada, Bai sentia-se feliz como um pai que assiste ao triunfo do filho. Até mesmo o decano perdera qualquer animosidade; e o mais interessado talvez fosse o Sumo Sacerdote de Itah, membro eminente do Conselho dos Sábios, sem o consentimento do qual um pretendente ao trono não podia ser coroado.

O traidor parecia dormir à sombra de uma tamargueira, não longe do Ramesseum. Se um polícia núbio o observava, veria apenas um artesão fatigado que aproveitava o dia de descanso para gozar a natureza verdejante de que estava privado na aldeia.

Do outro lado do tronco, uma vendedora de cestos de junco entrançado.

Como de costume nesse género de contactos, Serketa tornara-se irreconhecível.

– Pediste-me para vir e aqui estou.

– Reflecti na vossa proposta. Não é séria.

– Estás enganado!

– Decuplicar os meus bens acumulados no exterior... Mentis-me.

Serketa devia convencê-lo com um argumento forte.

– Sou a esposa do general Mehi e o meu marido é um dos homens mais poderosos do Egipto. Não terá qualquer dificuldade em manter as suas promessas. Se queres mais, diz.

O traidor sentiu uma espécie de vertigem.

Então a fortuna que lhe ofereciam não era uma ilusão.

– As notícias são más – continuou Serketa. – Néfer o Silencioso tornou-se o confidente do Rei e o Lugar de Verdade é mais intocável do que nunca, tanto mais que o meu marido, o seu protector oficial, não pode cometer qualquer deslize.

– Porque deseja ele tão intensamente a Pedra de Luz?

– Quem não desejaria apoderar-se de semelhante tesouro?

– Quer o poder supremo, não é verdade?

– Mehi tem as qualidades necessárias para o exercer.

O traidor sentiu que podia ter confiança na esposa do general. Não lhe ocultava a verdade e colocava assim o marido em perigo. O enorme risco que ela corria provava a sua sinceridade.

– Se tens realmente intenção de te tornares rico e nos dares a Pedra de Luz, suprime o mestre-de-obras – insistiu Serketa. – Só tu o podes fazer.

O traidor ocultou os olhos com as mãos.

– Não tenho grandes necessidades – confessou -, e essa fortuna satisfará mais a minha esposa do que eu próprio, embora tenha fixado a mim mesmo esse objectivo para esquecer a humilhação quotidiana sofrida há tantos anos... Era eu e nenhuma outra pessoa que devia dirigir o Lugar de Verdade.

A raiva gelada do artesão agradava a Serketa; não só possuía uma capacidade de dissimulação absolutamente notável, como também um temperamento de assassino que ignorava ainda.

A sua voz tornou-se frágil, quase enternecedora.

– Então, que decides?

– Tendes sorte... Acabam de ocorrer acontecimentos que me inspiraram.

Serketa estremeceu de prazer.

– Tu... aceitas?

– É a única solução, com efeito: eliminarei Néfer o Silencioso.

O arquitecto encarregado da manutenção dos templos de Karnak e dos edifícios anexos era um homem grande, severo, de rosto fechado.

– O Rei deu-me ordem para me colocar à vossa disposição – disse ao mestre-de-obras em tom seco onde perpassava a reprovação.

– Não será necessário – afirmou Néfer com doçura.

– Não será necessário? Mas não tendes o direito de construir no território sagrado de Karnak sem a autorização do Sumo Sacerdote e sem a minha!

– A do Faraó deve bastar, não vos parece?

– Sim, com certeza – murmurou o arquitecto, envergonhado por se ter irritado e ter sido apanhado em falta.

– O Rei deseja que construamos uma capela tripla fora do recinto do templo de Amon, numa plataforma a boa distância do desembarcadouro; é por isso que não perturbaremos as vossas actividades nem as dos ritualistas. Peço-vos simplesmente que me façais entregar os blocos de grés necessários na localização que vos vou indicar.

– O plano desse edifício é um segredo de Estado, como tudo o que diz respeito ao Lugar de Verdade?

– Terá portas de quartzito – respondeu Néfer – e três capelas dedicadas a Amon, à sua esposa Mut e ao seu filho Khonsu. Nos nichos serão instaladas estátuas portadoras do ka real, que os textos hieroglíficos gravados nas paredes farão viver eternamente. Será o meu colega Hai que dirigirá os trabalhos e ouvirá de bom grado os vossos conselhos para que o estilo e a alma deste lugar de repouso estejam em harmonia com os de Karnak.

O arquitecto pareceu despeitado.

– Imaginava-vos muito diferente – confessou. – Dir-se-ia que estais pronto a manejar o malho e o cinzel e a efectuar um trabalho de aprendiz!

– Mas estou – afirmou Néfer sorrindo. – Desde que, evidentemente, conheça o plano da obra, porque é esse o dever inerente à minha função.

Enquanto o Vale dos Reis era um mundo fechado, de aparência hostil, encerrado no segredo e no silêncio, o das Rainhas apresentava-se como um local arejado, de fácil acesso, abrindo-se largamente sobre uma planície verdejante, no extremo sul da necrópole tebana. O lugar da beleza "perfeita" (7), de acordo com o seu nome ritual, acolhia, desde a decisão de Ramsés o Grande, as mães e as esposas do Faraó, bem como altas personagens com o título de filho real.

Um templo de Ptah, o deus dos construtores, fora construído a este do local, e os artesãos tinham feito um modesto acampamento composto por casas de pedras soltas onde residiam durante os estaleiros de longa duração.

A Rainha Tausert contemplou longamente a zona, que nada tinha de fúnebre. O Sol era doce, o vento suave, como se a Primavera tivesse decidido saudar à sua maneira a visita da bela soberana.

– É aqui que repousa a Grande Esposa Real Nefertari, não é verdade?

– Sim, Majestade – respondeu o mestre-de-obras, acompanhado pela Mulher Sábia e por Fened o Nariz. – De memória de artesão, diz-se que a beleza das pinturas da sua Morada de Eternidade permaneceu inigualável.

Néfer sentiu que a Rainha sonhava com uma grandeza que Seti II não conseguira atingir.

– O Rei está satisfeito com a obra realizada – afirmou ela -, e deseja que eu repouse neste vale em companhia de outras soberanas das Duas Terras. Como escolhereis a localização da minha Morada de Eternidade?

– De duas maneiras, Majestade.

Néfer pediu a Tausert que entrasse na oficina onde tinha sido instalada uma mesa de pedra sobre a qual desenrolou com mil precauções um papiro de excepcional qualidade.

– Eis o plano do Vale das Rainhas, com a localização dos túmulos escavados e decorados desde a sacralização do local. Como podeis constatar, são-vos oferecidas numerosas possibilidades.

Ao ler os nomes das rainhas que a tinham precedido, Tausert teve a sensação de reviver momentos exaltantes da aventura egípcia.

– Qual é a segunda maneira, mestre-de-obras?

– Neste vale, muitos veios calcários são medíocres; mesmo bem trabalhados, paredes e tectos podem desabar. É por isso que a intervenção de Fened o Nariz é determinante: não se deixará enganar por uma rocha muito sedutora mas que ocultasse graves defeitos.

– Procuremos o mais próximo possível do túmulo de Nefertari – pediu Tausert.

Néfer e Fened tentaram satisfazê-la, mas nem um nem outro encontraram lugar adequado. Desiludida, a Rainha aceitou que se afastassem e Fened detectou por fim uma bela rocha na parte oeste do vale.

– Impossível – afirmou a Mulher Sábia.

– Por que razão? – inquietou-se Tausert.

– Porque não sinto a presença protectora da deusa Hathor. Esta morada não seria feliz.

Uma nova tentativa saldou-se por uma decepção.

– Não conseguiremos – concluiu Clara.

– Porquê tantas dificuldades? – espantou-se Tausert.

– O momento não é favorável, Majestade; regressaremos mais tarde.

Clara sabia que Néfer detectara a verdadeira razão daquele fracasso: o Vale das Rainhas recusava a presença de Tausert.

CAPÍTULO 69

Um estranho barco descia o Nilo em direcção a Abidos, a cidade santa de Osíris, a cerca de cento e cinquenta quilómetros a norte de Tebas. No lugar da cabina, uma capela funerária pela qual velavam a Mulher Sábia desempenhando o papel de Isis, e Turquesa o de sua irmã Néftis. Sacerdotes silenciosos faziam a função de marinheiros, Néfer e Paneb permaneciam à proa.

– Vais dizer-me finalmente o objectivo desta viagem? – perguntou o Ardente.

– A Morada do Ouro – respondeu o mestre-de-obras.

Paneb julgou ser fulminado por um raio.

– Mas ela não fica no interior do Lugar de Verdade?

– Recria-se onde é necessária; mas para ser digno e capaz de penetrar nela, é preciso ter encontrado a sua própria morte. É por isso que esta viagem é indispensável.

– Não esperava...

– É inútil esperar, Paneb; basta simplesmente estar pronto.

O mestre-de-obras e o filho adoptivo não trocaram nem mais uma palavra até ao desembarcadouro de Abidos. Paneb teve a sensação de penetrar num silêncio de uma insondável profundidade, que nem os cantos dos pássaros nem o marulhar provocado pela proa da barca fendendo a água do rio conseguiram atingir. O tempo não se escoava; apenas subsistiam a presença indecifrável da capela e a gravidade dos viajantes que se sabiam prestes a enfrentar uma prova temível.

Quando a embarcação acostou, caía a noite.

Vestindo um simples saiote branco, esperavam-nos no cais sacerdotes de crânio rapado; um deles veio ao encontro de Néfer o Silencioso.

– O senhor do Ocidente está entre vós?

– As suas irmãs protegeram-no ao longo de toda a viagem.

– Paneb o Ardente deseja seguir o caminho de Osíris que conduz à Morada do Ouro?

– Desejo – afirmou o colosso.

Batendo no chão com um longo bastão de madeira dourada, o ritualista colocou-se à cabeça de uma procissão na qual participavam o mestre-de-obras, a Mulher Sábia e Turquesa. Enquadrado por dois sacerdotes de feições rudes, o Ardente foi conduzido até uma colina rodeada de árvores.

Abria-se a oeste um poço com a profundidade de uma dezena de metros, fracamente iluminado por uma luz vinda das entranhas da terra.

– Penetra no mundo de Osíris – recomendou o mestre-de-obras -, e ultrapassa o teu primeiro nascimento.

Paneb não hesitou. Desceu ao poço para chegar à entrada de um corredor com mais de cem metros de comprimento.

À medida que avançava, a claridade recuava; era no entanto suficiente para decifrar as colunas de hieróglifos que evocavam a passagem do sol nocturno por cavernas onde formas mumificadas esperavam o seu brilho para ressuscitar.

De repente, uma claridade proveniente do fundo do corredor cegou Paneb.

– Tenho de te vender os olhos – disse a voz de um ritualista colocado atrás dele. – Graças a este tecido, não recearás as trevas. Mas daqui para a frente tens de equipar-te com sandálias que evitarão que escorregues. Senta-te e estende as pernas.

Outro ritualista pintou a vermelho umas sandálias na sola dos pés do colosso. Levantaram-no e taparam-lhe os olhos com uma écharpe vermelha.

– Conduzimos-te até à entrada da Morada do Ouro – anunciou o mestre-de-obras. – É lá que são animadas as estátuas que contêm o ka, a energia inesgotável; apenas têm acesso aí os iniciados que trabalham de acordo com Maet e entendem o ouro como a carne dos deuses.

Fizeram Paneb avançar.

– Eu sou a porta – declarou uma voz grave -, e não te deixarei passar por mim se não me disseres o meu nome.

O Ardente tentou rememorar os ensinamentos recebidos desde a sua entrada no Lugar de Verdade. Uma

resposta se impôs.

– Rectidão é o teu nome.

– Passa por mim, visto que me conheces.

A venda foi retirada e o ritualista tomou Paneb pela mão a fim de o guiar ao longo de um segundo corredor em ângulo recto com o anterior.

Despiu o colosso e envergou-lhe uma pele de animal selvagem.

– Eis-te na mortalha de Seth – disse o mestre-de-obras. – Deixa-o guiar-te para a oficina de regeneração.

Quatro fiéis de Osíris fizeram subir o artesão para um trenó e puxaram-no até uma sala imensa cujo tecto era sustido por dez enormes pilares monolíticos de granito rosa.

– Chegaste à ilha da primeira manhã – revelou Néfer. – Quando a luz foi criada, ela emergiu do oceano das origens.

Paneb foi levantado e contemplou uma admirável estátua de Osíris deitado num leito de cor negra que o mestre-de-obras acabava de polir com a Pedra de Luz.

– O corpo do ressuscitado é transformado em ouro, a matéria é iluminada, as estátuas são colocadas no mundo e brilham como raios de sol. Vês o que é invisível e acedes ao que é inacessível.

A Mulher Sábia regou com água e leite uma acácia plantada numa elevação adornada com um olho.

– Como Isís, tomo cuidado do meu irmão Osíris; sou eu, a mulher que age como um homem, quem o rejuvenesce nesta Morada do Ouro para que ele viva de luz.

– Visto que foste coberto com a pele de Seth e que ela não te aniquilou – constatou um ritualista -, que dela sejas libertado, Paneb, e beija Osíris.

Livre da mortalha, Paneb aproximou-se da estátua e beijou a fronte do deus.

– É Seth quem possui o segredo do ouro – explicou a Mulher Sábia -, e é a sua irmã Isís que faz passar Osíris do estado de material inerte ao de ouro vivo.

À medida que eram iluminados pela pedra orientada pela Mulher Sábia, o leito e a estátua transformavam-se em ouro sob o olhar deslumbrado de Paneb.

Actuando como Néftis, a soberana do templo, Turquesa, adornou o pescoço do artesão com um colar composto por folhas de salgueiro e de perséa e colocou-lhe pastilhas de ouro sobre os olhos, a testa, os lábios, o pescoço e os dedos grandes dos pés.

Depois, enquanto a Mulher Sábia lhe tocava no coração com um nó de Isís em jaspe vermelho, Turquesa apresentou-lhe uma taça.

– Tu, que o ritual identifica com Osíris, bebe este veneno que transformarás em líquido vital.

O colosso esvaziou de um trago o conteúdo da taça. A uma desagradável sensação amarga sucedeu quase imediatamente um sabor a mel, o ouro vegetal.

– Possas tu empunhar a luz e agarrar a Pedra de Maet – disse Turquesa revestindo-lhe os dedos com dedeiras de ouro -, porque as tuas mãos estão a partir de agora associadas às estrelas.

Pela primeira vez, Paneb pôde tocar na Pedra de Luz.

– Que sejas regenerado pelo ouro – salmodiou a Mulher Sábia. – Ele ilumina o teu rosto e tu respiras graças a ele.

O colosso entregou a Pedra ao mestre-de-obras e um ritualista fê-lo penetrar na última sala do santuário, um vasto compartimento onde se encontrava um sarcófago de ouro. A cúpula, em forma de v invertido, era ornada com uma imensa figura da deusa Céu erguida pelo deus Luz.

– Osíris Paneb – ordenou o mestre-de-obras -, ocupa o teu lugar na morada de vida.

O colosso deitou-se de costas no sarcófago.

– Partiste, mas regressarás – declarou a mulher Sábia. – Dormiste, mas despertarás; aportaste à margem do Além, mas reviverás. Que os teus ossos sejam colocados em ordem e os teus membros reunidos.

Um longo silêncio deu a Paneb a impressão de que viajava no corpo da sua mãe Céu em companhia das estrelas e das barcas solares.

Depois, a Mulher Sábia e o mestre-de-obras levantaram um pilar em ouro próximo da cabeceira do sarcófago.

– Ergue-te, Osíris! – exigiu Néfer. – O cadáver desapareceu, apareces em ouro, vivendo para sempre porque o teu ser é estável como a Pedra de Luz.

– Renasces da força criadora nascida de si mesma – continuou a Mulher Sábia. – Ela concebeu-te no seu coração e tu não nasceste de um parto humano.

Dois ritualistas ajudaram Paneb a sair do sarcófago e vestiram-lhe uma túnica branca. Turquesa cingiu-lhe a fronte com a coroa do Justo, uma fita dourada adornada com dois olhos completos que confirmavam a "justeza de voz" do novo Osíris.

– Confio-te a vida da obra – disse o mestre-de-obras a Paneb, entregando-lhe um pequeno bloco de granito talhado e polido na perfeição.

O nome do bloco, ankh, era sinónimo da palavra "vida".

– Viste os mistérios de Osíris no segredo da morada do Ouro – lembrou-lhe a Mulher Sábia. – Quando este mundo desaparecer, apenas restará o senhor dos grandes mistérios, o que venceu a morte para dar a vida. Que ele guie o teu olhar e as tuas acções; tal como ele, sê fogo, ar, água e terra, sê transformação permanente que nunca pára, concilia o Uno e o múltiplo. Quando Osíris ressuscita, os campos tornam-se fecundos; ele é o negro da vasa e o verde da vegetação, mas o seu ser é composto do ouro das estrelas e brilha como um astro. Recorda-te que cada parte do seu corpo forma a relíquia principal conservada em cada província do Egipto, e que o dever de um artesão do Lugar de Verdade consiste em reunir o que está esparso.

O mestre-de-obras aproximou-se de Paneb, colocou a palma da mão direita na nuca do colosso, a mão esquerda sobre o seu ombro direito e deu-lhe um abraço fraternal.

Depois a Mulher Sábia, Néfer, Turquesa, Paneb e os ritualistas formaram uma oval em torno do túmulo de ouro, com os braços estendidos e de mãos dadas. O pintor sentiu que uma energia de incrível força o atravessava.

– Que o novo iniciado na Morada do Ouro se mostre digno das tarefas que lhe serão confiadas – desejou o mestre-de-obras.

CAPÍTULO 70

Com as faces mais lustrosas do que o habitual por causa de um copioso almoço, Pai o Bom pão decidira dar alguns passos pela rua principal da aldeia para facilitar a digestão. Com a cabeça a doer, avançava em passo hesitante e passou em frente da casa do mestre-de-obras e da Mulher Sábia que, pensou, não tardariam a regressar à aldeia.

Um pormenor fora do vulgar impressionara-o e voltou para trás.

– O que é...

Pai aproximou-se da porta de entrada.

– Que horror!

A sua exclamação atraiu Unesh o Chacal que tirava água de uma grande jarra.

Também ele ficou assombrado pela horrível mão vermelha pintada na madeira.

– Que abominação! Quem pôde...

– Notaste o tamanho daquela mão? É a de um colosso!

– Não fales sem pensar! Néfer não pode ver este horror. Apaguemo-la e calemo-nos.

– E se... se se repetisse?

– Logo se verá.

Naquele quinto ano do reinado de Seti II, uma Primavera demasiado quente sucedia a um Inverno demasiado frio. A canícula abatera-se bruscamente sobre Tebas, obrigando os condutores de burros a duplicar os seus fornecimentos de água à aldeia, cujas ruelas tinham sido cobertas de folhas de palmeira para preservar um pouco a frescura.

O menos atingido era Paneb o Ardente, cuja vitalidade parecia ainda mais triunfante do que o habitual; satisfeito por ver que mesmo o diabrete do seu filho se entregava aos prazeres da sesta e que a sua deliciosa Selená, cuidada por Uabet a Pura, se tornava dia-a-dia mais bonita, o colosso acompanhara o mestre-de-obras à margem este a fim de ajudar a equipa da esquerda a terminar o lugar de repouso consagrado à trindade tebana.

O chefe de equipa, Hai, acolhera-o com um olhar diferente.

– Bem-vindo entre os iniciados à Morada do Ouro, Osíris Paneb. As minhas funções obrigaram-me infelizmente a permanecer aqui para dirigir a confraria na ausência do mestre-de-obras e da Mulher Sábia, mas vivi em pensamento a cerimónia de Abidos.

– Aquelas horas foram tão intensas!

Hai sorriu.

– O ritual demorou nove dias.

Paneb voltou-se para Néfer.

– Impossível!

– Quem senão Osíris, o senhor do tempo, poderia aboli-lo?

O lugar de repouso estava quase terminado e o pintor só teve que colorir alguns baixos-relevos de uma admirável execução clássica, dignos das esculturas de Seti I e de Ramsés o Grande. Uma energia nova animava a sua mão cuja precisão e rapidez tinham aumentado; envolto na profunda paz que reinava naquele local, Paneb fez viver as cenas de oferenda, colorindo-as com cores quentes e luminosas.

Embora Seti II tivesse cada vez mais dificuldade em se deslocar, fizera questão de ser ele próprio a celebrar o primeiro ritual no lugar de repouso de Karnak. E glorificou a presença de Amon o oculto, de Mut a mãe cósmica e do menino-deus Khonsu. A Grande Esposa Real assistira ao monarca, rodeando-o de magia protectora para que ele tivesse a força de ir até ao fim do cerimonial.

– Este edifício é esplêndido (8) – disse o monarca ao mestre-de-obras. – Um dia, quando Karnak se tiver desenvolvido segundo o plano dos deuses, tornar-se-á uma das capelas do grande templo e aqui continuarão a venerar a tríade criadora. O meu mobiliário funerário está pronto, Néfer?

– Eu próprio terminarei a tampa do sarcófago principal enquanto o ourives der a última mão nos ceptros.

– Apressai-vos porque os meus dias estão contados.

Quando o Rei regressou ao palácio numa cadeira de transportadores, Tausert dirigiu-se ao Silencioso.

– Haveis encontrado finalmente uma localização no Vale das Rainhas?

- Não, Majestade.
- Como explica esta demora?
- A Mulher Sábia pensa que é necessário esperar um momento favorável sem ceder à precipitação.
- E se eu vos desse ordem para escavar a minha Morada de Eternidade ao lado da de Nefertari?
- Obedecer-vos-ia, bem entendido, mas haveria tantos incidentes a entravar o nosso trabalho que seríamos obrigados a desistir.
- Respondei-me sem disfarces, mestre-de-obras: serei vítima de uma maldição?
- Não é essa a opinião da Mulher Sábia, Majestade; ela pensa simplesmente que é preciso ter paciência para ver o véu levantar-se.

O chanceler Bai rasgou a longa carta que lhe dirigira a Rainha Tausert, pois continha um segredo de Estado que nenhum cortesão deveria conhecer: o Rei Seti II não tardaria a extinguir-se. Uma única pessoa poderia suceder-lhe, com capacidade para evitar uma crise grave: a Grande Esposa Real em pessoa.

Mas Tausert permanecia em Tebas e recusava-se a deixar o marido para regressar à capital. O chanceler Bai encontrar-se-ia na primeira linha, com uma missão clara: impedir novas confusões e barrar o caminho a um ambicioso que, desta vez, tentaria apoderar-se do Norte antes de estender o seu domínio sobre a totalidade do país.

Era necessário que Tausert regressasse o mais depressa possível e que fosse coroada Faraó, como diversas outras mulheres antes dela. Mas o chanceler não tinha ilusões: a Rainha não abandonaria o esposo no momento da provação suprema e velaria pela perfeita execução dos rituais funerários. Apesar da insistência de Bai, permaneceria em Tebas tanto tempo quanto fosse necessário, sem poder opor-se de forma directa à conspiração que não deixaria de ser tramada.

Para a evitar, havia uma única solução: fazer coroar um Faraó incapaz de assumir plenamente a sua função de maneira que o Egipto fosse governado por uma regente, a grande Esposa Real Tausert. E o chanceler dispunha do candidato ideal: o jovem Siptah.

Não pertencendo a nenhum clã, não desagradaria a ninguém. E quem recearia aquele adolescente doentio, tão afastado dos cruéis jogos do poder?

Impunha-se uma prioridade: acelerar a formação de Siptah a fim de que resistisse aos golpes traiçoeiros.

Utilizando uma escrita criptográfica, Bai escreveu à Rainha para tentar tranquilizá-la com palavras encobertas.

O casal real convidara o mestre-de-obras e a Mulher Sábia para almoçarem no palácio de Karnak. Seti II apenas aparecera breves instantes no início da refeição para lamentar não ter podido festejar o acabamento da sua Morada de Eternidade no interior da aldeia, na presença dos seus habitantes. Mas o monarca já não se sentia com forças para atravessar o Nilo. Sair do seu quarto exigira-lhe um esforço considerável; contra a opinião dos médicos, levantara-se no entanto para cumprimentar Néfer e Clara, que proporcionavam aos seus derradeiros dias uma serenidade que já não esperava.

A Mulher Sábia teve a certeza de ver Seti II pela última vez e Tausert notou a sua perturbação.

– O Rei não receia a morte – declarou a Rainha. – Viveu em Tebas dias serenos e felizes, em grande parte graças a vocês dois. Sabei que não o esquecerei.

– Se a minha experiência médica vos pode ser útil...

– Demasiado tarde, Clara. O meu marido já não recebe tratamentos mas apenas calmantes que atenuam os seus sofrimentos. Os principais órgãos estão gastos e nenhum remédio o pode salvar.

– A confraria preparou todos os símbolos necessários à viagem do Faraó para o paraíso do outro mundo – afirmou o mestre-de-obras.

– O Rei tem consciência disso e nada o tranquiliza mais. Mas há uma pergunta que não ousais fazer-me: qual será o futuro da monarquia e, por consequência, do Lugar de Verdade? A situação anuncia-se complexa, mas controlá-la-ei. Não receeis nada, a confraria permanecerá uma instituição essencial e continuará a trabalhar como no passado.

Néfer o Silencioso e a esposa tinham-se demorado no jardim do palácio, cujas áleas floridas haviam percorrido antes de se sentarem em assentos com patas de leão colocados por baixo de uma romãzeira de folhas lisas e brilhantes. De mãos dadas, com o rosto banhado pela brisa do norte, contemplavam um lago onde desabrochavam lótus brancos.

Um casal de patos selvagens sobrevoou-os. Encarnação da fidelidade conjugal, voavam à vontade como se o céu lhes pertencesse.

No mesmo instante, Néfer e Clara pensaram no seu primeiro encontro, quando estavam ao mesmo tempo tão longe e tão próximos do Lugar de Verdade; a vida não poderia ter-lhes oferecido mais belo destino do que consagrarem-se sem reservas àquela confraria que tinha por vocação tornar a matéria luminosa.

– Lembras-te, Clara, como eu era tímido? Tinha tanto medo que hesitei mesmo em falar-te.

– Sempre senti horror pelos homens atrevidos e não me conquistaste desde o primeiro momento. Enfim, não imediatamente.

– Sou um homem rude, pouco inclinado às confidências, e teria gostado de te amimar mais... Desculpa por não ter sabido fazê-lo.

Com os seus olhos azuis onde brilhava uma luz pela qual Néfer continuava perdidamente enamorado, ela olhava-o com paixão e ternura.

– Nada nem ninguém nos separou nunca e nem mesmo um fio de erva conseguiria meter-se entre nós. Quando se conhece semelhante felicidade, não devemos agradecer todas as manhãs aos deuses e aos antepassados pela sua generosidade?

O Sol brincava entre a folhagem da romãzeira.

– A minha função proíbe-mo – murmurou Néfer – mas gostaria tanto de permanecer aqui, contigo, até que se escoasse a eternidade...

– Uma tarde de Primavera como esta não será a eternidade?

CAPÍTULO 71

– Falta-me revelar-te um segredo – disse o mestre-de-obras a Paneb: – a localização da Pedra de Luz.

O coração do colosso bateu mais depressa.

– Como poderei agradecer-te por tudo o que me deste?

– Faço apenas o meu dever, Paneb; visto que foste iniciado nos mistérios da Morada do Ouro, deves ficar ligado ao principal deles.

Os dois homens avançaram a passo lento pela rua principal da aldeia como se trocassem impressões a respeito de um trabalho em curso.

– Já alguma vez perguntaste a ti mesmo onde estava escondida a Pedra?

– Nunca – respondeu Paneb. – Sabê-lo faz parte das tuas responsabilidades e não tinha qualquer desejo de as partilhar.

O caminho que o mestre-de-obras tomou causou espanto ao seu filho adoptivo.

Quando aquele se imobilizou para lhe apontar o tesouro que o traidor procurava em vão há tantos anos, Paneb compreendeu que Néfer o Silencioso lhe tinha no entanto dado preciosas indicações.

– Não é aqui...

– Podia a Pedra estar noutro lado?

– Não, claro que não...

– Possuis uma qualidade rara, Paneb: desejas conhecer sem curiosidade. Graças a esta Pedra, saberás que tempo e espaço são apenas um, que o vazio luminoso está vivo e cria incessantemente materiais de construção, que o universo inspira e expira e que está todo inteiro contido na luz da Pedra. Aceder a tal conhecimento no Lugar de Verdade não é isento de consequências.

Néfer e Paneb regressaram ao centro da aldeia.

– E... quais são elas?

– Acabo de ultrapassar os cinquenta anos, Paneb, e já não tenho a força da juventude. Se o meu instinto me não engana, a nossa confraria tem muito trabalho à sua frente; é por isso que se impõe a partilha das responsabilidades.

– Não compreendo.

– Hai dirige maravilhosamente a equipa da esquerda, mas preciso de um homólogo para a da direita. Serás tu, Paneb.

O colosso amava os raios, mas o que acabava de lhe cair em cima deixava-o atordoado.

– Tu... não estás a pensar realmente nisso, não é verdade?

– Atingiste os quarenta anos, nenhuma das técnicas da arte da construção te é desconhecida, és excelente na tua arte e foste iniciado na Morada do Ouro... No fundo, não tenho escolha. Qualquer mestre-de-obras do Lugar de Verdade teria tomado esta decisão.

– É impossível, eu...

– Fugir assim às responsabilidades não parece teu, Paneb.

Picado, o colosso apertou os punhos.

– Conheces-me melhor do que qualquer outra pessoa, mestre-de-obras. Imaginas-me chefe de equipa?

– Tenho o hábito de falar levemente?

Até mesmo a Besta Terrível ouvira Paneb com atenção. Quanto a Uabet a Pura, embalando a filha pequena, sonhava acordada.

– Chefe de equipa... É mesmo essa a decisão do mestre-de-obras?

– Não me achas capaz?

– Claro que sim! Mas vais ter ainda tempo para te ocupar dos teus filhos e da tua esposa? Com a tua energia, vais duplicar o nosso ritmo de trabalho!

– Descansa, existem Regras que ninguém pode transgredir.

– Néfer não está enganado – disse ela com emoção e orgulho.

– Ainda é preciso que o tribunal aceite...

– Se o Lugar de Verdade não for capaz de reconhecer os que são aptos para dirigir, não sobreviverá muito

tempo.

Paneb beijou a filha na testa e partiu para vaguear pela necrópole de oeste. É verdade que a autoridade do mestre-de-obras era indiscutível, mas quantos artesãos se oporiam à nomeação do seu filho adoptivo? O colosso agarrava-se a essa esperança para não acreditar que em breve teria de dar directivas a companheiros de trabalho que o tinham formado.

Quando se aproximava da Morada de Eternidade do Silencioso, quase terminada, viu Turquesa sentada nos degraus de pedra inundados de sol. Os longos cabelos ruivos nunca tinham sido tão sumptuosos.

– Esperava-te, Paneb.

– Como sabias que eu viria aqui?

– Esqueceste que Hathor oferece às suas sacerdotisas o dom da adivinhação?

– Então não ignoras nada do que me está a acontecer.

– Ao olhar para ti – disse ela sorrindo – dir-se-ia que encontraste um adversário à tua altura... Tu próprio, com certeza! Não esperes escapar ao teu destino fugindo. Deves colocar ao serviço dos outros a força que Seth te concedeu. Caso contrário, ela destruir-te-á.

– A alma de Seti II voou para o céu – anunciou o escriba do Túmulo aos aldeões – e penetrou no país da Luz; unindo-se ao disco solar, juntou-se ao seu criador. Possa continuar a brilhar e que o céu permaneça cintilante na expectativa do novo Hórus.

A notícia surgia no próprio dia em que Kenhir convocara o tribunal do Lugar de Verdade para ratificar ou recusar a nomeação de Paneb como chefe da equipa da direita.

– A Rainha Tausert tranquilizou-me sobre o nosso futuro – afirmou o Silencioso. – Tal como o Rei defunto, considera primordial o papel da confraria.

– Talvez devêssemos adiar o julgamento – sugeriu Kenhir.

– Com certeza que não – cortou o mestre-de-obras. – Espero que o novo chefe de equipa tome parte activa na preparação dos funerais reais.

A assembleia soberana da aldeia foi portanto reunida no pátio a céu aberto do templo de Hathor e de Maet, sob a presidência do escriba do Túmulo.

– Aprovo a decisão e a escolha do mestre-de-obras – declarou Kenhir. – Algum de vós se opõe?

Hai, o chefe da equipa da esquerda, pediu a palavra.

– Observo Paneb desde a sua entrada na confraria. Como todos nós, conheço os seus defeitos, mas considero-o capaz de assumir a função que Néfer o Silencioso deseja confiar-lhe.

A Mulher Sábia aprovou com um simples olhar.

– Consultaste os membros da tua equipa? – perguntou o mestre-de-obras a Hai.

– Pronunciaram-se por unanimidade em favor de Paneb.

– O mesmo se passou com as sacerdotisas de Hathor – acrescentou a Mulher Sábia.

– Uabet a Pura não apresenta nenhuma objecção? – inquietou-se Kenhir.

– Nenhuma – respondeu a esposa do colosso.

– Resta-me apenas consultar os artesãos da equipa da direita para que a confraria se pronuncie em uníssonos. Haveis deliberado?

– Será verdadeiramente necessário? – interrogou-se Ched o Salvador – Se reconhecemos Néfer o Silencioso como mestre-de-obras não é porque ele guia a confraria no bom caminho, fora de qualquer preferência pessoal? Visto que ele designou Paneb o Ardente como novo chefe de equipa, obedeçamos-lhe.

Os grandes olhos castanhos de Casa o Cordame brilharam de cólera e o seu rosto largo enrubesceu.

– Conhecendo bem o Ardente, podemos rezear que ele espezinhe os regulamentos e não respeite os horários de trabalho! Ao contrário de nós, ignora a fadiga e não tem em conta as fraquezas dos outros. Essas atitudes não são as de um chefe de equipa.

– Fizeste bem em exprimir-te assim – considerou Pai o Bom pão. – Paneb ouviu-te e não esquecerá os teus alertas. Mas serão suficientes para recusar a sua nomeação?

Casa fez um gesto de despeito.

– Se eu tivesse vencido Paneb numa luta – afirmou Nakht o Poderoso – teria dado uma opinião negativa. É bom que o nosso novo chefe de equipa seja o mais forte de nós e que se bata em nosso favor, sejam quais forem

as circunstâncias.

Os artesãos da equipa da direita aprovaram o talhador de pedra.

– Não ouvimos o escriba-assistente Imuni – observou o mestre-de-obras.

Kenhir pareceu incomodado.

– O meu subordinado não poderia ter uma opinião diferente da minha.

– Não seria desejável que ele a exprimisse diante de Paneb?

De má vontade, o escriba do Túmulo cedeu.

O pequeno escriba com rosto de roedor lançou uma vista de olhos inquieta a Paneb, que o fixava com um olhar de fera.

– Não tenho nada que me opor às vossas decisões e...

– Pertences a esta confraria e é a tua opinião que estamos a perguntar. Aprovas a nomeação de Paneb, sim ou não?

O rosto pálido de Imuni adquiriu um desagradável tom esverdeado. Ele sozinho podia pôr tudo de novo em questão e provocar longas deliberações no decurso das quais teria de justificar a sua recusa com argumentos de peso.

– Sim, sim... Aprovo.

O pequeno escriba apressou-se a voltar para as fileiras dos artesãos sem deixar de ser o alvo dos olhares da assembleia.

Não foi sem contentamento que o escriba do Túmulo se dirigiu ao pintor.

– Paneb o Ardente, és nomeado chefe da equipa da direita do Lugar de Verdade, cujos membros, a partir de agora, te devem obediência. Farás viver o plano do mestre-de-obras, respeitando "a Regra" da confraria e colocando a via de Maet no coração do teu ser. Devido às tuas novas funções, disporás de uma casa maior no ângulo sudeste da aldeia, de um terreno exterior e de um suplemento de alimentação e de bens materiais. Em troca dessas vantagens, o teu tempo de repouso será reduzido, participarás em todas as reuniões do tribunal e servirás mais no templo. Comprometes-te, sob juramento, a cumprir os teus deveres sem fraquejar?

– Pela vida do Faraó e pela dos meus pais adoptivos, comprometo-me.

CAPÍTULO 72

Beken o oleiro, chefe dos auxiliares, foi o primeiro a vê-lo quando recolhia água num pequeno canal. Assustado, deixou cair a bilha e, apesar de uma gordura cada vez mais evidente, correu até à aldeia.

– O que te aconteceu? – perguntou-lhe Obed o ferreiro vendo-o sem fôlego.

– Manda prevenir a Mulher Sábia... Tenho de falar com ela!

Como Beken não costumava ter destas iniciativas, Obed levou-o a sério e solicitou a intervenção do guarda da porta.

O chefe dos auxiliares teve que esperar mais de uma hora porque Clara estava a tratar de uma garotinha cujos canais hepáticos ameaçavam bloquear. Quando saiu da aldeia, Beken precipitou-se para ela.

– A tartaruga... Vi a tartaruga do deus Terra, era enorme e tinha uma boca tão grande como a de um poço!

Considerada como um peixe, a tartaruga anunciava a chegada da inundação; com o seu falo, o macho fecundava a terra. Para quem lia os seus sinais, revelava a importância da cheia. Todos receavam que estivesse suficientemente sedenta para beber a maior parte da água do rio mas, desta vez, a inquietação era de outra natureza.

– Não estarás a exagerar um pouco?

– Talvez – admitiu o ferreiro – mas garanto-vos que tinha uma boca anormalmente grande e que a tartaruga avançava depressa para os campos cultivados! Depois, desapareceu...

– Alguém mais a viu?

– Não, eu estava só naquele local... Mas garanto-vos que é verdade!

– Tenho a certeza que sim, Beken, e vou avisar as autoridades.

O general Mehi não queria acreditar no que ouvia.

– Tens a certeza das tuas informações? – perguntou ao oficial que regressava de Per-Ramsés.

– Foi realmente o jovem Siptah a ser designado como Faraó pelo conselho dos sábios e com a aprovação da Rainha Tausert.

– Quem é ele?

– Um protegido do chanceler Bai.

– Isso não tem sentido nenhum! Ninguém conhece esse Siptah e o chanceler não é um sonhador.

– O novo monarca possui, ao que parece, competências excepcionais que os cortesãos apreciaram.

Mehi continuava céptico. Tausert nunca renunciaria tão depressa ao poder para o qual estava talhada mas se se tivesse proclamado Faraó teria encontrado uma forte oposição. Para a contornar, instalara no trono um homem de palha por trás do qual se ocultaria para iludir as múltiplas facções que lhe eram hostis.

– A Mulher Sábia deseja ver-vos com urgência.

Mehi recebeu-a imediatamente.

– A próxima cheia será perigosa – anunciou ela. – É preciso tomar medidas para evitar uma catástrofe.

– Em que indícios vos baseais?

– O aparecimento de uma tartaruga gigante.

O general ficou espantado.

– Não se tratará de um argumento um pouco... leviano?

– Esse presságio nunca nos enganou. Por sorte, foi o chefe dos auxiliares que viu a tartaruga e alertou-me imediatamente.

– Não será conveniente esperar pelas observações dos especialistas?

– Será demasiado tarde e Tebas arrisca-se a ser severamente afectada. Se recusais intervir, peço audiência à Rainha Tausert.

Mehi detectou o perigo: arriscava-se a ser acusado de incúria.

– Vamos vê-la juntos. Os técnicos não me darão ouvidos e a vossa palavra terá sem dúvida mais peso do que a minha junto de Sua Majestade.

Tausert preparava-se para presidir a um grande conselho a fim de anunciar aos dignitários tebanos que abandonaria a cidade de Amon quando terminassem as cerimónias dos funerais.

Quando um camareiro a avisou da presença do general Mehi e da Mulher Sábia, aceitou no entanto recebê-

los.

O general deixou a esposa do mestre-de-obras expor os seus receios, na esperança de que a Rainha os considerasse ridículos, mas a reacção de Tausert desiludiu-o.

– Não podemos negligenciar um tal aviso. General Mehi, que a maioria dos vossos homens se coloquem ao serviço do responsável pelos diques que é preciso reforçar com toda a urgência. Além disso, enviareis uma mensagem a cada governador de província e encarregar-vos-eis de deslocar os camponeses que trabalham nas terras baixas para os colocar protegidos nas aldeias construídas nas colinas.

– É uma pesada organização, Majestade, e...

– Por isso vo-la confio.

– Posso pelo menos assistir ao grande conselho?

– Não, não podeis perder um segundo. Eis no entanto o essencial das minhas declarações: Siptah será coroado Faraó quando o mestre-de-obras do Lugar de Verdade tiver colocado o selo da necrópole na porta do túmulo de Seti II. Exercerei a regência até ao dia em que o novo Rei for efectivamente capaz de governar. Ao trabalho, general, e apressai-vos.

Com que então, constatou Mehi, a Rainha mantém a Mulher Sábia a seu lado; de que sortilégio seria ainda culpada aquela feiticeira? Felizmente, aproximava-se a hora em que a morte de Néfer o Silencioso destruiria a esposa e lhe roubaria qualquer capacidade de acção.

– Desejais falar-me a sós, não é verdade?

– Ledes no meu pensamento, Majestade.

– Se esta dramática predição se realizar, será graças à vossa intervenção que a desgraça poupará o Egipto e que eu salvarei o meu trono. Dever-vos-ei muito, Clara.

– Não abandoneis Tebas, Majestade.

A Rainha ficou irritada.

– Pedis-me demais! Dentro de dez dias a múmia do meu marido será depositada no seu sarcófago; preciso de regressar a Per-Ramsés com toda a urgência, caso contrário será o caos.

– Mesmo se partirdes hoje não escapareis à impetuosidade da cheia e perecereis afogada. Não disponho de nenhum outro argumento para vos reter e peço aos deuses que me escuteis.

A cheia foi de uma violência incrível. Vários diques rebentaram, alguns bovinos morreram, mas não houve qualquer perda humana a deplorar graças ao dispositivo adoptado. Os soldados de Mehi salvaram os camponeses que se tinham refugiado no cimo das palmeiras.

Quando Seth deixou de agredir a Lua, o olho esquerdo do seu irmão Hórus, esta recomeçou a crescer. Em breve o disco de prata brilharia de novo na sua plenitude, imagem do Egipto intacto e constituído pelo conjunto das suas províncias.

Varrido por uma vaga monstruosa, o barco de Tausert naufragara, mas a Rainha, que optara por permanecer em Tebas, estava ilesa. E celebrara no templo de Karnak a oferenda dos dois espelhos de ouro e de prata, o Sol e a Lua, a fim de que os seus reflexos dissipassem os efeitos nefastos daquela inundação excessiva.

Carregado de lamas avermelhadas, o rio acalmara pouco a pouco e os tebanos, tal como os outros habitantes do Alto Egipto, tinham podido circular de barco tendo o cuidado de escapar aos turbilhões.

Contendo o seu furor contra o chanceler Bai que, apesar da sua carta tranquilizadora, a traíra fazendo subir ao trono um jovem desconhecido, Tausert dirigira-se à aldeia para agradecer à Mulher Sábia ter-lhe salvo a vida e ao mestre-de-obras por ter velado pelo perfeito desenrolar dos funerais de Seti II.

A Rainha nunca voltaria a casar. Os boatos já lhe atribuíam amantes e todos esperavam que lançasse o olhar sobre um nobre tebano para formar um novo par real, desembaraçar-se de Siptah e retomar o poder. Indiferente aos mexericos, Tausert nada desmentia; ambiciosos e imbecis tinham necessidade daquele alimento deteriorado e ela não confiaria a ninguém o seu segredo: permaneceria fiel a Seti II, o homem que amava para além da morte.

Depois de ter prestado homenagem a Maet no seu santuário do Lugar de Verdade, Tausert seguia em companhia de Clara pela rua principal.

– O chanceler Bai traiu-me – confiou à Mulher Sábia – mas salvou o Egipto de uma grave crise; quem teria podido prever que a cheia me imobilizaria em Tebas e que seria preciso um Rei para sufocar as ambições dos

clãs? Tinha julgado compreender por que razão não encontráreis nenhuma localização para mim no Vale das Rainhas: porque eu me ia tornar Faraó. Mas estava enganada... É Siptah que reina e eu não passo de uma regente. Hathor aceita agora acolher-me entre as Rainhas?

– Não, Majestade; voltei ao local e a resposta continua a ser a mesma.

O chanceler Bai concedeu finalmente a si próprio uma noite de repouso, só no seu gabinete do palácio, rodeado de pastas. O Egipto tinha um Faraó e, ao contrário do que o chanceler recebera, ninguém se opusera à nomeação do jovem Siptah, que sofrera muito fisicamente durante o longo ritual de coroação. Mas o protegido do Sumo Sacerdote de Ptah ultrapassara a prova antes de ser designado Faraó por aclamação. Ninguém desconfiava dele, todos pensavam que o chanceler seria o verdadeiro senhor do país depois de ter estrangulado a ambição de Tausert, reduzida a um papel secundário.

Todos se enganavam.

Bai sentia uma admiração sem limites pela Rainha e muito afecto pelo jovem Siptah. Tausert governaria, Siptah seria um bom gestor, rigoroso e honesto. Ele serviria de guarda-vento à viúva de Seti, cujos inimigos eram numerosos e influentes. E depois de ter dado as suas provas, Tausert, como a ilustre Hatchepsut, seria elevada à dignidade suprema.

O chanceler tinha um único desejo: explicar tudo a Tausert, provar-lhe que não a traíra, antes pelo contrário.

CAPÍTULO 73

Quando Serketa se encontrou de novo com o traidor, o futuro parecia-lhe muito mais risonho. A Rainha Tausert acabava de trocar Tebas por Per-Ramsés e ninguém duvidava que, depois da sua chegada à capital, tudo faria para se vingar de Bai e se desembaraçar de Siptah, o Rei fantoche.

Nessa altura, apenas o general Mehi surgiria como um pólo de estabilidade em torno do qual se reuniriam os dirigentes razoáveis, tanto no Norte como no Sul.

- Trouxe-te o que me pediste – disse ela ao traidor, dando-lhe um frasquinho.
- Tendes a certeza da eficácia do produto?
- Nada receies.
- Quanto tempo precisa para ser plenamente eficaz?
- Cerca de uma hora. Devo compreender que estás finalmente pronto para agir?
- Tenho uma excelente ocasião em vista...
- Consegue e serás rico.

Terminado o período de luto, a confraria podia enfim festejar a nomeação de Paneb o Ardente como chefe da equipa da direita. O banquete anunciava-se tanto mais alegre quanto, desde a sua entrada em funções, o colosso tranquilizara os mais inquietos seguindo de forma rigorosa os regulamentos pelos quais o escriba do Túmulo velava aliás com um zeloso cuidado.

Paneb dirigira a manobra de introdução do sarcófago de Seti II no seu túmulo com um domínio perfeito e examinara um a um os objectos que compunham o tesouro que acompanharia a alma real no além. A sua autoridade parecia por vezes dura, mas como exigia sempre mais de si próprio do que dos outros, ninguém conseguia ter nada que dizer.

Como a escolha de um novo chefe de equipa era sempre um acontecimento excepcional, os banquetes seriam memoráveis: costeletas de vaca, várias espécies de peixes, purés de legumes, queijos frescos, bolos de mel, cerveja forte e vários vinhos de qualidade.

Néfer o Silencioso e a esposa apreciavam a alegria simples e profunda partilhada por todos os habitantes da aldeia, incluindo o macaco verde, Encantador, Besta Terrível e Trigueiro, empanurrado de carne a ponto de adormecer aos pés do dono. As piadas, por vezes de mau gosto, saltavam de todos os lados e até mesmo os mais ferozes adversários de Paneb, como Casa o Cordame ou Nakht o Poderoso, tinham deposto as armas para o felicitar calorosamente.

– No fundo – disse-lhe Nakht – armaram-te uma cilada: nós podemos alegrar-nos com a tua promoção, mas tu, não tenho tanto a certeza! Sempre que um membro da equipa tenha um problema, há só um nome a pronunciar: Paneb! O chefe não é responsável pelos erros dos seus subordinados?

– Embora isso não me divirta especialmente, reconheço que tens razão.

Aperti, que tinha bebido cerveja às escondidas dos pais, adormecera sobre um tamborete; depois de terem corrido um número incalculável de vezes em torno da grande mesa comum, as outras crianças, ébrias por terem brincado tanto, começavam a adormecer.

Mais orgulhosa do marido do que ousava admitir às sacerdotisas de Hathor, Uabet a Pura tomou a filha nos braços e foi a primeira a partir, imitada em breve pelas outras donas de casa.

Antes de voltar para casa, o mestre-de-obras abraçou o filho adoptivo.

– Temos muito trabalho à nossa frente, Paneb; terminada a festa, falaremos disso com Hai e com o escriba do Túmulo.

Enquanto Néfer se retirava em companhia da Mulher Sábia, Renupé o Jovial colocou diante do colosso uma bela ânfora que continha pelo menos três litros de vinho.

– Um vinho excepcional proveniente da cave de Kenhir e que destapei há uma hora... Cheira isto!

Paneb reconheceu que o vinho, datado do último ano de Ramsés II, possuía um aroma extraordinário.

– Dá-nos a honra, chefe de equipa, e bebe esta maravilha à nossa saúde! – propôs Nakht o Poderoso.

O colosso não recuou perante o desafio e esvaziou a ânfora a um ritmo impressionante.

– Longa vida a Paneb! – clamou Pai o Bom pão, cujo entusiasmo foi comunicativo.

A aldeia estava já adormecida, mas Paneb não se resignava a regressar a casa. Sem estar embriagado,

começava a sentir estranhas perturbações e esperava que o ar da noite as dissipasse. Mas o coração batia-lhe de forma irregular, as costas cobriam-se de suor e via o céu estriado de vermelho, azul e verde.

Depois, uma fúria devastadora apoderou-se das suas mãos e quebrou um murinho a soco, o que lhe decuplicou as forças. Veio-lhe a ideia louca de destruir uma casa e compreendeu que estava possuído por um demónio.

Sozinho não conseguiria livrar-se dele. Em passo irregular, dirigiu-se para casa do mestre-de-obras. Clara conheceria certamente um remédio.

Mas a ruela dançava-lhe diante dos olhos e multiplicava-se por dez, enquanto se abriam sob os seus pés buracos escancarados.

Tetanizado por instantes, o colosso continuou a avançar.

Pois, era aquela a porta!

Com enorme esforço, Paneb tentou metê-la dentro com uma pedra.

– Abre, Néfer, ou será a morte ainda esta noite!

O pintor não reconhecia a sua própria voz, não sabia o que dizia nem o que fazia.

A porta abriu-se.

– Paneb! – exclamou Néfer. – O que te aconteceu?

– Não te vejo, mal te ouço...

O mestre-de-obras amparou o filho adoptivo, fê-lo entrar e ajudou-o a sentar-se no primeiro compartimento sem notar o escriba-assistente Imuni que, de longe, assistira à cena.

Saindo do primeiro sono, Clara debruçou-se sobre o colosso. Examinou-lhe os olhos, tomou-lhe o pulso, ouviu a voz do seu coração e a do seu estômago.

– Paneb foi drogado – concluiu. – Provavelmente uma mistura de mandrágora, estramónio odorífero e lótus.

– A sua vida está em perigo?

– Penso que não, mas vou fazê-lo vomitar. Caso contrário, novas alucinações torná-lo-iam perigoso.

Clara conseguiu e desintoxicou o organismo do paciente com os produtos utilizados mas reduzidos a uma dose infinitesimal.

De madrugada, Paneb recuperou a consciência. Não se lembrava de nada.

O chanceler Bai prostrou-se diante da Rainha Tausert, que acabava de desembarcar em Per-Ramsés.

– Majestade, como estou feliz...

– Conduz-me ao palácio para prestar homenagem ao Faraó antes de me encerrar para sempre nos meus aposentos.

– Não, Majestade, não é isso o que Siptah deseja e também não é isso a que o Egípto aspira. Foi por ele que aqui e por vós também.

Tausert ouviu as explicações comovidas do chanceler e não duvidou da sua sinceridade; mas enquanto penetrava no palácio, a Rainha criticou a estratégia de Bai.

– A escolha de Siptah evitou sem dúvida uma crise grave – reconheceu – mas se ele quiser reinar, a minha regência será ilusória.

– O jovem Rei não se comportará assim, tenho a certeza.

– Apesar da tua experiência, chanceler, não estarás a ser vítima de uma surpreendente ingenuidade?

A Rainha não teve que solicitar audiência, porque foi Siptah, vestido como um simples escriba, que veio coxeando ao encontro da viúva de Seti II e se curvou diante dela.

– O chanceler e eu próprio esperávamo-vos com impaciência, Majestade! Tenho a sensação de ser joguete de forças desconhecidas que só vós sabereis dominar. A dupla coroa é demasiado pesada para a minha cabeça e não tenho outra ambição que não seja obedecer à soberana que saberá governar este país.

Espantada, Tausert perguntou a si mesma se o adolescente seria tão sincero como o chanceler ou se atingira já o cume da hipocrisia. Para o saber, bastaria trabalhar alguns dias com ele.

– Um Faraó deve conceber decretos que lutem contra a injustiça e façam viver a Lei de Maet tanto para os grandes como para os pequenos; quais haveis editado?

– Nenhum, Majestade, porque me considero incapaz de tomar decisões de tal importância; mas preparei pastas que vos permitirão talvez ver mais claro.

Para decepção de grande número de cortesãos que esperavam um violento confronto entre Siptah e Tausert, o Rei e a Rainha fecharam-se num gabinete de onde só saíram para fazer anunciar pelo chanceler uma série de medidas económicas e sociais. Os ministros e a população receberam-nas com satisfação e começaram a pensar que àquele estranho par, formado por uma viúva e por um enfermo, talvez não faltasse sabedoria.

Enquanto Tausert apanhava fresco no jardim do palácio, acariciando um gato tigrado a quem ensinara a respeitar as aves, aceitou receber Bai em privado, pela primeira vez desde o seu regresso à capital.

O chanceler adoptou a máscara do perfeito alto funcionário a fim de dissimular a sua emoção. Recusava confessar a si próprio os sentimentos que sentia em relação àquela mulher inacessível.

– Julguei que me tinhas traído, Bai, e enganei-me. O Egipto deve-te muito.

– Majestade... Apenas fiz o meu dever!

– Formaste de forma notável o jovem Siptah. Considero-o como um filho e colaboraremos no interesse das Duas Terras. Ordena ao mestre-de-obras do Lugar de Verdade que prepare a Morada de Eternidade e o Templo dos Milhões de Anos do Faraó Siptah; sabes, como todos, que só esses monumentos poderão fortalecer o seu reinado.

– Vou escrever-lhe imediatamente.

Tausert deixou o chanceler afastar-se sem lhe revelar que estava a pensar, em relação a ele, numa fabulosa recompensa que nem mesmo os sonhos mais loucos lhe teriam permitido imaginar.

CAPÍTULO 74

O mestre-de-obras, a Mulher Sábia e Fened o Nariz tinham chegado a acordo quanto à localização da Morada de Eternidade de Siptah no Vale dos Reis, próximo da de Seti II, ligeiramente para noroeste. Envergando o avental de ouro, Néfer o Silencioso bateu pela primeira vez na rocha virgem com um maço e um cinzel de ouro; depois, o novo chefe da equipa da direita manejou a grande picareta, habitada pelo fogo do céu.

Competia a Paneb dirigir a construção e a decoração de um túmulo de acordo com o plano ambicioso concebido por Néfer.

– O calcário é de boa qualidade, não há que recear nenhuma má surpresa.

– Mesmo assim, desconfia – recomendou o Silencioso. – A rocha por vezes é caprichosa. Estar demasiado seguro de si leva a cometer erros irreparáveis.

– Tenho confiança nesta falésia, ela não me mente. E depois, tu estarás lá para rectificar se eu errar...

– Um chefe de equipa que se engana não merece continuar a exercer essa função.

O mais violento soco teria magoado menos o colosso.

– Pensas que posso falhar a esse ponto?

– A nossa profissão é uma aventura cheia de armadilhas; sê vigilante e perseverante, não esqueças que a matéria, tal como os homens, tende perpetuamente para a inércia e o caos. Porque diriges, deixaste de ter o direito à facilidade; mesmo durante o sono, pensarás no trabalho da véspera e no do dia seguinte.

Punha-se o Sol sobre o Vale; os artesãos arrumavam as ferramentas e preparavam-se para partir em direcção ao acampamento do desfiladeiro onde passariam a noite antes de começar a obra.

Os dois homens estavam sós diante da futura Morada de Eternidade de Siptah.

– Que vida extraordinária nos oferece o céu, Paneb! Tens consciência da sorte que os deuses nos oferecem às mãos-cheias?

O colosso encostou-se à pedra.

– Todos os dias realizo o meu sonho... Que mais posso pedir? No entanto, sei que é necessário explorar ainda mais profundamente a força deste local e a sabedoria da confraria. E o que me foi dado, devo transmitir.

A passo lento, seguiram os outros membros da equipa. Néfer sabia que Paneb estava no início de um novo caminho, Paneb admirava Néfer mais do que qualquer palavra teria podido exprimir. Na paz da tarde, a fraternidade que os unia tinha as cores quentes do Sol poente.

Realizados os rituais da madrugada, Néfer o Silencioso tardava a dar o sinal de partida para descerem do acampamento do desfiladeiro para a aldeia. Os artesãos tinham pressa de reencontrar a família e ele de rever Clara, mas hesitava em abandonar a montanha, como se ela concedesse à confraria uma protecção de que esta tivesse necessidade.

– Viva o repouso! – desejou Casa o Cordame. – Talvez tenhamos escolhido o bom lugar para escavar, mas a rocha resiste bem e tenho os braços cansados!

O mestre-de-obras meteu pelo carreiro, pensando nos dramas que o Egipto tinha atravessado desde a morte de Ramsés o Grande. Um Faraó de tal envergadura marcara tão profundamente o país com o seu cunho que os seus sucessores sofriam com a comparação e tinham dificuldade em preencher o vazio causado pelo seu desaparecimento. Quanto tempo seria ainda necessário antes de ver surgir um soberano de uma estatura digna da do fundador do Ramesseum?

Apesar da tormenta, o Lugar de Verdade continuara a obra começada desde a sua criação e enriquecera a Pedra de Luz. Com dois chefes de equipa com o temperamento tão oposto como Paneb e Hai, a confraria conservava um dinamismo indispensável ao prosseguimento dos seus trabalhos, dos quais competia ao mestre-de-obras garantir a coerência, enquanto a magia da Mulher Sábia traçaria novos caminhos.

Paneb enchera de sílex pontiagudos um saco que transportava ao ombro sem qualquer dificuldade.

– O que tencionas fazer com essas pedras? – perguntou-lhe Ipui o Examinador, perfeitamente restabelecido.

– Raramente vi pedras com esta forma. Vou talhá-las para fazer cinzéis que oferecerei aos escultores.

– Mais trabalho em perspectiva – queixou-se Renupé o Jovial.

– Não finjas que te espantas – ironizou Ched o Salvador -, Um novo chefe de equipa deve mostrar do que é capaz e compete-nos a nós provar que estamos à altura das suas exigências.

– Nós somos apenas homens! – protestou Casa.

– Não me esqueço disso – confessou o colosso. – Um excesso de repouso ser-vos-ia prejudicial. Quando a mão preguiça, perde o seu génio.

Vários artesãos perguntaram a si mesmos se Paneb não teria tendência para espezinhar os regulamentos em caso de urgência; e a preparação do equipamento funerário de Siptah bem poderia ser considerada como tal.

O cavalo de Mehi revelava-se esgotado. Banhado em suor, arquejante, com o coração a bater em tropel, estava incapaz de se lançar em mais um galope.

– Um animal sem valor – considerou o general, entregando as rédeas do quadrúpede aos palafreiros.

Era o terceiro puro sangue que Mehi estafava desde o começo da manhã, sem o mínimo indício de afecto pelos animais nos quais descarregava os nervos.

Os archeiros de elite também tinham sofrido a sua cólera: demasiado moles, demasiado lentos, demasiado imprecisos! O general demonstrara-lhes que continuava a ser o melhor de todos eles, antes de vencer numa luta um soldado mais pesado do que ele.

Ao penetrar na sua mansão, afastara o intendente que lhe oferecia uma bebida fresca e toalhas perfumadas para se lançar sobre a mulher, cujo vestido novo rasgara antes de fazer amor com ela com tanta selvajaria que, durante alguns instantes, Serketa julgara atingir o prazer.

– Magoaste-me, meu querido chacal!

– Esta espera interminável exaspera-me... Massaja-me o ventre, comi demais esta manhã.

Os músculos do general estavam cheios de dolorosas contracções.

– O nosso aliado não vai conseguir – profetizou ele.

– Ele, em geral tão prudente, parecia optimista – lembrou-lhe Serketa.

– Este Lugar de Verdade já nos infligiu tantas derrotas!

– Porque não visámos correctamente, meu amor querido... Desta vez vamos acertar em cheio.

– Não sei que invisível protecção desvia o golpe fatal... Esse Néfer parece indestrutível!

– Uma vez ele desaparecido – prometeu Serketa -, a sua confraria acabará por se desfazer.

– Esperemos que aconteça o mesmo com o triunvirato instalado à frente do Estado! Percebo mal a estratégia do chanceler Bai.

– No entanto, é muito simples: o chanceler ama a Rainha, sabe-a inacessível, mas faz tudo para que ela se torne Faraó. O pobre pequeno Siptah, doente e sem personalidade, não passa de um chamariz destinado a enganar os cortesãos enquanto Tausert implanta as bases do seu futuro poder.

– Bai é mais perigoso do que eu suponha...

– Só existe por Tausert. Quando tivermos eliminado o mestre-de-obras, será ela que atacaremos. Um soberbo adversário, quase tão perigoso como eu.

Mehi deitou-se de barriga para baixo.

– Massaja-me os rins... Os imbecis dos cavalos deram-me cabo deles.

– Tausert tem confiança em ti e esse erro ser-lhe-á fatal.

Estendendo os braços para trás, o general agarrou a mulher pelos cabelos.

– Esta Rainha não é nada, apenas a Pedra de Luz conta! Enquanto o mestre-de-obras estiver vivo, ela permanecerá inacessível.

– Então não o será por muito tempo.

– Não falta nenhuma ferramenta – constatou Imuni depois de um exame intensivo.

– Tanto melhor – concluiu o escriba do Túmulo em voz cansada. – Não há nenhum incidente a assinalar?

– De momento, não.

– Tens a certeza?

– Podeis contar comigo!

Kenhir só estava parcialmente tranquilizado. É um facto que, com o seu temperamento de fuinha, Imuni teria notado a mínima anomalia; no entanto, o velho escriba estava angustiado, como se uma catástrofe iminente ameaçasse a aldeia. Durante todo o dia andara pelas ruas para saber notícias de uns e de outros sem nada detectar de alarmante.

A jovem esposa, Niut a Vigorosa, notou a sua inquietação.

- Graves aborrecimentos?
- Apenas um mau sonho, mas acordado! Desde esta manhã que vejo tudo negro.
- Teríeis cometido excessos alimentares nas minhas costas?
- Claro que não! Vou ler um bom autor, acalmar-me-á.

Apesar de ter uma serenidade a toda a prova, Niut sentiu-se bruscamente angustiada. Kenhir comunicara-lhe as suas preocupações.

Algumas vassouradas enérgicas dissiparam o mal-estar.

Trigueiro, em geral tão calmo quando estava em casa do mestre-de-obras, não parava de ir e vir, de solicitar uma carícia, de se deitar para logo se levantar.

Néfer tentava em vão acalmá-lo; nos olhos cor de avelã do cão preto havia uma interrogação que o Silencioso não conseguia decifrar.

- Terás perdido o teu amuleto? – inquietou-se Clara.

Néfer passou a mão pelo pescoço. O nó de Isis tinha desaparecido.

- O cordão deve ter-se quebrado, não dei conta.

- Dar-te-ei outro amanhã.

A Mulher Sábia viu um bocado de papiro que fora metido por baixo da porta de entrada. Apanhou-o e leu a mensagem que poisou sobre uma mesa baixa.

- Precisam de mim em casa dos auxiliares... Um acidente. Levo o Trigueiro para poder saltar.

Obed o ferreiro ficou muito surpreendido.

- Um acidente? Não, não me parece... Os auxiliares já partiram há um bom bocado.

- Mesmo assim, vamos verificar – exigiu Clara.

Em companhia do ferreiro, inspeccionou as oficinas.

Todos vazios.

Quando regressou a casa, a Mulher Sábia constatou também que o bocado de papiro já não estava sobre a mesa baixa.

Trigueiro saltou em direcção ao quarto e lançou um uivo lancinante. Clara correu.

- Néfer, o que se passa? Néfer... Responde-me!

Com um sílex cravado no coração, o mestre-de-obras estava sentado num cadeirão com os dedos crispados nos apoios dos braços.

No seu olhar, uma luz mal perceptível. Néfer lutara para além das suas forças para rever uma última vez a mulher que tanto amara durante a sua existência terrestre e que não deixaria de amar na eternidade.

Mais nenhum som podia sair da sua boca, já congelada na morte, mas Clara, colocando com fervor as mãos sobre as de Néfer, partilhou com toda a sua alma o último instante de comunhão e felicidade que o Silencioso soubera arrancar ao destino.

Desde a morte de Néfer, um vento de areia soprava com violência sobre a aldeia, assombrada por lamentos que pareciam provir do cume. A montanha bramia, como se ameaçasse desabar sobre o Lugar de Verdade. O Sol não conseguia penetrar as nuvens cinzentas e ocre e o dia parecia noite.

Mulheres, homens e crianças permaneciam prostrados, incapazes de se alimentar. Ninguém ousava pronunciar a mínima palavra. Besta Terrível escondia a cabeça debaixo da asa, Encantador metera-se debaixo de uma cadeira empalhada e Trigueiro debaixo da cama de Clara.

Nenhuma sacerdotisa tivera a coragem de depositar oferendas nos altares dos antepassados, como se estes tivessem abandonado a confraria. A aldeia inteira mobilizara-se na morte do seu mestre-de-obras, sem o qual os gestos mais quotidianos não tinham qualquer sentido.

Pouco a pouco, a areia cobria os terraços e ninguém pensava em lutar para preservar a sua casa desse assalto. Não seria justo que a cólera dos deuses, provocada por um crime que ultrapassava os limites do horror, aniquilasse a pequena comunidade?

Desaparecido o Silencioso, quem teria ainda o gosto de manejar uma ferramenta ou a impudência de pensar na felicidade? Deixara atrás dele órfãos incapazes de sobreviver.

– Não temos o direito de nos comportar assim – disse Paneb a Clara. – É injuriar Néfer e arruinar a sua obra. Celebremos os funerais do nosso mestre-de-obras de acordo com os rituais sagrados. Caso contrário, estará verdadeiramente morto. O dever da confraria consiste em garantir a sua eterna presença entre nós.

A Mulher Sábia levantou-se com dificuldade e o colosso deu-lhe o braço.

Quando Clara apareceu na artéria principal da aldeia, a tempestade acalmou.

Um a um, em passo pesado, os Servidores do Lugar de Verdade seguiram a Mulher Sábia que se dirigiu para o templo.

Malhos, cinzéis, enxós, esquadro, nível, perpendicular, mesas de oferenda, cama, espelhos, sandálias, cofres e outros objectos fabricados com amor pelos artesãos do Lugar de Verdade tinham sido depositados no túmulo de Néfer o Silencioso. Entre as estátuas, a mais comovente era a que representava o mestre-de-obras e a esposa sentados lado a lado; Clara passava o braço esquerdo por trás dos ombros do marido, em sinal de protecção, e os seus olhares eram de uma intensidade extraordinária.

No limiar da Morada de Eternidade, uma cadeira com pés em forma de patas de touro sobre a qual se erguia uma estatueta simbolizando o ka do mestre-de-obras, a sua força criadora para sempre viva no Além.

Terminado o ritual, a Mulher Sábia plantou diante da porta do túmulo uma perséa, a árvore que Osíris criara para os deuses e os humanos e cujas folhas tinham a forma de um coração.

Ninguém conseguira reter as lágrimas e todos admiravam a dignidade da viúva que, acompanhada por um Trigueiro com gemidos lancinantes, parecia no entanto à beira de se sentir mal. Com um esforço desmesurado e a ajuda de Paneb, Clara conseguiu regressar a casa para se deixar cair sobre o leito.

Aniquilada, a aldeia estava mergulhada numa tristeza opressiva que nem o menor riso de criança alegrava.

Perdendo o seu chefe, não estava a confraria condenada a desaparecer?

Tinham decorrido três dias.

A porta abriu-se, deixando aparecer uma Mulher Sábia esgotada pela dor mas que tivera a coragem de se maquilar e envergar o traje de superiora das sacerdotisas de Hathor. De uma beleza soberana, Clara parecia pertencer a um outro mundo onde não existissem alegria nem mágoa.

– Se alguém tiver necessidade de mim – disse ela ao escriba do Túmulo -, estou pronta a tratá-lo.

– Há coisas mais urgentes, Clara; consegui acalmar os mais impetuosos, mas é preciso convocar imediatamente o tribunal da aldeia. Acumularam-se demasiadas queixas.

– Queixas... Contra quem?

– Contra Paneb. As acusações são graves e não as posso ignorar.

Todos os aldeões se tinham reunido no pátio a céu aberto do templo de Maet e de Hathor. Competia ao presidente do tribunal, o escriba do Túmulo, ouvir a acusação e a defesa antes de realizar um inquérito aprofundado. Junto dele, a Mulher Sábia, o chefe da equipa da esquerda e duas sacerdotisas de Hathor, as esposas de Pai o Bom pão e de Karo o Mal-humorado.

– Somos confrontados com a pior tragédia jamais vivida pela aldeia – declarou Kenhir em voz entrecortada. – O mestre-de-obras Néfer o Silencioso foi assassinado na sua própria casa e foi um de entre nós que cometeu

esse crime abominável. Se resta nele um pouco de dignidade, que confesse e tente explicar o seu gesto.

Nenhuma voz quebrou o pesado silêncio.

– A Mulher Sábia pode precisar as circunstâncias do drama? – pediu Kenhir.

– Uma mensagem atraiu-me para fora de casa a fim de tratar um ferido entre os auxiliares. Era uma cilada destinada a afastar-me. Quando regresssei, a mensagem tinha desaparecido e o meu marido estava morto.

– De que forma foi assassinado Néfer o Silencioso?

– Cravaram-lhe no coração um sílex pontiagudo, cuidadosamente talhado.

– O culpado devia portanto ter muita força – interveio Ipui o Examinador -, e eu vi Paneb trazer vários sílices que apanhou no acampamento do desfiladeiro. Não será Ched o Salvador que me desmentirá.

O pintor foi obrigado a confirmar o testemunho do escultor.

Paneb reagiu com violência.

– Ousais acusar-me de ter morto o meu pai adoptivo, o homem que eu venerava, simplesmente porque apanhei pedras na montanha?

– Paneb trouxe essas pedras – precisou Ched o Salvador -, e vários artesãos da equipa da direita o viram... A começar pelo assassino! Foi por isso que teve a ideia de utilizar um sílex, para fazer com que o nosso novo chefe de equipa fosse acusado.

– Assisti a uma violenta alteração entre Néfer e Paneb – referiu Unesh o Chacal. – Não estavam de acordo sobre a forma de terminar o túmulo de Seti II.

– É verdade – reconheceu o colosso – mas reconciliámo-nos!

– Confessaste-me que não apreciavas a atitude do mestre-de-obras face ao Rei – precisou Renupé o Jovial.

– Há bem pior! – continuou Unesh. – Pai e eu próprio apagámos uma mão vermelha pintada na porta do mestre-de-obras a fim de que esse mau presságio ficasse ineficaz. E essa mão tinha o tamanho da mão de Paneb!

Pai aprovou com um abanar de cabeça.

– Não posso considerar uma prova que vocês destruíram – considerou Kenhir, irritado.

– Não podemos pôr em dúvida a palavra destes dois artesãos – interveio Imuni, o escriba-assistente – tanto mais que eu vi Paneb tentar forçar a porta do mestre-de-obras e ouvi distintamente a sua terrível ameaça: Abre ou será a morte ainda esta noite!

– Paneb tinha sido drogado pelo assassino – revelou a Mulher Sábia. – A morte de que ele falava era a sua.

– Paneb é culpado – insistiu Imuni. – Apenas pensou em fazer-se adoptar por Néfer o Silencioso a fim de que ele o escolhesse como chefe de equipa. Atingido o objectivo, desembaraçou-se do seu protector porque este último desmascarara finalmente o impostor. Eu, que estudei os arquivos da confraria, posso provar que tenho laços familiares, embora longínquos, com Néfer. E era a mim que ele deveria ter escolhido como filho adoptivo e não Paneb!

O escriba-assistente exibiu um papiro no qual reunira as notas que justificavam as suas pretensões.

Paneb quis precipitar-se sobre o pequeno bigodudo, mas Ched o Salvador impediu-o.

– As acusações de Imuni não são fundamentadas – declarou a Mulher Sábia, serena. – Sejam quais forem os laços que evoca, nenhum diferendo opunha Néfer o Silencioso a Paneb, o filho que escolheu livremente. Unia-os uma fraternidade sem mácula.

Apesar das afirmações da viúva, Imuni não desistiu.

– Muitos indícios acusam Paneb! Proponho que o tribunal o declare culpado.

– O ciúme de Imuni não nos deve cegar – objectou Ched o Salvador.

– Não existe nenhuma prova formal – considerou Kenhir.

– Existe um meio de conhecer a verdade – disse a Mulher Sábia com gravidade. – Submetamos Paneb à prova da Casa da Acácia. Se sair vivo, será definitivamente absolvido.

Era na Casa da Acácia que se reuniam as poucas sacerdotisas de Hathor iniciadas nos mistérios de Osíris. Sobre o túmulo do deus assassinado pelo seu irmão Seth crescera uma acácia cujos terríveis espinhos trespassavam os perjuros.

Paneb afirmara diante delas que estava inocente do assassinio de que era acusado.

– A vida e a morte unem-se na acácia – revelou a Mulher Sábia. – Quando ela definha, a vida abandona os

vivos até que Isis cure as feridas provocadas por Seth; então, a árvore cobre-se de folhas e o ser justo não tem mais nada a recear dela. Avança, Paneb, e une-te à acácia.

Os enormes espinhos eram tão acerados que pareciam mais perigosos do que punhais e deviam penetrar facilmente na carne. Mas o colosso não podia evitá-los; se recuasse, seria considerado culpado e não escaparia ao castigo supremo.

Paneb beijou a árvore da vida e da morte.

Quando o Ardente saiu indene da Casa da Acácia, até mesmo Imuni foi obrigado a inclinar-se perante o julgamento de Osíris. Os espinhos da árvore tinham-se retraído, não causando o mínimo ferimento ao artesão cuja palavra fora reconhecida.

Não seria mantida nenhuma queixa contra Paneb, lavado da acusação formulada contra ele.

– Nem por um instante te julguei culpado – confiou-lhe Clara.

– Este crime não ficará impune, juro-te!

A Mulher Sábia subiu até à Morada de Eternidade do mestre-de-obras. Paneb seguiu-a.

– Olha esta aldeia – recomendou-lhe ela. – É semelhante a um navio que atravessa uma tempestade. Se não velarmos por ela, se não lhe oferecermos o melhor de nós mesmos, arrisca-se a soçobrar e será toda a confraria que o assassino de Néfer terá assassinado. Néfer nunca será substituído, o nosso sofrimento nunca se atenuará. Mas devemos continuar a sua obra e fazer viver o Lugar de Verdade.

Um falcão sobrevoou a aldeia e traçou vários círculos sobre a necrópole antes de se elevar em direcção ao Sol num potente bater de asas.

– É a alma de Néfer o Silencioso – murmurou Clara. – Mostra-nos o caminho para a Luz.

NOTAS:

1. In (Túmulo KV 60).

2. Amen-en-Opet (Túmulo KV 48).

3. Maiherpri (Túmulo KV 36).

4. Luia e Tuiu (Túmulo KV 46).

5. Tesouro encontrado no túmulo KV 56, denominado o túmulo de ouro.

6. Urdeus - cobra empinada, símbolo da realeza, usada em geral na testa ou coroa de um rei. É um agente de destruição e protecção do Faraó, cuspiendo fogo.

7. Em egípcio, ta set neferu, que se pode traduzir por perfeição, criação harmoniosa.

8. O lugar de repouso de Seti II foi preservado e continua visível em Karnak.